

SEGREDOS MORTAIS



ALGUNS SEGREDOS JAMAIS
DEVERIAM SER REVELADOS...

JAIR RANGEL



Segredos Mortais

Livro 1

EDITOR

André Luiz Mansur **PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO** Luana Silva

CAPA

Isabelle Brum

REVISÃO

Vanessa Martins

RANGEL, Jair

Segredos Mortais – 1ª Edição– 2014

ISBN: 978-85-66228-17-5 CDD: 869.93 Ficção Brasileira

Todos os direitos reservados.

É proibido a reprodução deste livro

com fins comerciais sem prévia autorização do autor.

Jair Rangel

Segredos Mortais

Alguns segredos jamais deveriam ser revelados...

Livro 1

1ª Edição 2014

DEZEMBRO DE 1998...

A boa iluminação pública e os faróis dos carros faziam com que o centro da cidade parecesse dia, mesmo a noite tendo chegado vagarosamente. Era início do último mês do ano e o comércio, esperançoso com o aumento das vendas, estava mais brilhante, como de costume. Os manequins das lojas exibiam sempre a última tendência da moda para o ano vindouro, onde as roupas das grifes mais famosas eram a grande atração das vitrines, com modelos específicos e atraentes para a estação mais quente do ano.

Uma amostra dos constantes e longos engarrafamentos rodoviários podia ser observada ao longo da Avenida Paulista. Uma Avenida elegante, brilhante e que abrigava um trânsito intenso naquela noite.

Em intervalos regulares de tempo, grupos de pessoas entravam e saíam das estações do metrô. Todos pareciam estar apressados para algum compromisso importante, em um magnífico movimento de chegada e partida, com pessoas que surgiam de todas as direções.

A cidade abrigava uma população orgulhosa, diante dos mais variados atrativos, com belas e imponentes arquiteturas, e com centros culturais para todas as tribos. O que lhe competia uma notável característica em ser a maior metrópole do País.

A poucos metros do ponto alto da Avenida principal da capital, no clube de festas mais badalado da cidade, acontecia a comemoração de formatura acadêmica da Universidade Federal do Estado de São Paulo. Como era de praxe, ao final do ano letivo, os formandos passavam pela religiosa rotina de preparação das festividades. Algumas obrigações acadêmicas eram atendidas, assim como a derradeira colação de grau. Por fim, o tradicional baile de formatura. A grande festa era na verdade, a confraternização e comemoração dos alunos de todas as turmas que completavam seus respectivos cursos.

Os formandos e convidados desfilavam pela alameda central, a qual os levaria até o salão principal do clube, exibindo suas roupas elegantes, que pareciam ter sido feitas especialmente para aquela ocasião. Os homens vestiam ternos de fino acabamento, enquanto as mulheres, alegres e sorridentes, eram elogiadas pelos belos vestidos de noite de gala.

No palco, uma banda de música pop fazia com que várias pessoas lotassem a pista de dança. O som estava moderadamente alto e devidamente direcionado para aquele local. Ao redor do espaço reservado para a dança, inúmeras mesas e cadeiras estavam simetricamente espalhadas. Ao alto, notava-se um grande mezanino,

dividido em ambientes com aconchegantes e confortáveis poltronas. O salão parecia mesmo estar devidamente decorado para o evento.

Uma grande faixa com o nome da Universidade era vista na parede de fundo do palco. Nas laterais, ao alto, estavam colocados telões onde eram exibidas as imagens de todos os cantos da grande festa, assim como as imagens da banda, que intercalavam as músicas mais badaladas do momento. O conjunto musical era uma atração à parte, e apresentava em seu repertório, uma coletânea de boas canções nacionais e internacionais.

Com toda a certeza, o clube dispunha de uma excelente estrutura para abrigar um evento de tal importância.

Ao fundo, podia ser notado, um sofisticado salão de jogos e uma sala de repouso, onde o silêncio parecia ser o principal convidado. Uma sala ao lado, abrigava uma pequena lan-house, com pouco mais de uma dúzia de computadores. Havia também, uma ampla sala de televisão com canais fechados e abertos. E no espaço reservado ao bar, podia-se notar um magnífico balcão em meia lua, acompanhado de vários bancos com assentos individuais, dispostos ao longo.

Ao lado do salão principal, a grande piscina, com excelente iluminação subaquática e águas nitidamente tratadas, dava um toque de requinte ao ambiente. Um chafariz iluminado entrava em erupção a um período de vinte ou trinta segundos, esguichando água para todos os lados. E ao alto, uma cascata jorrava, sem parar, uma grande quantidade de água sobre uma parede de pedras decorativas.

Ao redor da piscina vários casais conversavam, faziam planos para o futuro, outros entusiasmados para exercer sua profissão de excelência, outros ainda planejavam continuar os estudos, e aumentar a graduação de conhecimento na área escolhida.

A equipe de garçons, atenta aos anseios dos convidados, passavam freneticamente de um lado ao outro do salão, numa clara demonstração de perícia e atenção. As bandejas, repletas de bebidas de todos os gêneros, eram rapidamente esvaziadas.

Por todos os lados, os seguranças estavam devidamente posicionados e em duplas. Todos muito bem vestidos e equipados com comunicadores ao pé do ouvido.

Em intervalos aleatórios de tempo, o orador do evento subia ao palco e fazia pronunciamentos, agradecimentos e saudações aos professores, alunos, diretores, coordenadores e para toda a equipe pedagógica da Universidade. As interrupções eram de aproximadamente cinco minutos. Tempo suficiente para que todos pedissem o retorno da música. O breve discurso terminava, quase sempre, com as devidas salva de palmas concedidas ao orador e aos homenageados.

No imenso jardim que emoldurava o prédio central, alguns casais procuravam um pouco mais de privacidade. Alguns mais a vontade apreciavam as estrelas, deitados sobre a grama. Os sapatos espalhados ao redor e paletós sobre o banco, indicavam momentos de pura descontração e satisfação, com a merecida noite de comemorações. Do jardim era possível ver a movimentação no salão principal, a pista de dança e os girais ao redor do palco. Os garçons, em algum momento,

passavam para recolher os copos despojados na grama.

No limiar da escadaria de acesso ao segundo andar, um casal de formandos estava entre beijos e abraços calorosos. A jovem havia retirado os sapatos apertados. Passara um bom tempo na pista de dança e era mais do que necessário uma pausa para descansar. O rapaz já sem o paletó, e com os cabelos molhados de suor, tinha a jovem loira em seus braços. Trocavam carícias e beijos dignos de um casal apaixonado. Ela estava se formando em Jornalismo. Ele em Economia. O romance entre o casal começara dois anos atrás, quando foram apresentados na Universidade, entre os intervalos do período de aulas. E deste então, não ficaram mais afastados um do outro.

Os olhos arredondados da jovem brilhavam de satisfação ao apreciar seu companheiro. Ela o amava desde os primeiros minutos que o conhecera. A atração entre eles era tão intensa, a ponto de ser percebida por qualquer pessoa que ficasse junto deles, ao menos por alguns minutos.

Os copos de champanhe, misturado com outros destilados, já começavam a fazer efeito a aquela altura. Os jovens gargalhavam alegremente, e pareciam estar mais relaxados, como de costume.

Um garçom passou por perto e serviu mais duas taças de champanhe. Os jovens, entre sorrisos e beijos, brindaram a conclusão da formação acadêmica, e a um futuro próspero.

— Um brinde a esta noite! — Gritou o jovem, ao empunhar a taça o mais alto que pode.

Ela repetiu o gesto do rapaz e as taças se chocaram no ar.

— E a todas as maravilhosas conquistas que ainda teremos! — Exclamou a jovem loira, com um lindo sorriso no rosto.

Em seguida, o jovem tomou a namorada em seus braços, e os lábios se tocaram em um longo beijo apaixonado.

O momento ardente e mágico do casal, logo fora interrompido com a chegada de um grupo de amigos formandos. Os risos altos e espalhafatosos ecoaram pelas escadas, e denunciaram o tamanho da alegria no coração dos alunos. Estavam abraçados uns aos outros, e bailavam conforme o ritmo da música, que vinha do interior do salão principal. Os copos abastecidos de champanhe e erguidos ao alto das cabeças respingavam, conforme os passos da dança.

— Olhem quem encontramos por aqui! — Alguém falou, aos risos.

— Vamos atrapalhar o momento íntimo dos pombinhos...

A elegante morena estava às gargalhadas. Esbanjava alegria, assim como todos os integrantes do grupo.

— O que acham de dançarmos na pista? — Sugeriu outra amiga.

A voz da simpática aluna soou como uma ordem. Imediatamente, os jovens tomaram a direção do salão principal e logo alcançaram a pista de dança. No caminho, outros formandos se juntaram ao grupo. Logo o espaço reservado aos dançarinos estava

repleto.

A jovem loira dançava de corpo colado ao seu namorado. Seus corpos suados e suas mentes embebidas pelo álcool tornava a temperatura ainda mais elevada. Com ar sedutor, o rapaz deixou que suas mãos escorregassem pelas costas nuas e sensuais da jovem, até que alcançou a região lombar. A resposta da namorada foi um olhar levemente sensual. Parecia compactuar com a excitação do momento. Seu corpo de linhas curvilíneas e aspecto atlético fazia com que sua beleza, quase estonteante, lhe ressaltasse a pele. O vestido preto colado ao corpo, e coberto por pequenos pontos brilhantes, revelava as formas exuberantes que a natureza havia lhe presenteado.

No mesmo instante em que o casal exibia um ar apaixonado no rosto, um formando se aproximou e tocou o ombro do rapaz.

— E, aí? Vamos fazer o brinde com o grupo? — Disse o amigo, sorrindo: — Está na hora...

O jovem dançarino mordeu os lábios e olhou o amigo.

— Você não teria outra hora pra me atrapalhar?

— Estão nos esperando no salão de jogos... — Disse, abrindo as mãos ao lado: — Como combinado.

— Está bem...

Alguns amigos da turma de Economia haviam combinado um brinde especial, onde todos iriam fazer poses para fotos, e assinar o livro de formandos daquele ano.

O jovem dançarino contemplou os olhos de sua amada, deu um leve beijo no rosto e saiu sorrindo em companhia do amigo.

— Prometo não demorar! — Gritou, já no meio do salão.

A jovem acompanhou com o olhar a retirada do seu companheiro. Era visível em seu semblante, a satisfação que tinha em ter aquele formando como seu namorado. No seu íntimo, acreditava no futuro da relação. Logo estariam no mercado de trabalho, e as conquistas que almejavam juntos haviam de acontecer. O que faria com que a união entre o casal, ficasse cada vez mais sólida.

Em seguida, a jovem Jornalista juntou-se a um grupo de amigas que dançavam livremente pelo salão. O melhor seria aproveitar a boa música. Pois em poucos minutos, o orador iria subir ao palco para mais um período de pronunciamentos e agradecimentos.

Por vezes, a jovem consultava o relógio. Parecia estar apreensiva com o retorno do namorado. Embora estivesse ao redor de suas melhores amigas da Universidade, sentia a falta do seu príncipe encantado. Pensou que o tempo sempre passava mais lentamente quando da ausência do rapaz. Ao menos, era essa a impressão que tinha.

Pouco tempo depois, parou de dançar e olhou por sobre os ombros das pessoas a sua frente. Procurou, em vão, na entrada lateral do salão. Talvez, ao retornar, o seu príncipe perdesse sua localização e estaria a sua procura. No entanto, o mais provável, era que os amigos estivessem reunidos comemorando a finalização da intensa batalha, que fora travada durante os cinco anos de curso. Os brindes e as merecidas

fotos eram mais do que suficientes, para justificar a demora.

Mais uma vez, Laura consultou o relógio. Sentiu que o melhor que podia fazer, era aproveitar aquele momento em companhia das amigas, e voltar a dançar. Imediatamente, juntou-se ao grupo de colegas e bailaram no ritmo frenético da banda.

Através da vidraça que separava o salão principal da área externa, uma movimentação entre os formandos parecia ter dado início. Alguns deixavam suas cadeiras e se dirigiam para a grade lateral que dividia o ambiente aquático, da alameda ao lado do jardim.

Logo, a jovem Jornalista percebeu a agitação no grupo de pessoas ao redor da piscina, e ergueu os olhos, atenta. Parou com a dança, e tentou entender o que estaria acontecendo do lado de fora.

Ao lado da piscina, alguns falavam em tom um pouco mais alto e apontavam em alguma direção. A impressão era que indicavam a parte baixa do jardim. Em pouco tempo, o grupo havia aumentado consideravelmente. Outros alunos, curiosos, se juntavam diante da grade e indagavam sobre algum acontecimento.

Dentro do salão principal, os alunos e convidados, colaram os rostos no vidro da janela, na tentativa de compreender o motivo de tanto burburinho.

— O que está havendo lá fora? — Quis saber uma senhora, tentando deixar sua mesa e cruzar o salão.

— Não! Não saia daqui. — Interrompeu um senhor, sentado ao lado: — Provavelmente é mais uma das brincadeiras destes formandos. São os jovens...

— Hum! — A senhora voltou a ocupar o assento.

— Eles estão sempre aprontando alguma coisa.

— Não sei não...

Do lado de fora, dois ou três formandos saíram em disparada na direção do declive que levava até a parte baixa do jardim. A impressão era de que alguma coisa havia acontecido por detrás da densa vegetação, que se espalhava junto ao muro lateral do clube.

Os seguranças estavam agitados. Andavam rapidamente, desviando das pessoas no caminho ao mesmo tempo em que falavam pelo rádio. A esta altura, todos pareciam estar agitados e apreensivos para entender a situação.

Os formandos e convidados iam deixando as mesas, e se dirigiam para um ponto onde fosse possível ter uma boa visão da área externa. Todos se perguntavam o que poderia estar acontecendo de tão extraordinário no jardim do clube.

No vão da porta do salão principal, um segurança apareceu amparando uma mulher em seus braços. A jovem estava em prantos. Parecia assustada. As lágrimas escorriam por seu rosto e borravam a maquiagem.

Alguns curiosos não tardaram aproximação. Ao mesmo tempo, o coordenador do evento surgiu diante do segurança, e logo quis ficar a par dos acontecimentos.

— Me diga... — Falou atônito: — O que aconteceu com esta jovem?

— Ela esta abalada com o que viu lá fora... — Explicou o homem: — Precisa de um lugar tranquilo.

— Sim. Temos uma sala de repouso aqui ao lado. Por favor, venham comigo.

O coordenador tomou o corredor e guiou o segurança com a mulher em seus braços. A jovem Jornalista olhou a amiga ao lado. Estava tensa. Não sabia o que pensar. As palavras do segurança e a imagem daquela mulher assustada não faziam nenhum sentido. Algo acontecera naquele jardim e precisava saber do que realmente se tratava. As pessoas já faziam comentários, e sugeriam hipóteses cada uma mais absurda do que a outra.

— Acho que vamos ter que ir lá fora e descobrir que porcaria é essa que fizeram. — Disse a amiga ao lado.

— É! Acho que não vai ter outro jeito... — Confirmou Laura.

Neste mesmo instante, a jovem Jornalista percebeu que outro segurança estava dentro do salão, ao lado de uma das colunas de sustentação do prédio, e parecia se comunicar pelo rádio.

— Olha! — Falou, apontando para o homem atrás da coluna: — Aquele cara está falando com alguém. Deve saber o que houve lá fora.

— Então vamos perguntar a ele... — Sugeriu a morena.

— É! Vamos lá!

As jovens caminharam em direção ao segurança, e logo puderam confirmar que realmente o homem falava ao rádio. Pararam por detrás da coluna, e colocaram os ouvidos de modo a obter uma melhor audição, diante do burburinho que tomara o salão principal. Com um pouco de sorte, poderiam ouvir a conversa e ajudar a esclarecer os fatos.

— É! Isso mesmo! Peça a sala de controle para chamar a Polícia... — houve uma pausa na conversa do segurança, para continuar em seguida: — Provavelmente eles irão querer examinar as gravações das câmeras... — Outra pausa: — Sim! Os paramédicos já estão a caminho.

Laura arregalou os olhos diante da amiga, atrás da coluna e deixou o queixo cair.

— Não! Ainda não sabemos... — Continuou o segurança: — É muito cedo para afirmar isto... Vamos esperar a Polícia.

A jovem morena mordeu os lábios, enquanto aguardava a voz do homem junto ao aparelho.

— Não! Não sei dizer... — Voltou o segurança: — Ainda está respirando, mas o pulso está muito fraco... — Pausa: — Está bem, então. Falamos mais tarde.

Em seguida, o segurança girou o olhar em torno do salão, e partiu em direção a porta de saída.

A jovem Jornalista compreendeu que o que tivesse acontecido era algo de muito grave. Pois a Polícia e os paramédicos já haviam sido chamados. Seu instinto de Jornalista estava aguçado. Precisava saber mais. Acompanhada da amiga, correu na direção do segurança e conseguiu alcançá-lo antes que pudesse descer as escadas.

— Um momento, por favor! — Falou, ao interceptar o homem.

O segurança parou e se voltou para a jovem.

— Pois não, senhora.

— Sou a Jornalista responsável pela cobertura do evento. Trabalho na sala de imprensa da Universidade. Pode me confirmar o que houve lá fora? — Uma pequena mentira poderia ajudar a esclarecer as coisas.

O segurança respirou fundo antes que pudesse responder. Parecia pensar se realmente deveria falar sobre o acontecido, com as jovens alunas da Universidade. Mas, ao se tratar de Jornalistas, olhou ao lado e relaxou.

— Um homem foi encontrado no jardim, próximo ao conjunto de palmeiras. Há marcas de violência por todo o corpo e indícios de que tenha sido estuprado...

Depois de ouvir o breve depoimento do segurança, a Jornalista arregalou seus lindos olhos e rebateu:

— Quem o encontrou?

— Uma aluna da Universidade... — Explicou o homem: — Ela está um pouco abalada e chocada com o que viu.

— Identificaram o cara? — Indagou á morena, estarrecida com o que acabara de ouvir.

— Ainda não foi possível. Ele está totalmente despido e não encontramos nenhum documento. Mas estamos procurando...

— Alguém da Universidade poderia ajudar na identificação? — Adiantou Laura, demonstrando a clara intenção em ir até o local. Talvez ao ver o rosto, pudesse reconhecer o homem. Poderia ser um aluno, em sua noite de formatura.

— Neste momento não... — Afirmou o segurança: — O rosto está com um grande ferimento e coberto por muito sangue. Estamos aguardando a chegada dos paramédicos.

— Neste caso, ele está com vida? — Interveio a morena.

— Sim, senhora. Ele ainda respira. Com licença.

O segurança acenou com a cabeça e desceu as escadas. Logo abaixo, tomou a varanda que o levaria até a piscina.

As jovens estavam extasiadas. Um crime ocorrera naquela noite, dentro do Clube onde comemoravam a formatura dos alunos da Universidade Federal do Estado.

— Que coisa horrível! — Exclamou Laura.

— Mas que dia pra uma tragédia... — Soltou á morena.

Neste mesmo instante, o coordenador do evento subiu ao palco e pronunciou algumas palavras para os presentes. A banda não iria mais tocar naquela noite. Não havia mais clima para diversão. As pessoas não falavam em outra coisa a não ser no terrível incidente, que parecia ter interrompido a tão programada comemoração. O mesmo assunto ecoou por todos os cantos daquele clube.

A sirene da ambulância soou mais alto quando passou pela rua lateral e seguiu até o pátio, em frente ao hall de entrada do salão principal. Imediatamente, os

paramédicos saltaram do veículo. O coordenador e alguns seguranças os acompanharam em direção ao jardim.

Logo em seguida, subiram também, dois veículos da Polícia da capital. Os Policiais, rapidamente, seguiram para o local da tragédia, onde já se encontrava a equipe médica. Uma faixa amarela foi estendida diante do jardim, a fim de bloquear o acesso dos curiosos, a área onde provavelmente teria ocorrido o incidente.

A jovem Jornalista agora procurava seu companheiro, em meio à multidão. Já completava uma hora sem que tivesse notícias dele. A ausência do namorado colaborava para o aumento da tensão. Precisava encontrá-lo. Tinha que ter certeza de que tudo estaria bem com o rapaz. Não poderia, em hipótese alguma, cogitar a perda do seu amor. Essa ideia não poderia jamais evoluir em seus pensamentos.

Acompanhada da colega, Laura voltou ao interior do salão principal e iniciou a busca. Talvez, algum conhecido tivesse estado com ele ou mesmo saberia onde encontrá-lo.

— O que vamos fazer agora? — Quis saber a colega, enquanto seguia a Jornalista um passo atrás.

— Lya... — Retrucou Laura, tentando desviar dos ombros a sua frente: — Não há mais o que comemorar.

— Claro que há! — Lya parecia querer gritar: — Podemos juntar a turma e irmos para uma boate. Temos a noite toda pela frente. O que acha?

— Não sei não...

— Vamos. Tem que se animar...

— Depois do que aconteceu aqui esta noite, vai ser difícil me animar.

— Onde está o seu namorado? — Indagou Lya, em meio às pessoas que deixavam o salão principal.

— Estou procurando por ele.

— Tem que chamá-lo pra ir com a gente. Com certeza vai topar.

— Mas antes, tenho que encontrá-lo. Você devia me ajudar...

— Está bem. Sei onde fica o salão de jogos. Vamos lá...

— Como sabe que ele está no salão de jogos?

— É onde todos os garotos bobos ficam... — Disse Lya, com um largo sorriso: — Ainda mais que o bar fica dentro do salão...

Laura pensou por um momento. Talvez, a lógica de Lya valesse para alguma coisa.

— Vamos fazer um trato? Ai! — Alguém havia pisado no dedo de Lya: — Este é o meu pé!

— Me desculpe! Não tive a intenção... — Falou o rapaz, que acabara de amassar o dedo médio da morena.

Laura soltou um sorriso abafado.

— Cuidado onde coloca o pé. — Advertiu.

— Um monstro caiu em cima do meu dedo. Que droga!

— Qual é o trato que você queria fazer?

— Ah! Sim! Enquanto você vai até o salão de jogos, eu vou reunir a nossa turma. Depois, nos encontramos na varanda, ao lado da piscina. E então, vamos pra boate. Tá bom assim?

— Tá! Te encontro lá daqui a pouco.

— Legal!

A morena girou e tomou a direção contrária. Antes que pudesse prosseguir, percebeu que o dedo do pé estava fisingando de dor. Com um toque, puxou o vestido um pouco acima e tentou visualizar o tamanho do estrago que o sapato do rapaz teria feito. Mais uma vez, esbravejou em silêncio.

Entre os inúmeros convidados para a festividade comemorativa, que transitavam de um lado ao outro, Laura tentava se desvencilhar e seguir em direção ao salão de jogos. A esta altura, já começava a se preocupar com seu companheiro. Talvez ele ainda não soubesse nada a respeito da tragédia, que ocorrera nas dependências do clube.

Subitamente, a jovem Jornalista sentiu que alguém a tocava no ombro. Parou e girou a cabeça para trás, até alcançar o sorriso nos lábios do rapaz. Um alívio na tensão foi sentido por todo o seu corpo. O homem que amava acabara de aparecer bem ali na sua frente.

— Que bom que voltou! — Disse com um suspiro de satisfação: — Já sabe o que aconteceu?

— Sim! Todos estão comentando a tragédia. — O rapaz tomou a jovem em seus braços e a apertou contra seu peito.

— Quem faria tamanha brutalidade em uma noite como esta?

O jovem moveu a cabeça para o lado como se pensasse em uma resposta.

— Querida, existem pessoas capazes de tudo neste mundo.

Por um momento, Laura ficou com o olhar perdido no vazio. Colou o rosto no peito do namorado, e sentiu-se amparada pelos braços acolhedores do jovem, que a envolveu num carinhoso abraço. Apesar do terrível incidente que acabara de acontecer, o aconchego que encontrava no corpo do rapaz, era o que realmente parecia importar.

— Tem alguma ideia da identidade do rapaz? — Laura voltou a tocar no assunto.

— Até onde eu sei, não. As roupas e os documentos dele ainda não foram encontrados.

— Que coisa horrível.

— A polícia deve fazer uma busca por todo o clube. Alguns alunos serão interrogados. Enfim, todo o tramite de uma investigação deverá ser iniciada.

— Você suspeita de alguém capaz de cometer uma violência como esta? — Insistiu a jovem, fitando os olhos do companheiro.

— Não faço a mínima ideia.

Os paramédicos, com a ajuda de alguns seguranças, avançaram pelo declive entre o pátio e a parte baixa do jardim. Os homens conduziam sobre a maca, o rapaz, vítima

do ataque brutal. Em meio ao rosto coberto de sangue, podia-se notar a máscara conectada ao tudo de oxigênio. Outro cabo parecia levar hidratação, através de uma agulha com conexão intravenosa.

Na lateral esquerda da face, um profundo corte estava desenhado ao longo. Parecia que fora desfigurado por vários ferimentos menores, feitos com golpes de algum objeto cortante.

Com grande habilidade, a maca foi inserida na traseira do veículo. Os policiais tentavam afastar os curiosos a fim de dar passagem para o carro. Após conferir alguns documentos de rotina, o motorista colocou o veículo em movimento e partiu em direção ao hospital da cidade.

Na varanda do salão principal, ao lado da piscina, o jovem economista abraçou o corpo exuberante de sua bela namorada. Assim como todos os presentes naquela noite, aguardavam o desfecho das primeiras investigações. Os policiais, iniciando os procedimentos de rotina, haviam pedido que ninguém abandonasse o clube, até que algumas perguntas fossem respondidas.

Com o olhar ao longe, a jovem Jornalista acompanhou a ambulância até desaparecer na Avenida.

— Achei vocês! — Disse Lya, aparecendo sorridente a frente do casal.

A morena estava na companhia de mais três amigas e dois formandos. Era tudo que conseguira reunir, para que pudesse colocar seu plano em execução. Estava ansiosa para estender as comemorações noite a fora, em alguma badalada boate do centro.

— Vocês viram o rosto do cara como estava? — Falou uma das colegas que acabara de chegar: — Dificilmente vai sobreviver.

— Alguém queria mesmo matar este cara... — Disse um formando: — Mas por que escolher uma noite como esta? O dia da nossa comemoração?

O assunto parecia ser o mesmo em todos os grupos espalhados pelo clube. As pessoas insistiam em formular hipóteses diversas para justificar o acontecido.

— Hei! Pessoal! Vamos combinar uma coisa? — Replicou Lya: — Vamos esquecer tudo que aconteceu aqui esta noite, e vamos nos divertir... Vamos lá. Afinal, hoje é a nossa noite.

— Não é tão fácil assim... — Retrucou Laura: — Ele deve ser um formando...

— O que aconteceu, já está feito. Não vamos mudar isto... — Interveio a morena: — Mas nós ainda temos uma noite pela frente.

— A Lya está certa! — Afirmou um jovem ao lado: — Conheço uma boate bem legal aqui perto. Vocês vão gostar.

Neste mesmo instante, um Policial se aproximou do grupo de formandos e interrompeu os jovens.

— Exatamente do que a senhorita Lya está certa? — Disse o Policial, olhando os rostos a sua frente, sem saber ao certo quem seria a mencionada senhorita Lya: — Olá, Pessoal! Sinto muito pelo que aconteceu aqui esta noite. Mas, se não se importarem, tenho que fazer algumas perguntas a vocês?

— É claro Policial. — Afirmou a morena: — Eu sou a Lya.

O homem sorriu ao canto da boca e cumprimentou a jovem com um aceno de cabeça.

— Conhecem o rapaz vítima do incidente?

Os jovens balançaram a cabeça negativamente, todos ao mesmo tempo.

— Vocês isolaram a área em torno do cara... — Afirmou a falante morena: — Ninguém pode se aproximar. E o rosto dele parecia desfigurado pelos cortes. Impossível saber quem é.

O jovem economista deixou um beijo colar no rosto de sua companheira e olhou o Policial.

— Acharam algum documento do cara? — Quis saber, grudado ao corpo da namorada.

— Ainda não... — Consentiu o Policial: — Mas vamos vasculhar cada pedaço deste clube... — O homem girou ao lado, como se fosse deixar o local, mas voltou em seguida: — Alguém viu alguma coisa, ou ouviu algo de suspeito?

Os jovens trocaram um olhar.

— Nada! — Falaram quase ao mesmo tempo.

O Policial correu os olhos nos rostos a sua frente. Fitou por um instante o semblante de cada jovem. Parecia querer alcançar algum sinal de desconforto, um indício que o levasse a crer, que alguém pudesse estar lhe ocultando alguma informação.

— Quem sabe ouve uma briga na Universidade... — Sugeriu o homem: — Um desentendimento recente, qualquer coisa fora da normalidade. Vocês saberiam, não é?

Os jovens balançaram a cabeça.

— Nada! Nada fora do comum. — Afirmou Lya.

— Está bem. Não quero mais atrapalhar vocês... — Disse o Policial, enquanto girava o olhar ao redor: — Mas gostaria de saber do que exatamente a senhorita Lya tem tanta certeza...

A jovem morena mordeu os lábios. Tinha que pensar em algo a dizer.

— Ela dizia que a banda contratada para esta noite, era a melhor que podiam ter achado... — Mentiu um dos jovens ao lado.

— Hum! Entendo. — Grunhiu o Policial, enquanto olhava o sorriso sínico, no rosto da morena: — Querem saber quem é o rapaz que tentaram matar aqui hoje?

Os jovens trocaram um olhar e voltaram a atenção para o Policial.

Antes que pudesse se afastar, o Policial avançou dois passos e olhou os jovens.

— Um professor da Universidade afirmou conhecer o rapaz...

Os jovens congelaram.

— De uma coisa tenho certeza... — Disse pausadamente, enquanto examinava os rostos a sua frente: — O rapaz violentado aqui esta noite... É um de vocês. Também estava comemorando sua formatura...

Os jovens ficaram estáticos por um tempo.

14 ANOS MAIS TARDE...
ESTADO DE SÃO PAULO.
CENTRO - CAPITAL.

Do quinto andar do edifício, através da parede de vidros transparente, podia ser observada a intensa agitação no trânsito da principal Avenida da cidade. Próximo da hora de encerramento do expediente, o fluxo de veículos aumentava absurdamente.

Auxiliares treinados pela prefeitura tentavam impor a ordem e estabelecer o respeito às leis que regem o código nacional de trânsito. Carros apressados e barulhentos deslizavam impacientes, sobre o disputado asfalto da Avenida.

Parecia que uma profecia estivesse prestes a se confirmar: “O homem estaria mesmo fadado a viver sobre rodas”.

Com estes pensamentos, a Jornalista distraída com a paisagem que deslumbrava pela janela, fora interrompida por sua secretária.

— Acho que esta vai ser a última do dia... — A assistente estava parada no limiar da porta da sala: — O papai quer vê-la na sala dele antes de ir embora.

O papai a quem se referia era o redator chefe. Toda matéria a ser veiculada, obrigatoriamente, passava por sua supervisão. O que ainda poderia querer antes do fim do expediente?

— Por um acaso sabe qual é o assunto? — Indagou a Jornalista, enquanto guardava alguns papéis dentro da gaveta.

— Não mencionou nada a respeito.

— Obrigada, Sandi. Tenha uma boa noite.

A secretária sorriu em agradecimento, bateu com a mão e saiu em disparada para alcançar o elevador.

Laura Thompson era a Jornalista responsável pelas principais matérias que envolviam o cenário político do País. As redações passavam pela sua conferência antes que prosseguissem para o aval final do redator-chefe. A pequena Editora em que trabalhava há alguns anos, estava em plena ascensão no mercado. As tiragens da Revista, cuja especialidade abrangia o cenário da política, eram mensais e isto fazia com que logo que terminasse um lançamento, toda a carga de trabalho deveria ser renovada para a próxima edição. O trabalho por vezes se tornava exaustivo, mas era exatamente o que ela gostava de fazer. Graças ao excelente desempenho da equipe de marketing e vendas, o número de assinantes aumentava a cada mês. E com os clientes cada vez mais exigentes com a qualidade da informação, o que não faltava

naquela Empresa era trabalho.

Anos atrás, com a chegada da jovem Jornalista, os setores da Empresa foram reformulados. Ela ajudou na elaboração de um novo organograma mais condizente com a atividade fim da companhia. Colaborou com o planejamento estratégico e com o plano de cargos e salários. Ambos implantados com sucesso. Era uma profissional de total confiança da direção da Empresa. Sempre procurada para opinar sobre os aspectos impactantes em relação ao produto final e o mercado.

Ao término da formação em jornalismo, procurou especialização na área política. Trabalhou como coletora de notícias em um pequeno jornal. No entanto, o jornal não sobrevivera por muito tempo. Foi engolido por um grande concorrente. Por algum tempo, realizou trabalhos como free-lance para jornais e revistas de grande aceitação no mercado. Até que, através de agências especializadas em recursos humanos, chegou à companhia em que atuava no momento.

Laura era descendente de imigrantes alemães. O que lhe conferia como uma mulher razoavelmente alta para os padrões nacional. Era uma Jornalista loira, de porte elegante e corpo esculturalmente bem delineado.

Após organizar alguns papéis e objetos sobre a mesa, Laura examinou os e-mails recebidos. Constatou que as mensagens poderiam ser lidas no dia seguinte. Não havia absolutamente nada de urgente. Em seguida, desligou o computador e partiu em direção a sala do Redator-chefe.

O senhor Vladimir também estava se preparando para sair, quando a Jornalista tocou a porta e entrou em sua sala.

— Olá! Quer falar comigo?

— Sim. Sente-se, por favor. — O homem atrás da mesa apontou uma cadeira e Laura se ajeitou enquanto o redator prosseguiu: — Creio que não temos o suficiente para publicar a respeito do caso do Senador. A matéria esta pobre, sem elementos marcantes, reveladores. Faltam detalhes relevantes. E o que mais me preocupa é o tempo que está se esgotando. Precisamos buscar mais informações inerentes ao caso. Detalhes, você me compreende? Precisamos de detalhes...

O homem estava nervoso. O caso era a respeito de um senador Federal envolvido em mais um escândalo de corrupção. Matéria que sempre era de interesse do leitor. Como o caso teria vindo a público recentemente, talvez o tempo não fosse suficiente para compor todas as particularidades do assunto. O que faria com que a matéria fosse transferida para a edição do mês subsequente. E segundo os critérios de gestão do Redator, isto não parecia ser a melhor opção para a Revista.

— O nosso concorrente conseguiu uma entrevista em caráter extraordinário com a assessoria de imprensa do senado... — Prosseguiu o Redator-chefe, depois de raspar a garganta. Precisava explanar sua preocupação: — Temos que conseguir uma também. Caso contrário, não poderemos colocar esta matéria para a próxima edição da Revista. Preciso que faça algo para trazer a informação. Contate nossos informantes. Veja o que consegue...

— Nossos informantes já foram consultados. Não tem nada para nos oferecer... — Respondeu a Jornalista: — Estamos aguardando da secretária do gabinete do senado, a marcação de uma entrevista com a assessoria de imprensa. É só o que temos no momento.

O Redator levantou e puxou o paletó apoiado no encosto de sua cadeira. Em seguida, suspirou aflito antes de continuar.

— Faça uma reunião com o pessoal de campo. Veja se alguém tem alguma ideia para contribuir. Esta deveria ser a nossa matéria principal.

— A única alternativa que nos resta é fazer uma visita surpresa ao gabinete do senado e tentar uma entrevista, na pura pressão. — Retrucou Laura, enquanto observava o senhor Vladimir apanhar seus objetos pessoais sobre a mesa.

— Esta pode ser uma boa ideia... — Concordou o Redator: — Você tem total liberdade para articular pessoalmente esta entrevista. Mas me mantenha informado. E não esqueça: O nosso tempo esta curto.

O homem apanhou a pasta sobre o armário ao lado e guardou o que havia sobrado do jornal do dia.

Laura suspirou fundo. Sabia que estavam ficando sem saída. Precisava fazer alguma coisa para levantar algo que estourasse como uma bomba, ou ficariam esquecidos pelo leitor.

— A pressão pública esta aumentando... — Interveio Laura: — Todos anseiam por explicações sobre o caso. Acredito que muito breve teremos uma coletiva de imprensa por parte da assessoria do senado.

O Redator cerrou os punhos e os apoiou sobre a mesa. Olhou atentamente o rosto claro da Jornalista e disparou.

— Sim! Sim! Pode ser que esteja certa. Mas, não podemos esperar e correr o risco de deixar passar. A concorrência não pode chegar a nossa frente. Assim, perderemos a confiança dos leitores.

O senhor Vladimir caminhou em direção á porta e parou por um instante. Parecia que sua mente havia lembrado alguma coisa.

— Sabe do que estamos precisando? — Indagou, com os olhos cravados no rosto da Jornalista.

Laura pressionou os lábios e aguardou que o Redator continuasse.

— De novas fontes... — Afirmou o homem: — De fontes confiáveis e precisas. Em seguida, abriu a porta de sua sala e ameaçou sair.

— Uma boa noite, Laura. De lembranças ao Hebert. — Disse, antes de ganhar o corredor. Laura se colocou de pé e saiu em disparada atrás do Redator.

— Até amanhã. Não vá se exceder nos drinques... — Advertiu.

O Redator-chefe exibiu um leve sorriso, e virou ao final do corredor em direção ao elevador.

Por um momento, Laura ficou com o olhar ao longe. Pensou que o senhor Vladimir estaria certo. Suas preocupações faziam todo o sentido. E mais uma vez, estava lhe

pedindo ajuda. Sentiu-se grata por ter a confiança da Revista. Teria realmente que fazer alguma coisa, e levantar as informações que precisavam, a qualquer custo. Laura teve a certeza de que precisava tomar a dianteira e agir rápido. Certa do precisava fazer, resolveu então voltar a sua sala.

Por vezes, o Redator-chefe era encontrado em um clube de uísque a uns poucos quarteirões dali. Era o happy-hour do senhor Vladimir. Homem solitário, onde o trabalho era o que tinha de mais prazeroso. Já haviam passados alguns anos de sua aposentadoria, mas não conseguira abandonar o ambiente de trabalho. Após labutar por toda a vida, ter que parar com a rotina da Empresa, certamente não faria bem para a sua saúde intelectual. E esta ideia, certamente era o motivo que o mantinha preso a Revista, até então.

Laura estava decida a viajar para Brasília. O caso do senador envolvido em mais um escândalo de corrupção era matéria mais do que suficiente para manter as vendas da Revista em alta. Ao saber que o concorrente havia agendado uma entrevista no gabinete da assessoria a deixou agitada. Tinha que fazer algo a respeito. E isto significava ir até o distrito Federal.

Ligou o computador mais uma vez naquele dia. Deixaria, por e-mail, um recado para sua secretária, solicitando providências para a viagem e agendamento da reunião com os Jornalistas de campo. Embora falasse com os Jornalistas pelo telefone ao menos cinco vezes por semana, iria aceitar a sugestão do Redator e agendar uma reunião a moda antiga. Repassaria a equipe, toda a importância de se levantar informações de maior impacto. Afinal, tratava-se da matéria de capa. A principal reportagem da Revista.

Poucas pessoas ainda trabalhavam no setor de arte naquele momento. Era um trabalho de criação e merecia muita atenção. Por isto, alguns funcionários ficavam até mais tarde, aproveitando o silêncio que reinava a partir daquela hora.

Após enviar a mensagem com destino a sua assistente, Laura voltou a desligar seu equipamento de trabalho, e passou a recolher seus objetos pessoais. Estava mais do que na hora de encerrar o expediente do dia.

O elevador não tardou a chegar. Poucos segundos depois, a porta do veículo vertical se abriu no subsolo, e os poucos carros que ainda restavam estacionados, apareceram diante dos olhos redondos da Jornalista.

O estacionamento ocupava quase a mesma medida da largura do prédio. Ao fundo, havia alguns cômodos onde estavam localizados os setores de manutenção e limpeza. E uma grande cisterna ficava ao lado destas salas.

A Jornalista correu os olhos tentando localizar a posição exata do seu carro. O local estava silencioso, vazio e com a costumeira iluminação precária. Após apertar o alarme, um breve apito foi ouvido e as luzes do farol e da lanterna piscaram.

Enquanto caminhava na direção do carro, o som dos seus sapatos pareciam marteladas em uma placa de metal. Percebeu que havia estacionado o carro atrás de algumas colunas de sustentação do edifício, e com a pouca iluminação, oriunda de

lâmpadas distribuídas distante uma das outras, teve certa dificuldade na identificação visual do automóvel.

Laura parou por um instante. Teve a impressão de ter ouvido algum barulho ao fundo do estacionamento. Olhou ao redor, mas não pode ver absolutamente nada em meio a penumbra que cobria as pilastras espalhadas de forma simétrica. Em seguida, balançou a cabeça e continuou os passos em direção ao carro.

Sem que pudesse notar, uma sombra ganhou movimento atrás de uma coluna a sua esquerda. Antes que abrisse a porta do carro, um barulho ensurdecador encheu a atmosfera do lugar. O som fora demasiadamente agudo.

Laura levou as mãos aos ouvidos no mesmo instante em que seu coração disparou. Uma sensação de medo e terror fez tremer todo o seu corpo. Suas pernas vacilaram.

A mulher girou o rosto em direção ao local onde acreditava ter saído aquele barulho, e procurou alguma coisa no teto. Mas a visibilidade ficou ainda pior. O teto era pintado em uma cor escura, e um emaranhado de tubos plásticos entrelaçados seguiam por todas as direções. A esta altura, o estacionamento estava completamente deserto. Não havia mais ninguém ali. Então, o que teria originado aquele som?

Do meio da densa escuridão, entre as colunas ao fundo, Laura pode ver o vulto que se movimentava lentamente. Sentiu um arrepio lhe subir a nuca.

— Quem está aí? — Sua voz soou tremula. Certamente fez transparecer o medo que sentia.

A sombra logo desapareceu atrás da pilastra.

— Quem está aí? — Repetiu, agora com a voz um pouco mais alta.

Em seguida, um homem apareceu em meio à penumbra.

— Senhora Thompson? — Perguntou ao reconhecer a mulher.

— Quem é você? — Indagou Laura, assustada.

O homem deu dois passos a frente, e logo, um feixe de luz iluminou seu rosto. Aquele rosto não parecia ser tão desconhecido assim.

Laura suspirou profundo. O homem que lhe assustara era o senhor Marcílio. Funcionário do setor de manutenção do edifício.

— Desculpe ter assustado a senhora. Estava na escada trocando algumas lâmpadas que já estão falhando, quando, de repente, a escada caiu. Levei um tombo. — O senhor Marcílio se desculpou e bateu com as mãos em suas roupas na intenção de retirar a poeira: — Não ouvi a senhora se aproximar...

— Você quase me matou de susto... — Disse Laura, se recuperando: — Tente colocar mais iluminação em todo o estacionamento.

— Vou tentar senhora Thompson. Certamente vou fazer isto. E mais uma vez, desculpe por ter lhe assustado.

— Tenha uma boa noite, Marcílio.

Laura, enfim, entrou em seu carro. Cobriu o volante com as duas mãos e suspirou profundamente. Sentiu que a adrenalina começava a baixar em sua circulação. Porém, seu instante de relaxamento foi quebrado com o som estridente do seu

celular. Seu corpo tremeu novamente. Na tela do aparelho era exibida a foto e o nome de quem estaria do outro lado da linha telefônica. Laura suspirou ofegante mais uma vez, e atendeu a ligação.

— Olá, querido! — Sua voz soou exausta.

— *Por onde anda a minha bela Jornalista á esta hora?* — Quis saber a voz do outro lado da linha.

— Estou cansada e louca pra estar em casa.

— *Acabei de chegar. Trouxe comida chinesa para o jantar e uma garrafa do seu vinho favorito.* — Seu interlocutor pareceu estar animado.

— Estou deixando o estacionamento da Revista. Em minutos estarei aí.

— *Venha devagar. Tome cuidado com o transito. Quero você inteira.*

A Jornalista percebeu um leve ar de sedução na voz que soou no aparelho.

— Prepare as taças. Acho que hoje vou precisar de umas doses a mais.

— *Então, até daqui a pouco.*

Em seguida, a ligação foi encerrada.

Com o rosto ainda pálido, devido ao susto provocado pelo senhor Marcílio, Laura colocou o motor do veículo em funcionamento. Em minutos, o carro deslizou suavemente pela Avenida.

A residência da senhora Laura Thompson ficava a trinta minutos do centro da cidade, em um reservado condomínio de casas lineares. As construções eram elegantes e modernas, cercadas de vasta vegetação e com belos jardins entre a rua e as casas.

Algun tempo depois, o carro foi estacionado em frente á porta da garagem.

Pela vidraça da sala de jantar, a Jornalista observou o homem com quem dividia o seu lar. Sua vida. Por alguns segundos, contemplou aquela imagem. Tanto tempo havia passado que não se dava conta dos dias e noites transcorridos naquele imóvel, juntamente com seu companheiro.

Ela havia se formado no mesmo ano que Hebert. Ingressaram no mercado de trabalho no mesmo período. Ela em Jornalismo e Ele em Economia.

Hebert, logo que terminara a Universidade, fora aceito em uma conceituada Empresa de consultoria voltada para o mercado financeiro. Seus principais clientes eram os Bancos e instituições financeiras diversas. Estava bem posicionado na empresa, o que lhe concedia um status dentro da instituição. Era um homem que gostava do luxo, e deixava transparecer claramente sua vaidade. Ao abrir a porta da sala de estar, Laura foi recebida pelo animado companheiro, empunhando a prometida taça de vinho.

— O melhor vinho para a melhor Jornalista da cidade! — Disse, abrindo caminho para que a mulher entrasse.

Hebert parecia estar feliz. Tomou a Jornalista em seus braços e a beijou fortemente.

— Preciso tomar um fôlego, Hebert. Você está muito feliz, hoje. O que aconteceu de tão extraordinário no seu dia? — Quis saber Laura, admirada com tamanha felicidade.

— Vou te contar durante o jantar. Nada de extraordinário. Apenas uma confirmação que aguardo á bastante tempo.

Suavemente, as mãos do animado Hebert desabotoou a blusa da mulher. Os fartos seios da Jornalista estavam exuberantes e pareciam querer ser tocados. Laura se afastou delicadamente, e encheu as taças com mais vinho.

— O meu dia foi conturbado, como de costume... — Disse Laura, antes de virar a taça em sua direção e tomar uma boa dose de sua bebida preferida: — Tenho que viajar a Brasília, amanhã. Estamos com um caso de corrupção no senado e nos falta material para o fechamento da matéria. Além do mais, nossos informantes parecem ter trocado de lado. Cada vez que precisamos deles, estão ocupados demais para nos ajudar.

Hebert se aproximou e passou a alisar o ombro da mulher.

— Espero que não fique muito tempo fora. Esta casa não é a mesma sem você. — Afirmou, enquanto olhava Laura sorrir satisfeita.

Com um pontapé para o ar, a Jornalista jogou longe o sapato. Seu corpo, agora, parecia estar mais relaxado.

— Estarei de volta antes que sinta a minha falta. — Falou com um sorriso malicioso ao canto da boca.

Hebert avançou e envolveu a cintura de sua bela mulher. Com mãos firmes, apertou o corpo esbelto da Jornalista contra o seu. Ela deixou escapar um suspiro suave e complacente de prazer. Uma das pernas de Laura foi erguida para o ar com precisão, enquanto seu quadril esboçava um suave movimento horizontal. Enquanto isto, as mãos hábeis do seu companheiro deslizaram sobre o contorno perfeito de suas nádegas.

— As cortinas estão abertas, Hebert. — Disse Laura, apontando a vidraça da sala de estar: — Nossos queridos vizinhos não merecem ver cenas explícitas de nossa intimidade.

Somente um abajur e dois spots de luz fixados a parede, concediam iluminação ao ambiente. O que deixava o cenário com um toque íntimo e acolhedor.

— Á esta hora todos estão dormindo... — Hebert fingiu não dar importância para seus vizinhos: — E nós estamos muito bem acordados por aqui.

O som da voz de Hebert ao pé do ouvido, fez com que um sinal elétrico percorresse por todo o corpo da bela Jornalista.

— Além do mais, preciso tomar um banho e ainda temos que jantar... — Laura deixou escapar alguns gemidos: — E conversar sobre o motivo de sua alegria...

Com um movimento rápido, Laura virou mais uma dose do saboroso vinho pela sua garganta.

Entre beijos e abraços apertados, a bela Jornalista sentiu seu corpo enfraquecer. As pernas estavam tremulas o bastante para que pudesse mantê-las de pé. Seu companheiro parecia querer devorar suas carnes como um predador faminto. Não tinha mais forças para esboçar qualquer defesa. Mas também não o queria tentar. Seu corpo tombou suavemente sobre o sofá, enquanto suas roupas foram arrancadas como se estivesse sofrendo um ataque selvagem. Ainda tentou balbuciar uma ou outra sílaba sem sentido, mas lhe faltara animo para pronunciar as palavras. Seus instintos, agora, estavam concentrados nos movimentos e toques que seu corpo recebia. Um misto de relaxamento e tensão tomara conta de todo o seu corpo. Sua pele ardia de calor e sensibilidade por toda a parte. Todos os seus sentidos estavam em alerta e a linguagem dos corpos entrelaçados, tomou conta da atmosfera daquele ambiente.

◇◇◇◇

O relógio contou algumas horas até que subitamente Hebert acordou. Olhou ao redor e viu o corpo desnudo de sua mulher que dormia ao seu lado. A madrugada estava

abafada e quente, e possivelmente algum barulho o teria despertado. Alguns pensamentos em relação ao trabalho passaram em sua mente. Não fazia ideia de quanto tempo havia dormido. Através da janela, a iluminação da rua, invadia uma parte do seu quarto, o que fez com que se levantasse e fechasse as cortinas. Mais uma vez, admirou o corpo de sua mulher e se sentiu privilegiado por tê-la em sua cama. Seguiu em direção à sala de estar e pelo caminho observou as peças de roupas espalhadas pelo chão. Eram pistas concretas dos momentos de prazer da noite anterior.

A madrugada estava silenciosa e calma. A rua deserta. Provavelmente, todos os vizinhos dormiam naquele momento. Os pensamentos relativos ao trabalho insistiam em povoar a mente de Hebert. Em um instante, sacudiu a cabeça como se diante deste gesto pudesse se livrar deles.

Sobre a mesa de jantar, a garrafa de vinho completamente vazia, trouxe em sua mente as imagens de sua mulher em momentos mágicos vividos na noite passada. Percebeu o quanto ainda se sentia atraído por Laura. Sentou-se diante da janela da grande sala de estar e ficou, por alguns minutos, a contemplar a rua deserta do condomínio.

Diversos pensamentos oscilavam em sua mente, quando observou um feixe de luz iluminar uma parte do jardim. O foco luminoso tinha um formato arredondado e passeava por todas as direções, como se estivesse procurando alguma coisa. Em movimentos aleatórios, o feixe de luz alcançou a janela da sala de estar da casa. A luz entrou e iluminou a parede de fundo. Hebert acompanhou com o olhar, a linha luminosa, até se deparar com a lanterna na mão do segurança do condomínio. O homem fazia o habitual patrulhamento noturno. A lanterna desviou o foco para o outro lado da rua e com passos lentos e olhar observador, o vigilante prosseguiu em sua ronda.

◇◇◇◇◇

O sol já iluminava aquela linda manhã de outono, quando Hebert foi despertado, com suaves mordidas e carícias pelo rosto. Abriu os olhos e deparou com a imagem de Laura, sentada em seu colo. Percebeu, então, que havia passado a metade da noite na cadeira, diante da imensa janela da sala de estar.

O sorriso de Laura estava mais brilhante aquela manhã.

— Por que fugiu de mim esta madrugada? Cansou de minha companhia?

Hebert sorriu, e notou que Laura vestia uma de suas camisas. Uma camisa social. Por um segundo,

se perguntou por que as mulheres gostam de vestir as roupas de seu companheiro. Talvez nem mesmo o Doutor Sigmund Freud, poderia explicar isto. Pensou, fazendo uma alusão ao famoso neurologista austríaco, criador da psicanálise.

— Estou preparando um maravilhoso café da manhã... — Emendou Laura: — Apronte-se e venha

comer.

Em seguida, a bela Jornalista partiu em direção a cozinha.

Pouco tempo depois, Hebert apareceu trajando um belo terno Italiano, sapatos brilhantes e com o

cabelo devidamente engomado. Estava pronto para mais um dia de muitos afazeres e compromissos.

O motivo de sua contagiante alegria da noite passada era o fato de ter fechado um contrato de consultoria com um grande Banco. Este contrato estava sendo negociado há alguns meses, e no dia anterior, a diretoria da companhia sinalizou a favor da Empresa em que Hebert atuava, como consultor de negócios. Os concorrentes envolvidos na licitação eram Empresas de consultoria de renome no mercado, e vencê-los em uma disputa acirrada, significava muito para o talentoso Hebert. Seu mais novo cliente precisava de um plano estratégico que permitisse a ampliação de novas agências no continente asiático. Tarefa árdua e desafiadora, mas com excelentes vantagens em termos financeiros.

Na parede lateral da entrada da cozinha, um computador estava colocado como se fosse um quadro na parede. Com um toque, a tela ficou acesa e uma caixa de diálogo apareceu, solicitando uma senha. Hebert digitou alguns números, e em seguida um aplicativo de controle de agenda foi exibido. Conferiu seus compromissos para aquele dia. Notou que sua secretária acrescentara uma reunião para às quatorze horas, já com os profissionais da área comercial do novo cliente. Sua agenda estava on-line e compartilhada com a secretária, e de qualquer lugar, ambos poderiam consultá-la.

A mesa do café da manhã estava farta e elegante como sempre. Hebert e Laura conversaram sobre como seria o dia de cada um, as reuniões agendadas, as possíveis viagens, e por fim, com um beijo, Hebert se despediu e seguiu em direção à garagem.

Diante da janela da sala de estar, Laura segurava uma xícara de café, quando viu o carro de seu companheiro partir. Ainda trajando a camisa branca do homem de sua vida, Laura acenou, enquanto o carro desaparecia rumo à cidade.

O aeroporto internacional de Guarulhos, na cidade de São Paulo, estava movimentado naquela manhã. Aeronaves decolavam e pousavam em curtos períodos de tempo. No saguão principal, pessoas se encontravam em momentos de emoção com a chegada ou partida de parentes, amigos e amores. Alguns, céticos e fundamentados em compromissos profissionais, tinham a atenção voltada para seus computadores portáteis e smartphones.

Diante das imensas filas, as grandes telas de informações oscilavam, exibindo os locais de origem, destino, horário e número dos voos.

O setor de desembarque estava conseqüentemente agitado, como sempre. A cada desembarque, uma multidão se formava ao redor da esteira rolante que trazia as bagagens dos passageiros. Aos poucos, as bagagens eram recuperadas por seus donos que, de posse de seus pertences, seguiam para a fiscalização alfandegária.

Um menino, acompanhado de seu Pai, não se conteve ao avistar sua bagagem.

— Pai! Aquela é a nossa bolsa. — Bradou aflito, o menino.

— Fique atento, filho. Assim que passar por aqui, vamos pegá-la.

O Pai do menino observou a bagagem entre tantas outras e se preparou para alcançá-la. A bolsa parecia se aproximar lentamente, ao passo que a esteira rolante deslizava.

O menino estava tenso. Parecia fazer da simples operação de apanhar a bolsa, um jogo ou algo assim. A bagagem estava agora mais perto. Logo, seu Pai iria esticar o braço e puxá-la ao alto.

O Pai do menino se preparou. Sua bolsa estava agora diante dos seus olhos. Precisava concluir o momento tão esperado pelo garoto. Porém, antes que pudesse apanhar a bagagem pela alça, outra mão capturou a bolsa e a suspendeu no ar. O gesto foi rápido e sem chances para o Pai do menino.

O Pai olhou o sujeito ao seu lado e tentou agarrá-lo pelo braço, com veemência. Mas sua tentativa fora em vão. O sujeito, de posse da bagagem, girou apressadamente em direção ao salão e desapareceu entre a multidão.

— Hei! Espere! Esta bolsa é minha. Você pegou a bagagem errada... — Gritou o Pai, enquanto o menino olhava assustado, sem que pudesse entender o que havia acontecido.

O Pai do menino saiu em disparada e tentou alcançar o homem, a fim de interceptá-lo.

— Por favor, espere! Segurança! Chamem a segurança!

O sujeito, com a maleta, andava com passos largos e velozes, e rapidamente alcançou a sala de vistoria das bagagens. Trajava uma jaqueta de couro com a gola levantada até as orelhas, o que eventualmente escondia parte do seu rosto. E um

boné da mesma cor, enterrado na cabeça, dificultava uma descrição mais exata dos traços de sua face.

O Pai do menino estava atônito. Parou no meio do salão e procurou ao redor. Logo, localizou o sujeito na fila da fiscalização. Observou então a bolsa na mão do sujeito e não teve dúvidas. Era a sua bagagem.

Neste mesmo instante, o menino apareceu ao seu lado e o chamou com um toque de mão.

— Pai! Pai! Olhe. Esta é a nossa bolsa.

O Pai do menino viu seu filho segurando outra bolsa idêntica a que vira o sujeito levar.

— Aquela não era nossa... — Emendou o menino: — A nossa veio logo em seguida.

O Pai olhou o rosto alegre do filho e logo compreendeu a confusão que havia se formado. Suspirou aliviado, e com um gesto de carinho, passou a mão sobre a cabeça do menino, afagando seus cabelos.

Rapidamente, o sujeito da bagagem idêntica foi liberado pela Polícia Federal. Com passos largos e apressados, alcançou o outro lado do saguão, que dava para o estacionamento dos táxis. Sem hesitar, o sujeito abriu a porta do primeiro táxi que pode avistar e mergulhou no banco traseiro.

De pé, na saída do saguão, o Pai do menino ainda tentou alcançar o homem, na intenção de se desculpar pelo equívoco das bolsas trocadas. Porém, ao se aproximar, o táxi partiu.

O carro contornou a curva e tomou a direção do portão de saída do aeroporto. Enquanto isso, no banco de trás, o sujeito retirou um pedaço de papel do bolso do casaco, e abriu diante dos olhos.

Pelo retrovisor, o motorista do carro, apreensivo, tentou decifrar a imagem do seu passageiro. Mas foi em vão.

— Qual será o nosso destino? — Indagou o taxista.

O homem esticou o braço e mostrou o pedaço de papel. Continha o nome e o endereço de um pequeno hotel no centro da cidade. O motorista correu os olhos no endereço e balançou a cabeça, num gesto de afirmação.

— É pequeno, mas muito aconchegante. — Falou o taxista, se referindo ao nome do hotel.

O sujeito pareceu não ouvir o comentário, e desviou a atenção para sua bagagem de mão.

— Fala a minha língua? — Quis saber o motorista: — Você não parece ser daqui.

O homem se manteve em silêncio. Não parecia gostar de muito assunto.

— Tenho certeza que vai gostar... — Insistiu o taxista: — É uma bela cidade.

O motorista falou e procurou o homem no espelho. “É cada sujeito estranho que entra no meu carro... preciso mesmo é benzer o meu táxi.” Pensou o motorista, com os olhos grudados no espelho interno.

— Veio a trabalho ou está de passeio? — Continuou o condutor.

Mas o homem no banco traseiro parecia não dar ouvidos. Apenas apreciava a paisagem.

O taxista tentou adivinhar sua nacionalidade, analisou as roupas e o pouco que pode ver do rosto do passageiro. Talvez ele fosse mudo. Ou mesmo, não estivesse em um dia para qualquer tipo de conversa. Pensou o motorista.

Logo, o táxi chegou ao destino. Antes mesmo que o taxista pudesse mencionar o valor da corrida, o homem lhe entregou uma nota de cem dólares, o que cobriria, com sobras, o valor do serviço.

— Obrigado amigo. Aproveite a cidade. — O motorista abriu um sorriso do tamanho de sua cabeça. A muito não via uma nota como aquela.

O sujeito de poucas palavras deixou o táxi, e olhou a fachada do pequeno hotel. Parecia ser mesmo o lugar que lhe fora indicado.

Diante da recepção, o homem colocou sobre o balcão outro pedaço de papel, onde se lia, em bom português, a solicitação de um quarto. A recepcionista apresentou uma ficha de registro de hóspedes, e uma caneta para preenchimento. O homem hesitou por um momento, mas preencheu uma ou duas linhas.

Em seguida, um funcionário do hotel recolheu a bagagem e acompanhou o novo hóspede até o seu quarto.

Laura Thompson caminhava em passos firmes, quando atravessou o corredor principal e passou pela mesa de sua secretária. Tinha o olhar severamente compenetrado naquela manhã. Os assuntos a serem resolvidos a preocupavam em demasia, e faziam parecer o suficiente para que tomassem todo o seu dia.

Sua assistente, assim que a viu passar, levantou-se rapidamente e se colocou a caminhar ao seu lado.

— Bom dia, Laura! — Saudou Sandi.

— Olá! Temos boas notícias esta manhã?

— Vamos ver... — Sandi sacou um computador do tipo Tablet e continuou: — Temos uma reunião as dez e trinta com os Jornalistas de campo. Dois deles estarão presentes. Os outros dois participarão por vídeo conferência. Por tanto, a reunião será na sala ao lado. A sala que está preparada para tal.

— Preciso que todos estejam presentes... — Afirmou Laura: — A tecnologia é ótima, mas tem momentos que precisamos estar diante das pessoas. Só assim tenho certeza de que estou me fazendo entender...

Sandi prendeu os lábios.

— Acho que estes dois aqui estão viajando. Mas posso confirmar... — Disse a assistente, olhando os nomes na tela do aparelho.

— E a viagem a Brasília? — Laura entrou em sua sala e puxou a cadeira.

— Seu voo está marcado para às treze horas e quinze minutos. Se chegar com antecedência pode almoçar no restaurante do aeroporto. Servem um grelhado bovino, superespecial... — Emendou Sandi, parada no limiar da porta: — Fiz reserva no hotel de sempre. Deixei uma previsão de apenas vinte e quatro horas de estadia. Se precisar de mais tempo, me avise.

Com um toque, Laura ligou o computador sobre a mesa.

— Me passe o croqui da matéria do caso do senador. Preciso revisar... Antes de entrar na reunião.

— Imaginei que pediria. Por tanto, já havia separado. Aqui está. — Sandi colocou sobre a mesa da Jornalista, uma pasta contendo uma série de manuscritos e impressos.

— É preciso confirmar para o senhor Vladimir que estarei em Brasília, ainda hoje. — Laura abriu a pasta e iniciou a revisão da matéria que a preocupava: — Assim ele ficará mais tranquilo.

— O senhor Vladimir estará fora da Empresa na parte da manhã. Avisou que precisava resolver alguns assuntos no Banco, e que somente a tarde estará de volta.

— Ok, Sandi. Assim que puder, mantenha-o informado.

— Lhe trago água e café em um minuto. — Sandi falou e saiu em disparada.

Laura revisou algumas informações, rabiscou algumas frases prontas, fez anotações diversas nos manuscritos e inseriu indicações de possíveis questionamentos que poderiam ser levantados durante a reunião. Não ficara satisfeita em saber, que dois dos seus profissionais de campo não estariam presentes. Mas enfim, teria mesmo que utilizar os recursos da tecnologia e tentar passar para sua equipe de campo, o momento tenso e apreensivo que estavam vivendo na Revista.

Sandi não demorou a retornar a sala com uma pequena bandeja, trazendo o que havia prometido.

— Algo mais, Laura? — Disse, enquanto apoiava a bandeja ao lado da mesa.

— Sim. Consiga a agenda do dia do gabinete do senado. Se por um acaso vamos ter uma coletiva de imprensa ainda hoje, preciso saber o horário que isto vai acontecer.

— Vou verificar... — Sandi, mais uma vez, deixou a sala da Jornalista e seguiu para o computador.

Laura tinha que estar na frente das informações antes que a concorrência não deixasse mais espaço. A esta altura, a briga por informações estava acirrada em todas as fontes lotadas em Brasília. Era como um jogo, onde para vencer, o jogador não podia blefar jamais. Pois o leitor queria notícias rápidas e precisas, e que fossem incontestáveis por parte de seus protagonistas.

A Jornalista voltou para a tela do computador e verificou os e-mails recebidos. Nada de muita importância havia chegado.

Poucos minutos depois, sua competente assistente bateu suavemente a porta e entrou.

— Não existe nenhuma coletiva de imprensa agendada pra hoje, na assessoria do senado... — Disparou a jovem, prendendo os lábios com os dentes: — Mas não fique triste. Ainda pode acontecer durante a semana.

— Obrigado, Sandi. Mas durante a semana pode ser muito longe para garantir a nossa sobrevivência.

A jovem sorriu um tanto sem graça.

— Os dois Jornalistas de campo acabaram de chegar. Vou colocá-los na sala de reunião. — Confirmou a assistente.

— Estarei lá em um minuto.

◇◇◇◇◇

Laura adentrou a sala de reuniões, trazendo em suas mãos, a pasta contendo o referido assunto de mais um escândalo de corrupção no senado Federal. Assunto que era a reportagem principal da próxima edição da Revista. Observou na parede oposta a entrada, os monitores onde eram exibidas as imagens de mais dois Jornalistas. O time de profissionais externos parecia agora estar completo.

— Bom dia, senhores! — Saudou de forma vibrante.

Após os devidos cumprimentos, Laura direcionou a reunião seguindo a pauta que fora preparada. Como esperado, os Jornalistas não puderam contribuir com muita informação a respeito do caso.

Praticamente, tudo que sabiam já era do conhecimento de Laura. A esperança mais sensata que pairava no ar, era mesmo a viagem até a capital, onde poderia acompanhar de perto, os novos passos pertinentes ao caso do senador. A atual bomba que fora detonada bem debaixo dos olhos do governo, havia lançado fragmentos cortantes em todas as direções. E ao que parecia, às coisas estavam se complicando a cada dia.

Laura deixara com os Jornalistas algumas recomendações e indicações de possíveis contatos, nomes de alguns informantes e tudo o mais para que, diante de qualquer novidade que aparecesse, as informações fossem rapidamente veiculadas até a redação.

◇◇◇◇◇

O táxi parou em frente ao pequeno hotel, situado na Rua Bela Cintra, próxima a principal Avenida. O homem saltou do carro, e por alguns instantes, ficou a sentir o ar fresco que cobria o centro da cidade, naquela hora do dia. Parecia estar feliz por chegar aquele lugar. Olhou ao redor, como se procurasse por possíveis mudanças na paisagem. Direcionou o olhar para a fachada do hotel, e conferiu o número de andares do prédio. Aparentemente, quase nada fora modificado. A não ser a instalação de placas de granito que cobria toda a fachada do edifício, tornando a vista mais requintada e elegante. Notou que o jardim também parecia ter sido reformulado. Era fácil perceber o trabalho de paisagismo que fora aplicado, com variados tipos de plantas, ornamentadas com pedras decorativas e pequenas estatuetas espalhadas ao redor.

No centro do gramado lateral, notava-se uma imponente estatua no estilo barroco, esta em tamanho natural.

Depois de algum tempo, com o olhar ainda perdido na fachada do hotel, o homem tomou a direção da recepção e entrou.

Após a solicitação de estadia e preenchimento do registro de hospedagem, o sujeito agradeceu e passou a mão nas chaves que lhe fora entregue pela recepcionista. O funcionário do hotel, logo se aproximou e insinuou apanhar a bagagem do visitante.

No instante em que o guia do hotel segurava a alça da bolsa, o homem se curvou rapidamente e sacou seus pertences no ar.

— Pode deixar... — O visitante fora determinado: — Eu mesmo levo a minha

bagagem!

O guia balançou a cabeça com um gesto de aceitação e apenas acompanhou o homem até a porta do elevador.

No terceiro andar, o novo hospede saltou do veículo vertical e adentrou o quarto. Rapidamente, deixou a bagagem sobre a cama e seguiu em direção à janela. Afastou suavemente a cortina para o lado, e correu os olhos na paisagem como se procurasse por algum ponto específico.

Em seguida, sacou um celular do bolso do casaco e passou a verificar a lista de contatos. Logo, achou o número que procurava. Com um toque no visor, disparou a chamada.

— Olá! Acabei de chegar... — O homem falou e continuou a contemplar a paisagem pela janela: — Em que quarto você está?

A voz do outro lado soou rouca e com sotaque nitidamente estrangeiro, quando informou o número do quarto que fora hospedado, poucas horas antes.

— Vejo que fez boa viagem. Chegou na hora prevista... — Continuou o novo hospede do terceiro andar: — Estou um andar acima do seu. Vou checar algumas informações na internet, repassar a lista, e depois disto vamos nos reunir para acertarmos os primeiros passos...

— *Estou no aguardo...* — Disse a voz sintetizada no aparelho.

Em seguida a ligação foi encerrada.

O recém-chegado abandonou a paisagem que contemplava pela janela, e retirou o laptop da bagagem. Após acomodar o computador sobre a mesa, iniciou a movimentação em alguns sítios já disponíveis no histórico do navegador. Pesquisou alguns nomes e endereços na lista telefônica, e por alguns instantes, abriu o mapa da região de seu interesse. A página da biblioteca pública da cidade também fora carregada. E uma meticulosa pesquisa em jornais e revistas, logo fora iniciada. O visitante parecia procurar por alguma reportagem de maior interesse. A pesquisa foi direcionada para um período longínquo, retrocedendo no tempo. E por várias vezes, as mesmas páginas eram retornadas na tela, e repassadas exaustivamente.

Pouco tempo depois, algumas folhas de papel, foram retidas de uma pequena pasta. E os nomes e endereços, dispostos na tela do computador, logo foram devidamente anotados. O homem parou por um momento, e ficou a olhar para um endereço que acabara de escrever. Por um instante, algumas recordações passaram em sua mente como flechas disparadas ao ar. Seus olhos ficaram como se estivessem perdidos no vazio. Mas uma imagem, no centro do monitor de vídeo, lhe trouxe a realidade. Com os olhos cerrados diante da tela, o homem ficou compenetrado por alguns segundos. Até que suas pupilas dilataram, e ganharam um brilho diferente naquele instante. Seus olhos reluziram como se fossem estrelas, a ponto de explodirem numa transformação sublime, para que outras estrelas menores ganhassem vida.

O homem então sacudiu a cabeça para ambos os lados, como se quisesse acordar de um sonho. Ou quem sabe, de um pesadelo.

Mais uma vez, olhou a lista e percebeu que faltava um nome. Voltou para o computador e novas pesquisas foram feitas. Após viajar por vários links, suspirou aliviado. Parecia ter encontrado o que faltava na sua lista.

O homem se virou e apanhou uma mochila. Em seguida sacou outro laptop, acompanhado de um emaranhado de cabos e pequenas câmeras de filmagens. Em poucos minutos os cabos foram conectados aos seus respectivos periféricos. Os monitores passaram a exibir as imagens das câmeras, que até então, estavam todas espalhadas sobre a mesa. Logo, o quarto tomou um aspecto que lembrava uma central de comandos, ou mesmo uma sala de monitoramento. Um computador estava totalmente dedicado a exibir as imagens, enquanto o outro continua a exibir o acervo de fotografias de bustos humanos.

Em seguida, mais alguns componentes eletrônicos foram retirados da bagagem e instalados sobre a mesa. Tudo parecia estar conectado. O homem possuía notória habilidade no manuseio e configuração dos objetos. Com perícia, realizou alguns testes de captura de imagens, direcionando a câmera para um ou outro ponto do quarto. E logo, passou a configurar o programa de recepção que traduzia as imagens recebidas em sinais digitais, e as exibiam na tela do computador.

Mais uma vez, o homem passou a conferir seus manuscritos. Folheou as páginas repletas de anotações, e repassou cada linha escrita. Voltou para o computador e analisou por diversas vezes, o acervo de fotografias. Estava agora convencido que sua minuciosa pesquisa havia terminado. Precisava então, acertar os detalhes de sua investida e por em prática o seu plano de ação.

Seu amigo, hospedado no segundo andar daquele hotel, deveria estar a par de cada detalhe, estar sincronizado com seus movimentos, e com o objetivo principal da operação. Embora o plano tivesse sido delineado já há algum tempo, mesmo assim, seria prudente checar todos os pontos impactantes e decisivos de seu meticuloso arranjo operacional. Nada poderia dar errado. Havia trabalhado muito para que nada pudesse fugir a sua atenção. Precisava ter o controle total sobre cada passo. E estar em perfeita sintonia com o seu contato do segundo andar, seria a garantia do sucesso de ambos.

O homem sacou o celular e repetiu a última chamada. Logo, a voz rouca, expressando um deturpado idioma português, se fez ouvir.

— *Alo!*

— Jack! Estou no quarto trezentos e onze. Preciso que venha até aqui. Procure não ser notado ao entrar.

— *Ok.*

Jack era um homem de poucas palavras. Passava um semblante calmo e sereno, quase que mecânico. Porém, sua imagem atlética e alta, traduzia o contrário. Sua altura de aproximadamente um metro e noventa centímetros, enriquecida de músculos proporcionalmente bem distribuídos, revelava um homem forte e decisivo. Suas vestes lembrava um traje militar. As botas de bicos resistentes a impactos, sob

a calça em tom verde escuro repleta de bolsos por todos os lados, lhe concedia um ar de combatente treinado por um exército em algum ponto do planeta. E uma camisa preta colada ao corpo, com um corte de cabelo condizente ao utilizado pelos militares, completava sua imponente aparência.

Jack vestiu a jaqueta e apanhou a bolsa sobre a cama. Antes de se projetar para o corredor, deixou a porta entre aberta, e correu os olhos nas duas direções. Precisava se certificar de que ninguém o visse seguir em direção ao quarto do seu amigo, no terceiro andar. Não seria prudente que um hospede, ou mesmo um funcionário do hotel, percebesse a ligação que havia entre os dois homens.

O corredor estava deserto e silencioso, quando Jack alcançou a porta do elevador. Por um momento, desistiu de apertar o botão de chamada. Talvez fosse mais seguro seguir pela escada. Afinal, apenas um andar o separava de seu companheiro. Em silêncio, caminhou até o limite do corredor e logo alcançou os degraus.

No terceiro andar, uma camareira deslizava um carrinho de serviços, recheado com materiais de limpeza.

Ao virar o último degrau e ganhar o corredor, Jack percebeu a movimentação da camareira. Recuou um passo e aguardou por um momento. Certamente, a serviçal não viria até as escadas. O carro de transporte dos produtos de limpeza estava abastecido, o que indicava que logo, entraria em algum quarto. A serviçal parou diante da suíte trezentos e cinco, retirou um cartão magnético do bolso e passou pela leitora óptica da fechadura eletrônica. A porta cedeu e o carro de materiais foi manobrado para o interior do recinto.

Jack ouviu o ruído da porta se fechando. Teve a certeza de que o caminho estava liberado. Em seguida, avançou pelo corredor a procura do número trezentos e onze. Após bater com os dedos, a porta foi aberta e seu companheiro apareceu debaixo do portal.

— Entre! — Indicou o sujeito, girando a cabeça para ambos os lados do corredor.

Rapidamente, o gigante fora projetado para o interior do quarto.

Seu companheiro era um homem sério e de estatura mediana. O que de maneira geral, suas medidas estavam demasiadamente abaixo das medidas do Jack. Seu cabelo em nada lembrava um militar. Do lado direito do rosto era percebido uma grande cicatriz, desenhada desde o canto da boca até a proximidade da orelha. E diante dos olhos, havia um par de óculos com lentes que mudavam de tonalidade conforme a luminosidade do ambiente.

O homem apontou uma cadeira para Jack ao mesmo tempo em que espalhara sobre a cama, suas anotações, mapas impressos expressando algumas regiões da cidade, e uma lista com alguns nomes e endereços. Sobre a mesa, um dos computadores continuava a exibir uma coleção de fotografias.

— Temos tudo preparado aqui... — Afirmou o homem: — Agora, vamos revisar nosso primeiro passo.

Jack tomou nas mãos o mapa que lhe fora passado e começou a verificar as ruas e

Avenidas marcadas por tinta de cor vermelha. Logo, chegou a um círculo na mesma cor, que destacava um ponto no mapa. As ruas marcadas pareciam estar próximas ao centro da cidade.

— O que temos aqui? — Indagou a voz rouca.

— Nosso ponto de impacto... — Explicou o homem, direcionando o dedo indicador para o círculo marcado no mapa: — Um pequeno condomínio de casas a pouco mais de vinte minutos do centro.

O homem deslizou a mão sobre o mapa e alcançou, mais abaixo, outro ponto com a marcação de um círculo.

— Temos um pequeno problema inicial... — Continuou o homem: — Não consigo achar uma relação do nome do nosso camarada que me indique um local de trabalho e ao menos o endereço da residência, telefone, caixa postal, ou qualquer outro meio de comunicação... — Suspirou profundamente e prosseguiu: — Mas temos um nome de mulher, cuja documentação, expressa uma ligação matrimonial com nosso camarada. Através dela, cheguei a estes endereços.

— Entendido... — Consentiu Jack.

— Este ponto mais abaixo é a localização do trabalho da Mulher. O outro, sua residência... — O homem, mais uma vez, deslizou a mão sobre o mapa: — Com certeza ela vai nos levar até ele...

Jack visualizou um pouco mais os pontos demarcados no mapa. Em seguida conferiu a lista com diversos nomes e endereços. Encarou a tela do computador e procurou por uma foto, no meio de tantas outras dispostas lado a lado. Ao localizar o que procurava, voltou a olhar o mapa.

— Então, este será o ponto de inserção? — Indagou Jack, indicando outra vez um ponto no mapa.

— Exatamente... — Confirmou o homem que parecia conduzir os detalhes da operação: — Ela não deve perceber nossa presença. E não podemos esquecer de que ela, não é o nosso objetivo... Principal.

Jack mordeu os lábios.

— A que horas daremos início?

— Te aviso em breve... — O mentor da operação apanhou sobre a mesa pequenos aparelhos e cabos de comunicação, e voltou-se para Jack: — Preciso, agora, instalar às micro câmeras. Passe o equipamento de proteção.

Jack sacou de sua bolsa uma sacola de plástico. Em seguida, retirou um par de luvas de couro na cor preta, e jogou sobre a cama. Uma peça de couro, costurada em pequenos pedaços, que mais parecia ser um conjunto de retalhos, também saiu da mesma sacola. Na parte frontal da peça, estavam dispostos dois buracos arredondados. E logo abaixo, um vão retangular com pequenas partes separadas por hastes em ferro, parecia lembrar um dos lados de uma gaita, ou mesmo um pequeno radiador de motocicleta. Poderia ser confundida também, com uma entrada de ar, do tipo da encontrada na máscara do vilão Dart Vader da premiada série Star Wars. A

hipótese da entrada de ar parecia ser a opção mais plausível, devido o tamanho e formato do objeto. Porém, a máscara de um modo geral, não demonstrava uma aparência agradável.

Jack apanhou a lista de nomes e endereços, dobrou a parte que continha as primeiras informações e rasgou o pedaço de papel. Mais uma vez, fitou o endereço, o nome do homem e logo abaixo, o nome da mulher. Em seguida, guardou o manuscrito no bolso do casaco. Com movimentos rápidos, girou na cadeira e voltou para a tela do computador, o qual exibia o acervo de fotografias. Por alguns segundos, fixou o olhar na direção de uma das imagens, localizadas no centro do vídeo.

— É ela? — Indagou Jack, ao mesmo tempo em que olhava compenetrado para a foto no monitor.

— Prepare-se para conhecê-la...

Afirmou o articulador da operação, enquanto trabalhava na instalação de uma câmera, junto á máscara.

DISTRITO FEDERAL - BRASÍLIA. CAPITAL.

O congresso nacional estava agitado naquela tarde. Os assessores dos gabinetes se preparavam para o último dia dos parlamentares com ação efetiva na casa. O plenário estava ao fim de mais uma sessão de votações de alguma emenda constitucional ou mesmo um novo projeto de lei.

Nos corredores largos do congresso, não se falava em outra coisa, se não as notícias de corrupção que assolava alguns senadores e deputados. Os nomes de Empresas ligadas a um ou outro parlamentar era cogitadas e dissecadas, por suposições e boatos de todos os gêneros e formas. Alguns falavam em colher assinaturas para justificar a instalação de uma comissão parlamentar de inquérito, enquanto outros apoiavam a ideia de designar a policia Federal para que uma investigação legal fosse instaurada.

Diante da entrada do imenso corredor, que dava acesso ao gabinete do senador indicado como principal parlamentar envolvido no mais novo caso de corrupção, uma multidão de Jornalistas e fotógrafos, tentavam de forma insistente, atravessar a barreira de seguranças. Os homens de preto estavam de mãos entrelaçadas e formavam uma corrente diante do vão de entrada.

A pressão da opinião pública para levantar informações que viessem a esclarecer os desvios de verbas do tesouro, era o combustível necessário para enlouquecer os repórteres de plantão. Pareciam caçadores ávidos pelo seu alimento principal. Um furo de reportagem. Algo que ninguém ainda havia conseguido. Qualquer coisa que estourasse como uma bomba, nos principais meios de veiculação da informação no País. A imprensa nua e crua como deveria ser.

Diante do corredor, cidadãos civis também faziam engordar a massa humana, que lutava contra a muralha protetora formada pelos seguranças.

No meio desta confusão, sedenta por alguma informação, estava a Jornalista Laura Thompson. Acreditava que, de alguma maneira, conseguiria furar o bloqueio e adentrar ao gabinete do senado.

Ao seu lado, um jovem fotógrafo, recentemente contratado pela Revista, a acompanhava na missão. Algumas fotos registraram a árdua tarefa dos colaboradores da notícia, para produzir reportagens envolvendo o conturbado cenário político do País.

A esta altura, Laura já estava exausta com toda aquela agitação. Após desembarcar no aeroporto de Brasília, o táxi a levava diretamente para o congresso. Em função da hora avançada, não teve tempo de passar no hotel e deixar sua bagagem de mão. Não poderia perder um só segundo. Sabia que a Revista dependia do desfecho desta matéria, para liberar os serviços de impressão da nova edição.

Fanáticos pelos partidos de oposição ao governo chegavam cada vez em maior número, e logo ganhavam os pátios que antecediavam os gabinetes da casa. A gritaria e a algazarra aumentavam, conforme crescia o número de manifestantes.

Sobre a multidão, objetos começaram a ser lançados contra a barreira de seguranças. Eram pedaços de madeira, pedras, latas e garrafas plásticas.

Os homens de preto, enfim, começaram a recuar. A equipe de reforço, logo fora solicitada pelo rádio. Era impossível segurar por muito mais tempo toda aquela gente, que lentamente, iam ganhando espaço através do corredor. A multidão agora, já havia avançado alguns metros. A sala da assessoria do gabinete do senado, já podia ser notada a poucos passos á frente.

Nesse momento, uma cadeira fora lançada em direção á vidraça da sala da assessoria. Um grande barulho se fez ouvir, enquanto a vidraça se espatifara no chão. Pedaços de vidros voaram por todos os lados. Os seguranças se curvaram para não serem atingidos pelos fragmentos cortantes, e o barulho foi ainda maior por parte dos manifestantes. Esboçaram um gesto de vitória, pois, desde modo, tinham atingido o quartel general do parlamentar. Chegar ao gabinete e encurralar o senador seria, agora, uma questão de tempo.

Ao final do corredor, do lado oposto aos manifestantes, uma equipe da guarda nacional surgiu, e avançou em disparada. Equipados com escudos de proteção, capacetes e bastões de borrachas, os homens seguiram imponentes em direção á multidão. Eram apenas equipamentos de repressão de massa. Uma verdadeira batalha contra os invasores havia sido iniciada.

A esta altura, equipes de televisão já cobriam a manifestação, e imagens eram transmitidas em tempo real para os noticiários on-line.

Laura, apavorada, conseguiu sair do centro da grande confusão que se formara. A situação já estava fora de controle. Passou a observar a estratégia da segurança para dispersar o tumulto, e procurou ficar protegida de uma possível agressão. Parecia ser o mais prudente a fazer naquele momento.

A guarda nacional não permitiu que os manifestantes avançassem em direção ao gabinete desejado. Os homens tomaram a postura de guerreiros, e organizaram uma verdadeira barricada para conter a multidão.

Neste momento, um funcionário da assessoria do gabinete, apareceu por detrás dos homens da guarda nacional e passou a gesticular com os braços ao alto da cabeça. O homem tentava passar alguma mensagem vinda do gabinete.

— A ASSESSORIA DO GABINETE INFORMA! TEREMOS UMA COLETIVA DE IMPRENSA EM UMA HORA! — O homem gritou para se fazer ouvir.

As mesmas frases foram repetidas algumas vezes. Até que gradualmente, a algazarra fora reduzida. Dentro de pouco tempo, uma aparente calma começava a ser percebida. Repórteres e civis, engajados no apoio aos partidos de oposição, reduziram a pressão sobre os guerreiros do governo.

Os seguranças da guarda nacional, agora, estavam posicionados um ao lado do outro, como se montassem uma barreira humana.

Laura sorriu com o canto da boca. Enfim, a tão esperada coletiva de imprensa iria, de fato, acontecer. Retirou seu telefone pessoal da bolsa e rapidamente redigiu uma mensagem para sua secretária. Com poucas palavras, pediu para avisar ao Redator-chefe, senhor Vladimir, sobre o anúncio da coletiva. Isto traria um pouco de alívio no estresse vivido nas últimas horas.

Nos instantes que antecederam a coletiva de imprensa, uma seleção de repórteres e fotógrafos foi realizada, para que todos pudessem ter acesso à informação, no mesmo instante e de uma única fonte. Os profissionais da notícia precisaram apresentar seus crachás e carteiras de registro, que comprovaram fazer parte de alguma Empresa atuante na área de comunicação. O número de participantes estava visivelmente limitado, conforme a capacidade da sala escolhida para o evento.

Durante a coletiva, somente um assessor do senador tomou a palavra diante da plateia de Jornalistas. Como era esperado, o assessor fora bombardeado por perguntas vindas de todos os lados. A assessoria declarou confirmações já sabidas pelos agentes da notícia. Nada de revelador foi dito e confirmado pelo porta-voz do gabinete. A quantidade de indagações era imensamente maior do que as respostas concedidas. No entanto, o clima ainda continuava tenso. Porém, um pouco mais controlado. Os seguranças davam cobertura ao assessor, enquanto que a guarda nacional, mantinham fila indiana nas laterais da grande sala de imprensa.

Ao término da coletiva, os Jornalistas demonstravam total insatisfação com as poucas declarações por parte da assessoria do senador. Os comentários descontentes e frustrados estavam em toda parte, entre os agentes da notícia.

Laura havia gravado toda a coletiva em seu telefone pessoal. Pensou que pudesse colher dali, algum material que fosse útil na composição da matéria de capa da Revista. Mas sabia que as informações que tinha até o momento, não seriam suficientes para uma reportagem bombástica.

A compra de informações era um negócio que, inevitavelmente, acontecia nos bastidores da notícia. Todos sabiam das atividades obscuras dos informantes, que na ausência de material adequado para compor a reportagem final, eram praticamente caçados pelos variados meios de comunicação.

Laura deixou a sala onde acontecera a coletiva de imprensa, e ganhou o corredor principal. Logo, foi seguida por uma multidão de repórteres. No meio de tanta gente da área de comunicação, havia de ter um informante de tocaia, pronto para fornecer uma ou outra informação de relevância sobre o mais recente escândalo de corrupção. Caminhou por todos os lados, procurou entre a multidão, mas não pode localizar

ninguém que se identificasse como um negociador. Olhou ao redor, e percebeu que todos pareciam ter o mesmo interesse.

“Os abutres estão á solta nos corredores do congresso nacional.” Pensou a bela Jornalista.

Ao redor, os caçadores da notícia falavam ao celular ao mesmo tempo. Tentavam de alguma forma, veicular o pouco que conseguiram durante a coletiva.

A Jornalista sacou o celular e iniciou uma rápida busca por nomes de colaboradores. Pensou que entre tantos contatos, alguém poderia ter mais para contribuir com a matéria. Discou alguns números. Mas as ligações foram em vão.

Sem que pudesse perceber, do outro lado do salão de recepção, colado a uma coluna de sustentação, um homem a contemplava em silencio, enquanto terminava de consumir o seu cigarro.

Com um gesto rotineiro, o homem ajeitou a surrada gravata que adornava seu pescoço, e jogou a guimba do cigarro na lixeira. Em seguida, passou a mão sobre o cabelo como se tentasse colar os fios ao alto da cabeça, e caminhou em direção á mulher que observava.

Laura não sabia mais o que fazer naquele momento. Talvez, devesse seguir para o hotel e aguardar o dia seguinte. Estava exausta. E uma boa noite de sono, iria recompor suas energias. Alguma novidade sobre o caso, ainda poderia surgir ao raiar do próximo dia.

Neste instante, o homem se aproximou e interceptou a Jornalista.

— Sra. Laura Thompson?

A agente de imprensa olhou surpresa. Não conhecia aquele homem.

— Sei que nunca ouviu falar de mim... — Emendou o homem: — Mas talvez eu tenha uma coisa que possa lhe interessar...

Laura fitou o sujeito da cabeça aos pés.

— Como me conhece?

— Sei onde trabalha e já levantei informações importantes para o seu chefe... O Sr. Vladimir... — O homem pigarreou, olhou para os lados e continuou: — Tenho informações que, com certeza, a senhora gostaria de saber.

Laura engoliu a saliva.

— O que tem que possa me interessar... Senhor...

— Vamos deixar os nomes de lado... — Interveio o sujeito: — Os nomes que realmente lhe interessam são os que trago comigo...

Laura suspirou ofegante. Por um momento, teve a impressão de estar diante de um oportunista. O homem parecia estar blefando.

— Vamos lá! Diga alguma coisa que mereça continuar com esta conversa. — Laura fora incisiva.

— Sei que precisa de informações sobre o escândalo de corrupção do senador... — Falou o homem, ao repetir o gesto de acomodação da gravata em torno do pescoço:

— Posso te oferecer detalhes que vão fazer sua Revista vender mais do que água no

deserto...

Laura suspirou como se debochasse do sujeito a sua frente. Não conhecia aquele homem. Poderia ser qualquer um, tentando ganhar um dinheiro fácil com a negociação de informações que já eram sabidas por todos.

— Não conheço você. Não sei o seu nome e não tenho referências suas. E acho que está blefando... — Se me der uma chance, posso dar uma pequena prova do que tenho a te oferecer...

Laura fixou o olhar diretamente nos olhos do homem. O que poderia ter aquele sujeito, que fosse realmente relevante? Por um instante, lembrou que mencionara o nome do Redator-chefe da Revista, e que havia fornecido alguma informação no passado.

— E como pode me provar que tem algo que me interesse?

O homem passou a mão sobre os cabelos. Parecia estar nervoso.

— Posso te mostrar rapidamente. Tem um computador com você?

Laura confirmou balançando a cabeça.

— Tenho...

— Então... Venha comigo.

O homem girou no calcanhar e ameaçou se afastar.

Laura, por um momento, vacilou. Onde teria que ir com o desconhecido, para saber se falava a verdade? Por um instante, recordou do auxiliar, responsável pela filmagem. Talvez fosse sensato avisá-lo do que iria fazer. Ou quem sabe, levar o rapaz para acompanhá-la. Apanhou o celular na intenção de fazer contato, mas logo fora interrompida pelo desconhecido.

— Não traga mais ninguém. Não tenha medo. Vai estar segura comigo.

Laura guardou o telefone e passou a seguir os passos do homem.

Deixaram o grande salão de recepção e tomaram o corredor que os levaria até a saída do prédio. As escadarias logo foram alcançadas.

Ainda havia muita gente por ali. Funcionários públicos, lotados nos mais diversos ministérios, encerravam seus expedientes e seguiam em direção ao estacionamento.

O homem parou ao lado de um carro, sacou a chave e abriu a porta. Em seguida olhou para a Jornalista.

— Entre no carro.

Laura não poderia mais retroceder. Sua curiosidade jornalística havia atingido seu pico mais alto.

— E, então? — Balbuciou, enquanto se ajeitava no banco dianteiro.

— Me de o computador. — Pediu o sujeito, diante do volante.

Laura sacou um pequeno computador da categoria dos tablets e passou para o sujeito.

Do bolso do surrado paletó, o desconhecido retirou um dispositivo de armazenamento de dados, e inseriu o pendrive na porta correspondente do computador.

Em alguns segundos, um vídeo tomou movimento na tela do aparelho. A imagem estava um tanto tremula, mas era possível notar que algumas pessoas estavam reunidas em torno de uma mesa. Parecia ser uma reunião de negócios.

— Vê o homem sentado ao centro, do lado esquerdo da mesa? — O desconhecido apontou o dedo indicador na tela: — É o senador em questão. O alvo do momento da comunidade jornalística do País. Laura estava surpresa. Seu batimento cardíaco havia disparado.

— O que significa isto?

— Continue observando...

Neste momento, na imagem tremula do vídeo, um homem entra na sala, deixa um saco plástico sobre a mesa e retira-se em seguida.

— É uma reunião para pagamento de propina ao senador e sua equipe... — Concluiu o desconhecido: — Estas outras pessoas ao lado direito, representam a Empresa de engenharia. Uma construtora vencedora de todas as licitações de obras públicas dos últimos três anos...

No vídeo, um homem vira o saco plástico e derrama uma montanha de dinheiro sobre a mesa.

Laura estava tensa. E a pele do seu rosto havia corado á tempos. Se estas informações chegassem á editora da Revista, o setor gráfico teria que trabalhar em turnos dobrados. Pois, as tiragens bateriam recordes de impressão.

— Como conseguiu este vídeo? — Quis saber a Jornalista.

— Isto é o que menos nos interessa, não é mesmo... Senhora Thompson?

— Você sabe que precisa de autorização da justiça para fazer esta filmagem, não sabe?

— Não vamos falar em legalidade, senhora. Ao menos quando tratamos aqui de pessoas como estas. Olhe o vídeo e veja o que realmente é ilegal...

O homem exibiu um sorriso debochado.

Laura sabia da importância do vídeo. Mas, como poderia tornar público um conteúdo obtido fora dos parâmetros legais? A direção da Revista não iria olhar isto com bons olhos. Até mesmo, se fosse publicada somente a conversa existente naquele vídeo, estaria envolvendo os participantes. E isto, fatalmente iria levar a um processo judicial, promovido pelas pessoas atingidas.

— Sabe que não posso publicar esta matéria sem a devida autorização... — Afirmou Laura.

— O que a senhora pode ou não, fazer com este vídeo eu não sei... — Desferiu o homem, com desdém: — Mas que vai ter uma bomba pronta para ser detonada, isto eu tenho certeza que vai. Porque não usa a sua criatividade e faça um bom proveito deste material?

Laura sabia que de certa forma, o desconhecido estava certo. Poderia aproveitar o vídeo de forma a sustentar a matéria até mesmo, para a edição seguinte. Isto seria bom demais para manter as vendas da Revista em alta por mais ou menos três

edições consecutivas. A repercussão que teria, junto aos leitores, seria de arrasar qualquer concorrente.

— Qual o seu preço? — Laura fora direta.

— Se quiser exclusividade da informação, tem um preço elevado. Caso contrário, faço uma cortesia para a senhora... E negociaremos bem abaixo da concorrência.

Em seguida, o homem sacou de uma só vez o dispositivo plugado no computador. Imediatamente, o vídeo desapareceu da tela.

Laura estava pasma. Não poderia deixar passar.

— Ainda não me disse o seu preço... — Insistiu.

— Os valores estarão em seu e-mail amanhã bem cedo. Se confirmar, deverá efetuar o depósito na conta que vou te passar. Assim que o depósito for confirmado... Te envio o vídeo.

— Como vou saber que não vai trapacear?

— Quero que seja minha cliente... Senhora Thompson. Ainda vamos fazer muitos negócios...

— Como vamos fazer negócios se ainda não sei o seu nome?

— O que importa é que sei o seu... E sei onde encontrá-la.

A conversa parecia ter chegado ao fim. O desconhecido não era nada maleável para negociação. Mas com certeza, tinha material para levar a lona alguns importantes nomes do cenário político da atualidade.

— Aguardo seu contato. — Afirmou a Jornalista.

Laura saltou do carro e seguiu em direção as escadarias. Estava mais confusa do que antes. Não sabia mais o que fazer em Brasília naquele momento. Depois do que vira naquele vídeo, sua cabeça estava viajando por inúmeras possibilidades. Afinal, poderia ter obtido mais informações do que havia previsto com a viagem a Brasília. Caso, as imagens contidas naquele vídeo fossem verdadeiras, o Senhor Vladimir não hesitaria em pagar para obtê-las. E de alguma forma, sem prejudicar a imagem da Revista, iriam tornar o conteúdo daquele pendrive, favorável às vendas da próxima edição.

Laura decidiu retornar a São Paulo ainda naquela noite. Reconhecera que nada mais poderia acontecer que superasse o que acabara de ver naquele vídeo. Tinha certeza que o desconhecido entraria em contato na manhã seguinte. Afinal, parecia se tratar de mais um coioote disposto a barganhar pela venda de informações.

Por que teria escolhido a Jornalista de uma pequena revista, para oferecer tal material? Havia uma grande quantidade de repórteres, espalhados pelos corredores do distrito Federal. Entre tantos representantes de conceituadas empresas de publicidades, a senhora Laura fora á escolhida, ou teria o informante algum interesse maior?

Estes pensamentos povoaram a mente da bela Jornalista, enquanto aguardava no saguão do aeroporto, o voo que a levaria de volta a grande metrópole do País.

ESTADO DE SÃO PAULO. CENTRO - CAPITAL.

A apenas uma quadra do centro da principal Avenida da cidade, uma pequena empresa

especializada em estética feminina, ainda funcionava, apesar do horário já avançado. Era uma rua tranquila, embora fosse uma transversal a Avenida mais movimentada da cidade. Naquele horário, o movimento de transeuntes havia cessado quase que por completo. Durante a semana, o número de clientes do salão aumentava consideravelmente após o horário de expediente normal. As clientes mais organizadas deixavam um horário de atendimento previamente agendado. Enquanto que, as de última hora, eram atendidas um pouco mais tarde.

Aquela grande casa fora reformada especificamente para abrigar o salão feminino. Por toda a fachada, era possível notar uma imensa parede de vidro, deixando todo o interior do salão á vista. Diante do hall de entrada, um jardim adornava o alicerce, completamente revestido em pedras decorativas. E, ao lado, um pequeno estacionamento privativo, acomodava apenas um carro naquele momento.

No interior do recinto, apenas três mulheres ainda se faziam presentes.

As lâmpadas, uma a uma, foram sendo desligadas de forma quase que sequencial. Certamente, o trabalho daquele dia havia chegado ao fim.

A proprietária do salão, a senhora Patrícia Hemiliana, era uma mulher magra, alta, e nitidamente bem delineada. Suas roupas finas e elegantes lhe davam um toque de discreta modernidade, o que condizia perfeitamente com sua posição de empresária do ramo da beleza. Seus cabelos negros demonstravam um fino trato, e sua pele clara e polida a colocava no alto da categoria de uma bela mulher.

Após trancar a porta de entrada e acionar o alarme, as três mulheres se puseram a conversar do lado de fora. Após alguns burburinhos, graciosas risadas eram disparadas.

Uma de suas clientes demonstrava certa descontração ao tecer alguns comentários, que eram rapidamente seguidos por gargalhadas sem nenhum tom de moderação. Como não havia quase ninguém circulando pela rua naquela hora da noite, as mulheres pareciam não se preocupar com o volume de suas falas.

— Você precisa experimentar. Sei que vai gostar... — Disparou uma das mulheres, com largo sorriso no rosto: — Precisamos marcar um dia lá em casa. Vamos chamar a representante. Ela fará algumas demonstrações para nós...

Os risos foram acompanhados de vários gestos e as mulheres se apoiaram uma na

outra.

— Isto pode não acabar bem. — Emendou a empresária.

— Marque esta reunião o quanto antes. Preciso sair deste marasmo que esta a minha vida. — Consentiu a morena ao lado.

— Pode deixar. Prometo que não vai se arrepender. Mas tome cuidado... Não vá se apaixonar... — Disse a loira, rodopiando no salto.

A mais descontraída havia, agora, disparado risadas em série.

A rua do salão atravessava a Avenida principal e seguia por uma pequena ladeira até encontrar a próxima transversal. Na lateral da rua, do outro lado da Avenida, havia um estacionamento ao longo do meio fio, o qual era controlado, durante o dia, pela prefeitura da cidade.

Um carro de cor preta estava estacionado sob a penumbra de uma árvore. Do banco dianteiro, um homem observava as alegres mulheres do outro lado da Avenida. A figura do motorista estava quase que invisível devido á ausência de luz que era favorecida pela proteção dos galhos das árvores. Seus olhos estavam paralisados sob o boné enterrado na cabeça, e o foco de sua atenção eram as figuras femininas, que distraidamente, conversavam em frente ao salão de beleza.

Do lado esquerdo do seu rosto, descia um fio do pequeno fone de ouvido. Cujas extremidade oposta, estava plugado em um rádio comunicador, devidamente preso ao redor da cintura. E a altura da boca, um minúsculo captador de voz acoplado por um conector, empenhava a função de um microfone.

O homem estava estático. Paralisado como se fosse uma estátua.

Pela Avenida principal, um carro em movimento indicou a mudança de direção e entrou na rua da empresa de estética. Parou diante das alegres mulheres e a porta do carona se abriu.

— Meu marido! — Gritou á loira.

Em um gesto rápido, a mulher voltou-se para as amigas e com um tom moderadamente baixo, soltou:

— Na próxima semana ele vai viajar a negócios. Ficarei livre para agendar nossa reunião...

As amigas confirmaram. Em seguida, trocaram beijos e abraços.

— Uma ótima noite pra vocês. — Disparou á empresária, acenando para o marido da loira.

Ainda com um sorriso largo no rosto, a loira desapareceu no interior do veículo. O carro entrou em movimento e seguiu adiante.

As duas mulheres, de pé sobre a calçada, trocaram um olhar e levemente sorriram.

— Acho que devemos ir também. Não é mais uma boa hora para ficarmos aqui. — Afirmou a empresária olhando ao redor.

A morena pressionou os lábios e consentiu com um leve balançar de cabeça.

— Se não se importar, pode me deixar na próxima estação do metrô? A senhora Patrícia olhou seu relógio e balbuciou:

— Acha que ainda consegue um metrô por esta hora?

— Sim. Com certeza.

— Então vamos. O meu carro está logo ali.

Em seguida, caminharam até o estacionamento.

Do outro lado da Avenida, do interior de seu carro, o observador acompanhava atento, todos os movimentos das mulheres. Percebeu que as senhoras seguiam agora, em direção ao carro. Sem hesitar, virou a chave e pôs o motor do veículo para funcionar. E por alguns instantes, lançou os braços sobre o volante, e ficou a observar os próximos movimentos do outro lado da rua.

O carro da empresária desceu a rampa do estacionamento e logo alcançou a Avenida. Instantes depois, o observador também tomou a Avenida principal e deu início a uma perseguição noturna. Uma distância de seguimento adequada fora mantida pelo perseguidor, para que não pudesse ser notado.

Alguns minutos depois, o veículo sedan da empresária estacionou lentamente no limiar da calçada.

A morena se despediu, e saltou em direção à entrada da estação do metrô. Antes que pudesse ganhar as escadarias, correu o olhar em ambas as direções da Avenida. Teve a impressão que seu sexto sentido havia percebido que estava sendo observada naquele momento. O ar frio da noite tocou os seus olhos e ofuscou sua visão.

O centro da cidade estava calmo, e apenas poucos carros cruzavam a Avenida.

A poucos metros dali, do interior de um veículo, um homem a contemplava com um olhar implacável. As sobrancelhas cerradas sob o boné preto, e sua fisionomia firme e gélida, o mantinha focado em sua caçada noturna.

A jovem morena girou a cabeça e acenou para sua amiga. E rapidamente fora engolida pelo buraco do metrô.

Em seguida, o carro da empresária Patrícia Hemiliana, ganhou movimento e deslizou sobre o asfalto liso da Avenida.

Logo atrás, o carro negro do perseguidor saiu de maneira suave e serena.

Em poucos minutos os veículos deixaram a Avenida e seguiram pela pista que os levaria até o bairro de Bela Vista, em um simpático condomínio de casas.

O homem do carro negro havia ficado um pouco mais afastado do carro da frente. Parecia conhecer o caminho. Ou mesmo, ter decorado o itinerário.

O veículo da empresária fez uma breve parada diante do portão de entrada. Em seguida, o portão automático abriu, e o carro desapareceu.

Afastado dali, do interior do carro negro, o homem observava os movimentos do segurança do condomínio. Havia confirmado que apenas um homem habitava a guarita. Parecia não portar nenhum tipo de arma. Ao menos que fosse possível de ser observada daquele ponto. O homem da guarita já passara da meia idade. Seus movimentos eram lentos e parecia não oferecer nenhuma resistência física a um

possível invasor.

No banco ao lado do motorista, um mapa levemente rabiscado, indicava com um traço vermelho, as ruas de acesso ao conglomerado de casas. E um círculo na mesma cor, parecia apontar uma residência. O homem passou o dedo indicador sobre as linhas no mapa, como se estivesse decorando o traçado.

Em seguida, calçou um par de luvas de couro.

Neste mesmo instante, uma voz soou no fone de ouvido.

— *Jack! Está me ouvindo?*

A voz estava sintetizada e apresentava ruídos na comunicação.

— Sim. Estou na escuta. — Jack retrucou como se estivesse fazendo um grande esforço para pronunciar as palavras no idioma português.

— *Qual a sua posição?*

— Estou pronto para entrar... E conhecer a estrela da noite. — Balbuciou, com um semblante cético e frio.

— *Tenha cautela. E logo que puder, ligue a câmera.*

— Ok.

— *E não esqueça que o nosso objetivo é o homem... E não a mulher.*

— Entendido.

Jack dobrou o mapa e o enfiou na mochila. Sua bagagem possuía apenas uma alça, a qual fora atravessada sobre o tronco, com a parte da bolsa voltada para as costas. Vestia uma grossa camisa de malha preta, com as mangas alongadas até o pulso. E sua roupa apertada, fazia realçar sua bem definida musculatura. O que, em conjunto com sua elevada medida, lhe concedia um visual aparentemente agressivo. Era o porte de um verdadeiro guerreiro, pronto para mais uma de suas batalhas.

Jack abriu o porta-luvas do carro e sacou uma pistola Glock calibre trezentos e oitenta, de fabricação austríaca. Era sua arma favorita. Apanhou mais dois pentes carregados de munição e guardou na mochila. Demonstrando grande intimidade com o armamento, sacou o pente que estava dentro da arma, verificou o número de munições disponíveis e voltou a encaixá-lo no compartimento. Com um leve toque, ouviu o barulho do projétil entrando na agulha. Em seguida travou a pistola e a prendeu sob o cinto, na parte de trás da cintura. Manuseara a arma com notória habilidade.

Sobre o muro que emoldurava o condomínio, era possível ver a cerca de arames eletrificados estendidos ao longo. A cada determinado ponto na cerca, havia uma placa indicativa da presença de alta tensão nos fios de arame. Em alguns pontos, estas placas estavam cobertas por galhos de árvores dispostas tanto do lado de dentro como do lado de fora do muro.

Jack estava preparado para entrar.

O segurança, aparentemente não esboçava nenhuma resistência. E, com o horário já avançado, o sono fatalmente iria dominar aquele homem.

Jack sacou do banco traseiro do carro, a máscara feita com retalhos de couro. Na

lateral da entrada de ar, agora, estava uma micro câmera presa e direcionada para captação de imagens frontais. Decidiu não colocá-la naquele momento.

Deixou o carro sob uma das árvores paralela ao muro lateral e pôs-se a caminhar rente a parede. Precisava alcançar uma parte do muro que o deixaria próximo à residência de sua estrela da noite.

Parou em um ponto específico e observou ao longo da rua. A noite estava calma e serena.

De uma só vez, subiu nos galhos baixos de uma das árvores. Olhou para o chão e calculou que estaria a apenas um metro de altura. Não era muito. Mas era o suficiente para alcançar a cerca eletrificada. Retirou de um dos bolsos da calça, um aparelho que parecia ser um medidor de tensão elétrica. Engatou a ponta de um dos eletrodos no arame acima do muro. Girou um botão no aparelho e observou os números que começaram a oscilar no mostrador digital. Sim. A cerca realmente estava eletrificada. Porém, a quantidade de volts não seria suficiente para matar, e sim para nocautear um homem.

Puxou a mochila para a parte da frente e sacou dois pequenos aparelhos. Engatou cada um deles a uma distancia de aproximadamente trinta centímetros um do outro. Ambos estavam engatados no mesmo fio de arame. Puxou o eletrodo do medidor de tensão e prendeu no fio de arame entre os dois aparelhos. O mostrador digital exibiu uma sequencia de dígitos zeros.

Jack sorriu. Havia cortado a tensão elétrica que percorria o arame.

Com um alicate, cortou o fio, agora totalmente inerte. Repetiu a mesma operação para as outras duas linhas.

Enfiou os aparelhos de volta na mochila e observou o pátio do lado de dentro do condomínio. Alguns carros estavam devidamente estacionados por ali. Mas o silencio parecia reinar no condomínio.

Com movimentos rápidos e precisos, Jack se projetou por sobre o muro. Do outro lado, com o corpo rente a parede de concreto, deslizou até seus pés tocarem o chão. Certamente, este movimento teria saído de algum treinamento militar.

Olhou os carros estacionados ao longo. Não seria difícil chegar ao endereço desejado. Bastaria seguir por trás dos carros e ao final do estacionamento, estaria em frente ao seu destino.

Rapidamente, Jack passou pelos carros. O último veículo serviu como um escudo de proteção. Daquele ponto poderia ver a movimentação na casa de sua estrela da noite. Em seguida, procurou pelo carro da empresária. Ele estava lá, estacionado bem ao lado da casa. Procurou então, pelo carro do marido. Não teve o mesmo sucesso. Talvez, estivesse em outro lugar no estacionamento.

Apenas o quarto lateral da casa estava com iluminação naquele instante. Nenhuma movimentação se podia ver em seu interior. Jack pensou que talvez a empresária estivesse se aprontando para dormir, enquanto aguardava seu marido. No entanto, a aquela altura da noite o marido já deveria ter chegado e estaria dormindo á algum

tempo. Com estes pensamentos, o invasor ficou paralisado.

Jack precisava entrar. Ou ficaria parado ali por toda a noite. Até a hora em que o marido aparecesse.

Subitamente, a voz sintética oscilou no fone de ouvido, outra vez.

— *Jack! Pode me ouvir?*

— Positivo.

— *Como está? Qual a posição?*

— Não vejo o nosso camarada.

Houve uma pausa na comunicação. Após alguns ruídos no ouvido de Jack, a voz retornou.

— *Algum movimento na casa?*

— Nenhum... — Retrucou Jack, enquanto corria os olhos em toda a extensão do imóvel: — Podem estar dormindo.

— *Precisa entrar na casa, Jack. — Desferiu seu interlocutor.*

— Ok. Vou avançar.

— *Me de as imagens... Assim que puder.*

— Combinado...

No interior da casa, a empresária Patrícia Hemiliana, estava deitada em sua cama. Acabara de ler algumas páginas de um livro e se preparava para dormir. Com movimentos lentos, girou ao lado e depositou a literatura sobre a pequena mesa de cabeceira. Em seguida, apoiou os óculos de leitura sobre o livro.

O quarto da empresária era demasiadamente grande para ela. Desde que seu marido morrera em um acidente de automóvel, a cerca de doze meses atrás, toda a casa parecia ter aumentado de tamanho. Como não tiveram filhos, na falta do marido, Patrícia Hemiliana ficara totalmente sozinha. Seus dias eram preenchidos com o salão de estética feminina, e os cuidados com a residência. A Empresa e a casa eram tudo que tinha para se apegar.

Após a trágica morte do marido, sua caixa postal ficara repleta de contas a pagar. Fora notificada dos diversos empréstimos feitos em nome do seu cônjuge. Descobriu que o falecido deixara mais dívidas do que o valor total de seus bens. Praticamente estaria falida, se não fosse seu empenho e garra, para fazer do salão de estética seu trunfo para dar a volta por cima, e sanar todas as questões financeiras. Suas contas agora pareciam querer entrar no azul. Estava prestes a colocar sua vida nos eixos, novamente.

Em seguida, apagou a luz do abajur e virou para tentar dormir.

Ao lado do quarto da senhora Patrícia, tinha uma grande sala de estar, onde uma pequena parte era utilizada como copa, ou mesmo uma pequena sala de jantar. A

varanda cedia lugar a um jardim improvisado e de poucas ornamentações. Do outro lado da sala havia um quarto menor, onde, por muito tempo fora utilizado como escritório. Após a morte de seu marido, ela guardara todas as lembranças naquele cômodo. Havia depositado lá, as roupas, sapatos, e outros tantos mais objetos pessoais que pudessem trazer de volta as lembranças do falecido. Patrícia havia sofrido muito com a repentina morte do cônjuge. Porém, poucos meses depois, percebeu que teria que dar um basta nas lamúrias e lamentações. E partir com força e coragem para tentar reverter sua situação financeira. De nada adiantaria ficar sofrendo ao encontrar, espalhados pela casa, os pertences do falecido.

Do lado oposto a porta de entrada da sala, um pequeno corredor levava até a cozinha. Era um ambiente limpo e de pouco uso pela empresaria. Como ficava por várias horas a disposição do trabalho, a senhora Patrícia, fazia suas principais refeições em restaurantes no centro da cidade. Com isto, por toda a casa, podia-se notar um ambiente extremamente limpo.

Mas a limpeza e o brilho do piso da cozinha era o que mais dava orgulho, para a empresária. E sobre ele, no centro daquele cômodo, de pé como uma estátua negra, estava Jack...

A máscara negra do invasor reluziu sob a ação de alguns feixes de luz, que atravessavam a vidraça da janela. A câmera colocada ao lado da entrada de ar estava agora, ligada. Uma pequena iluminação de cor vermelha indicava que a imagem captada pela câmera estava sendo transmitida. No instante em que a luz oscilava, era uma indicação de que uma falha estaria ocorrendo na transmissão.

As imagens estavam sendo transmitidas para um computador, instalado em um quarto de hotel, não muito longe dali. Embora estivessem com baixa qualidade e apresentando falhas na transmissão, as imagens eram atentamente observadas por seu companheiro.

O som emitido pelo movimento da entrada e saída de ar, pela parte frontal da máscara, estava um pouco mais acentuado naquele momento.

O invasor observou os objetos e os moveis ao redor.

Em seguida, avançou pelo corredor que o levaria até a sala de estar. Uma porta a sua direita lhe chamou atenção. Em silencio, girou a maçaneta. Estava trancada. Voltou o olhar para a sala de estar e por um instante, ficou paralisado. Parecia ter sentido passos de alguém se aproximando.

O silencio da noite, no interior de uma casa, faz com que acreditemos que alguém ou um objeto ganhe movimento. Ao menos fora este o sentimento do invasor.

Nada apareceu ou passou diante dos olhos do homem de preto. Somente o silêncio habitava a sala naquele momento.

Do limiar da entrada da sala de estar, o homem avistou a outra porta, agora a sua esquerda. Onde provavelmente a empresaria estaria dormindo na companhia de seu marido. Apesar de acreditar nesta hipótese, Jack não vira até então, nada que indicasse a presença do homem que procurava. Estava encabulado com isto. Se o homem não estivesse na casa, significava que ainda poderia chegar a qualquer momento. Neste caso, o surpreendido seria o invasor e não o procurado.

Antes de avançar em direção á porta do quarto, o homem da máscara negra caminhou pela sala a fim de encontrar por chaves, documentos, ou qualquer outro pertence do seu alvo.

Enquanto caminhava, as imagens captadas pela câmera, presa a entrada de ar da máscara, eram transmitidas para a central de controle da operação. Por assim dizer. Embora a transmissão ainda estivesse com baixa qualidade de resolução, o homem do outro lado continuava a observar atentamente cada detalhe do desenrolar de seu meticuloso plano de ação.

Paralelo á parede que dividia a sala de estar, do quarto da empresária, sobre um

pequeno aparador, alguns retratos e objetos decoravam o ambiente. Uma foto chamou a atenção do invasor. Trazia a imagem da empresária ao lado do marido. Ambos estavam sorridentes na imagem.

Mais uma vez, a voz sintetizada soou no fone.

— *Pare um instante, Jack. Aproxime-se da foto do casal, sobre o aparador.*

Sem mencionar qualquer coisa, Jack focou a câmera sobre a foto.

Do outro lado, o homem da central de comandos analisou rapidamente a imagem.

— *É o nosso homem. Continue...*

A voz soou como uma ordem.

Jack não tinha mais o que esperar. Precisava entrar no quarto e descobrir de uma vez por todas se o seu alvo estaria lá.

Olhou ao redor da sala. Não havia nada mais que merecesse averiguar.

Uma longa cortina cobria a porta de entrada da sala. Nas laterais da porta, podiam ser notadas, pequenas janelas, onde a pouca iluminação da rua entrava suavemente pela fresta. Poucos quadros, exibindo famosos pontos turísticos, decoravam as paredes da sala.

O invasor respirou profundamente. O ruído da entrada de ar na máscara fora mais intenso desta vez.

Em seguida, girou em direção ao quarto principal.

Ao iniciar o movimento rotatório de seu corpo, seu braço tocou o quadro com a foto do casal, sobre o aparador. De um só golpe o quadro foi ao chão. O barulho do impacto quebrou o silencio da noite. O vidro que cobria a foto estava espatifado em vários pedaços.

A voz no fone de ouvido entrou em ação.

— *Tome cuidado, Jack.*

O invasor direcionou o olhar para a porta do quarto no mesmo instante em que segurava o cabo da pistola, na parte traseira de sua cintura. Alguém, de dentro do quarto, poderia ter acordado e logo viria saber o motivo do barulho.

No interior do quarto, a senhora Patrícia Hemiliana, fora despertada pelo barulho vindo da sala. O som do quadro em contato com o solo fora suficiente para interromper o leve sono da empresária. Abriu os olhos e girou ao redor. Em seguida, ligou o abajur sobre a mesa de cabeceira. Não avistou nada que pudesse provocar aquele ruído que a despertara. Seus olhos ainda estavam embaçados, e precisava de mais alguns instantes para que a visão pudesse se acomodar com a iluminação.

Pensou que talvez tivesse esquecido uma porta ou janela aberta. Isto já havia lhe acontecido algumas vezes. Com as mãos ao alto, ajeitou seus bem tratados cabelos negros, e calçou os chinelos. Com olhar distraído, tomou a direção da sala.

Já passava da meia noite. O silencio costumava ser absoluto por estas horas. O que poderia ter provocado o barulho que a despertara?

A empresária olhou ao redor da sala. Sua visão já havia acostumado com a penumbra do ambiente. Não identificou nada que a despertasse. Por um momento,

lembrou que podia ter deixado a janela da cozinha aberta. Isto também já havia acontecido antes.

Protegido pela parede que separava a cozinha da sala de estar, o invasor segurava sua pistola. Sua intenção era surpreender quem aparecesse no limiar da entrada daquele cômodo.

Antes de se projetar para a cozinha, a pouca iluminação que passava pela fresta da janela da sala, iluminou os pedaços de vidro espalhados no chão. A senhora Patrícia voltou em direção ao aparador e apanhou a moldura do quadro. Por um instante, se questionou como aquele quadro fora parar ao chão. Girou o olhar em todas as direções, e nada lhe veio à mente. Seu rosto, logo demonstrou uma expressão de preocupação. Percebeu que uma das janelas disposta na lateral da porta de entrada da sala, ficara entre aberta. Possivelmente, uma rajada de vento teria derrubado o quadro. Com um toque, acendeu a iluminação principal do ambiente. Pela janela, olhou a noite que cobria o condomínio. Não parecia ventar naquele momento. A noite estava calma e serena. Mesmo assim, fechou devidamente a janela que esquecera aberta, apagou a iluminação e seguiu para o quarto. No dia seguinte, tomaria as providências para recuperar o quadro quebrado.

Antes que pudesse pegar no sono, algumas preocupações relacionadas ao salão de estética povoaram sua mente. Algumas obrigações estariam por vencer na semana vindoura, e o fluxo de caixa de sua empresa passava por um período de empates. Todas as suas reservas foram gastas na liquidação de dívidas passadas. Precisaria de mais tempo para que o saldo do balancete da empresa a deixasse mais confortável. Apagou a luz do abajur e virou-se para dormir.

Poucos minutos se passaram, até que a empresária despertou agitada. O sono parecia tê-la abandonado. A temperatura ambiente parecia estar mais quente como de costume, para aquela época do ano. Abriu os olhos e tateou a mão a fim de alcançar o controle remoto do ar condicionado, na mesa de cabeceira.

Ao se virar, o coração da senhora Patrícia Hemiliana entrou em descompasso. Em seguida, disparou alucinadamente.

De pé, ao lado de sua cama, a figura grotesca e monstruosa do invasor a observava friamente.

Como um gesto de espanto, a empresária arregalou os olhos e abriu a boca. Rapidamente, se viu sentada sobre a cama, agarrando o lençol com as mãos como se procurasse um abrigo.

Ouviu o ruído da respiração pesada do homem que estava em seu quarto. O ar entrava e saía com dificuldade daquela horrenda máscara negra.

— Quem é você? O que quer de mim? — Balbuciou atônita.

A senhora Patrícia estava a ponto de gritar. Sua respiração ficou profunda e descompassada.

O invasor ergueu a mão e posicionou o indicador na vertical na altura da entrada de ar da máscara, como se pedisse para a indefesa senhora, ficar em silêncio.

— Não tenho dinheiro... Não tenho joias... — A pobre mulher estava estarelecida: — Por favor... Diga o que quer...

A voz sintetizada soou no ouvido de Jack, mais uma vez.

— *Pergunte sobre o marido...*

O invasor retirou do bolso da calça um pequeno pedaço de papel onde estava escrito o nome da empresária e do seu marido. Calado e ofegante, o homem levantou o papel em direção aos olhos da mulher para que pudesse ler.

Tentando controlar, em vão, o desespero, a senhora Patrícia correu os olhos no manuscrito.

— Meu marido não está aqui.

O homem aproximou ainda mais o papel dos olhos da senhora e colocou o indicador sobre o nome de seu cônjuge.

— Meu marido não está... Ele faleceu há um ano atrás... — Patrícia parecia tentar empurrar a parede com a parte lombar do seu corpo: — Paguei todas as suas dívidas... Se ainda deve dinheiro a alguém... Eu desconheço...

— *Essa não! Droga!* — Bradou a voz no fone de ouvido.

O homem de preto guardou o papel. Por um instante, ficou sem saber o que fazer. O fato de que o marido estaria morto justificava a ausência de objetos pela casa. Pertences costumeiros de se encontrar quando uma pessoa habita um lugar, tais como, um carro, roupas, calçados.

— Se meu marido lhe devia dinheiro... Eu posso pagar... Basta me dizer o valor...

O homem estava cada vez mais próximo do rosto da empresária.

O ruído da respiração da máscara estava enlouquecendo a empresaria.

O invasor abaixou e encostou a boca da máscara no rosto da senhora. Olhou em seus olhos como se tentasse perceber algum sinal de que estivesse mentindo.

A grande cabeça negra colada ao rosto da mulher, a aterrorizou. O suor escorria por suas faces rosadas.

Os olhos de Jack buscaram cada detalhe facial da bela mulher.

A senhora Patrícia não suportou. Imediatamente, Solto um grito de terror. O som alto e vibrante de sua voz ecoou pela casa.

O homem de preto ficou assustado. Em seguida, retrocedeu um passo.

— *Cale a mulher, Jack!* — A voz no fone de ouvido fora determinada: — *Ela vai acabar chamando a atenção de alguém...*

Antes que a empresaria pudesse desferir outro grito, o invasor saltou sobre seu corpo. Imediatamente, o homem lançou as duas mãos ao redor do pescoço da mulher e iniciou uma ação de estrangulamento. A indefesa Patrícia desferiu socos por todos os lados. Porém, seus movimentos não eram fortes o suficiente para atingir seu agressor. Seu rosto ficara demasiadamente corado, demonstrando que o sangue encontrava dificuldades em fazer o caminho de volta. Seus olhos estavam esbugalhados e transmitiam uma sensação de pavor.

Quando suas forças pareciam estar se esvaindo, Patrícia esticou o braço e alcançou o

despertador que estava ao lado, sobre a mesa de cabeceira. Agarrou o utensílio como se fosse sua única chance de se livrar das garras daquele monstro. Seus músculos enrijeceram ao mesmo tempo em que desferiu o golpe a altura do ouvido do invasor. A cabeça negra do homem girou para o lado. A pancada não pareceu ser suficiente forte para derrubá-lo. Por um instante, Jack apenas relaxou os braços sobre o pescoço da mulher.

Antes que o homem pudesse voltar com a pressão do ataque, Patrícia soltou um segundo golpe, atingindo o mesmo ponto da vez anterior.

O homem vacilara. Este teria sido mais eficaz do que o primeiro ataque.

Sem pestanejar, a mulher desferiu o terceiro golpe. Desta vez, com extrema competência.

O agressor tombou para fora da cama. Por alguns instantes, seu cérebro pareceu ficar atordoadado.

Patrícia não sabia mais o que fazer. Precisa fugir das garras daquele sujeito. Se ficasse ali por mais um momento, acabaria morta em seu próprio quarto.

— *Jack!* — Soou a voz no fone do comunicador: — *Esta me ouvindo?*

A voz sintetizada estava tensa.

Patrícia recuperou o fôlego e decidiu seguir em direção á porta do quarto. O homem de preto, estava muito próximo. E poderia alcançá-la facilmente ao passar por ali. Pensou, então, em tentar a janela. Olhou o telefone do outro lado da cama, mas, não teria tempo de fazer uma ligação pedindo ajuda.

Jack parecia se recuperar das pancadas sofridas, e rapidamente levantou. Estava entre a porta e a senhora Patrícia. Matar aquela mulher não estava em seus planos. Mas, ao mesmo tempo, não poderia deixar que ela chamasse a atenção de toda a vizinhança e mesmo do segurança do condomínio. De alguma forma, queria uma prova concreta da morte do homem que procurava. E isto, teria que retirar daquela mulher.

Patrícia estava tensa demais para pensar em alguma saída espetacular que a retirasse daquela situação. Encarar seu agressor seria impossível, diante das visíveis diferenças físicas de ambos. Sem saber ao certo o que fazer e apavorada, lançou violentamente o despertador sobre a vidraça da janela.

A placa de vidro espatifara. O barulho teria sido o suficiente para acordar o vizinho mais próximo.

O vão da janela, agora, estava aberto e vários estilhaços de vidro estavam espalhados ao chão. Este seria o caminho mais rápido para deixar o quarto e fugir do terrível homem de preto.

Patrícia correu o que pode para chegar até á janela. Mas fora interceptada pelo seu agressor.

Jack agarrou os cabelos negros da empresária. Puxou o corpo da mulher e com um brusco movimento, á arremessou sobre a parede.

Patrícia quase perdera a consciência, devido ao forte impacto do seu corpo sobre o

concreto. Antes que pudesse esboçar uma reação, o homem a agarrou mais uma vez, e a colocou de pé. Seu corpo ficara preso entre as mãos do invasor e a parede, as suas costas. Era uma nova tentativa de estrangulamento. Patrícia se debatia e tentava, em vão, se desvencilhar das garras negras daquele sujeito.

Neste momento, algumas lâmpadas foram acesas do lado de fora da casa. Possivelmente, os vizinhos teriam sido despertados.

A empresária torcia para que alguém chegasse a tempo de lhe salvar. Precisava de ajuda. Antes que fosse tarde demais.

— *Jack! Saia da casa...* — Ordenou a voz no comunicador: — *Saia já da casa.*

O agressor pareceu não dar ouvidos. Estava furioso demais para sair naquele momento.

De um só golpe, atirou a mulher ao chão. Pulou por sobre seu corpo e com as duas mãos envolvidas ao redor do pescoço, retornou a asfixiá-la. Todos os seus músculos entraram em ação ao mesmo tempo. A força do homem de preto sobre o pequeno pescoço da empresária, fora o suficiente para interromper a circulação do sangue. O ar parecia não conseguir mais chegar aos pulmões.

Os olhos da mulher ficaram paralisados em uma única direção, e seu corpo começou a perder a vida. Suas pernas então tremeram numa última tentativa do sistema nervoso central, em obter a necessária oxigenação para sua sobrevivência.

Na varanda da casa, diante da porta de entrada, o segurança batia na vidraça enquanto chamava pelo nome da empresária.

— Senhora Patrícia? O que está acontecendo?

O invasor ergueu a cabeça e procurou por alguém no vão da janela.

— Senhora Patrícia? Vou ter que arrombar a porta... — O segurança se preparava para entrar: — Senhora?

Jack se levantou. Olhou ao chão e percebeu que a mulher não se mexia.

A senhora Patrícia Hemiliana estava morta.

Do lado de dentro da sala, o homem de preto observou o vulto do segurança esmurrando a porta de entrada.

Do lado de fora, o segurança tomou a devida distancia e desferiu um violento golpe com o pé. A porta então cedeu.

— Senhora Patrícia... — Gritou o homem, aflito: — O que houve?

Com a lanterna em punho, o vigia adentrou a sala e começou a procurar pela empresária. De repente, parou diante do quadro quebrado ao lado do aparador. Olhou ao redor, e sem nada ver que o chamasse a atenção, se dirigiu ao quarto principal da casa. Logo que entrou, ficou estarrecido com o corpo da empresária, jogada ao chão.

— Senhora Patrícia? — Gritou o homem.

A Jornalista já havia consultado seu endereço eletrônico algumas vezes naquela manhã. Estava ansiosa para receber a mensagem do homem que a abordara na noite anterior, nos corredores do senado Federal. Com certeza, o vídeo mostrado pelo homem, iria entusiasmar o Redator-chefe da Revista. A preocupação com a veracidade das imagens e com a possível publicação das informações, não autorizadas pela justiça, eram pormenores que o Redator teria que resolver. A equipe de editoração era suficientemente capacitada para avaliar o material do vídeo e atestar a originalidade das imagens.

Laura observou o trânsito frenético da Avenida Paulista. A diversidade de cores dos veículos contribuía para que a Avenida ficasse mais colorida naquela manhã ensolarada.

Vagarosamente, saboreou mais uma dose do seu café.

Lembrou que não estivera com o Hebert na noite passada. Ao chegar, a hora já estava avançada e seu companheiro dormia profundamente. Como parecia estar entregue a um sono sereno e calmo, preferiu não despertá-lo. Na manhã seguinte, ao acordar, percebeu que o homem, com quem dividia a casa, havia partido mais cedo. Provavelmente, a jornada de trabalho havia aumentado, devido aos compromissos decorrentes do novo contrato de consultoria. Embora compreendesse a ausência de seu companheiro, devido á intensa rotina de trabalho, Laura sentia falta do descontraído bate papo de fim de noite, sempre acompanhado de um bom vinho.

Sandi apareceu á porta, e exibiu um alegre sorriso descontraído, como se fosse a pessoa mais feliz do planeta.

— Desculpe interromper... Mas, o Senhor Vladmir quer vê-la.

Laura mordeu o lábio inferior e consentiu com um leve movimento de cabeça.

— Obrigada, Sandi! Estarei lá em um minuto.

Laura estava serena aquela manhã. Uma calma, quase que fora do seu normal, tomara conta de seu espírito. Talvez fosse um reflexo contrário aos acontecimentos do dia anterior, onde uma frenética agitação havia lhe preenchido por quase todo o período.

Mais uma vez, pela janela de sua sala, contemplou a movimentação da Avenida, enquanto terminava de saborear seu café.

Em seguida, deixou a mesa e partiu em direção a sala do Redator-chefe.

Antes que pudesse ultrapassar o limiar de sua sala, pode ouvir o alerta do gerenciador de e-mail, avisando da chegada de mais uma mensagem. Parou imediatamente. Poderia ser a mensagem que tanto aguardava aquela manhã. Laura retornou ao seu computador, e com um click do mouse abriu o gerenciador de e-

mail.

No campo que descrevia o assunto podia ser lido o seguinte título: “Caso de seu interesse”.

Sem vacilar, procurou pelo nome do remetente, e lá estava: “Abraham Lincoln”.

Laura cerrou os olhos. Com certeza, o remetente não queria se identificar. Após mais um clique a mensagem fora exibida na tela.

Depois de olhar atentamente para o descrito, parecia tratar-se exatamente do assunto que aguardava.

Notou que o valor cobrado pela cópia do vídeo estava exageradamente alto. Ao menos fora este o sentimento da Jornalista. Um pouco mais abaixo estavam os dados bancários para o depósito, caso a Revista fosse disparar a compra. Em seguida, a Jornalista percebeu que a mensagem chegara com um arquivo em anexo. Ao término da operação de baixa do arquivo, um vídeo foi aberto automaticamente na tela do computador. Era uma pequena amostra do que havia visto no dia anterior. Na tela, estava exatamente o momento em que um homem entra na sala de reunião e deixa o pacote. No entanto, a parte em que o pacote é aberto e uma montanha de dinheiro é jogada sobre a mesa, estava cortada. O vídeo encerrava exatamente naquele instante. Laura sentiu um frio lhe percorrer a espinha. Precisava levar a mensagem ao conhecimento do Redator-Chefe.

Rapidamente, encaminhou o e-mail para o Senhor Vladmir e para o setor de Arte da Revista. Precisava avaliar a consistência daquele material.

A Jornalista cruzou o corredor com passos firmes e apreensivos. O toque do salto do seu sapato ao chão ecoou pelas paredes, por onde passava. Laura era uma Mulher elegante, de corpo esguio e alta, e que certamente ganhava admiradores por onde andava.

Pela vidraça, percebeu que o Redator estava acompanhado do responsável pela área gráfica da Revista, o senhor Pedro Boaventura.

Logo que a avistou do lado de fora, o Redator-Chefe fez um gesto com a mão para que Laura entrasse.

— Bom dia, Senhores! — Cumprimentou, assim que abriu a porta.

Os cavalheiros lhe deram boas vindas, e o Senhor Pedro logo puxou uma cadeira para a Jornalista.

— Laura, precisamos avaliar o que trouxe de Brasília... — O Redator enrolou as mangas da camisa branca até os cotovelos e continuou: — Espero que tenha algo que possamos aproveitar. E então? Como foi que conseguiu sair ilesa da confusão de ontem, diante do gabinete do nosso senador?

Os homens aguardaram por uma resposta, enquanto Laura ficara pensativa, por um instante.

— Um caso como este sempre tem muita repercussão... — Avaliou Laura: — O congresso estava cheio e a oposição não perdeu tempo: Atacaram o gabinete do senador diante das câmeras... Foi horrível.

— A coletiva de última hora foi uma boa surpresa, para todos. — Mencionou o senhor Pedro, trocando de pernas.

— Sim, foi uma surpresa. Porém, sem novidades... — Falou Laura, gesticulando: — Nada foi relatado que pudesse acrescentar ao caso. Tudo que disseram, nós já sabíamos...

O Redator-chefe raspou a garganta e disparou:

— Não posso acreditar que até o momento não tenhamos nada mais consistente para trabalhar. As coisas estão ficando cada vez mais difíceis... Não sei mais onde vamos parar.

Laura pensou em mencionar sobre o informante que havia lhe abordado sobre os pisos do congresso, mas no momento em que se preparava para abrir a boca, percebeu que o homem da área gráfica lhe roubara a cena.

— Estamos esperando a liberação do material pela editoração para disparar a impressão... — Balbuciou o senhor Pedro: — Precisam decidir pelo fechamento da matéria o quanto antes.

Em seguida, ouve um silencio repentino. Os senhores da Revista pareciam refletir sobre a questão antes de algum novo pronunciamento. Laura então aproveitou a deixa.

— Tenho uma coisa que precisa ver... — Disse, voltando-se para o Redator-chefe: — Verifique sua conta de e-mail.

O Redator olhou para a Jornalista com um ar de desconfiança, e passou a manusear seu computador.

— Abra a mensagem denominada: “Caso de seu interesse”... — Continuou a Jornalista: — O remetente está usando um nome falso. Um codinome.

Todos ficaram a observar a expressão no rosto do Senhor Vladmir, enquanto lia a mensagem.

— Afinal, temos um informante... — Balbuciou o Redator lançando a mão ao alto.

— Baixe o arquivo em anexo e veja o vídeo. — Determinou Laura.

Após o processo de baixa o vídeo foi executado de forma automática. Os homens grudaram os olhos no monitor e ficaram pasmos com o que viram.

— Mas o que é isto? — Interveio o senhor Pedro.

— Isto é apenas uma amostra... — Esclareceu a Jornalista: — Pude ver bem mais do que isto. Veja! O próprio senador está presente nesta reunião. Há, também, assessores do gabinete. Uma grande soma em dinheiro está dentro da sacola. Na continuidade do vídeo, o dinheiro é colocado sobre a mesa, e dividido com os integrantes do grupo. É, certamente, uma bomba...

O senhor Vladmir respirou fundo. Ajeitou a gravata preta e não se conteve.

— Precisamos avaliar as imagens... — Em seguida, raspou a garganta: — Contate o setor de Arte.

— Já estão trabalhando nisto... — Afirmou Laura.

◇◇◇◇◇

O jovem de descendência asiática observava a imagem na tela do monitor, como se fosse um perito em localizar fraudes em edição de vídeos. Por vezes, marcava uma ou outra parte da imagem, ampliava a região selecionada e com a ajuda de um software específico, analisava a veracidade do material. A intenção era achar indícios que levassem a acreditar em uma possível montagem.

◇◇◇◇◇

O senhor Pedro pigarreou antes de soltar com tom de pura indignação:

— Não podemos publicar este vídeo. Não temos autorização para produzir estas imagens. Ouve um silencio na sala, que logo fora quebrado pelo Redator:

— Esta é uma questão que temos que discutir com o jurídico. Já passamos por isto antes... — O

homem entornou um copo com água pela garganta e girou em direção a Jornalista:

— Laura? Preciso que me faça um favor: Contate nossos advogados. Veja o que consegue. Precisamos saber até que ponto esta bomba pode ser mencionada na Revista, sem nos prejudicar.

Laura consentiu com um gesto.

Uma batida no vidro da porta chamou a atenção de todos na sala. Era o jovem asiático do setor de

Arte. Provavelmente, trazia notícias sobre a avaliação das imagens.

O senhor Vladmir balançou a mão no ar, indicando para que o jovem entrasse. —

Olá, Yoshiro! — Saudou o Redator: — O que tem pra nós?

O jovem cumprimentou cada pessoa na sala com um sorriso e um balanço de cabeça para frente

do corpo.

Em seguida, os olhares se voltaram para o técnico do setor de artes, e aguardaram por um pronunciamento, que fosse enfim, esclarecer a veracidade das imagens recebidas. Após engolir a saliva, Yoshiro disparou:

— Analisei as imagens...

— Sim. E então? — O senhor Vladmir estava ansioso, assim como os demais.

— Não encontrei indícios de montagem ou qualquer tipo de fraude... — Sorriu com um tom pálido

e continuou: — As imagens parecem ser verdadeiras.

Laura fitou os olhos do Redator-chefe como se esperasse por uma decisão. Embora a questão jurídica fosse de grande relevância, obter a cópia completa daquela gravação poderia abastecer a Revista de informações suficientes para as próximas duas ou três edições. Ela confiava no Redator e sabia que ele não iria deixar passar esta oportunidade.

— Bom trabalho, Yoshiro.

Após o elogio, por parte do senhor Vladmir, o funcionário do setor de Arte agradeceu com um leve sorriso acompanhado de mais um gesto com a cabeça e deixou a sala.

— Vamos negociar com nosso informante... — Disparou o Redator, em direção a Jornalista: — A quantia que esta pedindo é um absurdo. Vamos tentar cair para quarenta por cento deste valor.

— Ele não me pareceu estar blefando... — Disse Laura, se colocando de pé: — É um sujeito difícil de negociar... Mas... Podemos tentar...

— Deixo mais esta tarefa com você, Laura. Afinal, você conheceu o homem.

A Jornalista sabia da urgência desta negociação. Se prolongassem muito uma resposta para seu novo informante, a concorrência poderia agarrar a gravação com um contrato de exclusividade e a partir daí, correriam um sério risco de ver as vendas despencarem.

— Vou ver o que consigo com o nosso “Abraham Lincoln”...

Dito isto, Laura deixou a sala do Redator.

Laura sabia que a negociação com o informante seria uma tarefa árdua. Levando em conta a proporção da redução do valor, sugerida pelo senhor Vladmir, negociar a tal ponto seria quase impossível. Para descer a quarenta por cento do valor original, a Jornalista teria que ter muita criatividade e disciplina para barganhar. Mas, precisava tentar. Perder a oportunidade de obter aquela gravação estava totalmente fora de questão.

Laura retornou a sua sala com pensamentos positivos. Estava se preparando para uma batalha cibernética. Afinal, a negociação se daria através de correios eletrônicos: O único meio de acesso ao seu informante.

Subitamente, ao ouvir um sinal de alerta, percebeu que havia entrado uma nova mensagem no telefone celular. Com um toque na tela do aparelho, identificou o remetente e leu a mensagem. Em seguida, digitou poucas letras no visor de cristal líquido, e com um leve sorriso estampado no rosto, enviou uma resposta ao seu correspondente.

Era o senhor Hebert Molinaro a convidando para almoçar.

Imediatamente, Laura deu início ao trabalho e passou a escrever algumas linhas para

compor o primeiro e-mail direcionado ao seu mais novo contato em Brasília.

Uma hora se passou, quando Laura exibiu um sorriso de satisfação como quem vence uma disputada partida de um jogo qualquer. Enfim, conseguira chegar a um acordo com o informante. Não foi exatamente o que pleiteara o Redator-Chefe da Revista, mas o percentual estava próximo, o que deixava a Jornalista confortável para fechar o negócio. O percentual de cinquenta por cento do valor principal era mais que plausível para o encerramento da questão. Após um longo período de trocas de e-mails, de ambos os lados, os negociadores estavam vencidos.

Laura, imediatamente, com o aval do Redator-Chefe, comunicou o setor financeiro da Empresa, para que providenciasse o depósito na conta estipulada pelo informante. Os trâmites da operação foram processados em tempo.

Poucos minutos depois da finalização, por parte do setor financeiro, a Jornalista recebeu, em seu endereço eletrônico, a cópia completa da gravação.

Laura suspirou aliviada.

Estava, agora, em seu poder, material mais do que suficiente, para compor duas ou mais reportagens, dignas de manchete de primeira página. A próxima edição da Revista estava com as horas contadas para ir ao forno. Após tecerem a diagramação da matéria e discutidas algumas particularidades, oriundas de fatos tangíveis demonstrados na gravação, poderiam, enfim, ter o fechamento da reportagem de capa.

Por um momento, a Jornalista pensou nos possíveis problemas que poderiam contrair com a veiculação de reportagens de conteúdos não autorizados pela justiça, que pudessem envolver nomes de pessoas públicas influentes no meio político. Uma reunião com a assessoria jurídica, já estaria mais do que em tempo de acontecer.

Laura apanhou uma pequena carteira, o celular, e com passos firmes e descontraídos, deixou a sala.

A assistente Sandi, concluía alguns afazeres sobre sua mesa, quando a Jornalista a interrompeu:

— Olá, Sandi. Preciso que me faça uma gentileza.

A secretária estava alegre, como sempre. Apoiou os cotovelos sobre a mesa e esperou o que a Jornalista tinha a dizer, enquanto brincava com uma caneta entre os dedos.

— Precisamos agendar uma reunião com nossa assessoria jurídica... — Ouve uma pausa: — Ainda hoje, se possível.

A assistente tomou nota em um pequeno bloco.

— Vou providenciar, imediatamente. — Confirmou Sandi, enquanto mordida o lábio inferior.

— Temos contrato com uma nova Empresa de Advogados... — Laura parecia tentar lembrar algum nome: — Ainda não os conheço bem.

— Algum Advogado de sua preferência?

— Não... Não tenho nenhum nome em mente.

— Vou enfatizar a urgência. Com certeza vão mandar alguém ainda hoje.

— Faça isto, Sandi. Estarei no almoço por uma hora. — Laura contemplou a assistente com um sorriso e girou em direção aos elevadores.

Em poucos minutos, a Jornalista entrava em um pequeno restaurante, situado nas proximidades da Avenida principal. O local estava a apenas duas quadras da Revista. Era um ambiente calmo, sereno e de uma decoração que transmitia certa tranquilidade ao lugar. Ao menos, era esta a sensação que a Jornalista sentia ao entrar naquele restaurante. As lâmpadas estavam cobertas por lustres que pareciam ter sido feitos de artesanatos indígenas, onde somente alguns feixes de luz transpassavam o adorno e iluminavam o ambiente. A disposição de grandes peças talhadas em madeira, devidamente colocadas no hall de entrada, concedia um visual, no geral, bem agradável. E a temperatura climatizada do recinto, parecia um convite á boa degustação.

Laura correu os olhos no salão, na tentativa de localizar sua companhia para o almoço. Notou que Hebert ainda não havia chegado. Após escolher uma mesa no setor direito do grande salão, acomodou-se sob um enorme quadro com paisagens naturais, repleto de pássaros e cascatas. Daquele lado do restaurante, poucas pessoas ocupavam as mesas. O que deixava o espaço um pouco mais reservado, em relação ao lado oposto do salão.

Um garçom se aproximou e logo estendeu o cardápio sobre a mesa.

— Boa tarde, senhora Laura. — Cumprimentou o serviçal.

— Olá, Alfredo. Como vai? — Laura sorriu e continuou: — Estou aguardando uma pessoa. Por

enquanto, vou beber uma água... Sem gás, por favor.

O simpático garçom tomou nota e saiu apressadamente.

Laura consultou o relógio. Embora o trabalho na Revista estivesse com alguma vantagem em

função dos acontecimentos das últimas horas, não poderia ficar ausente por muito tempo. Precisava concluir a matéria de capa o quanto antes, possível. Sem contar, com a reunião de urgência com a assessoria jurídica, a fim de resolver as questões legais.

Hebert surgiu no hall de entrada, ao mesmo tempo em que o garçom trouxera a água mineral. O bem sucedido consultor de negócios financeiros estava, como sempre, muito bem vestido. Trajava um terno italiano de bom caimento, que realçava sua postura de homem elegante e bem afeiçoado.

— Como está a minha bela Jornalista? — Falou ao mesmo tempo em que um beijo foi colado no rosto de Laura.

— Ansiosa para te ver. Afinal, não nos vemos á dois dias.

— Me perdoe. As tarefas parecem ter se multiplicado na última semana.

O garçom depositou mais um cardápio sobre a mesa.

— Não pode deixar o trabalho tomar todo o seu tempo, Hebert. Vai acabar me deixando em segundo plano.

O homem sorriu ao canto da boca.

— Não seja exagerada, Laura. São apenas dois dias... — O cardápio foi suspenso ao ar: — Imagine quando eu estiver em...

Hebert interrompeu a frase. Engoliu em seco e tossiu ao mesmo tempo. Parecia ter dito alguma coisa que não queria.

— Quando estiver em... — Laura tentou induzir o consultor a continuar no ponto onde havia parado.

Hebert raspou a garganta e olhou ao lado.

— Hum. Hum.

— Vai a algum lugar, Hebert? — Insistiu Laura.

— É... Talvez. Eu ainda não sei...

A Jornalista engoliu a água de uma só vez. Apoiou os cotovelos sobre a mesa e olhou nos olhos do seu companheiro.

— Quer me dizer alguma coisa?

— É que não está nada decidido... Ainda. E talvez... Nem chegue a acontecer. É apenas uma hipótese...

Laura franziu a testa como se tentasse entender as palavras do homem.

— Mas do que você está falando? Poderia ser mais claro, por favor?

— Talvez eu tenha que viajar... Por um tempo...

O consultor virou para o lado e fingiu não notar a apreensão no rosto de sua companheira. Estava arrependido de ter tocado neste assunto. Ao menos naquele momento. Uma hora ou outra teria que conversar sobre a viagem. Mas, não agora, durante um almoço de reencontro.

— Você vai me falar de tudo ou terei que te interrogar sobre cada detalhe?

— É que não pretendia tocar neste assunto, agora. Estamos para almoçar e acho que não...

— Que não é o momento certo... — Laura interrompeu abruptamente: — E quando pretendia me contar?

Hebert percebeu que o clima estava ficando tenso. O rosto de Laura estava corado e suas pupilas pareciam estar dilatadas. E decididamente, isto não era um bom sinal.

— Como falei... Ainda não está definido. Existe uma série de detalhes a serem acertados. Afinal, não se sai do País de uma...

Mais uma vez, o consultor não conseguira terminar a frase. Estava nervoso com o rumo que a conversa estava tomando.

Por um momento, Laura ficou parada olhando o rosto de Hebert. Esperava que ele terminasse a frase. Como isto não aconteceu, disparou em seguida:

— Pretende sair do País? Para onde vai?

Houve um silêncio naquele pequeno espaço do restaurante. Após trocarem olhares apreensivos, Hebert respirou profundamente e balbuciou:

— Talvez tenha que me estabelecer em Tóquio, por algum tempo. Há um planejamento de instalação de agências por toda a Ásia e o Japão será a porta principal de entrada no continente... — Hebert tossiu seco mais uma vez: — Executar um projeto de tamanha desenvoltura estando aqui no Brasil, não é a melhor estratégia. Precisamos estar no local.

Laura ouvira atentamente as palavras de seu companheiro. Apesar de parecer estar ouvindo neste momento, um discurso de um consultor de Empresas. Ficou estática por alguns segundos. Não sabia o que falar.

O silêncio foi quebrado pela aproximação do garçom.

— Querem fazer o pedido, agora? — Interveio o homem com as mãos às costas.

Ambos olharam com certo desdém para o simpático garçom.

— Ainda não, Alfredo! — Laura fora decidida.

O homem manteve as mãos na parte posterior da cintura e saiu silenciosamente.

O consultor estava tenso. Com um movimento, tentou afrouxar a gravata ao redor do pescoço.

— Como mencionei anteriormente, ainda temos que alinhar o método que vamos aplicar antes de por em prática o plano de ação... — Explicou Hebert.

— Exatamente, quanto tempo pretende ficar fora? — Indagou Laura, como se estivesse fazendo uma entrevista.

Esta pergunta era a que o consultor estava tentando evitar desde o início da conversa. Certamente, sua companheira não iria gostar da resposta.

— Por apenas dois anos... Acredito que será tempo suficiente para as coisas entrarem nos eixos e ter um prosseguimento automático.

Hebert tentou amenizar o impacto da resposta. Sabia que este tempo poderia, perfeitamente, ser dilatado em função da complexidade da operação.

Laura estava com o olhar ao longe.

— Dois anos... — Falou e mordeu os lábios: — Você disse dois anos? Provavelmente, você já pensou em como vamos ficar diante desta situação, não é mesmo?

— Laura, você pode vir comigo... — Hebert parecia tentar explicar o que não tinha como fazê-lo. Ao menos não sabia como: — Vamos ter uma ótima aventura para viver. E, além disto, vou ganhar o suficiente para nós dois. Não vai lhe faltar absolutamente nada.

— Não se trata de dinheiro, Hebert. Temos uma excelente vida por aqui... — A Jornalista estava com as faces do rosto coradas e no canto de seus olhos levemente arredondados, iniciava uma lágrima: — Você tem um ótimo emprego. Trabalha no

que sempre quis fazer. Não precisamos de mais nada pra ser felizes. Temos tudo aqui. Tudo.

Hebert suspirou ofegante. A temperatura, que antes estava agradável, agora já não fazia mais efeito. Estava profundamente arrependido, em tocar no assunto da viagem, naquele momento. Mas era tarde. Não poderia mais recuar.

— Laura, você precisa entender que este projeto vai me colocar em um excelente nível no mercado internacional de consultoria para a área financeira. Meu nome estará circulando, entre outros, no ponto mais alto da pirâmide. E, além do mais, dentro da Empresa em que trabalho, meu nome é o mais cotado pra tocar este projeto...

— Amo o trabalho que faço por aqui, Hebert. Não posso largar a Revista e partir para o nada, em um País que ao menos conheço uma palavra do idioma... — Laura olhou ao lado, como se tentasse se certificar de que não estaria chamando a atenção de alguém: — Japão, China, Singapura ou outro lugar qualquer deste continente, não é logo ali. Isto fica do outro lado do planeta...

— Batalhei muito pra conseguir este contrato. Não posso jogá-lo fora. — Cortou Hebert.

O consultor fora taxativo em sua afirmação. Havia um ar de decisão em sua voz.

O silêncio voltou a ocupar aquele espaço.

Laura, agora, não conseguia mais esconder seu descontentamento com a possível viagem do seu companheiro para o outro lado do mundo. As lágrimas desceram de seus olhos e escorreram pela face clara da Jornalista. A ideia de deixar para trás, tudo que havia conquistado até o momento, e partir para um País distante, estava atravessada na sua garganta. Precisava mais do que um almoço para poder digerir a situação. Muito mais.

Por um momento, sua mente viajou por todos os lugares do continente asiático, que conseguira lembrar. Tentou se imaginar morando em outro País, aprendendo um novo idioma, tentando adaptar-se aos costumes locais e apreciar a cultura totalmente diferente do seu País de origem. E, logo se deparou, com a imagem de uma dona de casa, aguardando a hora da chegada do marido, vindo de mais um dia de trabalho. Enquanto esperava ansiosa, assistia a todos os programas de televisão, sempre comendo uma ou outra guloseima. Despertou de seus pensamentos no momento em que percebeu que não entendia nada do que dizia o comercial que estava assistindo. Não conseguia compreender o idioma e as pessoas na tela do aparelho pareciam ser bizarras o bastante, a ponto de assustá-la.

Perdida entre tantos pensamentos, Laura foi despertada por Hebert, ao estender um lenço de papel para secar suas lágrimas.

— Pense no assunto mais tarde. Não precisamos decidir nada, agora.

Laura secou os olhos vermelhos e irritados pelas lágrimas.

Tentou entender o ponto de vista do seu companheiro. Porém, compreendeu, mais uma vez, que o homem com quem dividia sua vida afetiva, tinha a ambição dos

grandes vencedores. Nada poderia conter a sede de chegar cada vez mais longe, que existia dentro daquele homem. Por outro lado, não sabia como negar sua vida profissional que tinha construído durante anos de trabalho na Revista. Tudo estava muito, muito confuso em sua mente.

— Não sei mais o que pensar. Preciso de um tempo... — Admitiu Laura.

— Compreendo perfeitamente, Laura. Mas, precisa entender...

— Não posso mais falar sobre isto, agora, Hebert. — Mais uma vez, interrompeu as palavras do seu interlocutor.

— Então... Vamos almoçar. — Sugeriu Hebert.

— Também perdi a fome... — Laura levantou e fitou o consultor: — Nos vemos mais tarde.

A Jornalista deixou o salão com passos largos e firmes, antes que seu companheiro pudesse esboçar alguma tentativa que pudesse mudar sua decisão. Enquanto caminhava em direção à saída, Alfredo, o simpático garçom, a acompanhou até o limiar da porta.

Os pensamentos também estavam confusos na mente de Hebert. Teria que encontrar uma maneira, algum modo muito específico, para tentar convencer sua companheira a abandonar toda sua vida profissional, seu País, seus amigos, e acompanhá-lo em sua aventura. Sabia que a tarefa não seria fácil. Porém, a hipótese de deixar sua mulher, estava fora de cogitação. Alguma saída, um entendimento entre ambos, haveria de surgir. Quanto ao projeto profissional, que estava por desenrolar, tinha a convicção de que não poderia perder a oportunidade de crescimento, tanto intelectual, quanto financeiro.

Na parede em frente à mesa que ocupava, uma televisão transmitia o telejornal vespertino. O repórter anunciava mais um crime ocorrido na noite anterior. Uma mulher fora assassinada dentro de sua própria casa, em um condomínio, no bairro de Bela Vista. As imagens da residência eram exibidas, assim como as entrevistas com alguns vizinhos e o segurança do condomínio.

O garçom se aproximou ao mesmo tempo em que Hebert jogara uma nota sobre a mesa, a fim de cobrir as despesas.

— A cidade está muito violenta, Alfredo. — Balbuciou Hebert.

— Vai fazer o pedido, agora, senhor?

— Não. Também perdi a fome.

O consultor desviou o olhar do noticiário da TV e deixou o restaurante.

◇◇◇◇

Ao retornar do horário de almoço, Laura Thompson entrou em sua sala apressadamente. Seus olhos ainda estavam vermelhos e irritados. E seu humor, visivelmente abalado. Parou diante da parede de vidros transparente e ficou a contemplar a Avenida ao longe. Sempre que precisava colocar os pensamentos em

ordem, era esta a vista que a ajudava a pensar.

Ao passar pela antessala, onde ficava a mesa de sua assistente, Sandi percebeu que alguma coisa não estava bem. Não era a mesma Laura que saíra para almoçar á uma hora atrás. Trabalhava na Revista tempo o bastante para perceber quando algo havia fugido ao controle da Jornalista.

— Esta tudo bem com você? — Quis saber a assistente.

Sandi estava na entrada da porta, com um sorriso levemente displicente.

Laura engoliu a saliva, suspirou e manteve-se a frente da vidraça.

— Não como eu gostaria. Mas, vai passar. — Admitiu.

— As coisas parecem ter se acertado com o trabalho. Estamos para lançar á próxima... — Não é nada com a Revista, Sandi... — Cortou Laura. — É um problema de ordem pessoal. A assistente forçou um sorriso sem graça. Ao saber que se tratava de um problema particular,

imaginou que dificilmente poderia ajudar.

— Se houver alguma coisa que eu possa fazer, pode contar comigo. — Disse um tanto solícita. Laura exibiu um sorriso forçado.

— Obrigada, Sandi.

A Jornalista lembrou que não havia almoçado.

— Pode me conseguir um sanduiche, o mais natural que puder. Também um suco. Assim vai me

ajudar...

A assistente confirmou com um gesto de cabeça e saiu.

Laura voltou a visualizar o filme dos acontecimentos no restaurante. Depois de dois dias sem a

presença do seu companheiro, não podia acreditar, que um encontro de almoço, pudesse terminar assim. Certamente, tinha um grande impasse para resolver. A viagem de Hebert iria acontecer, uma hora ou outra. E quando o momento chegasse, teria que ter decidido o caminho a tomar. O seu companheiro não iria desistir de seu projeto. Tal postura, não seria condizente ao homem com quem dividia o seu mundo. Não passava em sua mente ter que viver sozinha naquela grande cidade. Passar os dias sem ter o seu companheiro de longas datas a esperar, ao fim de cada dia, para compartilhar suas conquistas e as novidades inerentes ao trabalho de cada um, não lhe era exatamente uma ideia agradável.

Olhou ao redor. Contemplou cada canto da Empresa onde trabalhava por um bom tempo. Viajou por dias vividos intensamente, sempre em busca de reportagens

melhores e vibrantes, cujas matérias a tornaram uma profissional de grande importância dentro da corporação. Tinha a nítida impressão de que fazia parte do crescimento daquela Empresa. E isto a tornava uma pessoa melhor. Ao menos, era este o sentimento mais claro, que habitava a mente de Laura, naquele instante.

Como poderia abandonar toda sua vida produtiva que levara até então, e passar a viver em um País distante e desconhecido, como simplesmente a coadjuvante da história do seu companheiro? Isto parecia uma negação a tudo que aprendera a fazer na vida. Lutar, trabalhar, e sempre seguir adiante. Este era o lema e a vida de Laura Thompson.

Poucos minutos se passaram até que Sandi novamente apareceu na sala, agora, com a pequena refeição que lhe fora solicitada.

— Espero que goste. Eu mesma preparei. — Falou, como o sorriso de sempre. Laura estava um pouco mais relaxada. Era passada a hora de ingerir algum alimento e recuperar

suas energias, que certamente iria precisar até o fim do dia.

— Obrigada, Sandi. Você foi muito gentil.

A assistente estava feliz em poder colaborar em um momento, especialmente particular, para a

Jornalista.

— Não sei se você vai gostar, mas se quiser, podemos sair á noite. Podemos conversar, se isto te

fizer sentir melhor... — Sandi estava sorrindo como uma adolescente: — Mais tarde, vou a uma boate com

alguns amigos. Se quiser relaxar e dançar um pouco, pode vir comigo. O que acha?

Laura sorriu diante do convite. Fazia muito tempo que não tinha um programa como este. — Não sei não, Sandi. Acho melhor ficar para outro dia.

— Hum... Está bem. Se mudar de ideia, é só me avisar. Estarei na boate Mikonos Night, a partir das

vinte e três horas.

Com agilidade nos movimentos, a jovem assistente deixou a sala.

A boate Mikonos Night Dance estava localizada na Rua da consolação. Uma das vias mais importantes do centro da cidade. Era um prédio de três pavimentos, acrescido de um amplo estacionamento no subsolo, e no mesmo nível da rua, uma bela recepção fazia lembrar o hall de entrada de um hotel de luxo.

Na fachada do edifício, podiam ser notadas imponentes colunas revestidas em alumínio escovado, e o vão entre elas, eram cobertos por vidraças espelhadas, em tonalidade grafite, que dava a impressão de uma arquitetura moderna, condizente com os edifícios de alto padrão, encontrados no centro da Cidade.

O segundo andar estava dividido entre um excelente salão de jogos de mesa e um ambiente com apresentações de música popular, onde geralmente, os artistas que se apresentavam, eram músicos no início de suas carreiras.

O último andar abrigava outro grande salão de dança, com um sofisticado bar lateral em estilo americano. No interior do salão, as paredes adornadas por espelhos, duplicavam os movimentos dos dançarinos e, dava a clara impressão de que a boate estava mais ocupada do que parecia estar. Alguns televisores dispostos na parede, ao lado do bar, intercalavam vídeos de grupos musicais com apresentações de imagens de esportes radicais variados. Os canhões de laser, colocados junto ao teto, emitiam feixes que mudavam de cor e intensidade, a cada passagem pelo mesmo ponto, dando a nítida impressão de que o salão fosse uma espécie de nave espacial em constante movimento.

No alto do palco, um DJ extremamente dançante, comandava a grande mesa de equipamentos de última geração, onde gráficos multicoloridos expressavam a potencia do som. O DJ, imerso em uma cortina de fumaça, parecia um maestro a orquestrar o ritmo frenético das baladas eletrônicas.

No centro do grande salão, um foco de laser realçava as curvas sinuosas do corpo esquivo de uma bela dançarina. A jovem bailava no compasso da música, acompanhada pela excitação dos movimentos do DJ. Parecia estar leve e solta no ar. A atmosfera do ambiente a tinha levado a outra dimensão, onde a força da gravidade possuía um aspecto mais suave, dando uma incrível sensação de pura leveza.

Sandi dançava em companhia de uma amiga.

A amiga Gina era uma jovem magra, de pele clara, cabelos negros, curtos e pontiagudos nas laterais. Exibia um corte de cabelo como se tivesse contrariado

qualquer outro corte do tipo tradicional. Parecia um estilo futurista, saído de algum filme de ficção científica.

As duas mulheres dançavam livremente, quando Gina fora tocada no braço por um jovem que acabara de se aproximar. Ao olhar o rapaz, um largo sorriso foi desenhado em seu rosto. Num salto, pulou sobre o pescoço do jovem e entrelaçou os braços por sobre seus ombros.

— Venha! Quero te apresentar a uma amiga. — Gina falou ao pé do ouvido.

Segurando a mão do rapaz, virou em direção a Sandi:

— Sandi, este é o Toni. Sandi. Amiga de muitas datas.

— Olá! Como vai? — Saudou o rapaz.

Sandi cumprimentou o jovem com um leve sorriso no rosto.

— Tenho ouvido falar muito de você, ultimamente.

— Espero que tenham falado coisas boas a meu respeito.

— Fique tranquilo... A sua reputação está em alta por aqui.

— Se a Gina te contar coisas ruins, por favor, não acredite. Será pura invenção...

Todos riram ao mesmo tempo.

Toni era um jovem magro, alto, de cabelos lisos e curtos. Trajava uma vestimenta bem á vontade,

condizente com uma noite a procura de diversão. Como Era quase que impossível se manter parado diante das duas jovens a sua frente, com passos tímidos e um tanto fora do ritmo, o rapaz tentou acompanhar o embalo dançante das duas mulheres.

Depois de alguns minutos, tentando, em vão, realizar os movimentos repetitivos e cadenciados da balada, o suor já escorria pelo rosto do rapaz.

— Preciso beber alguma coisa. O que acham de ir até o bar? — Sugeriu o jovem em voz alta. Pois a música estava estridente a esta altura.

As meninas consentiram com a cabeça e seguiram dançando até o balcão lateral.

Toni tomou á dianteira e sentou-se em uma das cadeiras individuais. Olhou para o lado, e como se fosse uma grande surpresa, reconheceu o homem que ocupava o assento ao lado. Olhou firmemente para o sujeito, tentando certificar-se de que realmente o conhecia. Sim. Era não mais do que um velho amigo que á muito não o via. Embora sua fisionomia estivesse um pouco cansada e um tanto diferente, em relação á última vez que o vira, parecia ser mesmo um velho conhecido. Os cabelos do homem estavam compridos e sem corte, enquanto a barba parecia estar por fazer. Enquanto o homem se preparava para engolir mais um trago de sua bebida, Toni o interrompeu com um toque no ombro.

— Hugo? É você mesmo?

O homem olhou ao lado e fitou o rapaz por um instante. Logo, um sorriso foi aberto

no rosto.

— Como está você, Toni? Á quanto tempo não nos vemos?

Os dois homens então se abraçaram como os velhos amigos o fazem.

— Não faço ideia. Talvez, tenham cinco ou seis anos. Talvez, mais... — Disse Toni, tentando se lembrar.

— Não tenho o costume de vir a esta boate... — Disse Hugo, voltando a ocupar seu assento.

— E o que o trouxe aqui, hoje?

— Um mero acaso. Um incidente, talvez.

Toni se acomodou ao lado do amigo, e logo lhe apresentou suas companheiras.

— Esta é a Gina! Uma pequena joia, mas com um brilho muito grande... — Brincou, enquanto virava em direção a Sandi: — Está é uma amiga da Gina.

Hugo, num gesto de atenção, esticou a mão para cumprimentar as belas jovens. Por um momento, fixou o olhar em direção a Sandi.

— Qual o nome da jovem?

— Sou a Sandi! Como vai?

O homem não pode deixar de notar o rosto lindo e angelical, que estava a sua frente. Os olhos arredondados, de cor clara chamou sua atenção, mais do que tudo naquele salão. Por um instante, Hugo ficara hipnotizado com a bela assistente.

— Mas, me diga... O que realmente o trouxe aqui? — Quis saber Toni.

— Pode parecer ridículo, mas marquei um encontro com uma mulher, aqui na boate. Não exatamente aqui dentro. Lá fora. Mas como pode ver... Parece que ganhei um grande bolo... — Em um único gole, o homem esvaziou o copo e continuou: — Então, resolvi entrar.

— É. Isto não é lá muito bom... — Interveio Gina: — Mas valeu por reencontrar um velho amigo.

— Bebe com a gente? — Indagou Toni.

— Por que, não?

Logo, o barman atendera a cada pedido, individualmente.

Após três ou quatro rodadas, sempre das mesmas bebidas para cada um, a conversa seguia com descontração. O velho amigo Hugo, parecia estar bastante familiarizado com o grupo. O fato de ser um antigo amigo do Toni havia facilitado á aproximação de Hugo, da jovem assistente, por quem não fazia a mínima questão em esconder tamanha admiração.

Gina, naquele momento, estava se sentindo com a temperatura um pouco mais alta. Talvez tivesse ingerido bebida alcoólica além da conta.

— Acho que ninguém deveria levar um bolo... — Disparou Gina, balançando o líquido dentro do copo.

A jovem, de aparência futurista, caiu na gargalhada. Parecia estar se divertindo com o homem abandonado em frente á boate.

— Isto pode acontecer com qualquer um... — Afirmou Toni: — Levante a mão aqui

quem nunca levou um fora?

Houve um rápido silêncio. Ninguém se moveu por um instante.

— Eu! — Sandi quebrou o marasmo, erguendo a mão o mais alto que pode.

— Ninguém é louco o bastante pra fazer isto com você, querida. — Soltou Hugo, empolgado.

Gina deixou o copo apoiar sobre o balcão. Em seguida, abaixou a cabeça e fez uma cara como se estivesse muito triste.

— Perdi a conta dos foras que ganhei, até hoje. Sou uma infeliz... — Deitou a cabeça no ombro de Toni e fingiu chorar: — Não sou digna de um relacionamento duradouro. A solidão é minha melhor companhia...

— Não fique assim, querida. Nunca vou te deixar na mão... — Brincou Toni.

O barman tentou, também, levantar a mão. Mas, logo, fingindo lembrar-se de um possível bolo que levava no passado, abaixou rapidamente o braço.

— Acho muita falta de consideração dar um bolo em alguém... — Interveio o homem atrás do balcão: — Não custa nada avisar que houve um contra tempo, um imprevisto, ou algo assim. Ou mesmo, usar de sinceridade e falar que não está interessada na outra pessoa.

Sandi olhou para o barman e ergueu a mão ao alto. O homem a imitou e as mãos se chocaram no ar, como se estivessem fazendo um cumprimento.

— É assim que se fala... — Completou Sandi: — Isto que é dar um bom exemplo.

— Querida, Sandi. Poucos pensam como vocês... — Disse Toni.

Gina levantou a cabeça do ombro de Toni e balbuciou em tom baixo, como se não quisesse que mais ninguém a ouvisse, além dos amigos ao redor.

— Olhem aquele homem, no final do balcão... — Disse, enquanto os amigos olhavam o sujeito indicado por Gina: — Vejam! Está sozinho naquele canto desde a hora em que chegamos. Com certeza, também levou um bolo de alguém...

Os quatros tentaram prender o riso para que o sujeito não percebesse que estavam falando a seu respeito.

— Coitado do homem... — Soltou Sandi: — Não teve a mesma sorte que o Hugo.

— Pago uma bebida pra quem descobrir por que aquele homem está solitário, dentro de uma boate como esta! — Toni fora incisivo.

— É a solidão, amigo... — Disparou Hugo: — Depois de um fora, o cara fica assim. Eu estaria também, se não tivesse encontrado vocês.

As risadas continuaram até que algumas lágrimas brotaram dos olhos de Sandi. As gargalhadas, agora, faziam um efeito que pareciam chorar de tanto rirem.

No final do balcão, no último assento junto á parede, o sujeito saboreava solitariamente, uma dose de um puro malte. O homem parecia compenetrado. Pouco podia se ver de seu rosto. A face lateral estava coberta pela gola levantada da jaqueta. E, um boné preto enterrado na cabeça, dificultava uma descrição exata de sua fisionomia.

— Acho melhor não incomodar o sujeito. Não parece do tipo que gosta de fazer

amigos. — Sandi falou com sensatez.

Em seguida, Gina derramou a bebida de uma só vez pela garganta. Mordeu os lábios como se tivesse ingerido veneno. Encheu os pulmões de oxigênio e tombou o copo sobre o balcão. Com decisão, solicitou a presença do barman.

— Me sirva mais uma desta, meu caro. — A jovem fora determinada.

Em seguida, o mesmo gesto fora repetido pelos amigos.

— Vamos para a pista. Quero dançar...

Sandi bradou, erguendo as mãos para o alto, num gesto de muita disposição.

Hugo, imediatamente, estendeu a mão para a jovem assistente, e a conduziu para o centro do salão.

Em pouco tempo, os quatros amigos dançavam freneticamente, embalados pelo ritmo efervescente da música eletrônica.

Os feixes de laser oscilavam como se estivessem superexcitados, enquanto os canhões de neon, presos ao teto, giravam por todas as direções. Em alguns instantes, um jato de fumaça de cor branca, era desprendido do piso.

O DJ estava, agora, com um pequeno chapéu e sem a camisa, e seus movimentos pareciam ser controlados pela batida da música. Era o momento mais quente da noite, onde o ritmo acelerado fazia tremer os corpos eletrificados na pista de dança.

Hugo e Sandi, embalados pela música e pelo álcool, agora, dançavam de corpos colados. Em algum momento, Sandi ficava com a boca colada a de seu parceiro. Com movimentos ágeis e precisos, a assistente exibia um fôlego invejável. E, com passos firmes de quem estava habituada a bailar nas pistas, rodopiava sob a atenção constante do parceiro, o deixando cada vez mais enlouquecido.

Hugo não apresentava tanta habilidade para dançar. E, com a temperatura elevada demais para continuar, fez um sinal para sua parceira de dança, indicando que iria até o sanitário mais próximo.

O calor da pista tinha deixado Hugo completamente exausto. Sem contar, que não conseguira acompanhar os passos ágeis e compassados de sua companheira. Podia-se facilmente notar, que a vibração e a disposição de Sandi, haviam lhe tirado as forças. A jovem parecia ter uma bateria extra, carregada de energia.

Hugo entrou no lavado desesperado para se refrescar. Retirou o paletó, desabotoou a camisa e quase se colocou sob a torneira. Com os cabelos encharcados, ficou por um tempo, a se olhar no espelho. Pensou que havia ficado velho demais para encarar uma pista de dança, principalmente, na companhia de uma jovem vibrante como a Sandi.

A bica da pia jorrava sem parar, enquanto o homem, recuperando o fôlego, fitava os detalhes do seu rosto no espelho. O barulho da água era o único som que se podia ouvir naquele ambiente. Não havia mais ninguém ali, além do exausto dançarino. Ao menos, era o que parecia.

No entanto, outro homem ocupava o sanitário naquele momento.

No espelho a sua frente, Hugo pode observar um par de botas pretas, no vão entre o

chão e a porta do banheiro. Notou que não estava tão só quanto acreditara.

O dançarino colocou as duas mãos em forma de concha, sob o jato de água que descia da bica. E com um gesto veloz, levou as mãos até o rosto. Quando a água correu diante dos seus olhos, pode ver refletida no espelho, a imagem gigantesca de um homem, parado a aproximadamente dois passos atrás.

Hugo arregalou os olhos.

O homem de preto estava parado a dois passos atrás como se fosse uma estátua. Olhava de forma compenetrada para o rosto de Hugo, através do espelho.

O dançarino rapidamente se virou. Tentou entender o que aquele homem estaria fazendo ali.

— Tudo bem com você, amigo? — Disparou Hugo, tentando se comunicar: — Você quase me matou de susto, cara.

Hugo percebeu que se tratava do sujeito solitário do bar. Talvez tivesse ouvido os comentários debochados que fizeram a seu respeito.

O homem parecia uma parede de concreto. O rosto rígido e o olhar frio estavam fixados no dançarino.

— Posso ajudá-lo em alguma coisa? — A voz de Hugo soou tremula.

Neste instante, a porta do lavabo rangeu e Toni apareceu.

— E aí, meu velho amigo? A Sandi acabou com você na pista? — Bradou Toni, ao ver o amigo com o rosto molhado.

Hugo, com o olhar assustado, virou-se para a entrada do lavabo. Percebeu que Toni sorria com um leve tom de zombaria.

O dançarino então girou a cabeça em direção ao estranho parado a sua frente. Mas outra surpresa lhe saltara os olhos. O homem não estava mais ali.

— Que cara é esta, Hugo? Parece que viu um fantasma. — Zombou Toni.

— Você viu aquele cara parado aqui, bem na minha frente?

— Não vi ninguém na sua frente, Hugo. Esta se sentindo bem?

Hugo fez uma expressão de quem não estava compreendendo mais nada naquele momento.

— Havia um homem aqui... — Disse, apontando o chão a sua frente: — Era o sujeito do bar. O solitário.

Toni olhou ao redor.

— Acho melhor você não beber mais nada esta noite... — Recomendou Toni.

Hugo abaixou a cabeça, e como um louco, começou a procurar pelo par de botas, através do vão entre a porta dos sanitários e o piso. Percorreu uma a uma até que, na última porta, pode ver os pés negros apoiados ao chão.

— Veja. Ele está aqui. Eu não estou bêbado. — Hugo apontava para a porta do sanitário.

— Deixe o homem em paz... — Interveio Toni: — A Gina está nos chamando para uma festa na casa de um amigo.

— Este sujeito é muito estranho...

Hugo tentava olhar através da porta. Estava encabulado com o sujeito de preto. Dentro do sanitário, o silencio reinava. A porta havia sido trancada por dentro. — Vamos lá, Hugo. As meninas nos esperam. — Insistiu Toni. Toni abraçou o amigo e o carregou em direção á porta do lavabo.

A aquela altura da noite, a boate estava completamente povoada. O movimento no bar havia aumentado significativamente. Bebidas de diversos gêneros eram solicitadas ao barman, que com movimentos rápidos e precisos, fazia misturas dignas de um verdadeiro laboratório químico.

O balanço alucinante da música eletrônica parecia eletrificar os jovens de plantão. Cada um exibia uma coreografia diferente. Porém, o que mais importava, era não ficar parado e exibir uma expressão corporal, o mais livre possível. Talvez, esta fosse a intenção das pessoas que procuravam aquele lugar.

Gina falava ao telefone, quando Toni sentou ao seu lado. A jovem parecia estar confirmando um endereço com alguém.

— Tem certeza que podemos ir à festa com você? — Indagou Toni.

Gina fechou o celular. Não conseguira ouvir com exatidão a voz do outro lado.

— Tenho... — Falou, passando a mão no seu cabelo pontiagudo nas laterais: — Mas não consegui pegar o endereço corretamente. No caminho vou fazer outro contato. Onde está o seu amigo?

Toni apontou para trás.

Hugo estava com o rosto molhado e com o olhar visivelmente cansado.

— Acho que precisamos de alguns energéticos... — Disparou a jovem com seu estilo que mais lembrava uma menina futurista.

Logo, Gina fora atendida pelo Barman.

Quatro latas de energéticos foram colocadas sobre o balcão, acompanhadas de copos com doses de vodka. Após brindarem a alguma coisa, os copos se chocaram no ar.

Hugo pode ver quando o sujeito do incidente no lavabo retornou, e sentou no último banco, próximo a parede lateral do bar.

— Vejam. É o sujeito do lavabo... — Disse o dançarino, apontando para o homem ao final do balcão: — Esse cara me assusta.

— Ele é um tipo meio estranho, mesmo. — Confirmou Gina.

— Deixem o sujeito pra lá... — Bradou Sandi, tentando desviar a atenção do estranho: — Se vamos a uma festa é melhor que seja uma boa festa.

— Então vamos lá. Ainda tenho que aprender alguns passos de dança com a Sandi. Todos riram. Hugo parecia ter contado alguma piada.

A despesa com o bar logo fora fechada pelo barman. Os dois homens, se encarregaram da quitação do débito e seguiram em direção ao caixa que ficava ao lado do balcão, próximo à saída do salão principal da boate.

Os quatro amigos ainda riam sobre a falta de preparo físico do Hugo.

Decididamente, ele não demonstrara muita habilidade na pista. Suas coreografias estavam defasadas demais para acompanhar os passos atuais.

Os jovens seguiram pelo corredor que os levariam até os elevadores. Depois de alguns instantes, o elevador parou naquele andar.

Os amigos tinham decidido por utilizar os carros da Gina e do Toni. Ambos estacionados no subsolo.

A porta metalizada voltou a abrir e um grande número de veículos estacionados, apareceu diante dos alegres dançarinos.

Hugo passou as mãos pelos bolsos da calça e falou em tom de indignação.

— Não acho a minha carteira. Posso ter deixado cair no caixa...

— Verifique nos bolsos do casaco. — Sugeriu Sandi.

O casaco estava apoiado no braço do dançarino. Rapidamente, vasculhou os bolsos e parou de andar, com desapontamento.

— Droga! Não está aqui... — Disse, correndo as mãos pelo corpo: — Vou voltar para apanhar a carteira. Pode estar com o barman. Alcanço vocês em alguns minutos.

— Não vá demorar! — Disse Toni.

Hugo retornou em direção ao elevador, e apertou o botão que o levaria até o último andar. Provavelmente, a carteira havia caído do bolso do casaco e ficado sobre o balcão. Com sorte, o barman a teria encontrado.

Logo, a caixa de metal chegou ao andar da boate. Em seguida, a porta se abriu a frente do dançarino.

Ao final do corredor, a iluminação não era a melhor possível. Mas era o suficiente para se distinguir qualquer objeto ao longe. Porém, ao abrir a porta automática do elevador, uma cortina negra apareceu no limiar da porta.

Hugo cerrou os olhos. Franziu a testa e tentou enxergar melhor o que estava acontecendo ali. Ao levantar a visão um pouco mais, deparou com uma cabeça coberta por uma horrível máscara negra.

De um salto, Hugo bateu com as costas na parede oposta do elevador. Seus olhos arregalaram. Parecia ser uma criatura saída de algum filme de terror. Pensou.

Na parte frontal da máscara, podia se ver a grande entrada de ar. Acima, na lateral, presa a haste do respirador, uma minúscula câmera com uma lâmpada oscilante, parecia filmar tudo que estava ao alcance da lente.

Jack estava parado no limiar da porta. Seus músculos estavam tensos. O homem a sua frente, assustado, parecia tentar agarrar as paredes lisas do veículo vertical, a qualquer custo. Porém, nada poderia fazer para evitar o que parecia ser... Inevitável. Subitamente, uma voz sintetizada soou no comunicador grudado ao ouvido do brutamente negro:

— *Este é o nosso homem, Jack.*

Hugo estava a ponto de entrar em pânico. O sujeito a sua frente poderia ser um maluco qualquer, tentando aterrorizar alguém por pura diversão. Se esta fora a

intenção, estava conseguindo. Com um gesto rápido, deu um passo a frente e apertou o botão para fechar a porta do elevador. Mas fora surpreendido pelo mascarado.

Neste momento, o homem de preto desferiu um violento golpe com a cabeça. A parte frontal do crânio de Jack atingiu o nariz do dançarino em cheio.

Em uma fração de segundos, o sangue jorrou da narina de Hugo. Com o golpe, seu corpo fora jogado de volta à parede traseira do elevador.

— Seu idiota! O que está tentando fazer? — Grunhiu Hugo, tentando limpar o sangue com as costas da mão.

Jack avançou e entrou totalmente no elevador. Em seguida, ergueu a mão esquerda no ar e, com um movimento veloz, aplicou um violento soco no abdômen do dançarino.

Hugo urrou de dor. O golpe fora profundo. Em segundos, tombou de joelhos ao chão.

— Você é o maluco do lavabo, não é? — Grunhiu ofegante, o dançarino: — Você não passa de um psicopata solitário. Seu merda...

O agressor estava de pé no centro do elevador. Na mão, a lâmina afiada da adaga prateada brilhou diante da iluminação do pequeno compartimento. Jack estava prestes a furar o dançarino com aquele objeto.

Hugo tentou, em vão, imaginar uma forma de desaparecer daquele espaço. Sabia que estava diante de um doente mental e pouco poderia fazer contra aquela montanha de músculos. Mas não pode achar uma saída. Estava encurralado.

Com um movimento extremamente rápido, a adaga cortou o vazio e golpeou o abdômen do dançarino. A lâmina deslizou entre as costelas e cortou os tecidos superficiais. Em seguida, com um novo movimento brusco do agressor, a lâmina dilacerou suas vísceras o mais profundo que pode alcançar.

Hugo soltou um grito de dor e de pavor, ao mesmo tempo em que a lâmina abandonou seu corpo, sugada pelo gesto preciso do agressor. Logo, o sangue manchou a camisa na região do abdômen e escorreu ao chão.

— Psicopata de merda... — Grunhiu o dançarino, mais uma vez: — O que você quer de mim?

Hugo se contorcia de dor enquanto tentava conter o sangue que esvaia pelo buraco do ferimento.

A voz sintetizada voltou a soar no comunicador.

— *Faça com que ouça a mensagem, Jack.*

Imediatamente, Jack sacou um minigravador, aproximou do homem caído ao chão e encostou o aparelho em seu ouvido.

Uma voz surgiu. Era uma gravação.

— *Ano de mil novecentos e noventa e oito... Festa de Formatura... Homem espancado e violentado por um grupo de formandos...* — Houve uma pausa, para continuar em seguida: — *Vimos te cobrar...*

Em seguida, o aparelho foi retirado do ouvido do dançarino.

Hugo estava ficando pálido demais. Sua respiração estava ofegante. Algumas cenas da noite do baile de formatura passaram em sua mente. Aos poucos, as imagens ficavam mais claras na lembrança. O jovem. O jardim. O massacre. Não podia ser. Aquele jovem morrera naquela noite...

— Você não é... — O dançarino tentou balbuciar, mas fora interrompido ao ouvir vozes.

Alguns frequentadores da boate se aproximavam do elevador. Vinham conversando pelo corredor e logo chegariam até ali.

Hugo reuniu as forças que ainda restavam no seu corpo e gritou o mais alto que pode.

— Socorro!

Jack olhou pela porta a fim de verificar a que distancia o grupo estava daquele ponto. Com um gesto, apertou o botão que os levaria para o subsolo. O elevador fechou a porta e ganhou movimento.

Hugo sabia que aquele seria seu fim. Até que chegasse ao subsolo, o psicopata já teria feito o seu trabalho. Concentrou todas as forças que ainda habitava o seu corpo e desferiu um violento chute entre as pernas do homem de preto.

Jack pareceu não sentir absolutamente nada com o golpe. Continuou imóvel no centro do veículo vertical.

Em segundos, a lâmina brilhou mais uma vez sob a iluminação do pequeno ambiente. E o objeto cortante rasgou o ar em direção ao corpo do dançarino.

Hugo se esquivou o mais que pode para reduzir o estrago do impacto. Colocou o braço na frente do rosto e se virou para o lado oposto.

A adaga, agora, fora cravada pela parte de trás do ombro direito de Hugo. Atravessou a região do tórax e saiu na parte da frente. Um novo grito de dor fez-se ecoar nas paredes frias do elevador.

Em seguida, Jack sacou a adaga. O elevador estava descendo e logo alcançaria o subsolo. Teria que completar o que tinha começado antes de chegar ao estacionamento.

Antes que um novo golpe fosse cruzado no ar, Hugo chutou o tornozelo do agressor. A perna do homem de preto foi deslocada ao lado. Por um momento, perdera o equilíbrio. A adaga, sem direção, viajou pelo ar até atingir a parede do elevador, acima da cabeça do dançarino. A lâmina foi enterrada na parede em alumínio.

Jack puxou a lâmina. Parecia não querer sair. A adaga estava cravada na parede.

Hugo aproveitou o impasse e desferiu um novo chute. Agora na região do abdômen do homem de preto.

Com o impacto do chute, Jack fora jogado contra a parede oposta. Bateu a cabeça e pareceu ficar tonto por um instante.

Neste mesmo momento, a porta do elevador se abriu. Havia chegado ao subsolo.

Hugo viu ali sua única chance de poder se livrar das garras do seu algoz. Com a

respiração debilitada, ergueu o braço esquerdo até alcançar a porta. Reuniu as poucas energias que ainda lhe restavam, e se arrastou para fora do pequeno ambiente.

Outra vez, a voz sintetizada bradou no ouvido do agressor.

— *Jack! Não deixe o homem sair. Acabe logo com isto.*

Jack balançou a cabeça. Estava em alerta outra vez.

Hugo tentou caminhar o mais rápido que pode. Seu corpo estava curvado, devido ao ferimento na região do abdômen. Perdera muito sangue até então. Suas forças estavam limitadas. Pode ver ao longe, que seus amigos conversavam alegremente. Pareciam aguardar o seu retorno no estacionamento.

Suas pernas então vacilaram. Na tentativa de recuperar o fôlego, debruçou sobre um carro estacionado. Precisava pedir ajuda ao Toni. Era sua última esperança.

Com a voz embargada pela dor e pelo pouco ar que entrava em seus pulmões, tentou gritar o mais alto que pode.

— Toni... Ajudem-me... — Mas sua boca estava seca, e um arrepio de frio parecia lhe tomar o corpo: — Preciso de...

A voz de Hugo saiu abafada e ofegante.

Gina era a única que estava conversando, voltada para a saída do elevador. Quando algo em movimento sobre a tampa do motor de um carro, lhe chamou a atenção.

— Aquele parece ser o Hugo, ou eu bebi demais? — Falou, apontando na direção do elevador.

Os jovens se voltaram para a indicação da amiga. Após alguns segundos de avaliação, pareciam ter confirmado a imagem de Hugo sobre o veículo.

— É o Hugo! — Afirmou Sandi: — O que está fazendo naquele carro?

— Vamos até lá... — Ordenou Toni, apreensivo.

Os jovens então avançaram em direção ao dançarino.

Hugo parecia exausto. Tentava de todas as formas não desmaiar. Aqueles minutos que haviam passado dentro do elevador pareciam ter sido os mais cruéis de toda sua vida. Sua mente estava totalmente confusa com o que acabara de lhe acontecer.

Perdido em pensamentos desconstruídos, Hugo sentiu a mão do seu algoz a lhe agarrar os cabelos. O homem de preto estava, outra vez, no seu calcanhar.

Jack ergueu o braço e mais uma vez, com a adaga em punho, golpeou o dançarino. A lâmina, agora, perfurou na altura do pulmão esquerdo. Com a força do golpe, fatalmente o objeto cortante havia alcançado o coração.

Hugo não tinha mais forças para gritar. A aquela altura, a perda de sangue havia anestesiado suas carnes.

Com um movimento ágil e preciso, Jack sacou a lâmina. Ergueu a cabeça, protegida pela máscara negra, e pode ver os jovens que se aproximavam.

Os amigos pararam de caminhar e todos olharam perplexos para a imagem aterrorizante do homem de preto.

Gina estava estarelecida com o que acabara de ver.

— Mas o que é aquilo? — Indagou perplexa.

A máscara de Jack reluziu diante da pouca luminosidade do estacionamento. O sangue de sua vítima parecia escorrer pela lâmina afiada da adaga, até alcançar o piso rústico do solo. Um ruído sintético e abafado foi ouvido, provocado pela entrada de ar no respirador a altura da boca.

Sandi levou a mão no rosto, e começou a gritar e chorar ao mesmo tempo.

A cabeça de Hugo ainda estava sendo erguida pela mão do homem de preto, quando um último golpe fora lançado contra o corpo do dançarino.

A adaga penetrou na mesma direção do golpe anterior.

Jack continuou a olhar os jovens parados a pouca distancia dali, enquanto a adaga deixou, pela última vez, o corpo de Hugo.

Toni estava perplexo. Correu na direção do amigo. Parou por um momento. Ficou sem saber como poderia se defender do brutamente mascarado que acabara de ver. Porém, subitamente, o homem de preto soltou a cabeça da sua vítima no ar e desapareceu entre os carros estacionados.

O corpo de Hugo caiu ao chão como uma pedra. Parecia que todo o seu sangue havia jorrado pelos ferimentos.

Toni ainda ergueu a cabeça do amigo, na tentativa de reanimá-lo. Mas foi em vão.

Hugo estava morto.

A porta do elevador se abriu mais uma vez, e um grupo de seguranças saíram. Correram em direção aos jovens e logo foram surpreendidos com a cena do corpo moribundo caído ao chão.

— O que houve aqui? — Quis saber um dos seguranças.

— Meu amigo foi assassinado... — Admitiu Toni: — O assassino acabou de fugir pelo estacionamento.

Logo, o guardião sacou o rádio e pediu para que alguém da administração chamasse os paramédicos. Uma equipe de homens, vestidos de ternos negros e equipados com comunicadores, iniciaram uma busca pelo subsolo do prédio, a fim de localizar um possível suspeito. Com armas e lanternas em punho, vistoriaram cada canto daquele lugar.

Depois de alguns minutos, a busca havia chegado ao fim. Ninguém fora encontrado que pudesse atender as características do assassino.

Enquanto isso, em uma rua lateral, próxima á boate, um carro negro deslizava silenciosamente. Ao volante, um homem com uma jaqueta preta de golas levantadas e um boné da mesma cor, enterrado na cabeça, conduzia o veículo suavemente. Seu olhar compenetrado e gélido parecia estar alheio a tudo que se passava ao redor.

Subitamente, uma voz sintetizada soou a altura do ouvido.

— *Bom trabalho, Jack!*

Centro financeiro da capital do estado de São Paulo.
Manhã de sábado.

A grande metrópole do País parecia adormecer naquela manhã. A garoa fina que cobria os edifícios e o céu cinzento deixava a cidade com uma paisagem digna de um cartão postal. O palco de grandes eventos culturais, esportivos e financeiros, agora, trazia um clima ameno e confortável para o descanso de suas mais variadas tribos. Os conglomerados financeiros descansavam, diante da expressão tranquilizadora da gigante capital. A cidade parecia transpirar sob uma atmosfera condizente com os ares vindos de algum lugar da Europa.

Apesar da hora, os carros cruzavam as ruas com os faróis acesos. Era preciso aumentar a visibilidade em função da forte neblina que estacionara sobre a região. O número de pedestres estava visivelmente reduzido. Os poucos transeuntes, que se arriscavam naquela manhã, tentavam se proteger da garoa com capas impermeáveis e seus guarda-chuvas.

Os shoppings próximos ao centro iniciavam o ritual diário e engoliam cada vez mais consumidores. As pessoas pareciam se refugiar no conforto dos grandes centros comerciais, onde uma infinidade de atrativos tinha como objetivo, conquistar o público de todas as faixas.

Um grande pneu, adornando uma bela roda em magnésio, rangeu ao breicar bruscamente sobre o piso molhado. O carro do senhor Maurício Vernner estacionara em frente à entrada de pedestres do shopping.

Com as mãos ao volante, o homem virou-se para a mulher sentada no banco ao lado: — Nos encontraremos aqui para o almoço.

A mulher confirmou com a cabeça e ergueu o pescoço até alcançar o rosto do motorista.

— Não trabalhe muito. Afinal, hoje é sábado. E temos ainda um compromisso para a noite. — Falou, enquanto colava um suave beijo na face do homem.

No banco traseiro do carro, um pequeno garoto recolhia alguns bonecos em miniaturas, que estavam espalhados pelo assento.

— Tome conta de sua mãe, filho. — Recomendou o motorista.

O garoto foi puxado para fora do carro, pelos braços acolhedores de sua progenitora. Os dois apressaram os passos a fim de encontrar o abrigo do hall de entrada, o qual iria lhes dar proteção contra a leve e insistente chuva, que prateava a capital.

O homem ao volante, ainda pode ver seus íntimos passageiros alcançarem a entrada do centro comercial, quando colocou o carro em movimento. O veículo contornou a

rotatória e ganhou a rua principal.

O senhor Vernner era um homem polido em suas atitudes, e um tanto conservador, diante do meio social em que atuava. Seus óculos, de leve espessura, demonstrava que sua visão, já lhe dava sinais de cansaço. E, seus cabelos finos e severamente penteados para o alto da cabeça, lhe concedia um ar de executivo bonachão.

À alguns anos, atuava na gerencia comercial de uma pequena Empresa da área de publicidade. Era um trabalho desafiador e gratificante para um homem de meia idade. Como acumulara pendências no trabalho, durante a semana, precisava de algumas horas do sábado, para tentar colocar os afazeres em dia.

Em poucos minutos, o carro do executivo mergulhou no subsolo de um edifício.

O estacionamento estava quase vazio naquela manhã. Pouco mais de meia dúzia de veículos podia ser notado.

A Empresa em que atuava, ocupava boa parte do segundo andar. O elevador parava diante de uma grande sala de recepção. E, ao fundo, os setores da Empresa eram divididos por pequenas divisórias em meia parede de madeira e vidros na parte superior. Com exceção da sala da gerencia comercial, que ficava na lateral, como uma das últimas ao final do corredor, tinham as paredes laterais cobertas em madeira laminada até o teto. E a parede de fundo, esta com vista para a principal Avenida, assim como a parede de entrada, eram feitas em vidros. Na porta de entrada, um adesivo anunciava que a sala abrigava a gerencia comercial, e logo abaixo, estava o nome do gerente da divisão.

O senhor Vernner, com um toque, deu vida a um grupo de lâmpadas embutidas no teto. Colocou a pasta sobre o aparador lateral e verificou a garrafa térmica. Não teve dúvidas que precisaria fazer um novo café.

Havia deixado alguns papéis espalhados sobre a mesa principal. Era o trabalho extra que precisava de sua atenção. Rapidamente, revisou algumas folhas. Eram apontamentos, alterações contratuais com reajustes para um ou outro cliente. Precisaria decidir qual índice aplicar, simular projeções de reajustes futuros e rever alguns parágrafos para uma eventual modificação de contrato.

Ligou o computador.

Enquanto seu notebook entrava no ar, o executivo passou a mão na garrafa térmica e seguiu em direção á cozinha.

No corredor que o levaria até o pequeno ambiente, deparou com um funcionário do setor de limpeza e conservação do prédio. Parecia, também, fazer um serviço extra naquela manhã de sábado.

O homem vestia um macacão cinza, com um nome bordado na altura do bolso superior, que o identificava como sendo do serviço de limpeza, e um boné, no alto da cabeça, completava sua vestimenta. À medida que movimentava uma vassoura pelo corredor, também empurrava um carrinho repleto de acessórios pertinentes ao trabalho.

— Também te colocaram no serão do sábado, meu jovem? — O senhor Vernner

cumprimentou, enquanto abria a porta da cozinha.

O homem girou a cabeça em direção ao executivo e apenas sorriu ao canto da boca. A pequena máquina de café entrou em ação e duas xícaras foram separadas. O executivo gostaria de ser gentil com o homem da limpeza.

Logo, o senhor Vernner apareceu no corredor empunhando uma xícara de café. Procurou o homem da faxina, mas não o encontrou. Certamente, terminara o trabalho naquela parte, e estaria em alguma sala por perto. Ainda caminhou pelo corredor, na tentativa de ver o homem. No entanto, ele não estava mais ali.

De volta à sala da gerencia, o executivo apreciou, por alguns segundos, a chuva fina que banhava a vidraça ao fundo. Enquanto segurava a xícara com o líquido negro, pode ver os poucos veículos que trafegavam pela Avenida.

Enfim, resolveu dar início aos afazeres previstos para aquela manhã.

Mergulhou em sua confortável cadeira e voltou a manusear os papéis sobre a mesa. A tela do computador estava, agora, preenchida com planilhas e documentos de textos diversos.

Ao levantar um bloco de papel, observou um minúsculo aparelho gravador, ao canto da mesa. O objeto chamou sua atenção. Tentou lembrar se em algum momento, poderia ter deixado um aparelho daquele gênero por ali. Nenhuma lembrança lhe veio à mente.

Em seguida, apanhou o objeto e cautelosamente passou a examiná-lo.

Na parte frontal do aparelho, havia um grande botão com a imagem de uma seta, indicando o início, provavelmente, de algum som gravado anteriormente.

Antes de saciar sua curiosidade, e apertar o botão do player, o senhor Vernner olhou ao redor. Pensou em quem teria colocado aquele gravador em sua mesa. Talvez o homem da limpeza pudesse tê-lo esquecido ao passar por sua sala. Possivelmente, fora isto.

Com o gravador em punho, abriu a porta da sala e olhou ao longe, na tentativa de localizar o homem. O silêncio abafado e frio do corredor, revelava que mais ninguém, além do executivo, estava naquele andar do prédio.

Certamente, o dono do aparelho iria aparecer quando desse por falta do objeto.

Com estes pensamentos, o senhor Vernner retornou ao conforto de sua cadeira.

Depois de, insistentemente, examinar o gravador por todos os ângulos, decidiu apertar o player.

Poucos segundos se passaram para que uma voz se fizesse ouvir. O timbre forte e áspero bradou moderadamente no alto falante do aparelho:

— *Ano de mil novecentos e noventa e oito... Festa de Formatura... Homem espancado e violentado por um grupo de formandos...* — Houve uma pequena pausa: — *Vimos te cobrar...*

O senhor Vernner cerrou os olhos. Não acreditou nas palavras que acabara de ouvir. Mais uma vez, apertou o botão do player e ouviu atentamente a voz da gravação.

Certamente, aquilo era uma piada. Uma piada de extremo mau gosto. Pensou. Olhou ao redor de sua sala. Por um momento, o executivo ficou paralisado. Algumas lembranças, guardadas em um lugar inerte no seu cérebro, insistiram em vir à tona. Os flashes passaram em sua mente como relâmpagos em noite de tormenta. Os pensamentos e as imagens de um passado remoto, lhe fizeram viajar no tempo. Eram lembranças que o executivo havia depositado no lugar mais profundo de sua memória. E, por nada neste mundo, iria desenterrar este passado. Absolutamente, por nada.

Diversos pensamentos povoaram a mente do executivo. Pensou na possibilidade de um antigo amigo, estar lhe pregando uma peça. Enfim, logo, iria descobrir a origem da brincadeira.

Subitamente, um barulho soou do lado de fora da sala. Pareceu ter vindo do corredor.

O senhor Vernner, com o rosto enrubescido, virou rapidamente em direção à porta de entrada da sala. Não havia mais ninguém por ali, além do executivo.

Um novo barulho se fez ouvir. Agora, na parede de vidro ao lado da porta.

O executivo ajustou os óculos diante de seu rosto e tentou definir a imagem que acabara de aparecer colada na vidraça, do lado de fora. Instantaneamente, o queixo lhe caiu do rosto. Seu coração disparou.

O homem da limpeza estava apoiado sobre a vidraça, com as mãos levantadas e o rosto banhado em sangue. A face do homem tocou o vidro e o líquido da vida escorreu.

O executivo arregalou os olhos. Reconhecera o homem, moribundo, sobre a vidraça. De um salto, caminhou em direção à parede de vidro. Precisava confirmar com precisão o que estava lhe saltando os olhos. Não teve dúvidas. O funcionário da limpeza estava com as faces do rosto e o pescoço, dilacerados.

O homem agonizava. Seu corpo parecia estar desfalecendo.

Por um instante, o senhor Vernner viu o homem balbuciar alguma palavra. O movimento que fazia com a boca não era nada revelador. Mas poderia ser entendido como um pedido de socorro:

— Me... Ajude...

Em seguida, o corpo do homem escorregou pela vidraça, até alcançar o chão. As marcas vermelhas deixadas no vidro traçaram o seu destino. Tombado ao solo, podia se ver as últimas golfadas de sangue que se pronunciavam através de sua garganta.

O executivo tomou o corredor. Agachou ao lado do homem a fim de constatar a sua situação e não teve dúvidas: O funcionário da limpeza estava morto.

Um silêncio sepulcral pairou sobre o segundo andar do prédio, naquele momento. Apenas o barulho da chuva e do vento que batiam na parede de vidro, podia ser ouvido.

O senhor Vernner estava estarrecido com o que acontecera. Havia um assassino em algum lugar do edifício. Possivelmente, naquele andar. Pensou no gravador que

encontrara em sua mesa. Nas palavras que saíram do aparelho. Não fazia sentido. Nada parecia fazer sentido. Pensou em telefonar para alguém. Pedir ajuda. Talvez a Polícia. Sim. Teria que chamar a Polícia. Lembrou que guardara uma arma na gaveta de sua mesa, um tempo atrás. Era uma pistola obtida de forma legal, com registro, treinamento para utilização, e toda a papelada que envolve a aquisição de uma arma de fogo.

Subitamente, as luzes do final do corredor se apagaram. Em seguida, uma a uma fora desligada. Rapidamente, todo o corredor ficou as escuras.

O senhor Vernner não vacilou. Algo de muito errado estava acontecendo ali. Precisava alcançar o telefone. E também, a arma em sua gaveta. Deixou o corredor e entrou em sua sala. Tirou o fone do gancho e passou a discar o número de chamada de emergência da Polícia. O executivo pasmou. Para sua surpresa, o cabo do telefone estava cortado. Jogado ao chão, bem ao lado de sua mesa.

Um arrepio lhe subiu as espinhas.

Tateou as mãos sobre os papéis a mesa, a fim de localizar o celular. Estava certo que o teria deixado por ali.

Neste instante, a iluminação da sala do senhor Vernner foi desligada.

O executivo sentiu um sopro em sua nuca. Um sopro vindo do nada. Não poderia mais perder tempo. Tinha que apanhar a arma em sua mesa. Correu para a cadeira e abriu a última gaveta. Rapidamente, passou a mão sobre alguns papéis, alcançou o fundo do compartimento, e lá estava ela. Puxou a pistola de calibre ponto trezentos e oitenta, de fabricação nacional. Em um gesto rápido, moveu a trava da arma e empurrou a primeira bala do pente para a agulha. Suspirou, com certo alívio. O fato de portar uma arma lhe concedera uma leve sensação de proteção.

Os pingos da chuva tocando a vidraça era o único barulho que chamava a atenção do executivo. Enquanto os carros cruzavam a Avenida, lá embaixo, o silêncio sombrio e sereno, insistia em habitar o segundo andar daquele prédio.

A aparente tranquilidade fora quebrada, quando o senhor Vernner viu uma imagem que refletia na vidraça que separava sua sala do corredor. Forçou a vista para tentar decifrar o que lhe chamara a atenção. Parecia ser um vulto de um homem. Cerrou os olhos. Moveu a cabeça lentamente para a lateral e nos instantes seguintes não teve mais dúvidas. Sim, era a imagem de um homem que estava refletida na vidraça. Parecia estar do lado de fora. Porém, se a imagem estava refletida, não poderia estar do outro lado. Teria que estar... Dentro da sala.

O executivo girou a cabeça para o interior do ambiente e sua suspeita fora confirmada. Com a pouca luminosidade que entrava pela vidraça que dava para a Avenida, pode ver o homem de pé no centro da sala. Era um sujeito ligeiramente alto, de porte bem definido e parecia trajar toda uma vestimenta na cor preta.

O senhor Vernner suspirou profundamente, enquanto a arma tremeu em sua mão.

O homem de preto estava estático. Parecia estar congelado no centro da sala. A minúscula lâmpada ao lado da boca oscilou algumas vezes. Era a câmera procurando

um foco melhor durante a transmissão da imagem. Um ruído se fez ouvir, proveniente do ar que entrava e saía pela abertura da máscara negra.

— Quem é você? O que faz aqui? — O executivo estava pasmo.

Diante de um fino feixe de luz, a lâmina de uma adaga brilhou na mão do homem de preto. O sangue que escorria pela ponta do objeto cortante, manchava o assoalho.

— Se der um passo, eu mato você! — Gritou o executivo.

O senhor Vernner estava estarecido. O sujeito a sua frente não respondia aos seus argumentos. Percebeu o sangue que escorria da faca. Não teve dúvidas que aquele fora o algoz do funcionário da limpeza. Com a arma escondida sob a mesa, estava preparado para atirar em um só movimento a sua frente.

— Você colocou o gravador na minha mesa, não foi? — Questionou o executivo. — Que brincadeira é está? Quem mandou você aqui? Vocês querem me assustar não é? O homem de preto continuava estático no centro da sala enquanto o senhor Vernner continuou:

— Fizemos um juramento de que nunca mais tocaríamos neste assunto. Enterramos o passado. Porque querem levantar isto agora?

O suor brotava na face do executivo. Não conseguia mais conter a impaciência diante do silêncio assustador do homem de preto. Lentamente, afastou a cadeira para trás. Precisava de mais espaço, caso fosse disparar a arma em direção do invasor.

— Além do mais... — Continuou: — O rapaz morreu dias depois, no hospital. Foi o que ficamos sabendo na época.

O senhor Vernner percebeu que havia uma câmera colocada na máscara do homem.

— Alguém está me vendo do outro lado, não é? Onde ele está? Ele pode me ouvir?

— O executivo estava nitidamente descontrolado: — Quem está aí? Apareça, seu covarde. Venha até aqui. Não me mande um garoto de recados.

Distante dali, a imagem de dentro da sala de monitoramento, oscilava na tela de um computador. A imagem do rosto descontrolado do senhor Vernner, parecia estar um tanto distorcida. O sinal não era o melhor que se pode ter, mas a imagem não deixava dúvidas sobre o desespero que tomara conta do executivo.

Um rosto intacto e olhos compenetrados observava a imagem no monitor. O sujeito estava imóvel diante da cena.

No segundo andar daquele edifício, no interior da sala, quase que invisível diante da penumbra, o homem de preto se preparava para entrar em ação a qualquer momento. Sua musculatura estava tensa. Teria que partir em direção a sua vítima e cumprir sua missão.

O senhor Vernner tinha afastado a cadeira o suficiente para que a mesa não o atrapalhasse, no instante em que tivesse que atirar. Parecia não ter dúvidas de que isto iria, de fato, acontecer.

— É ele que está por trás desta câmera, não é? — Balbuciou: — Então ele não morreu. É isto? E agora voltou... Para se vingar?

O executivo sorriu sarcasticamente. Um sorriso nervoso. Tenso.

Neste instante, uma voz metalizada soou no fone de ouvido do homem de preto:

— *Jack. Não perca mais tempo. Acabe com ele.*

O invasor suspirou profundamente. Seus pulmões ficaram totalmente abastecidos de oxigênio. Seus músculos contraíram. Estavam todos rígidos, como se estivessem preparados para um ataque. Enquanto uma de suas pernas deu um passo á frente, a adaga foi suspensa no ar.

O executivo não vacilou. Percebeu que o invasor entrara em ação.

A lâmina brilhou repentinamente, ao passar por um feixe de luz.

O senhor Vernner ergueu a pistola em direção do homem a sua frente e disparou o tiro.

O estampido ecoou por todo o segundo andar do edifício. Um rápido reflexo luminoso foi visto deixando a arma, em uma fração de segundos após a explosão da pólvora.

O projétil atravessou o ar até atingir a perna direita do homem de preto, na altura da coxa. Rasgou parte do tecido muscular lateral e seguiu viagem deixando o corpo do homem.

Com o impacto do ferimento, Jack conteve seu eminente ataque. A perna vacilou ao tocar outra vez o chão. O tiro fora uma grande surpresa. Não sabia que o executivo estava armado. Antes que pudesse ser atingido por um segundo disparo, Jack recuou. O senhor Vernner estava tremendo. Esperava que o agressor continuasse em sua direção. Como isto não acontecera, imaginou que poderia tê-lo atingido. Sem pestanejar, tentou decifrar em meio á penumbra, os movimentos do invasor. Com prudente decisão, empunhou outra vez a arma em direção ao vulto a sua frente e efetuou um novo disparo. O tiro saiu seco.

Prevendo outro tiro, Jack saltou ao chão. O projétil, desta vez, não o alcançara. Rastejou para trás de uma pequena poltrona, no centro da sala. Daquele ponto, parecia ter saído do alcance do atirador.

Neste instante, a voz metalizada voltou ao fone de ouvido:

— *Jack, o que aconteceu? ... Jack?*

Ouve uma pausa antes do homem de preto, responder:

— Fui atingido... O cretino tem uma arma.

— *Filho da puta...*

— O que disse?

— *Não é nada...*

— Não é grave. A bala saiu.

— *Tome mais cuidado, Jack.*

Com agilidade, Jack sacou a pistola Glock que estava presa ao cinto, em torno da cintura. Com um toque, preparou a arma para entrar em ação. Realmente, não poderia perder mais tempo. O barulho dos tiros, logo, iria chamar a atenção de alguém.

O suor escorria pelo rosto do executivo. Sabia que havia atingido o invasor. Mas, não sabia o quanto estava ferido. Talvez o homem estivesse estirado ao chão, bem ao centro da sala. Teria que sair do abrigo de sua mesa e avançar a um ponto onde pudesse ter um campo de visão maior do ambiente.

— Acertei você, não foi? — Bradou o senhor Vernner, com desdém.

O executivo bonachão esperou, em vão, uma resposta. O homem parecia ser mudo. Em nenhum momento, trocara uma palavra. O executivo levantou o corpo até colocar às costas rente á parede que dividia o banheiro reservado de sua sala. Dali pode ver aumentado o seu campo de visão. Forçou os olhos para enxergar por entre a penumbra. Não pode ver nada. Em seguida, deixou a parede e caminhou vagarosamente para o lado, em direção á porta de entrada. Se o homem estivesse caído ao chão, logo iria ver uma grande mancha negra sobre o tapete. Com passos extremamente lentos, e com a arma em punho, mirando o centro da sala, o executivo seguiu atentamente.

Jack estava sentado ao chão, atrás da pequena poltrona. Não podia sair dali. Se fizesse um movimento brusco, iria revelar sua posição. E isto, poderia ser fatal. Girou a cabeça e fixou o olhar na vidraça que separava a sala do corredor. Pode então, observar a sombra refletida no vidro, que se movia lentamente na escuridão. Era o executivo em movimento. O homem de preto se preparou para tentar apanhá-lo de surpresa.

Á medida que o executivo dava mais um passo, o invasor olhava compenetrado para a sombra no vidro. Esperava o momento certo para sair do seu esconderijo e iniciar um contra-ataque.

O senhor Vernner agora, podia ver o centro da sala. Procurou pelo possível homem caído no chão. No entanto, o que pode ver, foi um vulto num ágil movimento, saído detrás da poltrona. Antes que pudesse esboçar qualquer reação, o barulho do disparo de uma arma de fogo foi ouvido.

O projétil entrou na altura do ombro esquerdo do executivo. Com o impacto, o homem fora jogado um passo atrás. Seu corpo tocou a parede de vidro. Logo, levou a mão direita ao ombro, na tentativa de fazer parar a dor que queimava sua carne, naquele momento. Um terrível gosto de morte lhe veio á boca. Imediatamente, o sangue vazou pelo ferimento, deixando um rastro vermelho sobre a camisa. Um grito de dor revelou o sucesso da pontaria certa do invasor.

Jack não tentou um segundo disparo. Ao menos neste momento. Perdera completamente a posição do executivo. Mas teve a certeza de que o atingira, em cheio.

— Agora estamos empatados... — Bradou o senhor Vernner: — Você não passa de

um garoto de recados. Vou matar você. Depois... Vou pegar o verme do seu amigo... O executivo estava mais sarcástico do que nunca. A tensão e a dor no ombro, o estava deixando louco. Agora sabia exatamente onde estava escondido o invasor. Precisava recuperar o fôlego, acostumar com a dor e seguir para outro ponto da sala. O suor e o sangue que escorria, tinham deixado sua camisa grudada ao corpo. Cautelosamente, o homem se arrastou pelo chão até chegar a sua mesa de trabalho. Contornou a lateral da mesa e saiu rente a parede do banheiro interno da sala. Daquele ponto, podia disparar contra a pequena poltrona. Certamente, iria crivar de balas o homem de preto. Ele não poderia se mover para nenhum dos lados da poltrona, sem ficar a vista.

Jack pressentiu os movimentos do executivo. Sabia que sua posição havia sido revelada. Algo teria que ser feito. E muito rápido.

Com a pistola Glock em punho, o invasor arriscou um brusco movimento. Girou o corpo para o lado, em direção á porta de entrada, e rolou pelo chão.

O executivo percebeu o movimento no assoalho da sala. Não hesitou em disparar. Atirou.

O barulho do disparo ecoou mais uma vez pelas paredes.

O projétil não atingira o invasor. E com o tiro, revelara a localização do executivo bonachão.

Jack, com incrível agilidade, girou a pistola em direção á fagulha da pólvora, que fora lançada ao ar, e devolveu o tiro.

Um grito de dor cortou a escuridão da sala.

A bala perfurou o lado direito do peito do senhor Vernner. Atravessou a camada muscular, rompeu o pulmão e mudou de direção ao se chocar em uma das costelas superiores. Em seguida, desceu dilacerando os tecidos que pode encontrar pela frente, até que perdeu a força e passou a arder como fel, dentro do corpo do executivo.

O homem girou pela parede e tombou junto á vidraça. Desesperado, puxava o ar a qualquer preço. Sentiu seu corpo estremecer como se estivesse em um momento de fúria. O senhor Vernner Concentrou todas as forças que ainda lhe restavam e ergueu-se, diante da escuridão.

Em seguida, soltou um grito de pavor:

— Eu vou matar você...

O invasor estava deitado ao chão, protegido pela escuridão, quando viu o executivo de pé. Ainda com a arma em punho, próximo a vidraça, se preparava para disparar.

O agressor não vacilou. Atirou na figura de corpo inteiro bem ali, na sua frente. Desta vez, o projétil entrou no meio do peito.

Em seguida, um novo estampido foi ouvido. Um pequeno orifício fora desenhado na testa do senhor Vernner. Atrás do seu crânio, fora construído um buraco bem maior, por onde a bala viajou até alcançar a vidraça.

O vidro estilhaçou em várias direções.

Com os impactos dos projéteis, o corpo do senhor Vernner foi jogado contra a vidraça, as suas costas. Ao tocar no vidro em decomposição, o corpo do executivo despencou do segundo andar em direção a calçada, junto a Avenida.

Com ele, dezenas de fragmentos em vidro, se renderam a força da gravidade e viajaram em um mesmo destino.

Em poucos segundos, um meteoro parecia ter alcançado o nível da rua.

O barulho do corpo se chocando contra o solo, chamou a atenção dos transeuntes que passavam naquele momento.

Uma senhora, aparentando um pouco mais de sete décadas na idade, se aproximou. Séria e compenetrada observou o rosto do homem, espatifado no chão. Fez uma cara de quem não tinha entendido, exatamente, como aquele sujeito havia chegado ali. Contemplou a face do homem até que moveu o guarda-chuva para o lado, fixou o olhar ao alto, até alcançar a vidraça quebrada, no segundo andar do edifício.

A mulher olhou por um momento, até que teve a leve impressão de ter visto uma sombra se movendo no vão da vidraça. Após forçar a vista, na tentativa de uma melhor visualização, não conseguira distinguir com precisão, o que poderia estar vendo. Pensou que talvez fosse apenas uma impressão.

Uma simples impressão...

No interior de sua residência, Hebert Molinaro se preparava para dar início a mais uma semana de trabalho. Como previa sua agenda, o assunto principal da pauta seria a viagem para a Ásia. Embora esta fosse uma questão ainda em discussão com sua esposa Laura, sabia que teria que partir em busca de suas conquistas. Iniciar um trabalho de tal teor lhe daria uma visibilidade internacional, na área da consultoria financeira e de implantação de novos negócios. A ambição circulava por suas veias. Era mais forte do que qualquer argumento que lhe dissesse ao contrário.

Apesar de todos os anos vividos ao lado da bela Jornalista, o anseio por um futuro cada vez mais promissor no setor financeiro, fazia os olhos do consultor brilhar como uma constelação. Hebert não iria desistir dos seus projetos. Sabia perfeitamente disto.

Diante da grande janela da sala de estar, o consultor saboreava uma xícara de café, enquanto os pensamentos sobre a viagem atormentavam sua mente. Por vezes, tentava descobrir uma forma de convencer a Jornalista a largar tudo e lhe acompanhar. No entanto, tinha a certeza de que esta era uma tarefa das mais difíceis.

Laura também estava em seus últimos preparativos para sair, quando o telefone fixo quebrou o silêncio matutino.

Rapidamente, atendeu:

— Alo!

Do outro lado da linha, um antigo amigo do casal, se anunciou. Após os devidos cumprimentos e repetidas frases prontas serem trocadas, pediu para falar com o consultor.

— Ligação para você... — Pronunciou Laura em direção ao seu companheiro: — É o Eduardo Seixas.

Hebert tossiu e apanhou o telefone das mãos de Laura.

— Olá, Eduardo.

— *Bom dia, Hebert. Desculpe ligar tão cedo para sua casa. Mas... Preciso falar com você com uma certa... Urgência.*

Eduardo Seixas era um velho companheiro desde a época da Universidade. Embora tivesse trilhado um caminho profissional totalmente diferente, jamais perdera o contato com o casal.

— Em que posso lhe ajudar meu amigo?

— *É um assunto um tanto delicado para falar ao telefone. Precisamos nos encontrar.*

Hebert cerrou os olhos. O homem parecia aflito.

— Mas não poderia me adiantar o assunto?

Houve um rápido silêncio que logo foi quebrado pela voz do aparelho.

— *Acompanhou os noticiários deste final de semana? As manchetes sobre os assassinatos?* — Não! Não vejo este tipo de reportagem. — Falou Hebert, com afirmação.

— *Deveria ter visto. Estou preocupado. Aliás, estou muito preocupado.*

— A cidade está violenta, Eduardo. E não há nada que possamos fazer para mudar isto. Vamos lá,

meu caro, diga logo o que quer.

— *As mortes...* — Houve uma pausa: — *Parece que ele voltou. Não sei bem de onde, mas ele está aqui. Posso sentir isto.*

— Mas do que, exatamente, você está falando?

— *Precisamos no encontrar, Hebert. Vamos almoçar e então vou te colocar a par do que está acontecendo.* — Olha... Eduardo. Estou com o dia tomado, assuntos importantes e reuniões. Estou prestes a

viajar, e não posso me ausentar neste período. Talvez possamos...

O consultor fora interrompido.

— *Precisa me escutar, meu caro. O assunto é muito sério. Estamos todos correndo perigo... De morte.* Hebert paralisou por um momento. O seu interlocutor estava lhe deixando sem argumentos. — Você andou bebendo a esta hora da manhã, Eduardo? Pois, percebo que está alucinado ou algo parecido.

O homem do outro lado da linha raspou a garganta e continuou:

— *As mortes parecem ter ligação uma com a outra. As pessoas assassinadas eram todas do nosso grupo. Você*

precisa me ouvir, Hebert. Ele está entre nós. Ele veio se vingar. Você sabe do que estou falando... As palavras do homem estavam tremulas. Tensas.

Hebert seguiu até o final da janela. Contemplou o jardim do lado de fora e engoliu em seco. Não

sabia mais o que dizer para o homem ao telefone.

— Eduardo? Escute o que vou lhe falar... — Houve uma pausa: — Desde a morte de sua esposa, você

não anda bem. Deveria consultar um médico. Fazer análise, ou algo assim. Talvez, participar de um grupo

de terapia de controle emocional, entende o que digo?

— *Agradeço sua preocupação, Hebert. Mas quem não está entendendo a gravidade da situação é você.* — Então seja mais claro e vamos acabar com esta conversa. Tenho que estar na Empresa as... Outra vez, Hebert fora interrompido.

— *A festa de formatura da Universidade. O dia que juramos não lembrar. O rapaz homossexual envolvido na tragédia. Ele voltou para se vingar. Agora você entendeu?*

O telefone quase caiu das mãos de Hebert. Seu rosto corou. Por um momento teve vontade de desligar e sair em disparada.

— Agora tenho a certeza de que você está mesmo ficando louco... — O consultor raspou a garganta e continuou: — Fizemos um pacto de nunca mais falarmos sobre isto. O que deu em você, agora? — *Me de apenas alguns minutos e vou te provar que não estou louco. Basta ligarmos os fatos, e verá que há fortes indícios que darão veracidade no que estou te falando.*

Hebert engoliu em seco, outra vez. O homem agora atiçara sua curiosidade.

— Esta bem. Encontre-me às treze horas no restaurante Almanara Grill, esquina com a consolação...

— *Sei onde fica...* — Interveio o homem: — *Até lá. E tenha cuidado.*

Em seguida a ligação fora encerrada.

Hebert ficou por uns instantes, com o olhar perdido no vazio. Algumas recordações oscilaram em

sua mente. Eram lembranças esquecidas com o tempo que não desejava, de nenhuma forma, revive-las.

Possivelmente, o antigo amigo, Eduardo Seixas, estaria tendo alucinações ou mesmo sofrendo algum tipo

de paranoia. Desde que perdera sua mulher, a pouco mais de cinco meses, para uma enfermidade

repentina, o homem não atinava muito bem para certas questões. O estado emocional do amigo estava

quase sempre abalado e descontrolado. Por vezes, fora encontrado embriagado em bares pela cidade, se

lamentando de sua perda irreparável. Certamente, estaria fantasiando em sua cabeça, ligando

acontecimentos do passado a notícias atuais vistas nos telejornais, revistas ou qualquer outra fonte de

informação.

Laura apareceu no centro da sala, devidamente pronta para deixar a casa e vencer mais um dia de

trabalho. Estava radiante como sempre.

— Tudo bem com o Eduardo? — Indagou ao se aproximar do seu companheiro. Hebert suspirou fundo enquanto deixava a xícara de café sobre a mesa.

— Sim! Parece que tudo está sobre controle com ele.

— Vão almoçar juntos, hoje? — Quis saber Laura, quase fazendo uma afirmação. O consultor torceu para que Laura não tivesse escutado toda a conversa que tivera ao telefone. — É... Vamos almoçar.

— Ele me pareceu nervoso ao telefone.

— Sabe como é... O Seixas não é mais o mesmo, desde que perdera sua Mulher. Quer apenas

conversar um pouco.

Hebert apanhou a pasta sobre o sofá, deixou um leve beijo sobre a face clara da Jornalista e saiu

em direção á garagem.

— Um ótimo dia, querida.

Laura consentiu com a cabeça e ficou ali paralisada, acompanhando com o olhar a saída do

consultor. Por um momento, pressentiu que seu companheiro omitira alguma coisa.

Não era habitual

receber uma ligação do amigo Eduardo ao raiar do dia. Uma situação mais rotineira seria um telefonema,

a altas horas da noite, quando o homem já entorpecido pelo álcool, solicitava ajuda para chegar até sua

casa.

Com estes pensamentos, recolheu a chave do carro sobre o aparador e partiu.

◆◆◆◆

Pouco tempo depois, Laura percorria o hall de entrada da Revista.

Parou diante da caixa de correspondências. O recipiente ainda estava cheio. Lembrou que Sandi se encarregava de dividir o material de entrada e distribuir nas salas correspondentes. Pelo horário, já o devia ter feito. Apanhou o que estava endereçado ao seu setor e seguiu.

Ao passar pela mesa de sua assistente, notou a ausência de Sandi.

Em poucos segundos, cruzou o corredor e entrou em sua sala. Ligou o computador e passou a verificar os e-mails recebidos. Sua agenda eletrônica logo fez soar um sinal. Estava avisando de seu primeiro compromisso pela manhã.

Sandi apareceu no limiar da porta.

— Bom dia, Chefa! — Brincou, com certa timidez.

Laura desviou o olhar e se surpreendeu ao ver que sua assistente estava abatida, pálida e parecia ter emagrecido um pouco mais.

— O que há com você? Parece que um ciclone te trucidou, esta manhã.

Sandi tentou sorrir. Mas seu habitual estado de graça não se fez desenhar no rosto.

— Não estou bem. Não estive bem por todo o final de semana.

— O que deixou a minha bela assistente deste jeito? Foi algum príncipe que partiu

seu coração?

— Fiquei muito agradecida por você não ter ido á boate, na sexta-feira, como te convidei.

— E porque ficou agradecida? — Quis saber a Jornalista.

Sandi fez uma espécie de careta e continuou:

— Houve um assassinato. Na boate. Foi bárbaro.

— Mas que coisa horrível. Alguém que você conhecia?

— O conheci na boate. O homem morreu bem ali na minha frente. Não tivemos como fazer nada.

— Ao menos pegaram o assassino? Chamaram a Polícia?

— Nós o vimos. Mas não o pegaram. Quando a Polícia chegou o homem já havia desaparecido.

Laura fez uma cara de insatisfação.

— Você poderia reconhecê-lo se o visse?

— O assassino estava mascarado. Seria impossível identificá-lo.

— O mundo é um lugar violento, Sandi. E de alguma forma, temos que conviver com isto.

— O homem deve ser um psicopata... — Admitiu a assistente: — Só um louco sai por aí matando as pessoas.

Laura, num gesto de carinho, abraçou a jovem e lhe beijou a testa.

O restaurante Almanara Grill estava movimentado, como de costume. Era um pequeno ambiente, porém acolhedor e oferecia uma excelente refeição, apreciada por quase toda a tribo que cultua um bom churrasco bovino.

Hebert Molinaro apareceu no corredor central e girou a cabeça para ambos os lados, a procura do amigo que o aguardara. Entre as mesas dispostas ao canto, pode ver Eduardo, degustando uma bebida.

Aproximou-se da mesa e num gesto tentou afrouxar a gravata que adornava seu pescoço.

— Olá, Seixas! — Cumprimentou enquanto puxava uma cadeira: — Bebendo a esta hora, meu caro?

— Olá, Hebert! Sinto muito, mas tenho que tentar relaxar. Estou uma pilha.

Os amigos apertaram as mãos.

Hebert olhou para os lados e começou a falar:

— Tenho um amigo que é Médico. É da área da psiquiatria. Quero te indicar. Acredito que vai poder te ajudar. O que acha?

Eduardo sorriu ao canto da boca, como se não tivesse dado a devida importância às palavras do amigo.

— Tudo bem, Hebert... — Retrucou Eduardo, apoiando os cotovelos sobre a mesa:

— Eu aceito a sua preocupação. Mas o que tenho pra te mostrar é mais urgente que isto...

O consultor balançou a cabeça num gesto de confirmação.

Eduardo torceu a boca e continuou:

— Os telejornais noticiaram algumas mortes que me deixaram doido. Encontrei uma relação entre elas. As vítimas se formaram na Universidade Federal de São Paulo, no mesmo ano. E estiveram na festa de formatura... — Houve uma pausa: — Na nossa festa de formatura...

Eduardo ajeitou o cabelo para o lado e prosseguiu:

— As vítimas estavam no nosso grupo, na hora em que atacamos aquele rapaz...

Hebert interveio sobressaltado:

— Esqueça esta parte. Não precisa mencionar isto.

— Mas é a pura verdade... — Gesticulou o amigo enquanto falou: — Não podemos fingir que isto não aconteceu. Acho que ele voltou e quer se vingar das pessoas que participaram do massacre. Veja isto...

Eduardo colocou alguns recortes de jornal sobre a mesa. Eram reportagens referentes aos assassinatos a que se referia.

— Esta Mulher, Patrícia Hemiliana, era a esposa do Rodrigo Sanchez. Ele estava

conosco naquele fatídico dia... — Falou apontando o dedo indicador para um recorte de jornal: — Ele morreu a cerca de um ano, em um acidente de carro. O assassino não o encontrou em sua casa. Então, matou a Mulher.

Hebert franziu a testa e deixou que o amigo continuasse a explanação. Outro pedaço de jornal foi empurrado sobre a mesa.

— Este aqui é o Hugo. Você deve lembrar-se dele. Foi morto dentro de uma boate na sexta passada. Um crime horrível. Também estava naquele maldito baile de formatura.

— Mas não é possível... — Insinuou Hebert, tentando conter o amigo.

— Me deixe continuar, por favor. Você veio para me ouvir...

— Prossiga. — Consentiu Hebert.

— Temos mais este do final de semana. É o Maurício Vernner. O cara sarcástico, do grupo. Acredito até que a ideia de atacar o rapaz tenha partido dele. Mas isto não vem ao caso. O que importa é que ele foi encontrado morto na calçada, em frente à Empresa em que trabalhava. Segundo o noticiário, foi baleado e jogado pela vidraça do segundo andar... — Eduardo passou a língua pelos lábios e soltou: — Algumas pessoas mencionaram ter visto um homem alto e forte, completamente vestido de preto e com uma máscara, ou uma toca na cabeça, algo assim.

Houve um silencio momentâneo.

O consultor apanhou os recortes e correu os olhos rapidamente. Percebeu que o amigo não estava inventando ou fantasiando aquela história. Os crimes haviam acontecido e estavam registrados pelos repórteres, e eram todos de conhecimento da Polícia. Provavelmente, uma investigação já estaria em curso. As evidencias de uma possível ligação entre as vítimas, pareciam, agora, ser facilmente percebidas.

— Não entendo uma coisa... — Falou Hebert, com indignação na voz: — O rapaz daquele maldito ataque... Está morto.

— Foi o que ficamos sabendo... — Interveio o amigo: — Também foi o que a família confirmou na época. Mas não é o que os fatos nos mostram. Parece que o filho da puta... Voltou não sei bem de onde. Talvez do inferno.

Hebert mordeu os lábios. Ficou pensativo por um segundo.

— Pode não ser ele. Talvez algum maluco tentando se passar por ele.

Eduardo entornou todo o conteúdo do copo pela garganta. Estava pálido. Branco. Tenso.

— Seja como for, temos que fazer alguma coisa... — Insistiu Eduardo: — Não podemos ficar esperando este psicopata chegar até nós.

Hebert sentiu a garganta seca. Uma mistura de fome e sede lhe sucumbiu o cérebro. Precisava beber alguma coisa, um ar puro ou algo que fizesse descer o estresse em que o assunto o colocara.

Várias imagens passaram em sua mente. Imagens que nunca mais deveriam ser lembradas. Como esquecer momentos trágicos e bárbaros do passado, com tudo que acabara de ouvir, trazendo a tona aquele dia nebuloso outra vez?

— Não sei o que pensar... Estou tonto com tudo isto. — Admitiu o consultor.

Eduardo fez um sinal para que o garçom se aproximasse.

— Me traga outra dose deste Bourbon, por favor.

Hebert ergueu a cabeça e disparou:

— Um para mim, também. Preciso de uma boa dose.

O garçom consentiu com a cabeça e se afastou.

Eduardo inclinou o corpo para frente e fitou os olhos do Consultor:

— Temos que ir a Polícia. Precisamos de proteção.

— Você está louco. Desta forma vamos nos entregar. Eles vão remexer o processo e provavelmente nos colocar em cana. Não posso me expor assim. Tenho negócios em andamento. Isto me prejudicaria muito.

— Não vejo outro jeito, Hebert. Estamos correndo perigo.

O garçom apareceu com os copos, acompanhado de uma bela garrafa de um legítimo Bourbon e despejou as doses. Os cubos de gelo se chocaram ao serem banhados pelo líquido.

Hebert estava com o olhar ao longe. Parecia não ouvir nada ao seu redor. Sua mente viaja por pensamentos dos mais inusitados que já tivera.

— Estou prestes a viajar... Vou para a Ásia. Tenho um grande trabalho a fazer.

— Está pensando em fugir, não é? — Disparou Eduardo.

Hebert voltou o olhar para o amigo.

— Não veja por este lado. É apenas uma mera coincidência que veio em boa hora.

Eduardo tomou uma dose e balbuciou:

— Quando vai contar a Laura?

— Não vou! — Hebert fora taxativo.

— Ela deve saber. Também corre perigo. Você deve isto a Ela. — Eduardo estava com os olhos arregalados. Não podia acreditar no que estava ouvindo.

— Como posso contar uma atrocidade desta magnitude para a Mulher que vive comigo á anos? Você realmente deve estar ficando louco. Uma revelação desta iria soar como uma terrível traição. Ela vai me odiar para o resto da vida se souber o que fiz naquele maldito dia.

— Mas não pode deixá-la fora de uma situação como esta. Não percebe isto? — Insistiu Eduardo.

O amigo estava perplexo com a frieza com que Hebert tratara de uma questão crucial como a que se encontrava, e não mostrava se quer um fio de preocupação com a Mulher.

Emendou em seguida:

— Leve-a com você. Assim estará salva.

— Ela não quer me acompanhar. Não gosta da ideia de morar em algum lugar da Ásia. — Então fique com ela! — Sugeriu Eduardo atônito.

— Não posso. Fechei um bom contrato. Não quero perdê-lo.

Eduardo passou as duas mãos pelo rosto até o alto da cabeça. Estava exausto e cheio

de toda aquela conversa. Precisava encontrar uma saída. A sensação de estar na expectativa para algum acontecimento terrível, não o deixava confortável. Suas mãos estavam suadas e tremulas, revelando seu abalado estado emocional.

— Estou me sentindo numa encruzilhada... — Confessou tenso.

Hebert colocou a mão no bolso e retirou uma penca de chaves. Selecionou uma argola com três unidades penduradas e as separou das restantes. Em seguida, jogou-as sobre a mesa.

— São as chaves da casa do sítio. Você conhece o lugar. Fique lá, até as coisas se acalmarem. Acredito que a Polícia vai apanhar este cretino o quanto antes. Não se preocupe... — Hebert virou o copo de Bourbon pela garganta e continuou: — Tenho um contato na Polícia. Vou ver se descubro alguma coisa.

O consultor se levantou, jogou uma nota sobre a mesa, deu um leve toque no ombro do amigo e seguiu em direção à saída do restaurante.

Eduardo estava solitário. Não tinha mais a quem recorrer. Sentia-se perdido no meio da gigante selva de pedra. Sair da cidade grande e isolar-se no interior do estado parecia ser uma ótima ideia. O centro nervoso dos grandes conglomerados o atormentava, a cada vez que os noticiários enchiam as manchetes com mais um ou outro homicídio. Deveria seguir o conselho do amigo e se refugiar bem longe dali. Ao menos por um tempo.

Por um instante, lembrou-se da amiga Laura. Companheira de longas datas, desde a época da Universidade. Não concordaria em deixá-la de fora do que estava acontecendo. Não era justo. Sabia perfeitamente que o assassino poderia encontrá-la e selar, então, o seu fim. Não se perdoaria jamais, se este fosse o desfecho da vida da Jornalista. Ao mesmo tempo, sabia que Hebert não o perdoaria, caso viesse a contar toda a história para Laura.

Mais uma vez, se encontrava diante de uma terrível encruzilhada.

Eduardo bebeu mais uma dose do seu Bourbon e olhou em volta com uma leve desconfiança. O restaurante estava movimentado. Percebeu o burburinho vindo de todas as direções.

O garçom se aproximou, recolheu os copos vazios e indagou:

— Vai fazer o seu pedido agora, senhor?

Eduardo suspirou profundamente, recolheu as chaves e empurrou o dinheiro para a lateral da mesa.

— Não! Obrigado.

Em seguida, levantou-se e tomou o rumo do lavabo.

Havia perdido completamente a fome. Os pensamentos oscilavam em sua mente como um ritual de tortura. E isto, o deixava saciado da fome física.

Com as mãos em forma de concha, banhou o rosto com a água da torneira. Fixou o olhar no espelho. Percebeu então, que estava com um ar cansado e a barba por fazer. Parecia exausto.

A imagem da Jornalista lhe veio à mente, outra vez. Tentou entender como Hebert

poderia agir daquela forma, deixando sua bela Mulher alheia a tudo que estava acontecendo. Expondo sua integridade, por uma tragédia do passado que não tivera participação alguma. Que tipo de homem agiria assim? Pensou.

Balançou a cabeça para ambos os lados, como se tentasse se livrar dos tormentos. O espelho a sua frente, revelava um sujeito com baixa autoestima. Sentira-se assim, desde a perda de sua Mulher. Embora não estivesse bem com o terrível incidente do passado, precisava reverter seu estado emocional e voltar à tona. Tomar o controle de sua vida, de modo racional, e seguir adiante. Deveria então, renovar as forças, tomar atitudes condizentes com alguém que quer realmente mudar de direção, e por que não, começar decidindo fazer a coisa certa. Começar agora, neste exato momento.

Eduardo deixou o restaurante e passou a caminhar pela calçada. Precisava de ar fresco. Retirou o telefone do bolso e procurou pelo número da Jornalista. Ficou satisfeito ao certificar-se que ainda tinha o contato gravado no celular.

◇◇◇◇◇

Laura estava diante de um grande monitor de vídeo. Era o computador de Yoshiro, funcionário do setor de Arte da Revista. O jovem exibia o editorial que havia montado para a reportagem de capa da próxima edição.

A imagem na tela era trocada, cada vez que a Jornalista sinalizava a aprovação da Arte. — Até aqui, parece estar tudo ok. — Falou enquanto apoiava a mão sobre o ombro do rapaz. Yoshiro avançou para a próxima página, enquanto Laura fazia algum apontamento. Neste instante, o telefone pessoal da Jornalista vibrou e tocou ao mesmo tempo. Na tela de cristal

líquido apareceu o nome de um antigo conhecido.

— Olá, Eduardo! — Saudou Laura.

— *Preciso falar com você, ainda hoje se possível...* — A voz tossiu e continuou: — *Não quero te assustar,*

mas é um assunto delicado. Na verdade, é urgente.

— Hum...

— *Desculpe. Não insistiria se realmente não fosse de grande urgência.*

— Você está metido em algo errado? Está encrocado com alguma coisa?

— *Estamos todos encrocados, Laura...* — Eduardo fora incisivo.

A Jornalista levantou a sobancelha e virou levemente o rosto para o lado.

— Pois, bem. Estou na Revista. Tenho uns minutos para um café. Não vá demorar. Laura encerrou a ligação e lembrou que Hebert havia marcado um almoço com o amigo.

Certamente, seu companheiro não o teria encontrado. Daí o motivo pelo qual o desejo de Eduardo em lhe falar. Provavelmente estaria passando por mais uma recaída de angústias e depressões, oriundas da ausência da Mulher. Não seria a primeira vez que o amigo procurara o casal para desabafar.

A Jornalista terminou a revisão do trabalho da equipe de Arte e retornou a sua sala. Ao passar pela mesa de sua assistente, percebeu que Sandi havia melhorado significativamente o seu humor. Falava alegremente ao telefone. Ao menos parecia ter esquecido, mesmo que por um momento, o acontecimento trágico do final de semana.

A matéria de capa da próxima edição da Revista estava, enfim, concluída. O que dava a todos os colaboradores, inclusive ao Redator-chefe, a sensação de respirar um ar mais leve e sereno. Embora a assessoria jurídica pedisse cautela nas palavras pertinentes ao caso do escândalo do Senador, as imagens negociadas com o mais novo informante da Revista, soavam como um trunfo, diante da acirrada concorrência. E a Jornalista principal da Empresa, sabia da importância que tivera na captação de tais informações. Mais uma vez, tinha a certeza de ter cumprido seu papel dentro da companhia.

Pouco tempo depois, Sandi surgiu na porta da sala.

— Com licença.

Laura girou o rosto em direção á porta enquanto a assistente continuou:

— Há um homem na recepção que quer falar com você. Diz se chamar Eduardo, e que você o aguarda.

— Sim! — Laura consentiu com um movimento de cabeça: — Leve-o para a sala de reunião. Estarei lá em um minuto. E por favor, nos sirva água e café. Obrigado.

A assistente sorriu e desapareceu.

A Jornalista, por um instante, ficou apreensiva ao pensar no que estaria por vir. O que o antigo amigo poderia ter de tão importante para lhe falar? Enfiou as mãos nos bolsos da calça e caminhou lentamente até a sala de reunião.

Eduardo estava sentado na última cadeira da parte lateral de uma grande mesa. — Como está o “senhor misterioso”? — Brincou Laura, ao ver o homem.

Eduardo levantou em direção a Jornalista e com a fisionomia abatida e pálida, fitou os olhos da

Mulher.

— Me perdoe por lhe incomodar no seu trabalho. Mas precisava muito falar com você. Laura consentiu com um leve sorriso.

— Vamos nos sentar.

O homem se acomodou, raspou a garganta e prosseguiu:

— O que vou falar não é nada agradável. Espero que compreenda minha ansiedade e tenha

complacência com o que vou revelar.

A Jornalista cerrou os olhos enquanto observava os trejeitos do homem.

— Primeiramente, veja estas reportagens... — Continuou ao espalhar os recortes de jornal sobre a

mesa: — São coberturas de assassinatos da última semana.

Laura manipulou os papeis e leu algumas linhas, enquanto o homem prosseguiu: — Lendo estas matérias, encontrei uma ligação entre as vítimas: Todas estavam na festa de

formatura da Universidade Federal do estado, no ano de mil novecentos e noventa e oito. Laura franziu a testa e fixou o olhar diretamente no amigo.

— Sim, é exatamente o que esta pensando... — Afirmou Eduardo: — A nossa formatura. A nossa

festa. Estávamos lá. Deve se lembrar do incidente com um jovem rapaz. O que fora surrado e estuprado. O encontraram no jardim do clube. Foi o fim daquela noite.

— Sim! Não há como esquecer. Foi uma tragédia. Ficou marcado para todos nós. Mas o que isto tem a ver com estas mortes?

Eduardo engoliu em seco.

— As pessoas que estão nas manchetes dos jornais, assassinadas, participaram, direta ou indiretamente, do ataque brutal ao jovem rapaz, na noite do baile de formatura.

A expectativa para o desfecho da conversa estava tomando conta do bom senso da

Jornalista.

— Como sabe disto? — Quis saber Laura: — Como pode saber quais as pessoas que participaram daquela barbárie? Nem ao menos a Polícia conseguira descobrir.

Houve um silencio. Eduardo abaixou a cabeça, fixou o olhar para o chão e suspirou antes de pronunciar.

— Eu estava lá! Participei do ataque!

Laura congelou. Seus olhos arregalaram como se tentasse ver através do homem a sua frente. Seria quase impossível acreditar na confissão que Eduardo acabara de fazer. Embora apresentasse problemas de distúrbios emocionais nos dias atuais, não era o suficiente para despertar uma motivação que o levasse a cometer uma atrocidade de tal teor. Não. Isto não poderia ser verdade. Pensou.

Eduardo estava com os olhos caídos. Parecia suplicar, a qualquer custo, o perdão de sua amiga.

— Diga que está mentindo... — Pediu Laura.

— É a pura verdade. Sinto amargamente por viver aquele dia, mas não posso mudar o passado. Éramos um bando de jovens bêbados e inconsequentes. Não sei exatamente como chegamos a este ponto, mas o fato é que cada integrante do grupo tem a mesma parcela de culpa.

— E você acha que o autor desses homicídios está tentando se vingar do que vocês fizeram, é isto? — Laura estava com os recortes de jornal em punho.

— Eu acredito nesta hipótese. Tenho quase certeza disto.

Eduardo se levantou e começou a andar pela sala. Estava impaciente. Passou as mãos pelo cabelo como se tentasse colocar todos os fios ao alto da cabeça.

Laura não sabia mais o que pensar. Estava atônita com o que acabara de ouvir.

— Por que está revelando tudo isto, agora?

— Porque estou apavorado... — Admitiu Eduardo ao canto da sala: — Não sei o que fazer.

— Conversou isto com o Hebert, não foi? — Houve uma pausa: — O que ele acha sobre tudo isto?

Eduardo olhou para Laura com o canto do olho. Não pode encarar a Mulher.

— Também está apavorado...

— Sim, mas o que ele te recomendou fazer?

Um silêncio abafado e sombrio desceu no ambiente naquele momento. O rosto de Eduardo tomara um aspecto evasivo e indeciso. Suspirou profundamente e disparou:

— Ele estava lá, naquela noite. Fazia parte do grupo...

Laura engoliu todas as salivas que pode, até que sua boca ficara completamente seca. Estava perplexa e com o rosto corado, enrubescido.

— O que está tentando me dizer, Eduardo? — Falou pausadamente, para que não houvesse dúvidas de sua indagação.

O homem então se virou e olhou de frente para a Jornalista.

— Exatamente o que entendeu Laura. Hebert estava lá... — Eduardo estava a ponto

de gritar: — Participou de tudo. Espancou e estuprou o rapaz. E agora, está prestes a fugir do País sem ao menos revelar a sua Mulher o risco que esta correndo. Você está me entendendo? Entende o que estou falando, Laura?

Um turbilhão de expressões desconstruídas tomou conta do rosto da bela Jornalista. Com a boca aberta e uma das mãos a apoiar a testa, balbuciou:

— Você não pode estar falando sério...

— Não é brincadeira, Laura... — Cortou Eduardo: — Você precisa acreditar. Está correndo perigo de vida.

Um sentimento de pura traição cortou o coração da Jornalista, naquele instante. Uma dor aguda e profunda rasgou seu peito. Logo, as lágrimas brotaram em seus olhos, enquanto um vazio imenso preenchera sua mente. Pensou que fosse desmaiar. Suas pernas vacilaram.

— Sinto muito... — Consolou Eduardo: — Mas precisava lhe falar.

Nada mais parecia fazer sentido para Laura. Todos os anos vividos ao lado de seu companheiro, sem nunca ao menos desconfiar das barbaridades que cometera no passado, á deixava sem forças para dar mais um passo, sem vontade de prosseguir, de continuar a jornada. Concluiu que não conseguira conhecer o homem com quem dividira sua vida por longos anos. Era como se dormisse eternamente com o inimigo, imaginando ter ao lado um anjo protetor. As lágrimas rolaram por seu rosto.

Eduardo empurrou a caixa de lenços de papel que havia sobre a mesa, para perto da Jornalista. Por um instante, se sentira mais leve. Embora soubesse que as revelações iriam ferir os sentimentos de Laura, não podia mais evitar aquele momento. As atitudes do seu companheiro, de longas datas, não eram condizentes com a reputação de Laura. Não podia mais ficar como espectador daquela história, onde o amigo Hebert se pronunciava como um verdadeiro cafajeste. Não podia concordar com isto.

Imagens de um passado distante invadiram a mente de Laura Thompson. Desde o dia em que conhecera o jovem rapaz, alegre e vibrante como a maioria dos jovens de sua idade, não tivera um só instante em que pudesse tecer pensamentos que manchasse sua conduta. Sentia-se como se o mundo tivesse desabado sobre seus ombros, ou que simplesmente lhe faltara o chão. Como poderia conviver com as verdades que acabara de conhecer e ao mesmo tempo ter que olhar nos olhos de seu companheiro, tentando não acreditar nas palavras reveladoras que acabara de ouvir? A voz de Eduardo, destruindo todo seu passado, iria ecoar por muito tempo em sua mente.

Laura secou as lágrimas e ergueu os olhos. Precisava se recompor.

— Temos que procurar a Polícia. — Sugeriu, em meio às lágrimas.

— Não vejo outra saída... — Confirmou Eduardo, colado na parede lateral da sala:

— O Hebert me passou as chaves da casa do sítio. Mas não sei por quanto tempo vou conseguir me esconder.

A porta da sala se abriu e Sandi apareceu com uma bandeja apoiando copos com

água e xícaras de café, além de outros acessórios de acompanhamento.

— Com licença.

Depositou a bandeja sobre a mesa e não pode deixar de notar o quanto Laura estava tensa.

— Posso ajudar em mais alguma coisa? — Indagou ao sair.

— Não! — Houve uma pausa antes de Laura pronunciar: — Sim, Pode me ajudar: localize o telefone daquele inspetor de Polícia, amigo do senhor Vladimir.

Sandi confirmou com um gesto e bateu a porta.

Eduardo puxou uma cadeira e sentou-se próximo a Jornalista.

— Tem certeza que quer fazer isto? Levar o caso a Polícia? Vai comprometer o Hebert. Laura suspirou profundamente.

— Ele já está comprometido...

Poucos minutos se passaram para que Sandi aparecesse outra vez. Trazia um cartão de visita em uma das mãos.

— Aqui está o telefone que pediu.

Laura apanhou o cartão. Olhou por um longo tempo o nome e o número gravado no pequeno pedaço de papel.

Enquanto seguia até o telefone em sua sala, pensou no que estaria fazendo ao procurar a Polícia. Fatalmente estaria envolvendo seu companheiro. Porém, se não levasse adiante as informações que acabara de desabar sobre seus ombros, como poderia continuar sem o tormento que iria lhe assombrar em cada esquina, a cada passo, e nas próximas noites antes de dormir. Não era justo passar por isto agora, depois de uma longa jornada de uma vida equilibrada e pautada na mais notada lisura. Sua existência parecia estar por um fio, naquele momento. Sua vida regressa já não mais existiria a partir dali. Mas não podia abaixar a cabeça e deixar afundar-se no atoleiro em que o seu estimado companheiro havia lhe metido. Teria que cerrar os punhos, olhar ao alto e atrair forças de algum lugar do universo, para que pudesse erguer a cabeça e encarar mais esta batalha.

Laura sabia que muitas das verdades em que acreditara, por longos anos, estavam se esvaindo como a água que escorre pelo ralo, ao canto da rua. Talvez, até mesmo a velocidade a qual escorre a água, poderia ser usada para fazer uma analogia sobre a perda de suas convicções, de suas razões e conceitos adquiridos ao longo do tempo. Suas forças pareciam ter deixado todo o seu corpo. O golpe fora cruel. E a ferida ficaria aberta... Por muito tempo.

Diante da parede de vidro transparente, a Jornalista fitava a paisagem ao longe. Com o olhar perdido por entre as edificações mais exuberantes do centro da cidade, uma lágrima ainda rolava por sua face clara.

As palavras reveladoras do antigo amigo vinham como um flash luminoso em sua mente, ecoando por todos os cantos do seu cérebro. Sabia que aquele tormento não iria passar em pouco tempo. Talvez, até mesmo fosse agravar quando chegasse o momento de confrontar seu companheiro e tentar colocar a limpo todos os segredos

guardados por aqueles longos anos. Pensou em como seria a reação de Hebert, ao indagar sobre sua participação no incidente da noite de formatura? Como poderia ter sido capaz de cometer tais atrocidades? E o que mais poderia ter feito? Estas e tantas outras perguntas invadiam seus pensamentos naquele momento.

Não podia acreditar que seu companheiro estivesse planejando deixar o País, sem que lhe pusesse a par do perigo eminente que rondava suas vidas. Era como se o homem em que depositara toda sua credibilidade, estivesse lhe entregando nas mãos de algozes vorazes, sedentos por seu sangue, sem ao menos saber ao certo os motivos pelos quais estariam lhe tirando a vida.

As lembranças da noite do baile de formatura lhe vieram á mente. O momento em que seu namorado havia se retirado em companhia dos amigos e lhe deixara sozinha no salão. Hebert ficara ausente por aproximadamente uma hora. Tempo suficiente para que toda a tragédia fosse planejada e executada. As imagens daquela noite fatídica, a voz do amigo revelando palavras cortantes e os gestos e atitudes de seu companheiro, tudo parecia se conectar, se fechar em uma terrível conclusão.

Pensou que em nome de todos os longos anos ao lado de seu companheiro, deveria escutá-lo, e então, avaliar melhor toda a situação. Precisa conversar urgentemente com Hebert.

Ao mesmo tempo, sabia que o amigo Eduardo havia lhe jogado nas mãos, pistas instigantes sobre os homicídios que manchavam as páginas dos jornais. As informações que tinham em seu poder poderiam ser de grande valia para a Polícia local. Como sendo uma Jornalista, era sabido que uma simples informação poderia fazer a diferença entre a verdade e a ocultação de fatos significativamente relevantes. Não podia ignorar isto. Eram pistas e evidências que poderiam nortear uma investigação até ao ponto crucial de localização e captura do autor dos assassinatos. Com estes pensamentos, a Jornalista discou o número gravado no cartão de visita.

Instantes depois, uma voz feminina soou no fone:

— *Departamento de homicídios. Polícia da capital. Em que posso ajudar?*

Laura raspou a garganta e correu os olhos no cartão.

— Preciso falar com o inspetor de Polícia, senhor... Mancini Milano. É a Jornalista Laura Thompson da Revista...

— *O senhor Mancini está em reunião, senhora.* — Cortou a atendente do departamento de homicídios: — *Quer deixar algum recado?*

— Por favor, preciso lhe falar com certa urgência. Diga-lhe que tenho pistas significativas sobre alguns assassinatos recentes. É muito importante.

Ouve uma pausa, até que a atendente retornou:

— *Hum... Aguarde na linha por um instante. Vou ver o que posso fazer.*

Houve um silencio do outro lado. A expectativa tomou conta do semblante da Jornalista, enquanto a imagem do seu rosto era refletida na parede de vidro, junto a Avenida.

— *Boa tarde, senhora Thompson?* — Uma voz grave se fez ouvir repentinamente no

fone: — *Detetive Mancini. Em que posso lhe ser útil?*

Laura engoliu em seco.

— Obrigado por me atender, senhor Mancini. Como disse, acredito ter pistas relevantes sobre alguns assassinatos.

— *Sobre quais assassinatos se refere, senhora? Temos uma lista imensa deles por aqui.*

— Está aqui comigo neste momento, um amigo que diz ter evidências concretas que pode levar a Polícia ao autor destes homicídios. Acho que precisa ouvi-lo...

Um instante de silêncio acalmou a linha telefônica.

Laura tossiu e continuou em seguida.

— Vemos uma ligação ente às vítimas. Refiro-me ao homicídio da boate Mikonos e o executivo que caiu do segundo andar, no sábado pela manhã.

Do outro lado da linha, o detetive Mancini cerrou os olhos. A Jornalista não parecia estar blefando. Diante de tais afirmações, o mínimo que poderia fazer, era verificar a veracidade das informações. O Policial apanhou uma caneta e um bloco de papel sobre a mesa e puxou uma cadeira para se acomodar.

— Diz que tem uma testemunha aí com você? É isto, senhora?

— *Sim! Não é bem uma testemunha, mas uma pessoa que sabe de fatos que a Polícia deveria saber. Tenho certeza que vai somar nas investigações. E, além disto, precisamos da ajuda da Polícia. Estamos em perigo. Tememos ser o próximo alvo do assassino...*

— Hum... Entendo. — O inspetor balançou a mão no ar freneticamente, chamando a atenção do companheiro de trabalho, sentado à mesa, a menos de três metros de distancia: — Pode me dar seu endereço, senhora?

Enquanto o detetive Mancini tomava anotações, o colega se aproximou rapidamente.

— O que houve? — Quis saber o companheiro de trabalho.

— Muito bem, senhora Thompson. Fique onde está. Vamos fazer uma diligência até seu endereço.

Mancini bateu o fone no ganho e voltou-se para o colega:

— Alguém diz ter uma pista sobre o nosso caso. O cara da boate e outro que caiu do segundo andar na Paulista...

— Ufha! Veio em boa hora! — Festejou o parceiro.

— A fonte parece ser confiável. Temos que verificar.

— Hum! Hum!

Mancini olhou por um tempo o endereço que acabara de anotar. Parecia já ter ouvido falar daquele local. Rapidamente, lhe veio à lembrança uma jovem que fora interrogada como uma das testemunhas do assassinato da boate.

— Me parece ter aqui uma peça de um quebra cabeças. — Balbuciou Mancini enquanto retirava o blazer do encosto de sua cadeira.

— Seja o que for, precisamos de alguma coisa. No momento, o que temos é muito pouco. — O colega pronunciou enquanto ajeitava a pistola presa ao coldre sob a

axila.

A divisão de homicídios estava movimentada, como de costume. Os telefones tocavam quase que todos ao mesmo tempo. Os detetives anotavam informações, interrogavam possíveis testemunhas, faziam reuniões e redigiam longos textos que iriam compor material para análise investigativa. Os mais variados tipos de homicídios surgiam no departamento, nos quais em sua maioria, movimentava um grande número de profissionais.

Os detetives passaram rapidamente pelo corredor. Em passos largos e apressados, alcançaram o elevador que os levaria até o estacionamento. Precisavam correr contra o tempo. Correr em direção á possibilidade de obter uma pista que os levasse a evoluir nas investigações. Isto soava como um presente que havia chegado de modo oportuno.

Eduardo Seixas estava sob uma intensa interrogação.

Na sala de reuniões da Revista, os detetives o crivavam de perguntas e faziam anotações de cada detalhe revelado. Eram indagações da época da faculdade, sobre os amigos de um modo geral, até a derradeira noite que culminara no ataque brutal ao rapaz.

Eduardo havia confessado que o fator que estimulara os alunos a cometerem o crime, fora nada mais que a pertinente homofobia, que na época exaltava os instintos mais ávidos de um grupo de alunos. Jovens intolerantes e pervertidos se juntaram como se fossem uma tribo de convictos radicais, tomados por arraigados conceitos, e assim, planejaram o surpreendente desfecho contra o rapaz. Motivados pelo alto consumo de álcool e pela intolerância da diversidade sexual, os alunos conceberam o ódio necessário para chegarem ao ponto crucial daquela noite.

Laura havia colocado para os investigadores a possível ligação entre as recentes vítimas e o acontecido na noite do baile de formatura. Não deixara escapar nenhum detalhe, nem ao menos, deixara de mencionar o seu companheiro, como o conhecera e sua relação até então. Até mesmo o ponto em que mencionava a viagem de Hebert para o exterior, como uma possível fuga diante dos acontecimentos.

O inspetor Mancini estava entusiasmado com as notícias que acabara de saber. Certamente, as revelações de Eduardo e da Jornalista, eram pistas que deveriam ter certa credibilidade, até que o contrário fosse provado. Agora, parecia ter em mãos, dados possivelmente plausíveis, para investigar.

— Senhor Eduardo? — Disparou o detetive Mancini: — Preciso que me escreva todos os nomes que puder lembrar, das pessoas que participaram do ataque ao aluno. Aponte, também, o nome do aluno agredido.

Imediatamente, Laura empurrou uma esferográfica e algumas folhas de papel em direção á Eduardo.

O detetive virou-se para a Jornalista:

— Senhora Thompson, onde posso encontrar o seu marido? Número do celular? Endereço?

O detetive auxiliar, Wilson Martino, preparou-se para continuar as anotações.

Imediatamente, a Jornalista cedeu ás indagações do homem enquanto o inspetor auxiliar redigia em um pequeno bloco de papel.

A secretária entrou na sala e deixou mais uma vez, a bandeja com pequenos copos de café e outros apetrechos pertinentes.

O detetive Mancini fitou a assistente ao canto do olho, e logo percebeu que reconhecera aquele rosto. Lembrou que após o terrível evento na boate, a jovem fora interrogada, mas pouco pode ajudar. Apenas definiu o tipo físico do assassino, uma

vez que seu rosto estava coberto por uma estranha máscara negra.

Eduardo, envolvido nas anotações, passou as mãos pela cabeça, como se tentasse forçar a lembrança de mais alguns nomes. No entanto, suas recordações eram confusas e intercaladas com acontecimentos recentes de sua vida.

— Isto é tudo que consigo lembrar... — Disse, estendendo o manuscrito em direção ao Inspetor: — Não tenho o nome da vítima. Não me vem á mente, agora.

O detetive correu os olhos em torno de meia dúzia de nomes transcritos naquele pedaço de papel. Acrescentou algumas frases ao final da folha, como o nome da Universidade Federal Estadual e o ano de mil novecentos e noventa e oito. Virou-se para a Jornalista e balbuciou:

— Por gentileza, poderia transmitir estes nomes para o endereço de e-mail anotado aqui, mais abaixo?

Laura fez que sim com um movimento de cabeça e deixou a sala em direção á mesa da assistente.

Imediatamente, o inspetor sacou o celular e selecionou um nome da lista de contatos. De pé, caminhando de um lado ao outro da sala de reuniões da Revista, o detetive passou a falar com alguém:

— Léia? Mancini. Estou te enviando por e-mail alguns nomes. Preciso que descubra os endereços destas pessoas. Residências, local de trabalho, telefone, enfim, o que puder levantar. Você terá como base que estas pessoas tiveram formatura acadêmica na Universidade Federal do Estado. Todas no mesmo ano.

— *Isto pode levar um bom tempo. Sabe disto, não é meu anjo?* — Advertiu a voz no fone.

— Isto é urgente, Léia. São pessoas correndo perigo. Faça o que puder para conseguir estes endereços.

— *Hum... Vou tentar alguma coisa. Você não merece muito... Mas vou ver o que faço.*

— Divirta-se.

O inspetor guardou o celular no bolso do blazer cinza e voltou-se para Eduardo:

— Senhor Eduardo, tenho que lhe pedir que não deixe o País. Caso tenha que sair do estado, terá que avisar a Polícia.

— Isto vale para todos nós? — Indagou Laura, ao retornar a sala.

— Exatamente, senhora... — Afirmou o inspetor Mancini ao contemplar a imagem da Jornalista no limiar da porta: — Farei contato com o seu marido ainda hoje.

— E quanto a nossa proteção? — Quis saber Eduardo: — O que a Polícia pode fazer?

— Para conseguir escolta Policial, precisamos provar que realmente estão correndo perigo: — Interveio o inspetor auxiliar, Wilson Martino: — Vai ter que assinar um depoimento a respeito de tudo que confessou aqui.

Eduardo demonstrou preocupação com as declarações do inspetor. Estava certo de que o tempo corria contra a vida dos envolvidos no caso da Universidade.

— É isto! — Confirmou Mancini.

Laura sabia das burocracias que envolvia uma investigação Policial. Embora o caso fosse de grande repercussão, em função dos terríveis homicídios recentes, e mesmo com o empenho dos detetives, havia alguns pormenores burocráticos que não poderiam ser negligenciados.

— Não posso ficar aqui, de mãos atadas, sem nada a fazer a respeito... — Afirmou a Jornalista: — Talvez, possa ajudar na investigação...

— Isto é um trabalho para a Polícia, senhora Thompson. — Cortou Mancini.

— Não vamos esquecer detetive Mancini, que podemos ser a próxima vítima. Por tanto, não me peça para ficar aqui, parada, esperando que alguma coisa de ruim aconteça. Precisamos saber quem está por trás disto e onde ele está, agora, neste exato momento. Provavelmente, tramando mais um ataque para esta noite...

O inspetor engoliu em seco. A mulher estava certa. Diante da situação, o melhor a fazer seria descobrir o que pudesse a respeito do homem que estava aterrorizando os noticiários. Como Jornalista, talvez Laura realmente pudesse ajudar. Conhecia os trâmites e as técnicas de tocar uma entrevista. Isso, certamente, poderia ser de grande ajuda.

— Mas vá com cautela, senhora Thompson... — Admitiu Mancini, enquanto procurava alguma coisa nos bolsos da roupa: — Tem o meu telefone. Ligue se precisar. A qualquer hora.

O detetive Mancini retirou um cartão de visita do bolso e estendeu em direção ao amigo da Jornalista:

— Ai tem o meu número. Avise-me, se lembrar de mais alguma coisa. E fique atento, o departamento vai lhe chamar para colher um depoimento formal.

— Farei o que for preciso para contribuir com a Polícia. — Afirmou Eduardo enquanto guardava o cartão de visita.

Neste instante, o telefone celular do inspetor Mancini anunciou a entrada de uma ligação.

— Detetive Mancini! — Houve uma pausa: — Olá, Léia. Conseguiu alguma coisa? A inspetora Léia, responsável pela investigação interna do departamento de homicídios, raspou a garganta e soltou:

— *Localizei um endereço de um dos nomes. O sujeito está afundado em dívidas e com o nome na lista negra do serviço de proteção ao crédito. Não foi difícil encontrá-lo.*

— Bom trabalho, Léia... — Elogiou Mancini, enquanto apontava para o inspetor Wilson, a fim de que tomasse nota: — Me passe o nome e o endereço.

No mesmo tempo em que ouvia as informações da mulher do outro lado da linha, o detetive repetia em voz alta, para que o inspetor Wilson anotasse.

— Obrigado, Léia. Assim que souber de mais alguma coisa, avise-me imediatamente.

— *Ok.*

Em seguida, a ligação fora encerrada.

O inspetor Wilson retirou a folha do bloco de anotações e a enfiou no bolso da jaqueta de couro.

— Vamos visitar esse cara... — Afirmou.

Mancini percebeu que por um momento, a Jornalista parecia não estar naquela sala. Seu olhar estava longe e vago ao mesmo tempo. Notou o quanto estaria sofrendo com as revelações inesperadas que invadiram a sua vida naquela tarde. Por um instante, teve vontade de lhe oferecer proteção.

— Se precisar de ajuda, não hesite em me ligar. — Falou, contemplando o rosto pálido da Jornalista.

Laura sorriu ao canto da boca, enquanto abraçava o próprio corpo, e consentiu afirmativamente ao balançar a cabeça. Teve a impressão de que poderia, realmente, contar com a ajuda por parte do detetive. Ao menos, fora uma impressão de confiança.

Em seguida, os detetives deixaram a sala de reunião e seguiram rumo ao endereço fornecido pela investigadora assistente do departamento de homicídios.

Por um momento, Laura observou o antigo amigo. Percebeu como Eduardo estava abatido. A mente da Jornalista viajou no tempo até alcançar o dia da festa de formatura, onde imagens distorcidas e com movimentos lentos, quase como se estivessem em câmera lenta, formavam o cenário adequado para o desfecho do terrível ataque ao jovem estudante. Os rostos de Eduardo e Hebert, ainda jovens, passaram vagarosamente diante de seus olhos. Laura parecia estar sonhando.

Subitamente, uma energia correu por todo o corpo da bela Jornalista. Seus sentidos foram renovados e recarregados, como se todas as suas células estivessem absorvendo uma carga excessiva de puro oxigênio. Era um sinal para que pudesse sair da inércia em que se encontrava e tomasse o controle da situação em suas mãos.

— Vou até a Universidade Federal! — Exclamou, ao olhar o amigo Eduardo sentado diante da mesa de reunião: — Temos que descobrir o nome do Estudante. Se sua hipótese estiver correta, e acredito que esteja, ele deve estar por aí caçando suas próximas vítimas. Temos que fazer alguma coisa.

— Vou com você! — Consentiu Eduardo, ao se levantar tão rápido como se tivesse levado um susto.

Diante do portão principal, podia-se notar que pouca coisa havia mudado no estabelecimento de ensino mantido pela federação, desde o tempo em que Laura cursara a cadeira de jornalismo. Após a alameda da entrada principal, uma longa rua levava até o primeiro prédio, onde abrigava a recepção da Universidade. À esquerda, meia dúzia de edifícios distribuía os cursos voltados para as cadeiras de ciências exatas, enquanto que a direita do prédio principal, as formações para a área de humanas e sociais eram lecionadas por entre os diversos pavimentos.

Ao contrário de toda arquitetura dos edifícios da Universidade, o grande jardim parecia ser tratado como a parte principal, onde o toque de um paisagista profissional fazia ser notado em cada ornamentação. Os diversos tons em verde predominava o cenário pitoresco e aconchegante da cidade universitária.

Laura contemplou a fachada dos edifícios enquanto sua mente viajou no tempo, até alcançar dias alegres e felizes vividos intensamente por entre os largos pátios de cada edificação, os amigos, professores e por fim... Hebert.

A expressão em seu rosto mudou repentinamente. Um arrepio de frio lhe subiu a espinha. As lembranças dos dias transcorridos na companhia do homem de sua vida, já não trazia mais aquela paz costumeira, que sentia ao lembrar-se dos momentos inesquecíveis, onde dividiam sonhos, desejos e paixões. A pele do seu rosto estava agora, corada e tensa.

Com um gesto de complacência, Eduardo apoiou a mão por sobre o ombro da amiga, como se pudesse ler seus pensamentos.

Laura suspirou profundamente e desviou o olhar dos belos jardins que adornavam o prédio principal. Precisava seguir em frente. Pensou.

Uma jovem, com traços predominantes dos povos do oriente, apareceu diante do grande balcão de recepção e sorriu de forma simpática.

— Olá! Em que posso ajudar?

— Oi! — Laura engoliu em seco: — Preciso do nome de um aluno, que se formou no ano de mil novecentos e noventa e oito. Sei que é um pedido estranho, mas é um caso específico. Talvez não seja tão difícil localizá-lo. Durante o baile de formatura, houve um grave incidente com este aluno. Ele foi hospitalizado e desde então não tivemos mais notícias suas.

A jovem recepcionista cerrou os olhos com certa indignação.

— Senhora... — Falou, entrelaçando os dedos das mãos por sobre o balcão: — Não há registros de incidentes com alunos, em nosso sistema. Neste caso, não saberia

como ajudá-la.

— Poderia nos fornecer uma lista dos formandos daquele ano? — Interveio Eduardo.

A jovem pensou por um instante, enquanto se voltava para a tela de um computador.

— Não tenho acesso a estas informações, por aqui. Precisam falar com nossa diretora.

— Onde podemos encontrá-la?

— Um momento, senhora. Vou verificar se ela pode atendê-los.

A recepcionista deixou o balcão e sumiu atrás de uma porta ao fundo.

Havia uma intensa movimentação de alunos e professores que transitavam pelo imenso hall de entrada da Universidade. Eram jovens, com os corações repletos de esperanças e expectativas, vindos de todas as partes em busca do sonho da formação acadêmica.

Na parte lateral do grande salão da recepção, acontecia uma pequena exposição de quadros. Onde um jovem artista exibia sua obra, para apreciação dos diversos olhares frios e evasivos dos transeuntes. Ao menos era esta a sensação que se tinha, ao observar um ou outro aluno, parado diante de uma tela, sem esboçar expressão alguma.

A recepcionista oriental retornou ao balcão, acompanhada de uma mulher.

— A senhora Loretta vai falar com vocês!

A Diretora do período diurno parecia estar se preparando para o termino do seu turno, mas, diante de um pedido inusitado, resolvera verificar a questão.

— Quem estaria solicitando uma listagem de nossos alunos?

Laura sorriu ao canto da boca e adiantou:

— Sou Laura Thompson, Jornalista formada nesta instituição. Este é um amigo, que também se formou aqui... — A senhora de meia idade olhou os dois a sua frente enquanto Laura continuou: — Precisamos localizar um aluno, embora não tenhamos seu nome. Apenas sabemos o ano de formatura e que sofrera um trágico incidente na noite do baile de comemoração.

— E porque querem localizá-lo depois de tanto tempo? Ele é algum parente de vocês?

— Estamos reunindo alguns amigos da Universidade para um encontro formal. Sabe como é... Queremos lembrar dos velhos tempos. E alguns perderam contato com os outros. Se puder nos ajudar, ficaria muito grata, senhora. — Eduardo tentou ser convincente com o criativo argumento.

A Diretora olhou com ar desconfiado para o homem a sua frente, e colocou a mão diante da boca antes de tossir. Porém, a Jornalista não lhe parecia estranha. Teve a sensação de já ter visto aquela imagem em algum lugar. Talvez em uma revista ou jornal. Algo assim.

— Venham comigo. Vamos ver o que podemos conseguir. — Balbuciou a mulher, ao mesmo tempo em que se virou e partiu em direção a porta, ao fundo da recepção.

A jovem recepcionista apontou para que os visitantes contornassem o balcão, e logo os conduziu até a sala da Diretora.

Seguida pelos curiosos e antigos alunos, a senhora Loretta acomodou-se em sua confortável cadeira, enquanto indicava os assentos á frente para os visitantes.

— Queiram sentar-se, por favor. Acredito que se lembrem da fisionomia do aluno. Pois, se não sabem o seu nome, como poderemos identificá-lo? — A Diretora virou a tela do computador para uma melhor visualização e continuou: — Em que ano mesmo vocês se formaram?

— Mil novecentos e noventa e oito! — Confirmou Laura.

— Sabem exatamente a cadeira de formação do amigo? — A mulher posicionou os óculos diante dos olhos e correu o olhar na tela.

Laura nada pode dizer. Nem ao menos conhecia o rapaz.

Eduardo pensou por um tempo, até que resolveu arriscar:

— Administração. Pode ser está.

A senhora Loretta olhou para Eduardo por cima das lentes. Percebeu que o homem não sabia ao certo o que estava dizendo.

— Hum... Vamos ver aqui.

O mouse ganhou movimento sobre um pequeno tapete, onde se via gravado o nome da instituição. A seta branca na tela do computador corria de um lado ao outro até que, com um clique no botão do pequeno componente, outra tela foi sobreposta a anterior. A Diretora, com o olhar atento e observador, fazia seleções de filtros e pesquisas no banco de dados.

— Vejam... — Disse, apontando uma região na tela: — Temos pouco mais de uma centena de alunos que se formaram em Administração naquele ano. Embora possamos visualizar a foto de cada aluno, ficaríamos horas até achar quem estão procurando. Isto, se realmente conseguirem se lembrar da fisionomia do rapaz.

— Senhora? — Interveio Eduardo: — Poderia filtrar os alunos com as melhores notas no curso? Isto iria reduzir a nossa procura, uma vez que o nosso amigo era bem dedicado aos estudos. Era famoso por sua inteligência.

— Hum. Vamos ver...

Mais uma vez, as telas se fecharam para que outras fossem abertas no monitor. Em alguns minutos, a senhora Loretta pode confirmar:

— Sim. Aqui está... — Com um leve toque, girou o monitor de vídeo para que os visitantes pudessem ter uma melhor visualização: — Estes alunos foram os que mais se destacaram naquele ano. Ao lado de cada nome, podemos verificar a foto apenas do rosto.

— Se não se importar, senhora, gostaria de verificar alguns destes nomes.

Eduardo se aproximou da tela, enquanto a Diretora apontava a seta e clicava sobre um novo nome mais abaixo.

Á medida que o mouse avançava a foto do referido aluno era exibida no canto superior direito do monitor.

Embora Laura não tivesse nenhuma lembrança do jovem aluno, também acompanhava atentamente a movimentação no computador.

Alguns minutos se passaram até que a senhora Loretta mostrou-se exausta com a pesquisa. Já havia verificado uma boa quantidade de nomes e até o momento, Eduardo não conseguira lembrar-se de nenhum deles.

— Não vejo como posso ajudá-los! — Admitiu a Diretora. — Além do que já passa da minha hora de encerramento. Tenho outros afazeres fora daqui.

Laura consentiu com um leve balançar de cabeça e preparou-se para agradecer a gentileza a agradável Diretora, quando um lampejo de luz lhe veio á mente.

— Senhora Loretta, poderia, por mais um ou dois minutos, pesquisar a turma de Contabilidade? Prometo não lhe pedir mais nada por hoje.

A simpática senhora olhou a Jornalista e decidiu efetuar uma nova pesquisa.

Após algumas seleções no banco de dados, os nomes dos alunos da cadeira de Contabilidade, com formação no ano de interesse, foram apresentados na tela do computador. A senhora Loretta dirigiu a pesquisa para os alunos que alcançaram as melhores pontuações no período.

Eduardo estava atento a cada imagem que era exibida, sempre que a Diretora selecionava um nome na lista.

Laura fitava o amigo, desejando ansiosamente que encontrasse a foto que estavam procurando.

Os nomes, agora, subiam mais rapidamente no monitor, indicando a falta de paciência que tomava conta da simpática Diretora.

— Passaram-se longos anos. Será muito difícil o senhor lembrar-se de alguém que não vê a todo este tempo. — Afirmou á senhora Loretta.

— Espere... — Interrompeu Eduardo, apontando a tela: — Por favor, volte á foto anterior.

A seta do mouse retrocedeu um nome na lista e possibilitou a visualização do rosto do aluno, outra vez.

Eduardo cerrou os olhos e procurou focar o olhar com mais atenção. Girou o rosto de um lado ao outro, na tentativa de mudar o ângulo de visão.

Parecia não ter mais dúvidas. Aquele era o sujeito que estavam procurando.

— É ele! — Admitiu, com precisão.

Laura firmou a vista na imagem. Tentou lembrar-se do aluno, mas foi em vão. Pareceu que em nenhum momento, teria cruzado com aquele rosto durante os anos vividos na Universidade.

— Tem certeza que é este? Olhe um pouco mais... — Balbuciou para o amigo.

Eduardo parecia estar certo de sua identificação. Os detalhes da face alongada nas laterais, até alcançar o queixo pontiagudo, não lhe deixara outras suposições.

Lembrou-se da expressão desesperada do rapaz, ao se sentir encurralado durante o covarde ataque na noite fatídica.

— Tenho certeza. É ele.

Por um instante, um suor frio e úmido inundou a pele de Eduardo. Seu rosto corou. Olhando aquele jovem na foto, não podia acreditar que o autor dos recentes assassinatos, fosse aquele rapaz. Alguma coisa parecia não combinar.

Laura percebeu o descontrole emocional do amigo. Antes que o nervosismo de Eduardo ficasse evidente para a Diretora da Universidade, a Jornalista interveio:

— Senhora Loreta, poderia imprimir esta tela. Pois, vejo que tem aí o endereço e a antiga foto de nosso amigo.

— Não acredito que ainda esteja neste mesmo endereço... — Balbuciou a Diretora:

— Muito tempo se passou, não acha?

Em poucos segundos, como em um passe de mágica, o computador enviou a imagem do monitor para a impressora.

Laura rapidamente apanhou a folha impressa e observou o nome do rapaz da foto, seu endereço, e percebeu que não havia nenhum comentário a respeito do incidente. Como havia anunciado anteriormente a recepcionista, tais informações não eram registradas no sistema de informática da Universidade.

— Senhora Loretta, estamos imensamente agradecidos e lisonjeados com sua generosidade... — Admitiu Laura: — Acho que vamos agora, poder formalizar o nosso encontro com todos os amigos da época. E muito obrigada pelo seu tempo.

A senhora Loretta estava com um largo sorriso no rosto. Sentira-se muito útil ao ver que tinha colaborado para o reencontro de antigos alunos.

— Obrigado, senhora! — Agradeceu Eduardo, com tamanha ansiedade em deixar aquele ambiente. Parecia querer respirar um ar mais puro do lado de fora da sala.

— Foi um prazer ajudá-los. Disponha de nossos serviços sempre que for preciso.

A simpática senhora apertou as mãos dos visitantes, e os acompanhou até a porta.

Sob a brisa fria que caía naquele momento diante do imenso jardim, Eduardo parecia atônito. Estava visivelmente atordoado depois que vira a foto do rapaz na tela do computador. As lembranças de momentos que decidira esquecer completamente atingiam sua mente como raios, em noite de tormenta.

Antes de abrir a porta do carro, Laura virou-se para o amigo:

— Temos a foto, o nome e o endereço do aluno. Precisamos agora, saber se ele sobreviveu ou não ao ataque daquela noite.

— O que ficamos sabendo na época, é que ele havia falecido a caminho do Hospital...

— Temos que confirmar isto!

— Acha que obteremos alguma informação no Hospital em que ele foi atendido? — É o que vamos saber agora, meu caro amigo.

Laura olhou, mais uma vez, para os largos edifícios que compunham a cidade universitária. E antes mesmo que um sentimento de nostalgia pudesse lhe preencher o coração, decidiu partir.

Dizem que não se pode mudar o passado, mas com certeza, podemos mudar o modo como enxergamos este passado. E a partir daí, tudo parece ganhar um novo sentido,

e uma nova conotação sobre os fatos tendem a vir á tona. Pensou a Jornalista, antes que pudesse contornar a última curva.

O principal Hospital da cidade ficava a poucos quilômetros do centro da capital. Embora o trânsito estivesse congestionado naquele fim de tarde, Laura precisava esclarecer de uma vez por todas, as dúvidas sobre a real sobrevivência do aluno da Universidade. Era, também, uma questão que provavelmente, teria efeito na sua existência sobre a terra.

O amigo Eduardo estava visivelmente abatido. Sua aparência era de quem não havia dormido ao menos umas duas noites. O pobre homem estava desesperado com tudo que estava acontecendo. E por algum motivo, ou talvez por uma mera coincidência, fora ele próprio quem levantara as ligações entre os assassinatos e o aluno, vítima do ataque cruel daquela noite. O homem não tinha mais a quem recorrer se não o antigo casal de amigos. Amizade que cultivara desde a época da formação acadêmica. Desde que perdera sua esposa, Eduardo não tivera um novo relacionamento, e nem ao menos, fizera novos amigos.

Laura estacionou o carro na rua paralela ao centro médico. Sabia que não seria fácil conseguir a informação que precisava. A rotina de todo o Hospital era árdua o bastante, para que encontrasse alguém disponível a lhe dar a devida atenção.

Com estes pensamentos e passos apressados, observou a movimentação do setor de emergência. Teve a impressão que teria chegado a um lugar tal qual uma praça de guerra. Pessoas vindas de todos os lados chegavam sedentas por algum tipo de ajuda e se aglomeravam diante da recepção.

Subitamente, Laura pensou que pudesse usar sua condição de Jornalista e com isto, ter acesso direto a coordenação do hospital. Se assim fosse, não iria atrapalhar o atendimento da emergência e seria recepcionada com mais privacidade.

Um homem, com trajes que parecia fazer parte do serviço de segurança, tentava organizar uma fila para que as pessoas fossem atendidas na ordem de chegada. Com a ajuda de um profissional da área de saúde, uma triagem era realizada a fim de detectar os casos mais graves, os quais seriam atendidos mais rapidamente, e até mesmo, direcionados para outro setor.

Com a carteira de identificação de Jornalista e com o crachá da Empresa onde trabalhava, Laura aproximou-se do segurança de forma incisiva.

— Com licença, senhor! — Falou, tentando ganhar a atenção do homem: — Tenho uma entrevista agendada com o coordenador do plantão. Onde posso encontrá-lo?

O homem fitou a Jornalista e rapidamente passou os olhos nos documentos de identificação. Teve a impressão de já ter visto aquela mulher em algum lugar.

— No final do corredor á esquerda, senhora! — Bradou o homem, enquanto apontava com o braço erguido, á direção do local indicado.

— Obrigado.

Laura seguiu pelo corredor, como se ensaiasse passos para uma coreografia, ao desviar das pessoas que se amontoavam pelas paredes. A cada passo, podia ver os rostos dos pacientes, que suplicavam por algum tipo de ajuda, ou mesmo uma palavra que pudesse aliviar seus sofrimentos. Alguns dos indivíduos, deitados sobre as macas e sendo alimentados por conexões intravenosas, pareciam estar esquecidos por ali a um bom tempo. Ao menos era essa a impressão que se tinha, daquele lugar.

Ao final do corredor, diante da porta, cuja metade era de vidro transparente, podia-se ler o nome do hospital e a indicação de que se tratava da sala da coordenação.

Atrás de uma mesa de madeira envelhecida com o tempo, um homem com a roupa de executivo, destoando completamente da equipe de saúde, falava insistentemente ao telefone. Suas medidas em torno do abdômen expressavam o quanto estava fora de forma. As faces do rosto coradas como a aurora boreal, indicavam uma quantidade exagerada de ingestão de proteína.

Laura observou o crachá de identificação pendurado na altura do peito e não teve dúvidas que aquele seria o coordenador do plantão.

Logo que o homem depositou o fone no gancho, uma enfermeira o abordou, estendendo uma prancheta com alguns papeis.

Assim que assinou algumas folhas, o coordenador viu o casal pelo vidro da porta, e com um gesto pediu que entrassem.

— Com licença... — Adiantou Laura empunhando seus documentos de identificação para o homem.

— Vamos, entrem. O que posso fazer por vocês? — Disse, fitando a foto da Jornalista, presa ao crachá: — Estão fazendo alguma reportagem sobre este hospital? Vou logo adiantando que não tenho autorização para falar nada.

— Não se trata de reportagem alguma... — Amenizou a Jornalista: — Precisamos de informação a respeito de uma pessoa que esteve internado aqui á alguns anos.

— Exatamente quanto tempo, senhora? — Indagou o coordenador, entrelaçando os dedos das mãos.

— Foi no ano de mil novecentos e noventa e oito. Mês de Dezembro. Ele deve ter vindo para cá entre os dias dezessete e vinte e dois, não me recordo bem. — Laura falou, enquanto procurava uma cadeira para se sentar. Mas sua procura foi em vão. Não havia outros assentos naquela sala além do já ocupado pelo coordenador.

— O que está me pedindo é um absurdo, senhora... — Explodiu o homem: — Não temos registros tão antigos assim em nossos arquivos. E mesmo que tivéssemos, não teríamos tempo para procurar.

O homem sorriu ao canto da boca. Parecia se divertir em não poder ajudar.

— Talvez se pudesse acessar um computador? — Sugeriu Eduardo, de pé a dois passos da mesa. — Não vejo nenhum computador por aqui, rapaz. Você vê algum? Decididamente, o coordenador não estava disposto a colaborar. Sua mesa repleta de papeis e objetos de todas as espécies, não abrigava nada que poderia lembrar um equipamento de automação.

Laura apoiou as mãos na borda da mesa e encarou o homem nos olhos.

— Se não nos ajudar com a informação que precisamos, voltaremos com a Polícia. E vou ter o imenso prazer em fazer uma reportagem a respeito de toda esta bagunça que estou vendo aqui... — Laura corou, enquanto falava pausadamente: — E não vou deixar de mencionar que tudo que vimos de inadequado, foi no seu plantão.

O homem arregalou os olhos. Girou a cabeça até que fitou a Jornalista por vários ângulos. Por um instante, o coordenador sentira-se intimidado pela mulher a sua frente. Porém, não tinha o hábito em ceder a pressões vindas dos pacientes, e nem ao menos, de repórteres sensacionalistas ávidos por furos sobre as condições das emergências dos hospitais públicos. Ergueu-se diante dos visitantes e com os pulmões cheios de ar, soltou a voz em bom tom:

— Não tenho mais tempo a perder com vocês. Estão atrapalhando a rotina do setor de emergência. — O homem estava com os punhos cerrados sobre a mesa: — Saiam ou vou chamar a segurança.

Laura engoliu em seco. A aquela altura, percebeu que não iria conseguir mesmo nada com aquele coordenador.

Eduardo segurou o braço da Jornalista e seguiu em direção à porta.

— Vamos embora!

Os dois ganharam o corredor e logo se viram envoltos a uma grande quantidade de pessoas que chegavam a todo instante. Uma coisa podia ser percebida: A equipe de profissionais, como médicos e enfermeiros, era visivelmente pequena em relação à quantidade de pacientes que não paravam de chegar.

Assim que saíram do salão, Laura parou como se precisasse respirar.

— O que foi aquilo lá dentro? — Indagou atônita.

— Nada demais. Somente um coordenador neurótico. — Consolou Eduardo: — Levando em consideração que o homem trabalha no centro de toda esta confusão, não poderia ser diferente.

Ao iniciar a descida pela rampa que os levaria até o portão de saída, uma mulher aproximou e interrompeu o casal de amigos.

— Esperem! Por favor, esperem.

Laura virou-se e viu uma pequena mulher, morena, magra, trajando um uniforme como se fizesse parte de algum setor da administração. A mulher olhou ao redor, como se estivesse assustada.

— Ouvi a conversa de vocês com o coordenador. Acho que posso ajudar...

Laura mordeu os lábios e olhou para o amigo.

— E como poderia ajudar?

— Se tiver um nome, posso localizá-lo no sistema. — A mulher parecia estar preocupada. Tensa. — E como faria isto? Você trabalha no setor de informática do Hospital? — Quis saber Eduardo.

A pequena mulher não estava á vontade, naquele ponto, diante do salão da recepção, onde pessoas em quantidade excessiva circulavam apressadamente.

— O meu namorado trabalha lá.

— Hum! Hum! — Murmurou Eduardo.

— Por uma pequena quantia, posso persuadi-lo a fazer uma pesquisa no sistema... — A morena fora direta ao assunto.

Laura não teve dúvidas de que seria uma oportunidade única em obter a informação que precisava. Fitou a mulher e teve a impressão de que, no momento, esta poderia ser a sua melhor alternativa.

— Como posso confiar em você? — Indagou Laura.

— Não vão se arrepender. Venham comigo...

Em seguida, a pequena mulher girou no calcanhar e tomou a direção lateral da recepção.

Havia um extenso corredor paralelo ao hall de entrada, que levava até as salas da administração. A morena, aparentando estar mais tranquila naquele ponto, parou no limiar do corredor. Estavam, agora, afastados do imenso burburinho da emergência.

— E então. O que vai ser? — Disparou á morena.

Sem pestanejar, Laura estendeu uma nota de cem reais.

— Acho que não é o bastante para persuadir o meu namorado... — A morena exibiu um bico de desagrado.

A Jornalista suspirou e mais uma nota de cem reais foi apresentada diante dos olhos da pequena mulher.

— E agora, você consegue? — Indagou Laura, enquanto a nota era puxada de sua mão.

— Assim fica mais fácil! — Admitiu a morena, com um sorriso.

Em seguida, Laura estendeu um pedaço de papel com algumas anotações.

— Aqui está o nome que preciso localizar. Quero saber se este homem entrou neste Hospital e como saiu daqui: vivo ou morto?

A morena guardou o recorte e tocou o braço da Jornalista com uma das mãos.

— Esperem aqui. Não vou demorar...

A mulher deslizou pelo corredor até que abriu uma das portas e desapareceu.

Laura não tinha mais o que fazer, além de aguardar.

— Vou buscar um café. — Sugeriu o amigo.

Eduardo deixou o corredor e seguiu em direção á lanchonete, localizada do lado de fora, ao canto do pátio central.

Alguns minutos se passaram, até que Laura se mostrou apreensiva. Sabia que se fosse confirmada a suspeita do amigo Eduardo, precisava correr contra o tempo.

Não demorou muito para que Eduardo aparecesse de volta ao corredor. Caminhava

em passos largos, enquanto segurava os copos de plástico.

Enquanto saboreavam o líquido negro, a morena surgiu por uma porta ao longo do corredor. Andava apressadamente e trazia uma folha impressa nas mãos.

— Aqui está! — Falou a pequena mulher.

A Jornalista, prontamente, analisou as informações descritas. Abaixo do nome do paciente, havia a data de entrada no setor de emergência, dados de uma internação e algumas palavras descreviam uma cirurgia. O estado de saúde do sujeito estava devidamente detalhado, e ao final, a informação de que tanto esperavam: O homem saía do hospital com vida.

Eduardo passou a mão por sobre os cabelos e suspirou profundamente. Eram indicações que apontavam em direção á confirmar sua suspeita.

— Foi um prazer ajudar vocês... — Adiantou á morena: — Se precisarem de mais alguma coisa, me procurem.

A pequena mulher girou no calcanhar e com um alegre sorriso nos lábios, desapareceu atrás de uma das portas.

Laura havia levantado informações suficientes, as quais iriam contribuir com a investigação da Polícia. Precisava passar para o detetive Mancini tudo que havia conseguido.

Em poucos minutos, o veículo guiado por Laura, cruzava as congestionadas vias de acesso ao centro da cidade. O final da tarde havia chegado, e com ela, o caótico trânsito se tornava mais intenso.

Antes que a Jornalista pudesse entrar no estacionamento da Revista, o amigo Eduardo pediu que parasse o carro. Seu veículo estava em um estacionamento público, próximo daquele ponto.

— Vou ficar por aqui. — Disse, enquanto abria a porta.

— Tome cuidado, Eduardo. Ligue se precisar...

O homem consentiu com a cabeça e bateu em retirada.

Enquanto o veículo se afastava, Laura pode observar pelo espelho retrovisor, o amigo caminhando lentamente pela calçada.

◆◆◆◆

A carteira de identificação estava exibida como um cartão postal diante dos olhos miúdos e envelhecidos do porteiro do condomínio.

O homem piscou por um instante e não teve dúvidas: Era a Polícia.

O portão de entrada logo fora destravado de forma automática, permitindo a entrada dos homens da lei.

O inspetor Mancini Milano subiu os poucos degraus da escada, acompanhado do seu parceiro e amigo, Wilson Martino. Os detetives pararam diante do porteiro, que parecia ainda estar tonto com a presença da Polícia em seu local de trabalho.

— O que querem por aqui? Aconteceu alguma coisa que não estou sabendo?

— Acalme-se senhor! — Adiantou o inspetor Wilson: — Não aconteceu nada. Mancini olhou ao redor. A portaria, os jardins e por fim, passou os olhos pela fachada do prédio. Era uma pequena edificação, com apenas três pavimentos, em um condomínio de um único bloco.

— Conhece o senhor Nestor Santana Dominicali? — Emendou Wilson para o porteiro: — Mora neste prédio?

O homem franziu a testa por um momento, mas logo voltou ao normal.

— Sim. Conheço. O Nestor do duzentos e onze...

— Precisamos falar com Ele.

— Aguarde um minuto. Vou verificar se está em casa.

O homem voltou para a guarita, colocou o fone no ouvido e pressionou o botão correspondente. Por um tempo, seu olhar fixou o vazio, enquanto aguardava o atendimento do outro lado. Depois de alguns segundos, a ligação não fora atendida.

— O Nestor não está atendendo. Mas também não o vi sair... — Admitiu o porteiro.

Wilson trocou um olhar com o parceiro e voltou-se para a guarita.

— Qual foi a última vez que o viu?

— Hum... Ontem pela manhã... O Nestor subiu com algumas sacolas na mão... —

Falou, depois de pensar por alguns segundos: — Há algo de errado com o Nestor?

— Ainda não sabemos...

— Precisamos subir... — Interveio o detetive Mancini: — Pode nos acompanhar, por favor?

— Claro! Claro!

O porteiro já havia passado da idade regulamentar para ocupar tal posição de trabalho dentro do condomínio. Com passos lentos e vacilantes, acompanhou os detetives até o segundo andar.

A porta do elevador abriu e um amplo corredor foi exibido. Ao longo, apenas os números dos apartamentos, indicavam uma simples diferença entre as portas. À esquerda, a porta com o número duzentos e onze apareceu diante dos homens.

Sem hesitar, Wilson apertou a campainha. Por três vezes, o ruído tomou conta do corredor.

— Ele não deve estar em casa... — Balbuciou o porteiro.

Por um instante, o detetive Mancini tocou a maçaneta e a porta cedeu. Estava aberta. Houve uma leve paralisação na respiração do Policial, até que, rapidamente, sacou a pistola do coldre acoplado à cintura, e empunhou a arma a sua frente. O mesmo gesto foi repetido por seu parceiro.

O porteiro, com o olhar assustado, grudou as costas a parede.

— O que estão fazendo?

Mancini, com um gesto, pediu que o homem ficasse em silêncio.

Wilson tocou a porta com o bico do pé, enquanto Mancini, com a arma em punho e olhos atentos, observava o que podia ver do interior do recinto. Logo, a porta foi aberta até o canto, e toda a sala ficou sob o alcance dos homens.

No pequeno ambiente, alguns móveis rústicos, espalhados de forma displicente, decoravam o pequeno espaço. Ao fundo, uma porta de vidro, aberta, deixava a mostra uma minúscula varanda, recheada com pequenos vasos de planta.

Um ruído chamou a atenção. A televisão estava ligada, sem que nenhum canal estivesse sintonizado. Apesar do ruído insistente, vindo do aparelho de TV, nada mais parecia fazer algum barulho naquele apartamento.

Mancini girou a esquerda e tomou a direção da porta lateral, que possivelmente, o levaria até a cozinha. Com extrema cautela, e com a arma apontada para frente, entrou no pequeno ambiente. Era uma cozinha estreita e comprida. Ao longo, vários objetos estavam jogados ao chão. O sexto de roupa estava virado e todas as peças espalhadas sobre o piso. Observou a pia. Teve a impressão de que as louças estavam por lavar a vários dias. A bica escorria sem parar, uma fina linha de um líquido cristalino.

— Milano! Aqui!

Era a voz do parceiro Wilson, vinda do outro lado da sala. Mancini não gostou do tom de voz. Nem ao menos de como fora chamado. Lembrou que todas as vezes que o parceiro lhe chamara pelo sobrenome, indicava que alguma coisa séria estava por vir. Seguiu em direção á voz e viu o parceiro no interior do segundo quarto, parado diante da parede oposta, exibindo uma expressão de pura indignação. Isto, certamente, não era um bom sinal.

— Veja isto! — Ordenou Wilson, indicando uma direção, com a arma em punho.

Mancini adentrou o quarto e logo pode ver, ao lado da cama, sobre uma pequena poltrona de um só lugar, um homem despojado sobre o assento, com a cabeça virada para trás. O rosto e o pescoço estavam dilacerados.

O detetive levou a mão até o nariz, enquanto caminhava ao redor da poltrona. Um cheiro de carne em processo de deterioração estava em toda a parte.

O sujeito vestia apenas a peça de baixo, os olhos estavam esbugalhados em direção ao teto, e podiam ser notados vários cortes profundos desenhados na face. O pescoço, com perfurações em diversos ângulos, estava coberto por um viscoso líquido vermelho. O homem estava sobre uma grande poça de sangue, e o chão, também manchado pelo mesmo líquido, limitava os passos dos inspetores. Alguns rasgos no lençol pareciam ter sido feito pelas unhas da vítima, numa clara indicação de que tentara se livrar das garras de seu algoz. A disposição do lençol, amassado e manchado, dava a impressão do que o assassino completara seu trabalho sobre a cama, e em seguida, teria puxado sua presa para a poltrona.

— Alguém chegou antes de nós... — Admitiu Wilson.

Mancini guardou a pistola e olhou pela janela do quarto. A esta altura, o visitante não estaria mais ali. Pensou.

— Chame a equipe da perícia. Precisamos analisar a cena e ver o que temos por aqui. — Ordenou Mancini.

O inspetor sacou o rádio e iniciou a comunicação com a delegacia.

Com as mãos apoiadas ao redor da cintura, o detetive Mancini solicitou a presença do porteiro.

— Senhor? Pode identificar este homem?

Com passos lentos e assustados, o porteiro apareceu no limiar da porta. Forçou os olhos até que não teve dúvidas.

— Oh! Meu Deus! É o Nestor! — As mãos do homem tremularam como se tivessem levado sucessivos choques elétricos.

— Não toque em nada, senhor. — Advertiu Mancini.

— Pobre homem... — Resmungou o porteiro: — Quem poderia fazer uma coisa terrível como esta, ao Nestor?

— Precisamos interrogar alguns moradores. Alguém pode ter visto um suspeito entrando ou saindo do prédio. — Disparou Wilson.

Os detetives calçaram as luvas de látex e iniciaram uma rápida busca por possíveis pistas. Caso o autor do homicídio fosse o mesmo das outras vítimas recentes, dificilmente iriam localizar algo que os levasse a evoluir na investigação. O assassino parecia ser altamente qualificado, e nenhum vestígio que o denunciase, seria revelado em algum detalhe.

Depois de examinar cada canto do apartamento, Mancini demonstrava uma sensação de impotência. Apesar de todos os anos de experiência em casos semelhantes, estes últimos, estavam deixando-o louco.

— Temos um assassino em serie... — Admitiu.

— O que confirma a suspeita de vingança, levantada pelo tal de Eduardo. — Bradou o inspetor Wilson, enquanto examinava a varanda: — Vou falar com os vizinhos de outras unidades.

O detetive ganhou o corredor e escolheu uma das portas. Alguém havia de ter visto ou ouvido alguma coisa.

Neste momento, o celular do detetive Mancini soou, avisando da entrada de mais uma ligação. Rapidamente, sacou o telefone e atendeu:

— Mancini!

— *Detetive, Laura Thompson, da Revista.*

— Como vai, senhora Thompson?

— *Fiz algumas descobertas que podem nos ajudar.*

— Diga...

— *Tenho o nome do rapaz, vítima do ataque no baile de formatura. Também, seu antigo endereço da época da Universidade.*

— Excelente... Laura.

— *E obtive a informação de que o rapaz deixou o hospital com vida, após 45 dias internado em estado de coma profundo. Pessoas da família o buscaram e assinaram sua saída. Passei estas informações, juntamente com a foto do rapaz, para seu e-mail.*

— Você foi ótima. — Admitiu o inspetor: — Mas não tenho boas notícias. Estou no apartamento de um dos nomes da lista feita pelo seu amigo. Infelizmente, chegamos tarde demais, o homem foi morto a pouco mais de 24 horas.

Houve um silêncio do outro lado. A Jornalista parecia não ter ficado surpresa com a notícia da morte de mais um integrante do grupo de alunos agressores. Um suspiro se fez ouvir no autofalante do aparelho, até que o inspetor continuou.

— Senhora Laura, vá descansar. Estarei em sua casa ainda hoje. Preciso fazer contato com seu marido. Minhas tentativas por telefone foram em vão.

— *Está bem...*

Em seguida a ligação fora encerrada.

Mancini estava com o olhar ao longe. Não conseguia encontrar, sequer uma pegada que chamasse sua atenção. As expectativas estavam, agora, voltadas para os técnicos forenses, que em breve estariam povoando o local, com técnicas científicas modernas, capazes de elucidar, até mesmo, evidências invisíveis ao olho humano.

Ao mesmo tempo, tinha que torcer para que a investigadora do departamento, senhorita Léia, tivesse sucesso com a localização dos nomes da lista, antes que outros assassinatos fossem noticiados nas manchetes dos jornais.

Enquanto Mancini examinava uma mancha negra no tapete da sala, o inspetor Wilson apareceu no limiar da porta.

— Uma senhora do apartamento em frente, diz ter visto um homem alto e forte passeando pelo corredor, ontem à noite. — Disse.

Mancini girou o rosto, e em silêncio, fitou o inspetor.

A noite havia caído lentamente sobre a cidade.

Os primeiros feixes de luz, emitidos pela iluminação de vapor de mercúrio demarcavam as ruas e Avenidas ao longo de toda a extensão do asfalto. Alguns pingos de chuva começavam a pratear o cenário, dando uma leve amostra do que estaria por vir nas próximas horas.

Enquanto dirigia suavemente em direção a sua casa, Laura Thompson Contava os minutos para encontrar Hebert. Pensava em como seria a primeira vez que iria olhar para o homem de toda sua vida, sabendo que seu destino teria que tomar um atalho e seguir em outra direção. Talvez fosse melhor manter uma posição de quem não sabia absolutamente nada, e esperasse por um possível pronunciamento por parte de Hebert, que provavelmente explicaria toda a situação. Laura sabia que não devia julgar sem antes ouvir a versão dos fatos, por parte de seu companheiro. Devia isto a ele. Ou talvez, a ela própria.

A viagem do marido para outro continente lhe passou diante dos olhos. Lembrou-se claramente das palavras de Hebert, explanando seus motivos e anseios para lhe convencer sobre a viagem.

Quais seriam seus planos em relação ao assassino dos membros do grupo de alunos, responsáveis pela barbárie, daquela fatídica noite? Será que ao menos iria lhe colocar a par dos acontecimentos? Iria lhe falar a verdade? Oferecer-lhe proteção, como a qual poderia esperar qualquer mulher, de seu companheiro, diante da realidade dos acontecimentos? Laura estava perdida entre tantos pensamentos e indagações, até então, sem resposta alguma.

Após vencer as sinuosas curvas da estrada, o carro da Jornalista fora estacionado em frente a sua aconchegante residência. De dentro do carro, Laura pode ver algumas lâmpadas acesas no interior da casa, indicando que seu companheiro havia chegado.

Com passos lentos e indecisos, a mulher adentrou a grande sala de estar. Olhou ao redor, e percebeu alguns objetos de Hebert deixados sobre um aparador lateral. Não teve dúvidas, seu parceiro de longas datas chegara mais cedo do que de costume. Provavelmente, estaria concatenando alguns detalhes, onde se preparava para uma conversa reveladora. Pensou.

Tomara a decisão de ficar na retaguarda e esperar por um movimento por parte do companheiro. Seria mais prudente para o momento.

Depois de acomodar seus objetos sobre a poltrona, retirou uma folha de papel dobrada, do bolso da calça, e mais uma vez, correu os olhos nas anotações. Eram as informações coletadas na parte da tarde, quando seu instinto de jornalismo a teria conduzido as investigações por sua própria conta. Teria que ter cuidado para que Hebert não tomasse conhecimento daqueles levantamentos.

Em seguida, enquanto se despia de alguns acessórios, Laura procurou por Hebert nos principais cômodos da casa. Não o encontrou. Por um instante, lhe veio á mente o escritório.

Era uma saleta ao lado da sala principal, onde seu companheiro decidira utilizar como o escritório da casa. Era o lugar onde colocava em dia algumas literaturas, revisava seus e-mails e outros tantos pormenores pertinentes ao trabalho.

Laura empurrou a porta a sua frente e entrou.

Ao fundo, uma estante recheada de livros, ocupava toda a extensão da parede. E, ao centro, uma mesa em madeira clara, apoiava poucas revistas, jornais, e um computador na lateral. Ao alto, uma luminária pendurada á meia altura, iluminava o centro da mesa e diante do computador, devidamente acomodado sobre a cadeira, compenetrado e silencioso, estava Hebert Molinaro.

Laura prendeu a respiração. Seu coração disparou e seus músculos congelaram. De alguma forma, quase que inexplicável, assustara-se com a imagem de Hebert.

— Parece que viu um fantasma? — Indagou Hebert, apoiando a cigarrilha na borda do cinzeiro.

— Você me assustou! — Admitiu Laura, levando a mão ao peito.

Hebert sorriu ao canto da boca, enquanto expirava a fumaça com aroma de chocolate.

— Quer uma taça de vinho?

— Não! Sim... Quero. Não, acho melhor ficar pra depois.

— Parece tensa... Querida... Algum problema? — Indagou o homem, ao saborear uma dose de vinho em uma elegante taça de cristal.

— Está tudo bem... Apenas estou cansada.

Laura retrocedeu de forma indecisa e bateu a porta as suas costas.

Havia experimentado uma sensação que jamais sentira, em relação ao seu companheiro. Estava com medo.

◇◇◇◇

Eduardo estava com os cotovelos apoiados sobre o balcão, quando o barman deixou cair no copo mais uma dose de um uísque barato. O homem olhou para o fundo do recipiente através do liquido de cor caramelo, e viu a imagem turva de seu rosto refletida. Teve a certeza de que estava demasiadamente cansado e precisando de uma longa noite de sono, para recuperar suas energias. Os acontecimentos das últimas horas estavam lhe consumindo a alma.

Com um só movimento, o destilado desceu queimando por sua garganta.

Atrás do balcão, na parede ao alto, uma televisão exibia as notícias das últimas horas. Uma repórter elegante, e devidamente maquiada, apresentava mais um caso

de homicídio.

Eduardo teve a impressão de já ter ouvido falar daquele caso. A notícia não fora uma surpresa. Quando tudo isto vai parar? Pensou.

Fez um gesto para o alto, e logo em seguida, o barman repetiu um movimento com a garrafa.

Ao mesmo tempo em que soltava algumas baforadas no ar, Eduardo observava as pessoas que entravam e saiam do bar. Estava assustado. Não conseguia se desligar. Sua mente o mantinha atento a tudo e a todos, por todo o tempo.

Um homem, de estatura levemente acima da média e demasiadamente forte, apareceu na porta de entrada do bar. Parou por um instante e correu os olhos em todas as pessoas presentes no recinto. O sujeito aparentava ter passado da meia idade, com a barba branca por fazer e cabelos embaraçados, parecia procurar por alguém.

— Posso ajudá-lo, senhor? — Adiantou o barman.

O sujeito colou a barriga no balcão e jogou-se no banco de madeira. Vestia uma surrada jaqueta de couro e um velho jeans sobre um par de botas negras.

O homem pensou por um momento até que disparou:

— Estou esperando uma pessoa...

A voz rouca e grave do sujeito soou como um canivete pontiagudo, tocando a costela de Eduardo. Passou por sua mente, que aquele poderia ser o terrível assassino. Sem deixar que o sujeito percebesse, olhou o homem através do espelho preso a parede atrás do balcão, enquanto tentava esconder-se por entre a fumaça do cigarro.

Não podia ser o sujeito que imaginava ser. Era velho demais para ser ele. E ao mesmo tempo, não se parecia em nada, com a foto do rapaz, que conseguira na Universidade.

Eduardo estava sentindo-se como um louco. Atormentado. Subitamente, decidiu sair dali. Precisava ir embora, tomar um bom banho e dormir o quanto pudesse.

O homem ao lado virou-se em direção a Eduardo e disparou:

— Pode me arranjar um cigarro? — A voz pareceu ainda mais rouca.

O maço de cigarros fora estendido ao longo do balcão, ao mesmo tempo em que um isqueiro apareceu na mão de Eduardo.

O grande sujeito apanhou o tabaco em forma cilíndrica e o colocou no canto da boca.

— Não quero acende-lo... — Grunhiu o homem: — Estou tentando parar. Mas ainda fico nervoso quando vejo alguém fumando ao meu lado.

— Hum... Entendo. — Resmungou Eduardo.

— Vai beber alguma coisa, senhor? — Insistiu o barman.

— Uma cerveja...

Um copo e uma garrafa de cerveja, extremamente gelada, foram depositados em frente ao sujeito.

Quando o homem ergueu o braço para alcançar o copo sobre o balcão, a jaqueta subiu as costas e deixou a mostra o cabo de um revólver, preso a cintura.

Eduardo arregalou os olhos. O sujeito estava armado. Quem sabe não poderia ser o assassino das manchetes de todos os jornais da cidade? Não podia mais ficar naquele bar. Estava tenso demais para continuar ali, e logo, todos iriam perceber o quanto estava assustado.

Mais uma vez, esvaziou o copo a sua frente e jogou uma nota de dinheiro sobre o balcão.

— O amigo aceita beber comigo?

Eduardo congelou. A voz rouca o estava convidando para alguns goles de cerveja. Não podia acreditar no que estava acontecendo. Poderia mesmo ser aquele homem o assassino que tanto temia.

— Desculpe-me, senhor. Mas... Tenho uma mulher doente em casa... E por isto, não posso mais ficar. Quem sabe, outra hora... — Mentiu.

Eduardo seguiu em direção à porta, enquanto o homem acenou levemente para o alto. Desceu dois degraus de escada e ganhou à calçada. Por um momento, olhou para trás e teve a impressão de estar sendo seguido.

“Droga. Não acredito que seja este cara. Não pode ser. É velho demais para ser ele”. Pensou.

Afundou a mão no bolso da calça para apanhar a chave do carro, mas o que veio a tona fora a chave da casa do sítio, cedida pelo amigo Hebert. Talvez fosse uma ótima alternativa, sair do centro da cidade e se isolar na tranquilidade do sítio, ao menos por aquela noite.

Eduardo abriu a porta do carro e antes que pudesse entrar, olhou para a fachada do bar. Suspirou profundamente. Parecia estar tudo sobre controle. Ninguém o estava seguindo.

O sítio oferecido a Eduardo ficava a aproximadamente, uma hora do centro da cidade. Ao deixar a via principal, uma estreita estrada abrigava uma sequência de curvas perigosas e derradeiras, até que o verde vale entre as montanhas desvendava uma pequena propriedade rural, adornada de vasta vegetação. No centro do grande terreno, uma bela casa de campo com dois pavimentos, em arquitetura colonial, oferecia uma simples combinação de requinte e aconchego. Embora a casa estivesse praticamente abandonada pelos seus donos, ainda sustentava um ar agradável e prazeroso.

No entanto, ao notar o imenso jardim, havia a nítida impressão de que o jardineiro fora dispensado a um bom tempo, tendo em vista o tamanho exagerado das folhagens e galhos, que pareciam ter passado, a muito, do ponto de aparo.

O mesmo acontecia com a piscina, coberta por folhas secas diversas, detritos e animais mortos, e com a água até o meio da parede, suja e mal cheirosa, servia apenas para saciar a sede de alguns animais.

A falta do caseiro, que havia sido demitido a muito tempo daquele lugar, era

percebida em quase toda parte externa da casa.

Na entrada do sítio, uma lâmpada presa a um poste lateral balançava com o uivar do vento, enquanto sua pouca iluminação, deixava a mostra um velho portão de ferro.

Eduardo saltou do carro e moveu a corrente que fingia trancar o grande portão. Enquanto empurrava o gradeado, olhou ao alto e percebeu que uma forte chuva estava se formando no céu. Impulsionadas pelo vento, algumas nuvens negras e espessas, formavam desenhos aleatórios a cada instante.

Logo, estacionou o carro ao lado do jardim lateral e por um momento lhe veio à mente lembranças de dias maravilhosos, vividos naquele sítio, em companhia de sua falecida mulher e do casal de amigos, donos da casa. Dias como aqueles, não poderiam jamais, ser esquecidos. Pensou.

Apanhou, no banco traseiro do carro, uma sacola com alguns mantimentos para o lanche e seguiu em direção à porta de entrada. Depois de Atravessar a extensa varanda, girou a chave algumas vezes na fechadura, até que a porta rangeu como se todas as dobradiças estivessem enferrujadas. Após tatear a mão na parede lateral, encontrou o interruptor.

Como já era de se esperar, a ampla sala de estar estava coberta por uma fina camada de poeira. Os moveis rústicos estavam protegidos com lençóis brancos, indicando um premeditado abandono por seus donos. Um antigo jogo de poltronas, dividido em duas peças e devidamente alinhado, adornava uma larga mesa de centro, em madeira bruta, que servia de apoio para algumas revistas e jornais. Ao lado, se podia notar uma grande mesa de refeições, com cadeiras demasiadamente empoeiradas. Mais alguns poucos moveis espalhados pela grande sala, completava a mobília. A cozinha da casa juntava-se a sala de estar, como se fosse um único ambiente.

Uma larga escada em madeira, ao canto da sala, levou Eduardo até os quartos no segundo pavimento.

No quarto principal, a cama de casal ao centro do cômodo, trouxera algumas lembranças à mente de Eduardo.

Sobre o lençol branco, um ponto luminoso surgiu. Logo se expandiu, deixando a mostra uma mulher de branco, pele clara e cabelos negros, severamente penteados ao alto da cabeça e, com um lindo sorriso nos lábios, acenava como se estivesse chamando o homem para o interior da luz. A mulher parecia alegre e calma, como sempre fora. Por um momento, Eduardo pensou que o sonho tivesse se tornado real. Acreditou que sua amada esposa, estivesse ali outra vez, naquela cama, diante de seus olhos.

Repentinamente, o som estridente de um trovão, anunciando a chegada da tempestade, trouxera o homem de volta a realidade.

A mulher de branco, sobre o lençol, desapareceu como em um passe de magia.

Assustado com o barulho vindo dos céus, seguido por um luminoso relâmpago, Eduardo dirigiu-se a janela. Pela vidraça empoeirada, notou que a chuva começava a cair sobre a região.

Neste instante, um bando de morcegos deixou o caibro sobre a janela e ganhou o espaço aéreo do sítio. Mas uma vez, Eduardo ficou sobressaltado. O barulho das asas em movimento e os gritos agudos, como se anunciassem uma guerra, poderiam ser ouvidos ao longe.

O homem voltou-se em direção a cama, e percebeu que a bela imagem de sua falecida mulher havia desaparecido.

Recuperado do susto, Eduardo tomou as escadas de volta ao primeiro pavimento e alcançou a cozinha. Virou a sacola sobre a mesa e derramou alguns ingredientes para um lanche. Precisava comer. Abriu a porta da velha geladeira, e por um instante examinou os poucos objetos deixados ali, já há algum tempo. Depois de guardar algumas latas de cerveja no frizer, parou diante da janela que dava para os fundos do sítio, e ficou, por alguns instantes, a observar os raios que desciam por traz do morro. A tempestade havia, enfim, chegado.

Após deixarem o carro, os homens correram até o refúgio da pequena varanda, a fim de evitar a chuva que chegara com a caída da noite.

A campainha soou forte dentro da casa, até que a bela Jornalista apareceu para receber os homens da lei. No mesmo instante, Hebert também surgira no meio da sala.

Passada as apresentações iniciais, os detetives foram convidados para entrar.

— Por favor, sentem-se. — Adiantou Laura.

O inspetor Mancini exibiu sua credencial e disparou:

— Me desculpe a hora da visita, senhor Hebert. Tentei lhe falar ao telefone durante a tarde, mas foi em vão.

Hebert estava surpreso com a chegada dos detetives. Vários pensamentos lhe invadiram a cabeça naquele momento.

— Fiquem a vontade... — Falou Hebert, apontando para a poltrona.

— Viemos ainda hoje porque estamos com um grande problema nas mãos e gostaríamos de lhe fazer algumas perguntas, se não lhe for inconveniente... É claro?

— Mancini falou, olhando diretamente nos olhos do seu interlocutor.

Houve uma pausa, enquanto o inspetor auxiliar, Wilson, ficara de pé, a observar cada objeto de decoração, espalhados pela sala.

— E como posso ajudar em algum problema da Polícia? — Quis saber, Hebert.

— Tem acompanhado os últimos homicídios pelo noticiário, senhor Hebert?

As palavras do inspetor Mancini foram jogadas ao ar de forma displicente.

— Não acompanho muito este tipo de reportagem. Mas... Ouvi falar de alguns casos. A cidade é um lugar perigoso, o senhor deve saber disto. — Falou Hebert, enquanto cruzava as pernas.

Mancini avançou o corpo para frente e sentou-se na beira do sofá, até que enfiou a mão no bolso do casaco e retirou alguns recortes de jornais. Em seguida, espalhou os recortes sobre a mesa de centro.

— Estes são alguns dos casos mais recentes. Queira olhar, por favor. — Emendou Mancini.

Hebert avançou até a pequena mesa e apanhou um a um os recortes. Rapidamente, correu os olhos nas poucas linhas que descreviam os homicídios, enquanto Laura, sentada ao lado, observava atentamente.

— Por favor, olhe com atenção... — Pediu Mancini: — Conhece algum destes nomes? O consultor balançou a cabeça:

— Não conheço nenhum destes...

— Por favor, olhe mais uma vez. Não tenha pressa. Tente se lembrar de algum nome. — Cortou Mancini.

Mais uma vez, Hebert olhou os recortes de jornais. Depois de alguns segundos de apreensão voltou o olhar para o detetive:

— Sinto muito, detetive. Mas, não conheço estas pessoas. E por que acha que eu reconheceria algum destes nomes?

— Eram seus amigos na época da Universidade, senhor Hebert! — Disparou Mancini.

O consultor congelou. Os músculos do rosto ficaram rígidos.

O inspetor Wilson, diante de um quadro preso á parede, virou a cabeça e pressentiu a reação do homem. Hebert parecia estar mentindo.

Laura olhava fixamente para o semblante de seu companheiro. Percebeu o quanto estava tenso.

— Se fossem meus amigos, como diz ser, detetive, eu logo reconheceria algum destes. — Retrucou o consultor, enquanto se colocava de pé.

— Lembra-se do incidente com um rapaz, na noite do baile de sua formatura?

Hebert contornou a poltrona e ficou ás costas de sua companheira.

— Sim... Estávamos lá. Eu e a Laura nos formamos juntos. Houve um incidente... Um rapaz foi brutalmente escandalizado por um grupo de alunos, creio eu. A polícia investigou, mas... Nada pode provar.

Mancini engoliu em seco e não teve dúvidas, teria que fazer a derradeira indagação. Retirou do bolso do paletó uma folha de papel dobrada e a abriu sobre a mesa.

— Senhor Hebert, teve alguma influencia direta ou indiretamente com este terrível incidente? — Enquanto falava, esticava a folha sobre a mesa.

O consultor arregalou os olhos e olhou a foto do rapaz. Um arrepio lhe correu a nuca. Ali estava a foto do referido aluno. Era um rosto que não gostaria de relembrar.

— Não, detetive. Não tive nada a ver com isto.

Mancini fitou o homem. Os relatos do consultor divergiam das afirmações do amigo Eduardo Seixas. Alguém estava mentindo. O inspetor dobrou a folha de papel e a colocou de volta ao bolso.

— Acreditamos que o homem agredido na noite do baile, ou alguém se passando por ele, está se vingando dos alunos que o agrediram. — Disparou Mancini, se colocando de pé.

— O aluno morreu no hospital. — Hebert fora incisivo.

Um silêncio caiu sobre a sala naquele instante.

O detetive fitou os olhos da Jornalista, como se dividissem algum segredo.

Laura desviou o rosto e saiu do raio de visão do inspetor. Apreensiva, caminhou até a janela, teve vontade de colocar em pratos limpos tudo que havia sido revelado pelo amigo do casal. Mas acabou desistindo, ao fixar o olhar no rosto de seu companheiro e ver que se tratava de um homem que se fazia parecer alheio a tudo que o detetive havia explanado. Ou realmente, não tinha mesmo nada a ver com toda aquela história. Poderia o amigo do casal, ter inventado todo o envolvimento de Hebert,

com o ataque brutal ao jovem da Universidade, pela simples razão de estar ficando louco e paranoico com sua solidão? Pensou. Por mais que acreditasse conhecer o homem que dividia sua vida por longos anos, não conseguia obter uma resposta apenas tentando decifrar as palavras, os gestos e as expressões de seu companheiro. Por um instante, Laura percebeu o quanto estava só.

— Senhor, Hebert... — Pronunciou o inspetor Mancini, enquanto se dirigia para a porta de saída: — Peço que não deixe o País sem nos avisar. Será intimado a comparecer a delegacia para um depoimento formal.

— Estou sendo acusado de alguma coisa? — Quis saber o consultor: — Por acaso sou um suspeito?

— Não... Não está!

— Então...

— Não disse que é um suspeito, senhor Hebert. Estamos apenas fazendo o nosso trabalho: Investigando. Tenha uma boa noite.

O inspetor acenou para a Jornalista e saiu.

O detetive Wilson Martino, fingindo não estar prestando atenção á conversa e com tamanha displicência, passou a mão por sobre um pequeno objeto de arte, como se tentasse remover alguma poeira. Em seguida, contornou a sala e por um instante, parou ao lado do consultor. Próximo ao ouvido do homem, como se quisesse contar algum segredo, o inspetor disparou pausadamente:

— O jovem aluno... Agredido... Saiu do hospital com vida, após várias semanas em coma profundo. Ele... Sobreviveu.

Hebert ficou estático. Seu rosto corou.

— Senhora! — O inspetor rapidamente deixou a sala.

Diante da extensa vidraça, Laura observava a chuva, enquanto os homens da lei, do lado de fora, ganhavam o carro. Ao seu lado, refletida no vidro, a imagem de seu companheiro, parado no centro da sala, com o rosto enrubescido, parecia estar com o pensamento vagando por épocas distantes.

Antes que o carro dos detetives desaparecesse, pode ver o rosto do inspetor Mancini que a observava enquanto dirigia. Parecia querer lhe falar algo.

Um silêncio frio e sombrio pairou sobre a sala naquele momento.

Laura soube que nada iria ser dito por seu companheiro, a fim de elucidar qualquer dúvida a respeito do caso do jovem da noite do baile de formatura. Tudo que podia fazer era tentar se proteger ao máximo de um eventual perigo, ou até mesmo, pedir proteção Policial. Talvez, fizesse isto no dia seguinte. Provavelmente, os detetives iriam lhe facilitar uma escolta.

A hora já estava avançada, quando após alguns minutos de um sono tênue, Laura fora despertada pelo barulho intenso de mais um trovão. A noite estava tomada por uma agressiva tormenta. O vento forte uivava como se estivesse brigando com a chuva.

A luminosidade dos raios refletidos no vidro da janela, fez com que Laura se

levantasse e puxasse a cortina. Notou que seu companheiro ainda não havia dormido. Ao menos, ao seu lado.

Com passos sonolentos, tomou a direção da sala de estar. No limiar da porta, pode ver Hebert Molinaro sentado em sua poltrona predileta, segurando um copo de uísque com uma das mãos, enquanto exalava ao ar, uma baforada de charuto com aroma de chocolate. O homem parecia, também, ter perdido o sono.

Laura abaixou a cabeça. Notou que Hebert estava consumindo álcool além do habitual. Em silêncio, girou no calcanhar e retornou ao quarto. Precisava dormir um pouco.

O céu estava tomado por descargas elétricas vindas de todas as direções. O fenômeno fazia com que a noite parecesse uma imensa árvore de natal em constantes e compassadas oscilações luminosas.

◇◇◇◇◇

A televisão transmitia a programação noturna, enquanto que algumas latas de cerveja espalhadas pelo chão eram por vezes, iluminadas pelo brilho intenso dos raios, que atravessava a janela, na qual uma das abas batia violentamente, movida pela força do vento.

No sofá, diante da TV, inteiramente entregue ao sono e combalido pelo excessivo consumo de álcool, Eduardo parecia estar alheio a tudo que acontecia ao seu redor. Quando repentinamente, fora despertado pelo estridente barulho da janela ao tocar no batente.

Acordou sobressaltado.

Percebeu que a chuva adentrava pelo vão da janela e imediatamente se colocou de pé. Não sabia por quanto tempo estava dormindo, mas pela quantidade de latas de cerveja vazias, teve a certeza que estava em um sono profundo, já á algum tempo.

Com um movimento rápido, apanhou o celular sobre o sofá e com um toque, o visor ficou luminoso. Confirmou que a hora passava da meia noite.

Antes que pudesse fechar a janela, a fraca iluminação se apagou. A energia elétrica faltou e toda a casa ficara as escuras.

“Droga de tempestade. Só me faltava isto, agora.” Pensou.

Lembrara que tempos atrás, guardavam uma lanterna na gaveta do armário da cozinha. Com sorte, ainda deveria estar por lá.

Tateando entre os móveis da sala, chegou á cozinha. Depois de localizar o armário, com a ajuda da luminosidade dos raios, que não paravam de invadir a casa, as gavetas foram abertas uma após a outra, até que um sorriso apareceu no rosto de Eduardo. A lanterna ainda estava ali. Restava, agora... Funcionar.

Com um toque, a luz ganhou proporção no ambiente.

Diante da janela, Eduardo recolheu a aba aberta e passou o trinco. Do lado de fora, a escuridão era intensa, e apenas insetos de hábitos noturnos, se arriscavam na tempestade.

Chutou para o lado algumas latas que estavam no caminho e decidiu continuar a dormir no andar de cima. Após ganhar a escada, adentrou o quarto principal e deparou com a ótima cama de casal, a qual imaginou ter visto a sua inesquecível parceira, a lhe convidar para uma longa jornada, do outro lado da vida.

Após algum tempo, sem conseguir alcançar o tão cobiçado sono, Eduardo foi surpreendido, mais uma vez, pelo barulho da janela. Parecia ser a mesma janela da sala, batendo outra vez. Inquieto, levantou e olhou pela fresta da janela do quarto. A chuva não parecia querer cessar.

Apanhou a lanterna e com o auxílio da luz, tomou os degraus da escada, um após o outro. O feixe de luz, em formato cilíndrico, iluminava exatamente onde podia apoiar o próximo passo.

Ao chegar á sala, não teve mais dúvidas. A janela estava aberta. Era como se o vento atacasse a aba da janela de forma violenta e a jogasse de encontro á parede.

Tentou entender como poderia o vento, ter aberto o trinco da janela.

Com a lanterna em punho, Eduardo alcançou a parte que estava aberta e puxou para trancá-la. Antes que pudesse trazê-la completamente, pode ver, por entre um ou outro raio luminoso, que um veículo estava estacionado em frente á casa.

Eduardo congelou. Arregalou os olhos e não acreditou no que estava vendo. Tinha outro veículo do lado de fora, além do seu. Devido á densa escuridão, não conseguira identificar o carro. Mas, teve a certeza de que algo estava errado.

Antes que pudesse imaginar qualquer reação, um feixe luminoso de um relâmpago deixou a mostra, no centro da cozinha, a figura de um homem.

— Tem alguém aí? — Com a voz tensa, Eduardo estremeceu.

Rapidamente, o desespero tomou conta do seu coração. Suas mãos vacilaram até que o vento desferiu um novo golpe na janela e o barulho fora alto o suficiente para aumentar o estado de pânico em que se encontrava.

Empunhou a lanterna em direção á cozinha, girou o feixe de luz por todas as direções, mas não localizou a imagem que acabara de ver. Tinha a certeza de ter visto alguém. Ou estaria, agora, tendo visões? De quem seria aquele carro que vira pela janela? Como alguém poderia ter lhe encontrado naquele sítio?

O suor escorria pelo rosto de Eduardo, e os pensamentos mais loucos possíveis, o atormentavam. Tinha que pedir ajuda. Pensou. Sacou o celular e procurou por um nome na lista. Em seguida, disparou uma chamada.

Enquanto aguardava por completar a ligação, a lanterna viajava por todos os cantos da casa, na esperança de confirmar a sua visão.

◇◇◇◇◇

No interior do quarto, sobre a mesa de cabeceira, o telefone vibrou e tocou ao mesmo tempo. O detetive Mancini despertou ainda sem saber ao certo de onde estaria vindo aquele barulho. Com os olhos embaçados pelo sono, viu a iluminação oriunda do aparelho.

— Alô! — Exclamou ao alcançar o fone.

Depois de passar as mãos sobre os olhos, percebeu que a ligação havia caído. Com toda aquela tempestade, não era difícil perder a comunicação.

Aguardou por uns instantes até que o telefone voltou a chamar.

— Alô! Alô!

A ligação fora perdida mais uma vez, antes mesmo de ser completada.

O detetive olhou o número de chamada e percebeu que não lhe era familiar. Ao menos, não fazia parte de sua lista de contatos.

◆◆◆◆

Eduardo estava atônito. Sabia que não seria fácil conseguir ajuda a aquela altura. Por mais que falasse com alguém, o socorro não chegaria a tempo.

Um relâmpago iluminou quase toda a sala naquele momento. O assustado Eduardo, aproveitou a claridade para procurar por mais alguém naquele ambiente. Não encontrou nada. A imagem que vira na cozinha poderia ter sido somente uma impressão. Quanto ao carro, o caseiro poderia ter voltado para o sítio e estaria morando ali novamente. Talvez fosse isto. Ou ainda, alguém poderia estar morando na casa do caseiro, sem que os donos do sítio soubessem. Toda a propriedade parecia mesmo ter sido abandonada já há algum tempo. O que facilitaria uma possível invasão.

Eduardo decidiu retornar para o quarto, trancar a porta e tentar terminar a noite em paz. No dia seguinte, poderia esclarecer a questão do carro suspeito.

Ainda com a lanterna vagando na escuridão, o sonâmbulo Eduardo tropeçou em algumas latas de cerveja e foi de joelhos ao chão. A lanterna escapou de suas mãos, caiu e rodopiou em círculos por várias vezes.

“Droga. Decididamente, esta não é a minha melhor noite.” Pensou.

A lanterna rolou vagorosamente até que parou. O feixe de luz, após ficar estático e manter a luminosidade em uma única direção, deixou a vista sobre o assoalho, um par de botas negras, molhadas e sujas de lama.

Em pânico, Eduardo levantou a cabeça, abriu a boca e esbugalhou os olhos. Antes que pudesse esboçar qualquer reação, fora atingido por um chute certeiro saído da escuridão. O golpe lhe jogara contra a parede a suas costas. Uma dor aguda e intensa saiu por entre suas carnes, como se houvesse fraturado uma ou duas costelas. O simples gesto de respirar lhe causou dor.

Respingos de água e lama foram sentidos no ar, quando a bota de bico largo viajou no espaço até alcançar o maxilar de Eduardo. A pancada fez girar violentamente o rosto do homem, enquanto um gemido abafado se fez ouvir, e uma bola de sangue fora cusvida na noite.

Eduardo tombou com o rosto sobre o próprio celular, no mesmo instante em que o aparelho tocou. No visor, o nome do detetive apareceu. Uma gota de sangue escorreu e molhou a tela do telefone. Antes que seu agressor o atacasse mais uma vez, apertou o botão de liberação de entrada da ligação, e grunhiu uma palavra. Em seguida, repetiu a mesma, de forma embolada e confusa. Sua língua estava severamente cortada e a boca esvaía em sangue.

Antes que pudesse pronunciar outra sílaba, sentiu um cano de aço gelado lhe tocar a face. Seus cabelos foram puxados para o alto, enquanto o som estridente do disparo fora suprimido pelo barulho de um trovão.

— *Alô! Alô!* — Insistia a voz no celular.

A cabeça de Eduardo fora jogada para o lado, agora com um pequeno buraco na lateral. Em seguida, a sola da pesada bota desceu sobre o aparelho de telefone e esmagou a tela de cristal líquido.

O vento forte, gelado e denso, soprou mais uma vez e arremessou a aba da janela sobre o batente. O barulho invadiu a sala e ecoou pelas paredes frias do ambiente.

As paredes frias do instituto médico legal do estado eram banhadas pela pouca iluminação, oriundas de pequenas arandelas penduradas. A grande sala onde era realizado o procedimento de necropsia, também antecedia os compartimentos azulejados, onde inúmeras gavetas abrigavam cadáveres, que insistiam em chegar cada vez em maior número.

Uma gaze banhada em soro hidratado deslizava sobre o pescoço de um corpo estendido sobre a mesa. O médico legista examinava as perfurações laterais, como se procurasse por algum detalhe que o fizesse ter certeza do objeto utilizado na realização das perfurações. Era um trabalho meticuloso e ao mesmo tempo, de muita paciência e análise.

O legista direcionou o foco de luz para o alvo e girou a cabeça do homem. Ajeitou a lente presa na testa e pode então notar que, o objeto cortante havia feito um rasgo até a proximidade da nuca. Após sua confirmação, tirou a medida do ferimento e traduziu em algumas anotações numa folha presa a uma prancheta.

A porta de entrada, do tipo vai-e-vem, rangeu e o detetive Mancini apareceu.

— O que faz aqui tão cedo, detetive? — Quis saber o médico, ao girar o olhar e perceber a aproximação do inspetor.

Mancini parou e por um segundo ficou a observar as inúmeras mesas espalhadas pela sala. Cada qual amparando um corpo.

— Não parece ter tido uma boa noite! — Afirmou o doutor ao verificar as olheiras no rosto do inspetor.

— Como vai, doutor? — Mancini resolveu quebrar o silêncio: — Pode adiantar alguma coisa sobre este cara?

O inspetor se referia ao homem examinado pelo médico. Com as mãos apoiadas ao redor da cintura, contornou o cadáver e fez um breve exame superficial.

— Este é o Nestor Santana Dominicali. Homem de meia idade... — O doutor fez uma pausa para continuar em seguida: — Está morto a mais de quarenta e oito horas. Quem o atacou parece que queria brincar com ele, antes de matá-lo. Digo isto, porque os cortes no rosto foram do primeiro ataque. São cortes profundos, mas não o levaria a óbito. Minutos mais tarde, foram feitos os cortes no pescoço, estes com a finalidade de encerrar a brincadeira.

— Por que brincar com um homem cortando seu rosto, antes de matá-lo? — Indagou Mancini, olhando com desdém para o corpo sobre a mesa.

— Vingança! Deboche! Um criminoso sádico. Algo assim.

— Entendo...

— O objeto utilizado parece ser uma adaga, um punhal, algo do tipo. Tem uma leve curvatura na extremidade da lamina. Tal qual às utilizadas pelos militares. É fácil notar esta peculiaridade, em função do ferimento no momento em que a lamina deixa a carne. O corte segue a curvatura exatamente como a do objeto.

— Qualquer um poderia conseguir uma lamina deste tipo?

— Sim. É vendida livremente nas lojas de artigos militares.

Mancini balançou a cabeça.

— Obrigado, doutor! Vou aguardar seu relatório final.

O detetive tocou levemente no ombro do médico legista e deixou a sala. Aquele lugar não era dos melhores para se começar o dia.

◇◇◇◇◇

Mancini sacou da máquina o copo com capuccino e logo passou a saborear o que parecia ser o seu café da manhã.

Ao empurrar a porta da sala de inteligência da delegacia, percebeu que não era o único a chegar mais cedo ao trabalho. O inspetor Wilson já estava sentado ao lado do Policial especialista em design, visualizando as imagens diversas de rostos de pessoas. Pareciam procurar por algum em específico.

— Olá! — Cumprimentou ao se aproximar da estação de trabalho: — Temos alguma coisa?

Wilson parecia estar frenético. Estava entusiasmado com algum trabalho feito pelo jovem designer.

— Veja isto! É excelente. Este cara é um gênio... — Bradou Wilson, enquanto empurrava o ombro do rapaz: — Mostre pra ele o que conseguiu. Vamos lá. Mostre. O jovem moveu o mouse algumas vezes sobre a grande tela, e segundos depois uma imagem exibia um rosto em tamanho natural.

Mancini ficou perplexo com tamanha riqueza de detalhes que se podia criar no computador. Até mesmo as marcas do tempo, presentes em cada parte da face, estavam claras e realçadas.

— Veja! Mancini! Olhe isto! — Disparou Wilson: — É o nosso cara!

Mancini engoliu em seco. A foto enviada por e-mail, por Laura, estava agora transformada em uma nítida imagem e envelhecida conforme a época em que fora feita, até os dias de hoje. Era muito provável que o sujeito estivesse realmente com aquela fisionomia, no tempo atual.

— É apenas esta foto quatorze ou quinze anos mais tarde. — Explicou o jovem, segurando uma cópia do e-mail enviado pela Jornalista.

— Muito bom! — Admitiu Mancini: — Pode imprimir esta foto exatamente como estou vendo na tela do computador?

— Posso!

— Faça isto, então.

Em poucos segundos uma impressora colorida a laser, com qualidade fotográfica, soltou a imagem tal qual a visualizada no monitor.

Mancini apanhou a folha e mordeu os lábios. Sabia exatamente o que iria fazer.

— Precisa saber... — Falou o jovem designer: — Que não sou eu, mas o software de construção de imagens que...

— Não precisa se explicar... — Soltou Wilson, batendo no ombro do rapaz: — Sabemos que você é o cara...

Wilson, rapidamente acompanhou Mancini que já entrava na sala do delegado de plantão.

— Com licença, chefe. — Anunciou Mancini.

O delegado parecia fazer uma espécie de alongamento matinal, antes de começar a se envolver com os assuntos rotineiros da delegacia.

— Entrem. Podem entrar...

Mancini colocou a foto sobre a mesa do ginasta e por um instante ficou a observar a imensa barriga do delegado.

— Este pode ser o cara que estamos procurando. A informática acabou de liberar este trabalho. Veja isto.

O delegado interrompeu seu exercício e olhou para a foto. Sua respiração estava ofegante.

— Tem o nome deste sujeito? — Indagou, enquanto secava algumas gotas de suor.

— Ezequiel Vermont. O aluno agredido durante o baile de formatura, na Universidade Federal do estado, á quatorze anos atrás. — Disparou Mancini.

O delegado respirou profundamente, enquanto apanhava o paletó sobre a cadeira:

— O que quer fazer, agora?

— Precisamos localizar este homem. Urgente. Pode ser o nosso assassino...

— Vá com calma, rapaz... — Interveio o delegado: — Ele ainda é apenas um suspeito. Ainda não pode condená-lo. Não esqueça que temos um procedimento a seguir.

— Precisamos interrogá-lo...

— Ok! — Consentiu o delegado ao se jogar na cadeira: — Então, comecem as buscas.

Mancini suspirou aliviado. Apanhou a foto e deixou a sala.

O inspetor Wilson antes de sair, voltou-se para o delegado e disparou:

— Porque não entra em uma academia? Talvez consiga mais resultados. Pense nisto, chefe.

Mancini parou na entrada da grande sala e abriu os braços, pedindo a atenção de todos os policiais presentes. Parecia querer fazer um discurso.

— Vamos lá, pessoal. Atenção aqui: Olhem pra mim.

Todos pararam com seus afazeres e ficaram atentos ao que o detetive tinha a dizer.

Com a foto erguida ao alto da cabeça, o detetive bradou:

— Olhem para esta foto! — Ouve uma pausa, enquanto Mancini girou a foto no ar: — Todos vocês receberão uma cópia desta. O nome do homem vai estar no verso. Precisamos localizar este sujeito o mais rápido possível... — Mancini tossiu: — Comecem por aeroportos, hotéis no centro e nos arredores da cidade. Pousadas. Falem com os motoristas de táxis. Vasculhem em cada esquina. Temos que achar este sujeito o quanto antes. Alguma pergunta... Senhores?

Todos olhavam atentamente para o detetive, sem nada dizer.

— Avisem a todas as unidades na rua. Coloquem a foto nos computadores dos veículos. — Completou Mancini: — Estamos á procura de um possível assassino em série. Então vamos lá... Vamos trabalhar.

Os ouvintes voltaram aos seus afazeres, enquanto Mancini fez um sinal para o inspetor Wilson. Do bolso do casaco, sacou o celular e procurou pela lista das últimas chamadas.

— O que foi? — Indagou Wilson ao se aproximar.

— Alguém me ligou no meio da noite. Parecia pedir ajuda. Conhece este número?

Wilson correu os olhos na tela do celular e pensou por um segundo. Não lhe veio á mente a lembrança daquele número.

— Hum... Não faço ideia.

— Veja se consegue descobrir de quem é este número.

— Deixe comigo... — Apanhou o fone das mãos de Mancini e seguiu em direção a sua mesa.

O detetive Mancini tomou o corredor e caminhou até alcançar a sala de investigação interna de apoio aos detetives de campo. Após abrir a porta, deparou com a inspetora assistente, com os olhos grudados no computador.

— Como vai, Léia?

— Olá, meu anjo! — Bradou a mulher, ao perceber que tinha visita: — O que faz aqui á esta hora? A tempestade de ontem fez você sair da cama mais cedo?

Mancini sorriu.

— Alguma novidade sobre a lista de nomes que te passei?

— Ainda não. Há milhares de nomes iguais, mas até agora, nenhum que se encaixe no perfil que queremos. Mas, estamos tentando.

— Ok! — Mancini colocou a foto sobre o teclado do computador da inspetora: — Veja este cara. Pode ser o responsável pelos homicídios que estamos trabalhando.

— Hum... Nada mal.

— Chame a imprensa. Coloque este rosto nos noticiários dos principais jornais da cidade. Convoque as redes de TV. Precisamos divulgar esta imagem ao máximo até que alguém nos de alguma pista de sua localização.

— Isto não será difícil. É um caso de grande proporção... — Admitiu Léia, examinado a foto em suas mãos: — Vou disparar isto imediatamente.

Mancini confirmou com um balanço de cabeça e abriu a porta com um leve sorriso ao canto da boca:

— Parece que cortou o cabelo! Ficou bom.

— Não finja que percebe alguma coisa em mim. Você não sabe mentir.

Antes que a inspetora terminasse de falar, o detetive já havia deixado a sala.

Mancini percorreu apenas poucos metros pelo corredor, quando deparou com o inspetor Wilson, que vinha apressadamente em sua direção, manuseando um bloco de anotações.

— Mancini? — Disparou Wilson, se colocando a frente do Policial: — O número do telefone que pediu para verificar é do Eduardo Seixas, amigo da Jornalista. Está aqui em minhas anotações.

— Tem o endereço dele?

— Sim. Sim. Tenho aqui.

— Então... Vamos lá!

Wilson passou por sua mesa, apanhou uma surrada jaqueta de couro e seguiu no encalço do parceiro.

Pouco mais de meia hora, fora o tempo suficiente para que a dupla de Policias entrasse no simples condomínio de apartamentos. Bastou a carteira de identificação ser exibida para o segurança na portaria, para que a entrada fosse liberada.

O endereço indicava o apartamento duzentos e oito, ao lado direito do portão principal. Após alguns lances de escada, Mancini localizou o número que procurava. Parou por um instante, e colou o ouvido na porta a fim de escutar um possível barulho. Nada. O silencio parecia reinar dentro do imóvel. Com a parte de trás dos dedos, disparou uma sequencia de toques na porta. Depois de um breve silencio, repetiu o movimento. Enfim, optou pela campainha.

— Vamos entrar! — Afirmou Wilson, sacando do bolso, um grupo de chaves um tanto exóticas. — O que é isto? — Quis saber, Mancini.

— O nosso passaporte para o interior deste apartamento.

Wilson enfiou algumas chaves pelo buraco da fechadura e com movimentos rápidos e precisos a

engrenagem emitiu um ruído como se estivesse destravada. A porta cedeu. Estava aberta. — Onde aprendeu isto?

— Te conto em outra hora... Entre uma bebida e outra.

Mancini sacou a pistola, empunhou a sua frente e vagarosamente, empurrou a porta com a ponta

do sapato.

Em segundos, tinham a visão de toda a sala de estar.

Wilson guardou suas chaves mágicas e as substituiu por uma arma.

Os detetives, rapidamente, percorreram os poucos cômodos do imóvel até que detectaram a

ausência de Eduardo. Não havia indício algum de que o dono do apartamento estivesse por ali, nas últimas vinte e quatro horas. Nada parecia estar fora do lugar, desarrumado, ou algo assim. O pequeno quarto, devidamente ajeitado, refletia o estado dos outros ambientes.

Mancini olhou a cozinha. Nenhum talher ou prato fora do armário.

— Ele não está aqui! — Admitiu.

Wilson apareceu de volta á sala, verificou o telefone em busca de uma secretária eletrônica, mas o

aparelho não dispunha deste recurso.

— O que acha? — Indagou, olhando para o parceiro.

Mancini parecia estar pensativo. Preocupado. Depois de uma frustrada tentativa de comunicação, no meio da madrugada, onde poderia estar o amigo da Jornalista? Sim. A Jornalista. Talvez ela soubesse do paradeiro de Eduardo.

Sacou o celular do bolso e disparou a ligação.

Poucos segundos depois, ao ouvir a voz no fone, o detetive teve a ligeira impressão de que aquela voz lhe parecia mais familiar do que realmente era.

— *Laura Thompson!*

— Detetive Mancini... — Ouve uma pequena pausa para continuar em seguida: — Recebi uma ligação do seu amigo Eduardo, no meio da madrugada, mas não consegui falar. Estou em seu apartamento. Mas não parece ter vindo pra cá, ao menos nas últimas vinte e quatro horas. Tem ideia de onde ele possa estar?

— *A casa do sítio...* — Disparou Laura com certa apreensão na voz: — *Ele estava com a chave da casa.*

— Tenho que ir até lá.

— *Vou com você. Apanhe-me na Revista em vinte minutos.*

— Até já.

Mancini guardou o fone e olhou mais uma vez ao redor. Teve a sensação de que algo estava errado.

— Vamos embora. — Falou, fazendo um gesto de retirada, para o parceiro.

◇◇◇◇◇

Depois de apanhar a Jornalista na calçada da Revista, na principal Avenida da cidade, o veículo guiado pelo detetive Mancini tomou o caminho indicado por Laura. Pouco a pouco o centro nervoso da grande capital ficara no retrovisor. Uma estrada estreita, e acometida por um grupo de sinuosas curvas, os levaria em direção ao interior do estado.

Durante a viagem, preocupada e tensa, Laura tentava contato com o amigo, através do celular. Porém, suas tentativas foram em vão. Repetidas vezes, a voz feminina de uma gravação, anunciava que o número discado estaria desligado ou fora de área. Temia pela vida do amigo, assim como as vidas de todos os possíveis envolvidos no trágico incidente da noite do baile de formatura. Lembrara que seu companheiro de longas datas, não mencionara absolutamente nada a respeito deste terrível episódio. Não sabia mais o que pensar, e que direção tomar. Decidira aguardar por algum pronunciamento por parte de Hebert, mas como isto não acontecera e diante dos

fatos, não podia mais permanecer em silêncio. Teria que quebrar a falta de diálogo com seu cônjuge e colocar todas as questões em pratos limpos. Sim. Faria isto até o final do dia.

Logo que o veículo atravessou um pequeno vale entre as montanhas, a casa do sítio ficara a vista.

O pneu do veículo parou bruscamente sobre uma poça de água. Depois que o motor fora desligado, os ocupantes deixaram o carro.

Laura correu os olhos pela fachada do sítio, tentando localizar o veículo do amigo Eduardo. Nada encontrou. A casa parecia estar sob um completo abandono. Algumas lembranças lhe vieram à mente. Eram lembranças dos bons fins de semana passados no sítio, em companhia de seu companheiro e alguns amigos do casal.

Após remover as correntes que prendiam o portão, os visitantes caminharam em direção a casa.

Com olhares atentos e apreensivos, os detetives observavam cada detalhe no caminho. Mancini não deixou passar as marcas de pneu que vinham do portão de entrada até alcançar a lateral da casa. O que indicava que alguém estivera ali á pouco tempo. Embora a tempestade da noite passada estivesse totalmente cessada, o chão estava demasiadamente úmido. E diversos bolsões de água e lama podiam ser encontrados nos arredores da casa. Algumas até, cobriam as marcas deixadas pelo veículo.

O detetive tomou á dianteira e subiu um degrau para alcançar a varanda. Com um gesto, pediu que Laura ficasse um pouco mais atrás, enquanto empunhava sua pistola de fabricação nacional. Mancini parou diante da porta e tentou ouvir algum movimento vindo de dentro da casa. Ao tocar na maçaneta, a porta rangeu. Estava aberta. Vagarosamente, levou a porta até o canto, e entrou.

Imediatamente, o inspetor Wilson fez o mesmo movimento.

Antes que pudesse atravessar o limiar da porta, Laura girou o rosto para trás e observou ao redor da piscina. Dirigiu o olhar até o jardim e percebeu o quanto a vegetação havia mudado desde a última vez que estivera no sítio. Por um instante, teve a sensação de que estava sendo observada.

Mancini caminhou pela aconchegante sala, contornou os móveis dispostos ao centro, e parou no pé da escada, que o levaria até o segundo andar. Antes de se projetar sobre os degraus, voltou o olhar para a sala, percebeu que o inspetor auxiliar checava a cozinha e a Jornalista, com o olhar perdido diante das paredes, parecia estar com o pensamento ao longe. Estava tensa.

Lentamente, e com a arma levantada a altura dos olhos, o detetive entrou na escuridão que pairava sobre a escada. O último degrau o levou ao corredor e os quartos ficaram a vista. No quarto principal, Mancini percebeu que o lençol estava mexido, como se alguém tivesse deitado por ali.

Momentos depois, o inspetor auxiliar havia verificado os demais cômodos da casa.

— Ele não está aqui! — Admitiu Wilson, diante da porta do quarto principal.

— Há marcas de pneu lá fora. Marcas recentes. Alguém esteve aqui. — Disse Mancini, enquanto olhava pela janela: — Vamos vasculhar o quintal.

Laura tocava em alguns objetos de decoração espalhados pela sala, observava um ou outro quadro pendurado na parede, e ficava hipnotizada a cada flash de lembranças que lhe vinham á mente. Subitamente, um detalhe lhe chamou a atenção. Sob as escadas de acesso ao segundo andar, havia um armário embutido, o qual abrigava algumas ferramentas de jardinagens e outros objetos de uso esporádico. Ao menos era esta a finalidade do compartimento. Uma aba da porta do armário estava entreaberta, deixando a vista, um pano escuro preso a um recipiente de detergente. O cheiro do removedor de sujeiras estava forte e aguçando o olfato da Jornalista.

Com extrema cautela, Laura se aproximou e abriu a porta completamente. Pode notar que alguns objetos estavam guardados ali á muito tempo. O odor do detergente estava severamente forte, o que fez com que conferisse se a tampa estaria aberta. Estava devidamente fechada. Ao tocar no pano escuro, enrolado ao recipiente, percebeu que estava umedecido com o líquido do frasco. Teve a certeza de que o pano com o detergente fora usado recentemente. Mas para limpar o que? E por quem?

Laura virou-se e observou o chão. Moveu um antigo tapete para o lado e tentou verificar se o piso fora limpo á pouco tempo. De um movimento, deitou-se sobre o tapete e tocou o nariz no assoalho. Confirmou sua suspeita. Todo o piso da sala estava limpo e cheirando a removedor.

O detetive Mancini desceu as escadas, e sem entender o que se passava, ficou a contemplar a Jornalista deitada sobre o tapete.

— Está tudo bem com você?

— Sim. Estou bem... — Disse Laura, enquanto se colocava de pé: — O chão da sala foi totalmente limpo. Este pano foi utilizado e o cheiro do removedor ainda está impregnado.

Mancini sentiu o odor. Rapidamente, agachou sobre o calcanhar e passou a procurar por algum detalhe que denunciasse o motivo pelo qual alguém fizesse uma limpeza no assoalho. Rodou por todos os cantos da sala, mas nada foi encontrado. Se o amigo da Jornalista tivesse realmente passado a noite naquela casa, porque faria uma faxina exatamente na sala? Pensou.

— Há cervejas no congelador... — Afirmou Wilson, ao se aproximar: — Parece que alguém esqueceu ou não teve tempo de tomá-las.

Mancini balançou a cabeça. Estava pensativo. De repente, lhe veio á mente as marcas de pneu do lado de fora. Deixou a sala e seguiu para o portão de entrada do sítio. De lá, iniciou um minucioso acompanhamento da trajetória das marcas feitas pelo carro. Quando chegou diante da casa, percebeu que as marcas se dividiam. Uma tomava o rumo para a lateral da casa, enquanto a outra parava diante da varanda.

Isso indicava que dois veículos haviam entrado na propriedade recentemente. O detetive cerrou os olhos. Sim. Eram dois veículos. Pois, no momento em que as marcas se dividiam, podia ser notado que os traços deixados na lama, eram de formatos diferentes. O carro que estacionara diante da casa, tinha um pneu bem mais largo do que o veículo que tomara a outra direção. Por tanto, este poderia ser um veículo bem maior, como uma caminhonete ou outro carro semelhante.

O fato de ter entrado recentemente dois veículos de tipos diferentes, o deixava confuso. O que poderia ter acontecido ali?

O detetive olhou para a outra marca na lama e decidiu acompanhar o que seria, provavelmente, as marcas deixadas pelo veículo mais leve. Percebeu que o carro fizera uma trajetória em marcha ré, manobrou a direita e seguiu em direção à parte de fundos do sítio. “O que foi fazer este veículo lá atrás?”. Pensou Mancini.

Onde parecia ser o final do terreno, existia uma pequena elevação em pedra bruta, coberta por uma vasta vegetação ao alto.

Mancini percebeu que, as marcas dos pneus contornavam a elevação e seguia em frente, agora, por um declive acentuado. Para sua surpresa, ao chegar ao alto da pedra e acompanhar a trajetória das marcas, pode ver que o caminho desembocava em um lago ao fundo. O barulho sereno e constante da água corrente indicava que um rio passava próximo daquele ponto. As marcas dos pneus, então, desaparecem como em um passe de mágica.

O detetive obsejou ainda o mato amassado, provavelmente, pela roda do carro, e coberto por uma extensa linha de lama. Parecia não ter mais dúvidas de que o veículo havia descido até o fundo do lago.

Wilson, acompanhado da Jornalista, apareceu em um ponto mais baixo do terreno. Ao ver o detetive Mancini sobre a pedra, ao alto da elevação, se perguntaram o que estaria fazendo ali.

Rapidamente, Mancini desceu para juntar-se aos visitantes.

— Tem um pequeno lago atrás desta pedra... — Apontou Mancini: — Tem ideia da profundidade deste lago, senhora Laura?

— Hum... Talvez três ou quatro metros. Não sei ao certo. — Falou enquanto cruzava os braços: — Assim que compramos este sítio, o lago era utilizado para criação de peixes. Os quais, pescávamos, no fim de semana.

— Acredito que tenha um veículo no fundo deste lago...

— O que? — Laura falou com indignação: — Mas como isto...

— É o que vamos descobrir. — Cortou Mancini, voltando o olhar para o inspetor auxiliar: — Wilson. Faça contato com o delegado de plantão. Diga para nos mandar mergulhadores, um guincho e a equipe da perícia. Temos que verificar se existem sinais de sangue no piso da sala.

— Ok! — Confirmou o inspetor, enquanto seguia em direção ao carro. Iria usar o rádio de comunicação da corporação, embarcado no veículo.

Laura sentira um aperto no peito. Seu coração parecia querer lhe dizer alguma coisa.

O detetive Mancini contornou a outra lateral da casa, passou pela antiga residência do caseiro, também, abandonada á algum tempo. Examinou possíveis pegadas na parte externa, mais devido a forte chuva que caíra na noite anterior, era possível que as pegadas estivessem apagadas. O que podia se ver, eram muitas poças de lama. E boa parte do terreno, estava coberta por folhagens trazidas pelo vento.

O interior da casa também fora vasculhado, em busca de algum detalhe que denunciasse uma pista. Mas depois de vários minutos de minuciosas pesquisas, o detetive estava convencido de que não havia mais onde procurar. Após conferir o horário, decidiu que o melhor a fazer seria aguardar a chegada da equipe de peritos, os mergulhadores e o guincho. Devia se concentrar no que o lago havia guardado para lhe mostrar. Pensou.

Na tela do grande monitor, a foto de um rosto em tamanho real tomava o centro do vídeo. Ao redor, outras fotos em menor dimensão, estavam simetricamente espalhadas. Algumas pareciam estar marcadas com um traço em vermelho.

Uma das mãos do homem movimentava o mouse na tela, enquanto a outra segurava uma xícara de café.

O som, vindo da porta, anunciou três toques, assim como fora combinado anteriormente.

Rapidamente, o homem se levantou e seguiu até o olho mágico. Tentou visualizar o máximo que pode ao redor do visitante. Virou a chave e o grandalhão apareceu como se tomasse todo o tamanho da abertura do portal.

— Não deixou ser seguido, não é?

— Não! — Afirmou o grandão.

— Vamos lá, entre.

O homem voltou-se para o computador, enquanto Jack foi até a janela olhar a paisagem.

— Parece que teremos um dia melhor, hoje. — Balbuciou o homem no computador:

— Vamos ter uma grande noite... Será uma noite triunfal, meu caro Jack.

O sujeito na janela confirmou com um balanço de cabeça. Aproximou-se do monitor e olhou com atenção a foto estampada no monitor.

— Este é o nosso maior peixe... — Disse o homem, enquanto sorria de forma sarcástica: — O peixe principal. Você vai conhecê-lo, Jack.

Jack era um sujeito sério, de poucas palavras e expressões quase que congeladas. Seus traços rígidos e polidos, lhe estampava um nítido ar de um militar extremamente treinado para operações de alto risco. Parecia até mesmo um agente europeu, preparado pelo exército israelense para missões de combate urbano.

Sua aproximação do homem do computador, em algum momento, parecia ir além de um compromisso profissional. Pareciam estar afinados em um único propósito.

— Este é o camarada que dizia ser meu amigo... — Bradou o homem, sem tirar os olhos da foto: — Afirmava que podia guardar segredos. E isto ele tinha mesmo para guardar. E eu sabia dos seus segredos.

Jack foi até a cama, abriu uma grande mochila preta e conferiu alguns objetos. Apanhou um computador portátil e o colocou em funcionamento, enquanto ouvia as palavras do amigo.

— Você acredita nisto, Jack? — Continuou o homem: — Ele me procurava sempre que entrava em desespero. Depois de saciar sua sede... Me fazia jurar que nunca contaria nada a ninguém. Nunca teve coragem de assumir sua natureza diante do

mundo.

O grandalhão fechou o computador e conferiu sua arma. Sacou o pente e contou as balas. Parecia estar tudo em ordem.

O homem do computador estava sorrindo como se estivesse embriagado ou algo assim. Mas seu sorriso estava nervoso. Tenso. A expectativa do momento mais esperado de todo seu planejamento, o estava deixando louco. Parecia padecer nas lembranças de épocas de tormentos e agressões vindos de todos os lados. Não queria mais lembrar. A única coisa que parecia lhe fazer sentido era apagar da face da terra, as pessoas que lhe deixaram as terríveis marcas, que apesar do tempo, persistiam vivas em sua mente. Era a única maneira que podia fazer, para que se sentisse melhor. Precisava se sentir vingado e libertado dos fantasmas do passado. Enfim, havia chegado a hora. O homem covarde que conhecera no passado estaria em breve, lhe suplicando pela vida. Vida esta, que um dia, um grupo de rapazes, guiados pelo seu mentor, lhe tentaram tirar. E era exatamente este mentor, o formador de opiniões, que dividira momentos íntimos e covardes, por tempos a fio.

Jack, com a pesada mochila pendurada, passou por trás da cadeira do homem, apanhou uma folha de papel com algumas anotações, tais como um endereço, um nome e uma foto ao alto. Tocou o ombro do homem sentado ao computador e seguiu em direção á porta. Antes que pudesse sair, olhou pelo olho mágico e puxou a maçaneta. No limiar da porta, voltou o olhar para o interior do quarto e notou que o homem diante da grande tela, estava perdido em pensamentos de um passado longínquo.

Antes de bater a porta atrás do calcanhar, pronunciou, com um deturpado português e com uma voz um tanto metalizada.

— Nos veremos mais tarde... Vermont.

◇◇◇◇

Não levava mais que dois minutos para que o mergulhador voltasse á tona, e com o braço erguido, mostrou o polegar apontado para o alto, numa indicação de confirmação. Sim. Havia um carro no fundo do lago.

Mancini balançou a cabeça. Sua suspeita fora confirmada.

Imediatamente, os homens do guincho desceram o cabo de aço em direção á margem. O mergulhador iria guiar o gancho, preso a extremidade do cabo, e no momento certo, prendê-lo no eixo traseiro do veículo.

Dentro da casa, os peritos trabalhavam na sala, em busca de possíveis pistas deixadas no assoalho. Com equipamentos modernos de pesquisas, poderiam detectar manchas de sangue no ambiente, até mesmo depois que uma limpeza fosse feita.

A temperatura estava amena, sem chuvas, mas com o céu encoberto. Por trás das montanhas, grandes nuvens negras surgiam e logo, eram levadas para longe com a

força do vento.

Mais uma vez, o mergulhador veio á tona. Com gestos, confirmou para o motorista do reboque, que o gancho estava devidamente preso ao carro.

O barulho da engrenagem em funcionamento preencheu o ar. Á medida que o eixo girava, em sentido horário, pouco a pouco, o cabo enrolava na carretilha presa ao guincho. Não demorou muito para que o cabo ficasse totalmente esticado. O motor rangeu como se fizesse uma força excessiva, para puxar o que estava preso na outra extremidade do cabo. Enquanto a carretilha ganhava volume, a traseira do veículo despontou na água.

Laura levou as mãos no rosto e suspirou. Seus pressentimentos estavam certos. Era o carro do amigo de longas datas. Eduardo Seixas.

— Oh! Meu Deus! — Exclamou, enquanto o veículo era içado ao alto.

Já com o carro totalmente fora da água, Mancini contornou a elevação do terreno e ficou em uma posição que pudesse ver o interior do veículo. Daquele ponto, pode notar um homem no banco do motorista. Ao se aproximar, pode ver o rosto do sujeito, um tanto deformado pelo tempo que ficara sob a água, mas não lhe restava mais dúvidas, era realmente quem imaginava que fosse. Percebeu o ferimento na lateral da cabeça, certamente por uma arma de fogo.

Laura vinha em direção ao carro, mas fora interceptada pelo detetive.

— É ele não é? — Quis saber.

Mancini não pronunciou palavra alguma. Apenas suspirou profundamente e balançou a cabeça como se respondesse a pergunta da Jornalista.

Laura desabou em prantos. As lágrimas desceram e escorreram por todo o seu rosto.

Mancini a tomou nos braços e a acolheu como se tentasse amenizar seus sentimentos.

— É melhor que não o veja.

Alguns minutos se passaram, enquanto Laura chorava descontroladamente. Tivera a impressão que suas forças haviam saído completamente do seu corpo. E que suas lágrimas, não eram apenas pela trágica morte do amigo, mas por tudo que estava acontecendo nos últimos dias. As revelações de Eduardo sobre o suspeito, responsável pelos assassinatos recentes, e sua correlação com o episódio da noite do baile de formatura, ocorrido á tempos atrás, o envolvimento de seu companheiro na tragédia e por fim, a perda total da tranquilidade. Temia pela vida das pessoas ao seu redor. E por sua própria vida.

Mancini procurou por um lenço, mas não encontrou. Por um instante tentou remover as lágrimas do rosto da Jornalista, com as próprias mãos. Percebeu o quanto aquele rosto era belo. Havia uma expressão forte e sincera, nos traços da face daquela mulher. Uma repentina vontade de beijá-la lhe sucumbiu o coração. E um desejo de prestar proteção e amparo, lhe ardeu no peito.

Os olhos de Laura estavam muito próximos do olhar do detetive. Não foi difícil perceber que pairava no ar, um brilho de ternura e afeto. Por um momento, suas

pernas vacilaram. Sentira uma estranha vontade de ficar nos braços do detetive, por um longo tempo.

Wilson se aproximou, na companhia do chefe da equipe de perícia. Ambos conversavam freneticamente, enquanto caminhavam em direção a Mancini.

— Como vai, Walter? — Mancini cumprimentou o chefe da equipe de Peritos, enquanto se afastava da Jornalista.

— Alguém esta tirando sua paz, não é mesmo? — Bradou o homem, com um cigarro ao canto da boca.

— Obrigado por ter vindo. — Houve um aperto de mãos.

— Vim assim que me informaram. Estou com vocês neste caso... Temos que apanhar este sujeito.

— Acabamos de encontrar mais uma vítima. Estava no fundo do lago.

— Provavelmente é o responsável pelo sangue encontrado no piso da sala... — Falou o perito, enquanto tentava olhar o carro retirado da água: — Há também, vestígios de pólvora no chão.

— Então, ele foi baleado dentro de casa. — Adiantou Wilson: — Colocado em seu próprio carro, e conduzido até o lago.

Mancini fixou o olhar no chefe da perícia, antes de indagar:

— Isto significa que o assassino queria encobrir o crime, certo?

— É o que parece... — Consentiu o perito.

— Esta atitude não condiz com os outros assassinatos. Se fizermos uma relação com o grupo de alunos, responsáveis pelo ataque na Universidade, como sugerido pelo próprio Eduardo, verá que a atitude do assassino aqui diverge totalmente dos outros... — Mancini afrouxou o nó na gravata e girou ao redor: — Por que ele, o assassino, iria querer esconder o corpo desta vez?

— Talvez não seja o mesmo assassino... — Sugeriu o perito.

Os detetives trocaram um rápido olhar e voltaram a observar o homem. Esta era uma hipótese que, diante dos fatos, traria uma complicação a mais na situação. Mas era apenas uma sugestão.

— Preciso que investigue as marcas de pneu em frente á casa. — Suspirou Mancini:

— Outro carro esteve aqui.

— Vamos fotografar tudo. — O perito girou no calcanhar e desceu a elevação em direção a casa: — Nos vemos mais tarde.

Laura parecia ter se recuperado da súbita avalanche de lágrimas. Como era de costume, sempre depois de momentos angustiantes, uma energia vinda de algum lugar, lhe invadia a alma. Suas forças pareciam renovadas e sua mente, pronta para articular os movimentos que a levaria a vencer a próxima batalha. Respirou profundamente, antes de deixar o local onde os peritos trabalhavam na coleta de pistas e detalhes que ajudariam na investigação do caso. Não podia ficar ali, olhando toda aquela gente trabalhando. Precisa contribuir. Colaborar. Afinal, se o falecido amigo Eduardo, estivesse certo, sua vida também estava em perigo. Com a parte de

trás de uma das mãos, secou as últimas lágrimas que escorriam pela face, e seguiu em direção a casa.

Mancini conversava com o parceiro de trabalho. Pareciam analisar o ponto em que estavam, e tomar a decisão dos próximos passos. Precisava correr contra o tempo, antes que uma nova surpresa o tomasse de assalto.

Decidira visitar a antiga residência do aluno agredido na Universidade. Talvez conseguisse alguma informação relevante. Lembrou que certa vez, o parceiro de trabalho comentou sobre uma amiga que trabalhava no aeroporto internacional. A jovem poderia ajudar a identificar o nome do homem que procuravam junto à lista de passageiros, nas últimas semanas. Isto ajudaria muito.

Quando mencionou que iria visitar a antiga residência do aluno da Universidade, Laura se mostrou pronta para acompanhar na investigação. Seu instinto de Jornalista estava à flor da pele.

Dentro do carro, de volta ao centro da capital, Mancini pensou na jovem amiga de seu companheiro, que trabalhava no aeroporto:

— Não é você que tem uma amiga que trabalha na administração do aeroporto internacional? — Indagou Mancini.

Wilson pensou por um momento, até que admitiu:

— Sim. Uma amiga daquelas que a gente não esquece...

— Hum... Seria muito difícil conseguir que ela ajudasse a identificar uma pista do nosso sujeito?

— Posso tentar. Além do mais... — Afirmou Wilson olhando pela janela: — Seria ótimo revê-la.

— Faça isto! — Falou Mancini ao volante: — Enquanto isso, iremos visitar a antiga residência do aluno agredido.

O carro deslizou rapidamente, até que a imensidão verde ficou para trás. Os grandes prédios e condomínios residenciais, agora, ganhavam lugar junto à paisagem.

A rua indicada no mapa ficava no limite do bairro de Vila Mariana. Um povoado situado a poucos quilômetros do centro da capital. Embora bem localizado em relação ao comércio de modo geral, o bairro parecia estar repleto de pequenas e humildes residências.

O número do logradouro tinha como referência uma casa de um único pavimento, exibindo uma cobertura de dois caimentos com antigas telhas francesas, escurecidas pelo tempo. O baixo portão em madeira, acompanhando a altura do muro, desbotado e queimado pelo sol, deixava a vista um bem tratado jardim, entre o muro e a pequena varanda. As portas e janelas, embora fosse possível observar os resquícios de tinta branca, pareciam estar nas mesmas condições do portão.

Entre as roseiras amarelas e algumas samambaias que desciam por entre os galhos de uma árvore, bem ao centro do jardim, uma senhora manuseava uma tesoura apropriada para a poda de sua vegetação. Em um balde de plástico, colocado sobre um banco de cimento, jogava as folhas e galhos que cortavam das plantas. Os galhos de fixos eram devidamente aparados, como se os cortes fossem uniformes ao restante das folhas. A velha senhora parecia querer dar a árvore, uma forma contrastante com sua própria natureza.

Um cachorro, de uma raça indefinida, com pelos malhados em preto e branco, deitado sob o banco do jardim, insistia em fazer companhia para sua dona. Quando, de um salto, se colocou nas quatro patas e latiu em direção ao portão.

O som do latido, alto em demasia, agredira os tímpanos de sua dona.

— Cale-se, Leopoldo! — Grunhiu a senhora: — Assim você ainda vai me deixar surda. O cão persistiu com o latido até que a senhora jardineira olhou em direção ao portão e pode ver o

motivo da balbúrdia de seu pequeno companheiro.

— Hum... Temos visita, não é? — A senhora passou a mão sobre a cabeça do cachorro, como se

agradecesse pelo aviso: — Fique quieto... Vai acabar assustando o casal.

Diante do portão, o detetive Mancini e a Jornalista, estavam parados tentando chamar a atenção da jardineira.

— Senhora! — Bradou Mancini com a carteira de identificação em uma das mãos: — Queremos lhe

falar...

A mulher se aproximou e forçou a vista para compreender o que seria aquele cartão de apresentação.

— Quem são vocês?

— Sou detetive de polícia... E esta é uma amiga Jornalista.

— Hum... E o que fazem aqui, na minha casa?

— Gostaria de conversar um pouco com a senhora. Precisamos lhe fazer algumas perguntas. A mulher franziu a testa e cerrou os olhos. Por um momento, ficou assustada por receber a visita de um detetive.

— Não devo nada para a polícia. O único crime que cometi foi não pagar a conta do celular. Mas eu

disse que não precisava deste telefone móvel. Mesmo assim, eles insistiram em me mandar um. Quanto

chegou a conta, não paguei. Vocês vieram me prender por isto?

— Não! Não! Não vamos lhe prender... — Consolou Laura.

— E... Sobre o que querem conversar com uma velha, como eu?

— Conhece Ezequiel Vermont? — Disparou Mancini.

A velha senhora tateou e depois congelou por um momento. Seus olhos ficaram fixos ao chão

como se buscasse no fundo da memória, a lembrança daquele nome que não lhe parecia estranho. — Como disse?

— Conhece alguém com este nome, senhora? — Indagou Laura.

— Por que querem saber?

— É uma longa história... Senhora. — Admitiu Mancini.

A mulher tossiu. Olhou ao redor, como se tivesse perdido o chão. Sua memória parecia, agora, ter

entrado em ação e enviado para sua mente, lembranças de um tempo remoto.

— Vocês não querem entrar? Deveriam vir e provar do meu café, o que acham? Depois de atravessarem a porta de madeira, os visitantes depararam com uma pequena sala, onde

poucos móveis de decoração estavam espalhados de forma aleatória. A mobília parecia ser tão antiga,

que poderia ser confundida facilmente com a idade da dona da casa.

— Sentem-se, por favor! — Disse a mulher, apontando para um surrado sofá: — Vou fazer um café...

— Senhora! Não será necessário. Não queremos incomodar. São apenas algumas perguntas e logo

iremos embora. — Adiantou Laura.

— Suas perguntas ficarão sem resposta, minha jovem. Não tenho notícias desta pessoa á muitos

anos. Mas, insisto que bebam meu café. Nos dias de hoje, é o melhor que ainda posso fazer... A mulher tomou a direção da cozinha, enquanto a Jornalista a seguiu.

— Ele é seu filho? — Indagou Laura.

— De criação... — Disse a mulher enquanto acendia o fogão: — Na verdade, é meu sobrinho. Minha

irmã faleceu quando ele ainda estava na puberdade.

— Desde quando a senhora não o vê?

— Faz muito tempo... — A mulher desceu algumas xícaras do armário preso á parede e continuou:

— Era um jovem muito inteligente. Chegou a se formar na Universidade. Sua mãe ficaria orgulhosa. Laura caminhou pela pequena cozinha e observou um quintal ao fundo do terreno. Da porta, viu

algumas galinhas que passeavam livremente.

— Por que a senhora disse “Era um jovem”? Por acaso ele...

— Pra mim ele está morto, minha jovem... — Cortou a senhora: — Depois de tudo que fizemos por

ele, nos abandonou e partiu sem deixar o endereço, sem dar notícias, uma carta, um telefonema, nada. Não

se faz isto com alguém que o criou, educou, lavou suas roupas, lhe deu carinho e atenção, e... Dos olhos miúdos da pobre senhora, algumas lágrimas brotaram.

— Desculpe. Não tive a intenção de...

— Não tem problema. Ando mesmo com vontade de chorar...

Uma leiteira com água quente foi suspensa ao ar pelas mãos tremulas da senhora. Laura se adiantou e tentou ajudá-la, mas fora imediatamente interrompida.

— Não preciso de ajuda. Como falei, a única coisa que ainda faço bem é uma xícara de café. Em seguida, a pobre senhora depositou a bandeja com três xícaras sobre a pequena mesa no centro da sala.

— Espero que apreciem...

— Durante a formatura do seu sobrinho, ocorreu um incidente no baile, o que o levou a ficar

hospitalizado por um longo período... — Disse Laura: — A senhora não deve ter esquecido este episódio, não é?

— Sim. Eu lembro bem. Lembro, também, que ao sair do hospital, ele desapareceu sem nos dar

notícia alguma. Até hoje não sei onde se meteu. O que poderia mais acontecer com ele? Não sei

absolutamente de mais nada...

— Mas, não foi á senhora que o retirou do hospital, assim que os médicos lhe deram a alta? —

Mancini falou com a xícara na mão.

— Sim. Sim. Mas, alguns dias depois, juntou tudo que tinha em uma mochila e desapareceu. Desde então...

As lágrimas voltaram aos olhos da mulher.

— Sinceramente, não tínhamos a intenção de lhe fazer chorar. — Diante da emoção a flor da pele

da pobre senhora, Mancini ficara sem mais palavras.

A poucos metros da entrada da cozinha, á esquerda, havia uma porta, onde parecia existir um

quarto. Pela fresta entre a porta e o piso, uma sombra entrou em movimento. Não demorou muito para

que o detetive percebesse. Instantaneamente, Mancini levantou os olhos e fixou o olhar nos movimentos

aleatórios da sombra. Parecia ter alguém dentro do quarto.

— Tem mais alguém em casa, com a senhora? — Indagou o Policial.

A mulher secou algumas lágrimas com a mão e girou o rosto para o detetive:

— Somente eu e o Leopoldo. Fazemos companhia um para o outro. É o meu companheiro... — Mas... Parece que tem alguém dentro daquele quarto... — Mancini apontou o cômodo com o indicador.

— Não há mais ninguém aqui detetive. — Falou incisivamente, a senhora.

— Mas, estou vendo...

Mancini depositou a xícara sobre a mesa, colocou-se de pé e caminhou em direção á cozinha. Laura, rapidamente, o acompanhou.

Logo que chegou diante da porta, o detetive procurou pela sombra, mas não a encontrou. Forçou a

maçaneta para abrir, mas percebeu que estava trancada.

A dois passos atrás, Laura olhava curiosa e tentava entender o que estava acontecendo ali. — Está trancada! — Falou Mancini enquanto forçava a maçaneta.

— Já lhe falei que não há mais ninguém em casa! — A senhora estava de pé no limiar da entrada da

cozinha, exibindo um par de meias até o meio da canela.

— Por favor, abra esta porta. Por que está trancada? Tem alguém ai dentro?

— Vocês, Policiais, desconfiam até da própria sombra...

A pobre senhora apanhou uma chave sobre a bancada de um armário, e com passos lentos e

vacilantes, seguiu em direção á porta.

Depois de localizar a chave desejada entre tantas outras, um barulho se fez ouvir na

fechadura, e

por fim, a porta cedeu.

O detetive apoiou a mão sobre a arma ao reder da cintura, e entrou no quarto. Havia uma antiga cama de solteiro, coberta por uma grande quantidade de roupas espalhadas. O

cheiro de sabão em pó fez arder os olhos do Policial. Ao lado, um grande armário estava com todas as

portas abertas, como se alguém estivesse por ali, á procura de alguma coisa. Do outro lado, uma mesa

retangular, deixava a mostra um vasto material de trabalhos manuais, assim como tricô, pinturas e mais

algumas coisas do gênero. Ao fundo, podia ser notada uma janela de madeira totalmente aberta, onde as abas balançavam com o vento.

— Como lhe falei detetive, não há mais ninguém em casa.

A mulher estava séria. A expressão em seu rosto denunciava o descontentamento com o ocorrido.

Certamente, pelo descrédito de sua palavra.

O Policial correu até a janela e olhou para ambos os lados. Nada pode ver de mais suspeito. Em

seguida, retirou a mão da arma, ajeitou seu paletó e deixou o quarto, enquanto olhava indignado, para o semblante de Laura.

Um avião de passageiros, com apenas dois de seus motores em funcionamento, fazia a manobra para estacionar diante do imenso prédio da administração do aeroporto. Apesar das turbinas ainda em serviço, o barulho ensurdecedor dos motores não podia ultrapassar as paredes da edificação, em sua maioria, revestidas com material a prova de som.

O boeing colou o nariz sob a marquise de cimento e a escada fora acoplada na lateral da aeronave. Logo que os motores cessaram, a porta correu até o canto e permitiu a descida dos passageiros em fila indiana.

Atrás da vidraça do segundo andar, o inspetor Wilson sorriu ao canto da boca. Pode ver que a aeromoça sobre o primeiro degrau da escadaria, a que desejava boas vindas aos usuários do transporte aéreo, era a amiga que procurava.

Depois que o último passageiro desceu, os comissários e pilotos deixaram a aeronave. Alícia era uma mulher alta, magra, de pele morena e cabelos cacheados. Estava a pouco mais de seis meses na nova função, como comissária de bordo em voos domésticos, tais como os denominados “pontes aéreas”.

Ao passar pelo saguão, puxando uma pequena mala sobre rodas, pode avistar o inspetor, que a aguardava junto a uma coluna de sustentação do prédio. Um largo sorriso foi aberto, assim que o inspetor Wilson parou na sua frente.

— Olá! — O cumprimento soou como uma prolongada nota musical: — O que faz por aqui? Vai viajar?

— Minha querida Alícia. Não, não vou viajar. Estava passando por aqui e lembrei-me de você. Então, resolvi parar pra te ver...

— Difícil acreditar. Mas... Milagres acontecem.

A morena era simpática por natureza. E com isto, o sorriso permanecia, quase que sempre, naquele rosto angelical.

— Bem, na verdade, estava mesmo é precisando te pedir um favorzinho...

— Eu sabia... Não foi espontâneo.

— Vamos beber alguma coisa? — Wilson apontou a lanchonete.

— Sinto muito, mas agora não posso. Daqui a pouco terei que fazer o voo de volta. Mas diga-me, em que posso te ajudar?

Wilson raspou a garganta e prosseguiu:

— Preciso saber se uma pessoa desembarcou neste aeroporto, a cerca de uma ou duas semanas, por aí...

— Hum... Tem o nome da pessoa?

— Sim. Tenho.

— Então, venha comigo. Vamos falar com um amigo que, com certeza, vai nos ajudar.

A morena iniciou uma tranquila caminhada pelo movimentado saguão do aeroporto internacional, enquanto o inspetor Wilson seguia a seu lado, agora, com sua bagagem nas mãos. Enquanto conversavam de assuntos variados, o autofalante soava uma voz feminina, sempre com informações sobre um novo voo, ou até mesmo com propagandas de descontos nas tarifas de passagens.

Depois de alguns lances de escada, chegaram diante de uma sala cercada por paredes de vidro. Ao fundo, notavam-se varias mesas simetricamente dispostas ao longo, e uma sequencia de computadores com telas gigantes, podiam ser vistos, colocados ao alto.

Alícia entrou na sala, cumprimentou cada colega de trabalho que encontrava no caminho, até que alcançou a última mesa. Apoiou a mão sobre o ombro do rapaz ao computador, e o cumprimentou com um belo sorriso.

— Como vai, Vitor?

— Como foi seu voo? — Vitor girou o rosto e lhe devolveu o sorriso.

— Foi ótimo! Este é um amigo... — Disse apontando para Wilson: — Ele é detetive da Policia e precisa de uma informação. Poderia ajudá-lo?

— Olá! O que está precisando?

Wilson retirou do bolso uma folha com os dados do homem que procurava e estendeu sobre a mesa do rapaz.

— Toda a Polícia do estado está á procura deste homem... — Disse, enquanto apontava para a foto impressa no papel: — Quero saber se desembarcou por aqui, a cerca de duas semanas, ou algo assim?

— Vamos ver...

O jovem passou a manusear o mouse. A seta branca correu por várias vezes sobre a grande tela, até que algumas janelas abriram e fecharam em um segundo, deixando a vista, um campo que solicitava a entrada de um nome.

— Como ele se chama? — Indagou Vitor.

— Aqui está!

Wilson indicou o nome impresso na folha e o jovem imediatamente, transcreveu para o computador. Depois de um ou dois segundos de processamento, uma lista com vários nomes fora apresentada na tela. A rolagem dos nomes em ordem alfabética, rapidamente deixou a vista o que o detetive procurava.

Wilson trincou os dentes. Estava perplexo com a velocidade e a exatidão da informação.

— É este... Aqui. É o nome que procuro. — Falou apontando para o monitor.

O jovem moveu a seta um pouco mais abaixo e confirmou:

— Desembarcou na semana passada, exatamente às dez horas e quarenta e cinco minutos, da manhã de quinta-feira, em um voo internacional vindo de Berlin,

Alemanha...

— Hum... Hum. — Resmungou Wilson, pasmo.

— Se precisar pode solicitar as imagens do circuito de câmeras. — Emendou o rapaz.

— Obrigado, filho. Ajudou muito.

Wilson estava impaciente. Acabara de certificar-se de que o suspeito principal do caso em que trabalhava, havia desembarcado bem debaixo do nariz de todos naquela cidade. Por um instante, lhe veio á lembrança o amigo da Jornalista e sua suspeita na ligação entre o aluno espancado na noite do baile de formatura, e o assassino responsável pelos recentes homicídios. Tivera a forte impressão de que Eduardo estaria totalmente certo. No entanto, acabou sendo assassinado sem antes, ter a confirmação de sua suspeita.

— Alícia, muito obrigado. Fico te devendo esta, ok.

— Não há de que. Não suma por tanto tempo...

O inspetor não pode mais dar atenção a sua amiga. Girou no calcanhar e saiu em disparada, em direção as escadarias. Sabia que o sujeito, certamente, pegaria um dos táxis que ficava a disposição diante do hall de entrada do aeroporto. Decidiu interrogar todos os motoristas que pudesse encontrar, mesmo que isto significasse passar o restante do dia, parando cada táxi daquele lugar. Sim. Iria fazer isto. Pensou.

Com passos largos e apressados, o detetive alcançou o primeiro carro do início do estacionamento. Olhou ao longe e notou que havia uma fila, para que os táxis ficassem organizados á medida que retornassem de algum serviço.

Com a foto do homem que procurava em punho e a identificação de Policial, o detetive se aproximou da janela do primeiro automóvel da fila.

— Olá! Posso falar com você?

— Sim... — Concordou o taxista, olhando a carteira estendida a sua frente: — Pra onde vamos Policial?

— Não vamos a lugar algum. Olhe esta foto. Viu este homem por aqui? Ele embarcou no seu táxi?

O motorista olhou por um momento. Depois balançou a cabeça de forma negativa.

— Nunca o vi aqui. Talvez tenha entrado em outro carro.

— Por favor, olhe mais uma vez.

— Não conheço este cara.

Depois de algumas entrevistas com os motoristas presentes, o inspetor reconheceu que não seria nada fácil encontrar uma pista do sujeito. O número de passageiros que embarcavam e desembarcavam naquele aeroporto, era demasiadamente grande.

Enquanto olhava de um lado ao outro, frustrado com suas entrevistas sem sucesso, notou que um carro parou bruscamente ao final da fila. O motorista desligou o motor e sacou um cigarro. Em seguida, abriu o jornal do dia e passou a folhear o que parecia ser o caderno de esportes.

Wilson balançou a cabeça e saiu em direção ao carro. Resolvera arriscar mais uma vez. Afinal, estava ali para isso. Passou rapidamente a carteira de identificação ao alcance dos olhos do motorista, e com a outra mão, estendeu a foto do homem que procurava.

— Olá, amigo!

— Olá!

— Com certeza você também não viu este sujeito por aqui, não é?

O homem fechou o jornal e soltou uma baforada de fumaça no ar.

— Depois de um tempo, todos parecem iguais.

— Foi o que pensei...

— Este sujeito pode ter entrado no meu táxi... — Disse o homem, gesticulando os braços: — Á duas semanas que não faço uma viagem para fora do centro da cidade. Se ele entrou no meu carro, eu não o deixei muito longe...

Wilson cerrou os olhos. As palavras do motorista lhe fizeram algum sentido. Era possível que o sujeito estivesse em algum hotel, bem mais próximo do que podia imaginar.

— Olhe mais uma vez para este rosto. Tente se lembrar. — Insistiu o detetive.

O homem olhou para o lado, raspou a garganta e cuspiu. Quando voltou o olhar para a foto, parou por um instante e abriu um sorriso debochado ao canto da boca.

— Acho que ele tinha uma grande cicatriz no rosto. Isto me chamou a atenção.

O inspetor sentiu um calafrio lhe subir a nuca. O homem agredido na noite do baile de formatura tivera várias lesões pela face. Era possível que ainda tivesse as cicatrizes.

— Pode ser este o homem que procuro. Então... Onde o deixou? Tente se lembrar.

O motorista parecia estar trabalhando a várias horas seguidas. Exalava um odor de suor, misturado com roupa suja.

— Hum... Pode ter ficado em algum hotel. Não sei ao certo...

O motorista abriu a porta e desceu.

Ao se aproximar um pouco mais, o inspetor Wilson pode sentir o cheiro de álcool que exalava ao mesmo tempo em que o taxista abria a boca.

— Ora, veja! — Disse, enquanto passava o nariz ao redor do homem: — Não é que temos aqui um motorista embriagado?

— Não! Não! Não é bem assim. Apenas tomei duas doses. Precisava me acalmar...

— Neste caso... — Falou Wilson, com desdém: — vou ter que ligar para a delegacia e pedir que mandem uma viatura policial para levá-lo. O que me diz?

— Não pode fazer isto comigo, estou trabalhando...

— Posso sim. E vou fazer, a menos que me diga em que hotel deixou este sujeito?

— O inspetor estendeu a altura dos olhos, mais uma vez, a foto em suas mãos.

O motorista girou no calcanhar e apoiou as mãos no teto do carro. Depois de uma profunda tragada no cigarro, jogou a guimba no chão e pisou como se quisesse trucidá-la. Parecia estar pensando.

— Agora me lembro... — Disse enquanto balançava a cabeça: — Deixei este cara entre a Consolação, Paulista, ou até mesmo a Bela Cintra. É, é isto. Acho que foi na Bela Cintra. Tem um pequeno hotel naquela região. Posso estar enganado, mas acho que você devia conferir...

O inspetor balançou a cabeça num gesto de reprovação. Como poderia um motorista de táxi, estar trabalhando naquele estado? Talvez estivesse blefando, apenas para que não tomasse nenhuma atitude contra ele. Mas, depois de todo aquele tempo, fora o único que lhe dera uma pista.

Tinha que arriscar...

— Ampliamos as imagens dos pneus... — Disse o chefe da perícia, empunhando as fotos diante do detetive: — Os menores pertencem aos pneus do carro que fora retirado do lago. Já estas aqui, são de um carro de maior porte, tal como uma caminhonete, ou outro da categoria.

— Os sulcos da borracha do pneu maior poderia ser um desenho específico, nada muito comum por aí? — Indagou Mancini, ao interromper seus passos pelo corredor.

— Não. Ao contrário. É do tipo mais utilizado para esta categoria de carros.

— Hum...

— Achemos a bala que matou o sujeito... — Continuou o perito: — A retiramos da parede da sala. Entrou pelo lado direito e atravessou o crânio. A morte foi instantânea, o que não combina com os outros homicídios. Estamos aguardando o relatório da balística para...

— Temos a hora provável da morte?

— Embora esta definição possa ter ficado comprometida pelo tempo que o corpo ficou submerso, acreditamos que tenha ocorrido entre a meia noite e a primeira hora da madrugada.

— Está bem. Me informe assim que souber de mais alguma coisa.

— Hum... Hum.

O detetive abriu a porta da grande sala que abrigava a divisão de homicídios e caminhou em direção a sua mesa. Antes que pudesse se jogar na cadeira, pensou que devia fazer uma nova visita a colega de trabalho. Talvez, Léia já tivesse uma nova posição sobre os nomes que pedira para investigar. ♦♦♦♦

Apesar da hora já avançada para o almoço, o movimento no restaurante Almanara Grill continuava intenso naquela tarde. O restaurante tinha como público alvo, grande parte das pessoas que trabalhavam nas imediações. Embora os preços praticados pelo estabelecimento, não fossem o que poderia se chamar de preços populares, a frequência era notoriamente alta.

Ao canto do salão, uma mesa abrigava dois homens que pareciam já ter terminado suas refeições e agora, apreciavam uma xícara de café. Os assuntos, quase que corriqueiros, abrangiam alguns pormenores relativos ao trabalho de cada um.

— Acho que devia partir o quanto antes. Não há mais o que esperar. — Bradou o homem, enquanto passava a mão sobre a barba espessa.

— Não é bem assim, Laurent. Apesar de termos ganho a concorrência, o contrato definitivo assinado pelos Chineses, ainda não chegou, e isto está emperrando minha

viagem para o oriente... — Hebert engoliu uma porção de café e continuou: — Por isto, preciso de sua ajuda.

— E como posso te ajudar, meu caro?

— Convencendo o senhor Haddad a concordar com a antecipação da viagem. Diga-lhe que é uma estratégia para surpreender o Cliente e demonstrar interesse em iniciar os serviços contratados. Isso vai soar bem a nosso favor.

Hebert parecia estar decidido a deixar o País o quanto antes, e tentava conseguir o apoio de outro consultor da Empresa.

— Não é uma ideia ruim... — Concluiu o homem a sua frente: — Mas me diga uma coisa: Estou percebendo que você está ansioso em sair do País, ou é impressão minha?

Hebert engoliu em seco. Pensou antes de falar. Precisava ter cautela em suas declarações.

— Eu e a Laura... — Tossiu: — Estamos nos divorciando. As coisas não estão bem entre nós a um bom tempo. Acho que ficar longe daqui vai ser bom para ambos.

O homem balançou a cabeça:

— Hum... Entendo. Estas coisas acontecem.

— Então... Posso contar com você? Fale com ele. Convença que é uma boa estratégia.

— Quando pretende partir?

— Ainda hoje.

O homem cerrou as sobrancelhas e coçou a cabeça.

A pouco mais de dois metros da mesa onde os consultores conversavam, uma coluna de sustentação do prédio era revestida com espelhos por todos os lados. Em uma das partes do espelho, a que ficava de frente para a mesa dos consultores, estava refletida a imagem de um homem sentado á mesa, do outro lado do salão. Hebert virou o rosto e por um instante, teve a impressão de que o sujeito o observava atentamente. Desviou o olhar e fingiu não perceber que estava sendo vigiado. Depois de uma última dose de café, voltou a olhar o espelho. Não teve mais dúvidas, alguém o acompanhava com o olhar, a cada movimento.

O sujeito parecia se esconder sob um boné preto enterrado na cabeça, que de certo modo, combinava com uma grossa jaqueta preta. Seus olhos rígidos pareciam estar congelados em direção á mesa dos consultores.

Em algum momento, as pessoas que deixavam o restaurante, transitavam por entre as mesas a procura da porta de saída, e com isto, cobriam a imagem refletida no espelho.

Hebert estava incomodado. Sentira-se como uma presa na alça de mira de seu caçador. Pensou que deveria levantar-se e seguir em direção ao sujeito. No entanto, precisava ter cautela. Afinal, estava em um restaurante e apesar da hora, ainda havia muitas pessoas por ali fazendo a refeição da metade do dia. O homem não iria tentar coisa alguma contra ninguém. Não, naquele momento.

A imagem no espelho desapareceu repentinamente ao mesmo tempo em que o garçom surgiu diante da mesa.

— Os senhores desejam mais alguma coisa?

— Não, Alfredo. Obrigado! — Disse o segundo consultor.

Hebert virou o rosto para a parte dos fundos do restaurante, na tentativa de focalizar o seu observador. Porém, algumas pessoas passaram naquele momento e sua visão ficara ofuscada. Precisava ver de perto o sujeito. Talvez pudesse identificá-lo. Rapidamente, se colocou de pé e caminhou por entre os clientes que deixavam o recinto. Apreensivo, tocava nas pessoas como se tentasse afastá-las do caminho. Logo que pode vislumbrar as mesas ao fundo, percebeu que o sujeito não estava mais ali. Hebert parou e olhou ao redor. Como o sujeito poderia ter desaparecido como em um passe de mágica? Pensou. Girou e olhou para trás. Procurou pelo observador por entre as pessoas que saíam, mas não pode encontrá-lo. Voltou o olhar e viu o corredor que dava para os lavabos. Era isto. O sujeito poderia ter entrado ali. Seguiu em disparada e logo alcançou a porta. Depois de entrar, girou em todas as direções até perceber que não havia mais ninguém naquele ambiente. Abriu uma a uma, as portas de cada sanitário. Hebert suspirou profundamente. O que teria feito aquele sujeito para sumir tão rapidamente? Por onde teria passado? Talvez tivesse saído junto com os clientes pela porta da frente. Com indagações aparentemente sem respostas, o consultor saiu em disparada e atravessou o grande salão do restaurante, até alcançar a porta de entrada. Na calçada, sob o toldo, girou o olhar para ambos os lados, a procura de alguém que pudesse lembrar o sujeito que vira dentro do restaurante. Mais uma vez, sua busca fora em vão. O homem havia desaparecido.

O outro consultor, curiosamente, apareceu ao lado de Hebert:

— O que está havendo? — Quis saber: — Você saiu correndo...

— Havia alguém dentro do restaurante nos observando. — Explicou Hebert.

— E você sabe quem é?

— Talvez... — Disse Hebert, com o olhar ao longe: — Pode ser alguém que não vejo á muito tempo.

A imagem do amigo Eduardo lhe veio á mente, com afirmações de suspeitas que o remetiam a um passado distante. A voz do amigo ecoou dentro de sua cabeça como um turbilhão de múltiplas estrelas que explodiam ao mesmo tempo. Talvez o amigo estivesse certo. O maldito aluno, vítima do incidente na noite do baile de formatura, poderia ter voltado para se vingar. E, agora, possivelmente estaria procurando a sua próxima vítima.

Com passos largos e apressados, Hebert caminhou até a próxima esquina. Olhou por entre os carros que passavam, procurou por entre os transeuntes que desfilavam pela calçada, mas não pode localizar o homem. Novamente, juntou-se ao colega de trabalho em frente á entrada do restaurante e suspirou profundamente.

— Como alguém pode desaparecer tão rápido assim? — Indagou, ainda com o olhar

ao longe.

— Pode ter sido apenas uma impressão. O restaurante está cheio e você pode ter confundido com alguém... — Afirmou o colega de profissão: — Vamos voltar para a Empresa.

Antes que Hebert pudesse tomar uma direção, o barulho estridente do seu celular soou de dentro do bolso do paletó. O consultor sacou o telefone e pode ver um nome que lhe era bem familiar, aparecer no visor do aparelho. Era Laura. Com um toque, a ligação fora cancelada e o aparelho mergulhou de volta ao bolso.

Do outro lado da Avenida, vários carros estavam parados em uma rua transversal. Os veículos pareciam fazer uma formação como se fosse uma fila indiana. Dentro de um dos carros, atrás do vidro escurecido pela película negra, um homem com um boné enterrado na cabeça observava o movimento do outro lado da Avenida. Parecia estar concentrado nos dois homens que caminhavam diante do restaurante.

Sobre o banco ao lado do motorista, algumas folhas de papel estavam devidamente espalhadas. O homem girou a cabeça e por alguns segundos, contemplou a foto de um rosto disposta no topo de uma das folhas. Rapidamente, passou a mão nas anotações e as jogou no porta-luvas do carro. Parecia não mais precisar daquelas informações.

Seu alvo fora localizado...

O inspetor Wilson Martino estava diante do pequeno, mas elegante hotel, em uma das ruas indicadas pelo motorista do táxi, seu último entrevistado no aeroporto internacional. Era a Rua Bela Cintra. Localizada nas proximidades da Avenida principal, uma rua pequena, arborizada e com um ar aconchegante, diante das antigas construções que podiam ser notadas em ambos os lados. Destoando da arquitetura predominante da rua, estava de um lado o charmoso hotel, com seu estilo moderno e singular, do outro, um elegante centro comercial que dava passagem para duas ruas, em cada uma de suas extremidades.

Apreensivo e esgotado por sua peregrinação, o inspetor observava a movimentação no hall de entrada, diante da requintada recepção. Os hóspedes que deixavam o hotel circulavam apressados, enquanto os funcionários do estabelecimento, sempre prontos e atentos, os acompanhavam com suas bagagens até o ponto de táxi em frente ao prédio.

O inspetor já havia visitado mais três hotéis nas proximidades, sem que pudesse levantar alguma pista que o levasse até o suspeito que procurava. A esta altura, sua expectativa estava em baixa. O que o deixava ainda mais exausto.

À medida que o tempo passava sem que nenhuma novidade sobre o caso fosse levantada pela Polícia, a tensão parecia aumentar. Logo, a noite iria cair sobre a cidade, trazendo mais algumas horas angustiantes, povoadas de incertezas e inseguranças.

O inspetor apreciava o trabalho da recepção do hotel, quando um funcionário se aproximou para atendê-lo.

— Olá, senhor! Posso ajudar?

— Sim! Vamos lá! Estou procurando este homem... — Balbuciou Wilson, ao mesmo tempo em que sacava um pedaço de papel com uma foto ao centro: — Quem sabe você não o viu, por aí?

O jovem recepcionista olhou desconfiado para o inspetor.

Wilson afastou a jaqueta de couro para o lado e deixou aparecer a carteira de identificação da Polícia, presa no cinto em volta da cintura.

O jovem agarrou as mãos às costas e sorriu amarelo.

— Hum... Não! Acho que não... — Falou o rapaz, olhando de lado para a foto: — Com certeza não o vi.

— Ele deve ter uma cicatriz no rosto. Se visse iria lembrar, não é?

Depois de alguns segundos o jovem afirmou categoricamente:

— Não o vi por aqui, senhor. Mas pode perguntar a outro funcionário. Talvez tenha mais sorte.

— Obrigado!

O inspetor subiu o degrau que o separava da recepção e colocou na lateral do balcão de atendimento. Parecia ter avistado o gerente do estabelecimento. Aguardou por um momento, até que o homem pode vir em sua direção.

— Já foi atendido, senhor?

Wilson depositou a foto sobre o balcão e ao lado, fez aparecer sua carteira de identificação. Seus gestos já estavam mecânicos a esta altura.

— Procuro por este homem. Ele não está no seu hotel, está?

O gerente mudou o ângulo de visão por várias vezes. Parecia buscar aquela imagem em algum ponto na memória, até que balbuciou:

— Não, eu não o vi por aqui.

— Por favor, tente se lembrar... — Pediu Wilson, apontando para a foto: — Veja! Tenho aqui o nome dele. Verifique se por um acaso, você tem este nome no seu banco de dados de hóspedes.

— Um momento, por favor.

O gerente voltou-se para o computador e iniciou uma busca. Após alguns toques no teclado, virouse para o balcão com a foto nas mãos. A expressão em seu rosto parecia indicar que não tivera sucesso.

— Sinto muito, Policial. Ele não está aqui.

Wilson suspirou ofegante.

— Desculpe a insistência, mas... Ele tem uma cicatriz no rosto. Se o visse, com certeza iria lembrar, não é mesmo?

Ao lado do gerente, uma jovem recepcionista virou para depositar uma chave no quadro atrás do balcão. Por um momento, seus olhos encontraram a foto, ao mesmo tempo em que ouvira o Policial falar sobre a cicatriz no rosto do homem.

A jovem parou e olhou um pouco mais de perto para a foto. Logo, levantou a cabeça até alcançar os olhos apreensivos do detetive.

— Você o viu? — Indagou o inspetor.

— Pode ser o hospede que está dentro do quarto desde que chegou. — Afirmou a jovem.

O rosto do detetive mudou completamente. Congelou.

— Sei disto porque a camareira comentou que o sujeito é estranho... — Continuou a jovem: — E tem uma cicatriz ao lado do rosto.

Wilson engoliu em seco.

— Qual o quarto? O número? — Falou acelerado.

A jovem foi até o computador e abriu uma ou duas telas. Em seguida, girou o rosto para o policial e soltou enfaticamente:

— Trezentos e onze!

O detetive estava com o coração disparado. Enfim, começava a ver uma luz no fim

da escuridão. Mais uma vez, fixou o olhar para a jovem recepcionista, enquanto apanhava o celular no bolso da jaqueta.

— Com que nome ele se hospedou? — Quis saber o inspetor.

Mais uma vez, a funcionária do hotel passou a manusear o computador. Em alguns segundos voltou-se para o balcão lateral.

— É um nome estranho. Não sei pronunciar. Mas posso escrever se quiser.

— Por favor...

Após a caneta passear por sobre um pedaço de papel, o manuscrito foi colocado diante do Policial.

Wilson olhou atentamente enquanto pode ler o nome “Joseph Blanker”. Provavelmente, o sujeito havia se hospedado com documentos falsos. Talvez fosse isto. Pensou.

— Quero falar com a camareira que você mencionou. — Ordenou Wilson.

O gerente apareceu diante da jovem e confirmou o pedido do policial:

— Leve o detetive até a área de serviços.

— Hum! Hum!

A jovem, seguida pelo inspetor, deixou a recepção e caminhou pelo saguão até alcançar a porta que a levaria para o setor de serviços gerais do hotel. Logo, entraram em um ambiente com várias mesas dispostas ao canto da parede, onde de um lado, podia ser notada uma grande quantidade de roupas de cama, que pareciam ter acabado de chegar da lavanderia. Do outro lado, alguns carrinhos de limpeza eram abastecidos por um funcionário.

Uma jovem morena, de baixa estatura, magra e com os cabelos negros presos ao alto da cabeça, separava algumas toalhas, quando fora interrompida com a chegada da recepcionista e o Policial.

— Olá, Maria! — Cumprimentou a jovem: — Este é um Policial... — Falou, apontando ao lado: — Ele quer te fazer umas perguntas...

A serviçal apenas consentiu com a cabeça.

— Veja esta foto... — Continuou a recepcionista, enquanto empunhava a imagem diante da mulher: — Acha que pode ser o hospede 311? O que não deixou o quarto desde o dia em que chegou?

A mulher olhou por um instante. Mordeu os lábios e franziu a testa.

— Ele pode ter uma cicatriz no rosto... — Adiantou Wilson.

A mulher arregalou os olhos e balançou a cabeça. A palavra “cicatriz” parecia ter ativado a lembrança da serviçal.

— Sim. É ele. — Afirmou, de forma precisa.

Wilson sentiu seu sangue circular mais rápido. Um calor repentino lhe subiu a nuca. Isto, com certeza, era um bom sinal. Enfim, tinha um suspeito á vista.

— Viu mais alguém no quarto? — Quis saber.

— Não. Não vi mais ninguém.

Wilson estava ansioso para subir até a suíte indicada pela serviçal e apanhar o sujeito

de surpresa. Parecia ser o homem que procurava. Não podia perder mais tempo. No entanto, o procedimento operacional da corporação constava que o policial não devia estar sozinho ao entrar em um estabelecimento para efetuar a prisão de um possível suspeito. E o parceiro de trabalho não iria lhe perdoar se não o comunicasse de suas descobertas.

Imediatamente, disparou uma chamada no celular.

Não demorou muito para que a voz do detetive Mancini se fizesse ouvir no aparelho:

— *Olá, Wilson!*

— Temos alguém no Hotel Bela Cintra que corresponde às características do nosso camarada... — Disparou quase sem respirar: — Está hospedado á uma semana. Parece que não saiu do quarto desde então. Ao menos, ninguém o viu circulando por aqui.

— *Estou a caminho. Não faça nada até que eu chegue.*

A ligação fora encerrada.

O inspetor Wilson teve vontade de subir ao quarto do suspeito somente para ter certeza de que ele estaria lá. Mas conteve-se. Preferiu não arriscar uma investida, sem a presença do companheiro de trabalho.

Como um estalo, lhe passou a mente que o gerente do hotel poderia confirmar, sem levantar suspeitas, sobre a presença do homem dentro da suíte. Sim. Os funcionários não estariam observando a circulação do homem pela área comum do hotel por que ele estaria deixando o quarto por outro caminho. Ou talvez estivesse mesmo passando pela recepção utilizando um disfarce ou alguma coisa assim. Talvez fosse isto.

Com passos largos e apressados o inspetor voltou ao balcão da recepção, sendo seguido de perto pela funcionária. Colou o abdômen no tampo de granito e aproximou-se do ouvido do gerente.

— Preciso confirmar se o hospede está no quarto. — Falou em tom baixo, como se não quisesse ser ouvido por mais ninguém.

O gerente virou para o quadro de chaves preso a parede atrás do balcão e procurou pelo número correspondente. Não achou o que procurava. Voltou-se para a mesa sob o balcão e remexeu alguns papeis. Em seguida, fez uma cara de insatisfação e olhou para o detetive:

— As chaves não estão na recepção. E como já dissemos: o homem não saiu do quarto desde que chegou.

— Sim. Sim. Você já me falou. Mas este cara pode estar usando um disfarce para sair sem ser notado... — Tentou explicar o inspetor: — Se este é realmente o cara que estamos procurando, tenho a certeza de que ele sai do hotel quando bem desejar... Meu caro.

O gerente olhou para o nada com um ar de desconfiança.

— Não estamos com tantos hóspedes assim. Se alguém entra ou sai por esta recepção, nós ficamos sabendo.

O inspetor balançou a cabeça no ar. Passou a mão sobre o queixo e mordeu levemente os lábios.

— Preste atenção... — Insistiu o inspetor: — Faça uma ligação para o quarto dele. Diga que o Hotel está lhe oferecendo alguma promoção... Qualquer coisa assim.

— Hum...

O gerente retirou o fone da central e ficou a pensar por um momento, até que uma ideia parecia ter surgido em sua mente.

Com um toque na tecla correspondente, a chamada fora iniciada, enquanto isso, o

homem da recepção levou o fone até o ouvido.

Depois de ouvir por várias vezes o som peculiar da chamada, sem que ninguém atendesse do outro lado, o gerente voltou o olhar para o inspetor e fez uma cara como se estivesse tomado por tamanha surpresa.

Em seguida, repetiu a operação.

Em poucos segundos confirmou o que o policial suspeitava. O hospede do quarto 311 parecia não querer atender a ligação.

Ou não estava dentro do quarto.

— Não está atendendo... — Admitiu o Gerente.

Wilson balançou a cabeça como se fosse um gesto de afirmação.

— Vamos aguardar um pouco... — Pediu o Gerente: — Ele pode estar ocupado ou até mesmo estar tomando um banho.

A ansiedade tomava conta dos sentimentos do inspetor. O sujeito parecia ser mais esperto do que imaginava.

Subitamente, o carro do detetive Mancini freou bruscamente diante do hotel.

Wilson virou para o Gerente e disparou:

— Você tem uma chave reserva do quarto, não tem?

— Sim. Mas... — Balbuciou o Gerente.

— Me passe a chave imediatamente. — Ordenou Wilson.

Com as mãos tremulas e vacilantes, o gerente jogou a chave do tipo cartão magnético sobre o balcão.

Mancini estava exaltado e apreensivo quando se aproximou do parceiro de trabalho.

— Em que andar ele está? — Quis saber, olhando ao redor.

— Terceiro... — Confirmou Wilson: — Está hospedado á uma semana. Fez o registro com o nome de “Joseph Blanker”. Provavelmente, usa documentos falsos.

— Então, vamos subir. — Mancini fora incisivo.

Wilson olhou para o gerente e a funcionária da recepção. Iria precisar da jovem para entrar no quarto sem chamar a atenção.

— Preciso que a senhorita venha comigo.

Em seguida, os detetives, a jovem da recepção e o gerente, fecharam a porta do elevador e partiram para o terceiro andar.

Quando a porta abriu, os quatro ocupantes ganharam o corredor e seguiram em direção ao quarto 311.

Wilson repousou a mão sobre o ombro da jovem funcionária, como se quisesse chamar sua atenção.

— Preciso que aperte a campainha, e diga que veio fazer o serviço de quarto. Ou algo coisa assim... — Sugeriu o inspetor: — Você tem que fazer com que ele abra a porta. Entendido?

Se o homem abrisse a porta de forma espontânea, os detetives o pegariam de surpresa, sem que nenhuma violência fosse utilizada. Esta parecia ser a intenção do inspetor Wilson. Porém, como era de praxe, os policiais sacaram as pistolas e se

colocaram um de cada lado da porta.

O Gerente ficara um pouco mais afastado, próximo ao elevador. Parecia estar tenso com a presença dos Policiais em seu local de trabalho.

De dentro do quarto, pela fresta da janela, Ezequiel Vermont, ou talvez “Joseph Blanker”, contemplava a Rua em frente ao Hotel Bela Cintra. Com olhos atentos, observava a movimentação dos carros que pareciam deslizar vagarosamente, ao passar diante do Hotel.

Depois das insistentes ligações que soaram dentro do quarto, Vermont ficara por um longo tempo observando o trânsito. Precisava estar atento a tudo e a qualquer movimento que pudesse lhe parecer suspeito.

Sabia que a esta altura a Polícia do estado poderia ter feito a correlação dos homicídios recentes, com o grupo de formandos da Universidade Federal. E logo, chegariam ao seu verdadeiro nome.

Antes mesmo que pudesse desviar o olhar da janela, Vermont observou um carro da força tática especial da Polícia militar do estado, passando em marcha lenta diante do Hotel.

Seus olhos saltaram apreensivos.

As cores e as letras pintadas na lateral do veículo indicava que se tratava de um carro do grupo da força de elite. À medida que o veículo se aproximava da fachada do edifício, parecia diminuir ainda mais a velocidade.

Vermont percebeu que o carro estava tomado de Policias. Não teve dúvidas de que o destino daqueles homens seria o Hotel em que estava hospedado.

Estava tenso e sobressaltado. O que a Polícia estaria fazendo naquelas imediações? Pensou.

O toque estridente da campainha soou dentro do quarto.

O coração do hospede disparou como se tivesse levado um grande susto. Seus olhos congelaram em direção à porta. Não teve dúvidas de que alguém o estava procurando. Primeiro, as chamadas telefônicas. Agora, alguém estava a sua porta, tocando insistentemente aquela maldita campainha.

Vermont praguejou em pensamento. Não tinha a menor intenção de atender a porta. Com passos lentos e cautelosos, o homem caminhou até a entrada do quarto e encostou o rosto na altura do pequeno orifício diante dos olhos. Pelo olho mágico pode ver a recepcionista do outro lado. Estava assustado o bastante para atender a jovem. Rapidamente, afastou-se e caminhou em direção a sua mesa de trabalho.

Do lado de fora, a jovem recepcionista sorriu amarelo e cravou o dedo no botão da campainha, outra vez.

Mancini estava compenetrado. Teve a certeza de que o sujeito, caso estivesse dentro do quarto, não iria abrir aquela porta. O homem era esperto o suficiente para se deixar pegar tão facilmente assim.

Engoliu em seco e disparou para a jovem recepcionista:

— Abra a porta com a sua chave... — Falou pausadamente: — Em seguida, afaste-se

dela...

A jovem obedeceu prontamente. Com as mãos trêmulas, pegou a chave do tipo cartão magnético com o inspetor Wilson e passou por entre a fenda na fechadura.

Em um segundo, um barulho suave indicou que a fechadura fora destravada.

A jovem, assustada, correu em direção as escadas.

Mancini olhou para o policial a sua frente e balançou a cabeça como se confirmasse sua intenção. Iria invadir o quarto.

Um tanto curvado sobre os joelhos, Mancini desferiu um rápido pontapé no conjunto de madeira a sua frente.

A porta cedeu violentamente, deixando a mostra o interior do ambiente.

Com a arma em punho e direcionada a sua frente, Wilson estava em um nível mais alto que o parceiro. Seus olhos correram como um scanner de última geração, detectando cada parte do quarto. Precisava localizar, precisamente, qualquer objeto ou movimento estranho, que lhe oferecesse perigo, qualquer sinal de ameaça ou algo assim.

Mancini entrou.

Com um toque, uma lâmpada presa no centro do teto deu vida ao ambiente.

O cano da pistola girou freneticamente em todas as direções a procura de um possível alvo. Mas sua busca fora em vão. Nada parecia se mexer diante dos seus olhos. Com o dedo indicador levantado no ar, apontou em direção ao lavabo.

Cautelosamente, o inspetor Wilson afastou a porta do pequeno ambiente para o lado. A luz do quarto invadiu o espaço e revelou apenas os objetos de decoração, sem ao menos, indicar a presença de alguém.

Wilson suspirou entre os dentes. Estava frustrado com a invasão.

Mancini olhou ao redor. Percebeu o grande monitor sobre a mesa, diante da cama. Procurou, mas não encontrou o computador. Possivelmente, aquele monitor estava ligado a uma máquina. Encostou a mão na parte traseira do monitor e pode perceber que ainda estava quente. Aquele aparelho havia sido desligado á poucos instantes.

Com agilidade, o inspetor Wilson abriu todas as portas do armário embutido na parede ao lado da cama. Vasculhou cada compartimento, mas sem encontrar nada que lhe fosse relevante.

Mancini revirou alguns objetos sobre a mesa, remexeu as gavetas e por fim, virou a mesa de pernas para o ar. Em seguida, voltou-se para a cômoda fixada na parede do outro lado da cama, e jogou todas as gavetas ao chão. Várias peças de roupas ficaram espalhadas sobre o piso. Com os pés, mexeu nas roupas a fim de encontrar alguma coisa. Algo que pudesse levá-lo mais próximo do homem que procuravam.

O suor escorria pelo rosto, quando Mancini suspirou ofegante e voltou o olhar para a janela do quarto. Percebeu que a parte de baixo da janela, estava suspensa. Afastou a cortina para o lado e olhou a Rua que passava diante do Hotel.

Notou que daquele ponto, podia se ter uma vista privilegiada da parte baixa da região. Provavelmente, o suspeito teria escolhido aquele quarto pelo amplo alcance

de visão ao longo da Rua, o que lhe concederia um passo a frente, quando pudesse notar uma movimentação mais intensa diante do Hotel.

Pode então, perceber o carro da Polícia Militar parado a poucos metros da entrada do prédio. Esta era a visão privilegiada do hospede daquele quarto. Pensou.

Como em um ímpeto, passou a cabeça para o lado de fora da janela.

Olhou para ambos os lados.

A pouco mais de dois metros, em direção á parte dos fundos do Hotel, notou que uma escada descia pela parede lateral, até alcançar o primeiro andar do prédio. Parecia ser uma fuga, diante de um possível e eventual incêndio.

O suspeito poderia, tranquilamente, ter utilizado aquela rota como sua alternativa de fuga. Com certeza fora isto.

Antes que Mancini voltasse á cabeça para dentro do quarto, seus olhos viraram em direção a Rua, e para sua surpresa, depararam com a imagem de um homem sobre o muro frontal da loja de mecânica automotiva, ao lado do Hotel.

Mancini pasmou.

O homem estava saltando o muro para o lado da Rua.

Quando completou o salto e caiu sobre a calçada, o homem levantou a cabeça e olhou em direção a janela do terceiro andar do Hotel.

Os olhares do detetive e do homem na calçada se cruzaram como se fossem a ponta de duas flechas ao se chocarem no ar. Os olhos se encararam por um momento.

O homem ajeitou a pesada mochila que levava ás costas, e antes que pudesse seguir em frente, olhou por uma última vez para o detetive na janela do quarto.

Mancini não teve dúvidas. Aquele sujeito era Ezequiel Vermont.

— Ele está lá fora! — Gritou, enquanto recolhia a cabeça para dentro do quarto.

Ao mesmo tempo em que Mancini tomava a direção da porta de saída, o inspetor Wilson seguiu até a janela na intenção de ver o que o parceiro havia visto. Olhou ao longe e por toda a extensão da Rua. Não viu absolutamente nada que despertasse sua atenção.

O homem não estava mais lá.

Ezequiel Vermont sabia que precisava ser rápido o bastante para fugir daquele lugar.

Diante do Hotel, dois policiais faziam a guarda da entrada do prédio. Mas estavam voltados apenas para o Hotel, e não para os transeuntes que passeavam despercebidos pela Rua.

O homem levantou a gola da jaqueta, tentando ocultar parte do seu rosto e da cicatriz que com certeza, era o seu cartão de visita.

Olhou a parte de baixo da Rua e viu o congestionamento na transversal adiante. O sinal de trânsito estava aberto, mas os carros não pareciam querer andar. Faltava o elemento principal para que isto pudesse acontecer: o espaço.

Pensou que pudesse se juntar a multidão que tentava atravessar a Rua por entre os carros. Assim, logo chegaria à estação do metrô mais próxima. E com isto, estaria seguro entre milhares de pessoas, vindas de todos os lados, que utilizavam o transporte subterrâneo como meio de locomoção.

Mais uma vez, olhou para trás para ter a certeza de que ninguém o estava seguindo. Aquele sujeito na janela do quarto parecia ser um Policial e provavelmente, o teria identificado. Não levaria muito tempo para que toda a Polícia da capital viesse no seu encalço.

Com passos largos e apressados, Vermont olhava para trás em um curto intervalo de tempo. Caminhou em direção a um grupo de pessoas que tentavam driblar os carros e passar para o outro lado da Rua. Em poucos segundos, se juntou ao grupo. Como se estivesse em uma avalanche humana, o homem deixou ser levado por entre bolsas e sacolas, e todo tipo de acessórios que os transeuntes carregavam.

Já na metade da via, Vermont pode notar que dois Policiais estavam na calçada, na outra extremidade do asfalto. Seus músculos congelaram. Parou como uma estátua e tentou observar o movimento dos homens da lei. Pareciam procurar por alguém.

Vermont não podia seguir em frente. Seria arriscado demais.

Girou no calcanhar e rapidamente voltou para o ponto de origem. Não havia tantas opções para traçar uma rota de fuga. Talvez o centro comercial do início da Rua fosse uma boa alternativa.

Olhou ao redor, para se certificar de que ninguém o estava seguindo, e colou o corpo no muro lateral até alcançar a primeira loja, no início do quarteirão. Ao lado da loja, a entrada do pequeno centro comercial parecia ser demasiadamente grande em relação ao tamanho do prédio. E a vidraça escurecida das portas, poderia quebrar a visibilidade de quem olhava pelo lado de fora. Era isto. Com sorte, poderia alcançar a outra entrada do prédio e sair na Avenida principal da cidade.

Vermont ganhou as escadas e logo se deparou com o interior do minúsculo

shopping. Tentou conter os passos tensos para que não chamasse a atenção. Teria que se passar por um visitante, alguém que estivesse ido às compras.

Os corredores estavam tomados por pessoas que pareciam já ter deixado o longo dia de trabalho e agora, iriam terminar a jornada diária com alguns afazeres nas lojas, nas lanchonetes e até mesmo, em salas de aulas abrigadas no segundo andar.

Vermont precisava achar o corredor que o levaria até a outra extremidade do centro comercial. Com certeza, havia de ter uma estação do metrô próxima da saída.

Por um momento, teve a sensação de que as pessoas que passavam, sabiam que estava em uma fuga. Todos pareciam desviar o olhar em sua direção.

Os seguranças, espalhados em pontos estratégicos, faziam a guarda como se estivesse cada qual em seu posto de trabalho. Com olhos atentos, procuravam sempre por pessoas suspeitas, as quais poderiam demonstrar algum indício de perigo eminente.

Vermont tentou olhar o mais longe que pode alcançar. Por um instante, teve a sensação de que estava no caminho certo. Pela quantidade de pessoas que desciam em sentido contrário, parecia ter uma entrada do outro lado.

Logo, pode confirmar sua suspeita. Uma sequencia de portas com vidros escurecidos por uma fina película grafite, apareceram ao longe.

Mas sua sensação de alívio não demorou muito para ser dizimada.

Sobre as cabeças dançantes que se moviam a sua frente, pode ver que dois homens caminhavam vagarosamente em sua direção, como se procurassem por alguém. O homem que trajava um paletó preto parecia ser o mesmo que vira na janela do Hotel. Sim. Era ele. O outro, um pouco mais baixo na altura, se vestia de forma despojada, como se fosse um Policial disfarçado.

Vermont não pestanejou. Teve a certeza de que se tratava de Policiais.

Suspirou ofegante. Esbravejou alguma coisa em tom ligeiramente baixo e girou sobre o calcanhar. Teria que mudar de direção. Mas para onde ir?

Continuou caminhando. Precisava achar uma saída que o tirasse dali. Talvez o elevador. As escadas. Sim. Era isto. Tinha passado pelas escadas um pouco mais adiante.

Com a respiração tensa e ofegante, o fugitivo tentava passar despercebido por entre os clientes do centro comercial. Sabia que as escadarias estavam a poucos metros dali. Com sorte, poderia alcançar o estacionamento no subsolo e seguir pela mesma saída dos veículos.

Enfim, avistou o corrimão da escada. Suspirou aliviado.

Antes mesmo que pudesse se aproximar da descida, um policial militar fardado apareceu na sua frente. O homem estava parado diante dos primeiros degraus da escadaria. Seu rosto girava para todos os lados, como se fosse um lobo tentando capturar um odor de caça pairado no ar.

Vermont estremeceu.

O centro comercial parecia estar tomado de Policiais por todos os cantos.

Suspirou profundamente e prendeu o ar nos pulmões o quanto pode aguentar. Precisava pensar em alguma coisa. E muito rápido.

O Policial estava a poucos mais de dois metros a sua frente, quando Vermont viu seu rosto girar e os olhos astutos do homem fardado encontraram os seus.

Vermont congelou.

A esta altura, o rosto do fugitivo estava banhado de suor. As gotas explodiam e logo se transformavam em uma linha fina que descia por sua pele.

Se o representante da lei desconfiasse, por um segundo, que teria localizado o mentor dos últimos homicídios que estavam aterrorizando a população local, sua trajetória teria chegado ao fim. Bastaria um grito de alerta para causar um verdadeiro tumulto entre os clientes do centro comercial, e chamar a atenção de todos os Policiais de plantão.

O tira cerrou os olhos e não pode deixar passar despercebido, o quanto Vermont estava nervoso. Logo, notou que, apesar da temperatura amena do ambiente, o homem transpirava além do normal. Alguma coisa estava errada.

Sacou do bolso uma folha de papel e correu os olhos. A foto ao centro não deixou dúvidas. Aquele era o homem procurado por toda a Polícia da capital.

Vermont havia sido descoberto.

Percebeu que o Policial vinha em sua direção. Estava perdido. O que iria fazer?

Subitamente, um barulho se fez ouvir ao seu lado. Era a porta do elevador que tinha aberto e algumas pessoas desembarcavam apressadamente.

Ficou surpreso por não ter visto o elevador a seu lado, quando passou por ali da primeira vez.

Os passageiros tomaram o espaço entre o fugitivo e o Policial, ofuscando a visão de ambos.

Antes mesmo que os últimos passageiros pudessem saltar, Vermont pulou para dentro e apertou exageradamente o botão que indicava fechar a porta. A porta cedeu e iniciou o movimento para o limiar da entrada. Mas fora interrompida. O bico de uma bota preta interceptou o fechamento.

Do lado de fora, o Policial tentava manter o elevador parado. Com as mãos a altura dos olhos, alcançou as bordas das portas e forçou para que abrissem. Foi quando pode observar o cano de uma pistola prateada, que reluziu diante da iluminação do pequeno ambiente. Viu a arma ganhar movimento e parar em sua direção.

Assustado, o Policial soltou a porta e retrocedeu dois passos.

Ao seu lado, pode perceber que os detetives, Mancini e Wilson, se aproximavam.

— Ele está no elevador... — Bradou o Policial: — Está armado.

Mancini olhou a seta vermelha que indicava a direção em que o elevador havia tomado. Estava descendo.

— As escadas... — Indicou o detetive, tentando passar rapidamente por entre as pessoas que circulavam: — Tem certeza que é ele?

— Sim. Tenho. — Confirmou o policial, seguindo os passos dos detetives: — É o

homem da foto.

Dois lances de escada foram o bastante para que os policiais chegassem até o estacionamento no subsolo.

O movimento de carros entrando e saindo era intenso naquele momento.

Mancini parou e automaticamente, procurou pelo elevador. O homem já devia ter desembarcado. Talvez estivesse escondido por entre os carros estacionados.

Os Policiais se espalharam e iniciaram uma cautelosa busca. Precisavam localizar o fugitivo sem que as pessoas notassem o que estava acontecendo. Queriam evitar o pânico entre os clientes.

Mancini parou por um momento. Teve o pressentimento de que o suspeito não estivesse por ali. Mas como? O elevador indicava que estava descendo.

Voltou o olhar para a porta do veículo vertical e percebeu que agora, ele estava parado no terceiro andar. Era isto. O homem não saltou no subsolo. Seguiu direto para o último andar do prédio.

— Ele não está aqui! — Afirmou Mancini.

— Mas ele estava descendo... — Falou o Policial, indignado.

— Está no terceiro andar. Vamos lá...

Por um instante, Mancini decidiu não tomar o elevador. O suspeito poderia estar lá espreita, esperando o momento em que um Policial saísse do transporte vertical para apanhá-lo de surpresa.

Tomou as escadas de volta ao andar que abrigava as lojas.

Do piso do mesmo nível da rua, podia se ver ao alto, o grande mezanino que cobria boa parte do conglomerado de lojas. Adornando as laterais, uma baixa mureta em alumínio branco, decorada com vidros transparentes, ficava a vista para o interior do centro comercial. E, logo atrás, as salas, em sua maioria, posicionadas para frente da mureta, abrigavam turmas de algum curso noturno.

Mancini olhou ao alto. Procurou pelo homem, por entre as colunas de sustentação do edifício, mas não o encontrou. Tinha que estar naquele andar. Não poderia ter sido tão rápido a ponto de ter alcançado a saída do prédio.

— Vou subir pelas escadas... — Afirmou Wilson.

— Tenha cuidado.

A poucos metros do detetive Mancini, um garoto acompanhado pelo que parecia ser seu Pai, percebeu que o Policial procurava por alguma coisa no alto do mezanino. O garoto passou a acompanhar os olhos do detetive, e em seguida tentou localizar o que nem ele mesmo sabia o que estava procurando. Parecia estar se divertindo com isto.

Em um instante, o garoto levantou a cabeça e olhou fixamente para um ponto. Com os olhos arregalados e sorrindo, gritou em voz alta:

— Ele está lá!

Mancini olhou para o garoto. Viu que apontava em uma direção, sobre o mezanino. Imediatamente, seguiu com o olhar a indicação do menino. Para sua surpresa, viu

que Ezequiel Vermont estava atrás de uma coluna. Parecia querer se esconder, sem perceber que ficara a vista para aquela parte do salão.

Precisava avisar ao parceiro o ponto em que o fugitivo estava, para que não fosse pego de surpresa.

Mancini girou e tomou as escadas que o levaria ao último andar do prédio.

Vermont estava exausto. Teve a certeza de que tomara o caminho errado. Não havia como encontrar uma saída do ponto onde estava. Sua única alternativa seria voltar ao elevador e descer um andar. As escadas ficariam fora de cogitação, no momento.

Suspirou ofegante. Suas mãos suavam frio. Malditos Policiais. Pensou.

Encheu o pulmão de ar e saiu do ponto onde estava, para ganhar o mezanino, rente a mureta em alumínio. O elevador ficava a poucos metros dali.

Enquanto caminhava apreensivamente, pode perceber que do outro lado, sobre os últimos degraus da escada, o detetive apareceu. Era Wilson Martino.

Vermont parou. Prendeu a respiração e sacou a pistola que trazia presa a cintura. Não havia mais para onde ir. Estava claramente encurralado pelos Policiais. Ser apanhado seria uma questão de minutos.

Sem hesitar, apontou a arma em direção às escadas e disparou.

O estampido ecoou pelas paredes do centro comercial.

O projétil riscou a parede a poucos centímetros da cabeça do detetive.

Wilson agachou assustado. Percebeu que a bala havia passado muito próximo. Imediatamente, recuou dois ou três degraus para tentar se proteger diante do eminente ataque.

Rapidamente, Vermont recuou até a coluna de onde tinha saído. Daquele ponto, teria alguma proteção. Sabia que o tiro iria chamar a atenção dos outros Policiais, e não levaria muito tempo para que os seguranças do centro comercial, também viessem a sua procura.

O barulho do tiro tinha colocado os clientes do pequeno shopping em verdadeira polvorosa. Alguns gritavam indicando um possível assalto, outros mencionavam que poderia ser um ataque terrorista e outras coisas mais. Mas o que podia ser percebido ao certo era que todos procuravam, apressadamente, a saída do prédio. Uma forte agitação entre os clientes começava a ser encenada.

Mancini, enfim, alcançou o limiar das escadarias e agachou sobre os degraus, ao lado do parceiro.

— Como está?

— Bem... — Admitiu Wilson: — Atrás da coluna. Ele está lá.

Mancini olhou ao longe. Por um momento, teve a certeza de que aquele homem não se entregaria facilmente.

Em seguida, o Policial que identificara o suspeito no centro comercial, também se juntou aos detetives.

— A força especial já está a caminho. Logo estarão aqui. — Confirmou o policial.

Do outro lado, protegido pela coluna de sustentação, Vermont estava tenso. Seu

cérebro trabalhava em alta rotação para que pudesse arquitetar um plano de fuga o mais rápido possível. A cada segundo que passava suas chances de conseguir sair livre daquele lugar, pareciam estar drasticamente reduzidas.

Com um toque, sacou o pente da pistola. Em seguida, conferiu a quantidade de munição que ainda restava e encaixou o componente de volta ao seu compartimento. Por trás da coluna, Vermont ergueu a cabeça até que pode visualizar parte do salão do andar de baixo.

Havia uma grande movimentação, ao mesmo tempo em que alguns curiosos queriam ver o que realmente estava acontecendo. Logo abaixo do ponto onde se encontrava, havia um restaurante, cujas mesas ficavam espalhadas pelo salão. Diante da entrada da parte reservada do restaurante, existia um toldo de poucas medidas, servindo apenas como objeto decorativo.

Rapidamente, Vermont tentou calcular a altura em que estava. Do mezanino em relação ao piso do andar de baixo, poderia medir algo em torno de quatro ou cinco metros. Era mesmo uma boa altura. Porém, diante da situação em que se encontrava não havia alternativa, se não tentar o salto.

O homem ajeitou a pesada mochila presa às costas e suspirou como se fosse a última vez.

Antes que pudesse partir para o salto, a voz do detetive Mancini soou alto do outro lado do mezanino:

— Está cercado, Vermont. Não há como escapar... — Ouve uma pausa, para continuar em seguida: — Jogue a arma e saia com as mãos para cima.

Vermont sorriu sarcasticamente, atrás da coluna de concreto. “O filho da puta do Policaí descobriu o meu nome”. Pensou.

— Não precisa ser deste jeito, Vermont... — Prosseguiu Mancini: — Você fez muitas vítimas por aqui, não precisa continuar com isto. Apenas queremos que se entregue.

Vermont percebeu que o Policial queria ganhar tempo. Provavelmente a equipe da força especial da Polícia da capital iria chegar a qualquer momento, com atiradores de elite, negociadores e estrategistas de ataque urbano.

O homem não tinha a intenção de aguardar mais ninguém. Precisa colocar o seu plano em prática e arriscar o salto. Era sua única alternativa.

Com a pistola em punho, e apontada para frente, Vermont deixou a proteção da coluna e ganhou o piso do mezanino.

Pode ver que os policiais estavam em maior número, e protegidos pelos últimos degraus da escada.

Quando viu que um dos homens havia levantado a cabeça para conferir a sua localização, Vermont disparou insistentemente. Os tiros foram repetidos sequencialmente, à medida em que se aproximava da mureta. Pareceu ser uma rajada de metralhadora, riscando a parede acima dos policiais.

Rapidamente, guardou a pistola na cintura e saltou sobre a mureta. Vermont abriu os

braços e pode sentir a gigantesca força da gravidade, enquanto despencava em direção ao solo.

Em poucos segundos, o corpo do homem viajou no ar, até cair sobre o toldo diante do restaurante. A lona e a armação em alumínio cederam e tombaram sobre algumas mesas, levando junto, Ezequiel Vermont.

Bandejas e pratos foram lançados ao ar.

Os clientes do centro comercial que ainda faziam suas refeições foram jogados ao chão. A impressão era de que um meteoro havia despencado dos céus.

A gritaria e a balbúrdia tomaram a praça de alimentação, e o pânico fora sentido por cada cliente que ainda habitava o centro comercial.

Enrolado na lona, Vermont levantou cambaleando e logo procurou verificar se ainda estava são. Passou as mãos pelo peito, verificou as costelas e o rosto. Apesar da queda, parecia que tudo estava em ordem. Exceto, um corte ao lado da boca, onde uma fina linha vermelha descia pelo queixo. O gosto de sangue lhe invadiu a boca. Cuspiu ao lado.

Olhou ao redor e viu que alguns seguranças caminhavam em sua direção.

Precisava sair dali.

Logo, notou que o corredor à esquerda o levaria até a saída do prédio que dava para a Avenida principal do centro da cidade. Não podia perder mais tempo.

Antes que pudesse se livrar da lona que cobria seus pés, seus olhos alcançaram o detetive sobre o mezanino, com as mãos apoiadas na mureta, parecia não acreditar no que tinha acontecido.

Com o reduzido número de pessoas circulando dentro do centro comercial, Vermont saiu em disparada em direção ao corredor a sua esquerda.

Olhou para trás e pode ver que os seguranças acompanhados dos Policiais, o seguiam a uma boa distancia. Sentiu que tinha agora, uma chance.

Vermont atravessou a porta de vidro fumê e ganhou a calçada da Avenida. Parecia estar livre, outra vez. Olhou para ambos os lados, a procura de uma estação do metrô. Sim. Lá estava ela. Precisava se apressar.

Com passos largos e tensos, em poucos segundos o homem fora tragado pelos concretos subterrâneos do ponto alto da cidade. A Avenida Paulista.

A estação estava repleta, como de costume. Era a hora que marcava o fim da jornada diária dos trabalhadores das imediações. Um amontoado de gente circulava por todos os lados.

Rapidamente, Vermont se misturou a multidão. Caminhou até alcançar a catraca de liberação e parou. Não tinha o cartão de passagem para ultrapassar a engrenagem.

Uma fila sem fim podia ser notada ao longo do pátio que antecedia as portas de liberação. Não havia tempo para comprar um bilhete de passagem. Tinha que pular.

O homem saltou sobre a roleta e caiu do outro lado. Em seguida, levantou e tomou as escadarias que o levaria para um lugar bem mais abaixo da terra.

Os seguranças da estação perceberam o invasor e gritaram para que o homem

parasse de correr. Precisavam interceptá-lo. Com certeza era um fugitivo.

Os guardas passaram por uma roleta de serviço para funcionários e desceram as escadas em disparada.

Vermont estava quase invisível envolto pela multidão que aguardava, ansiosamente, a chegada de um novo trem. Olhou para as escadas e viu que um dos seguranças da estação, o procurava, do alto de um degrau.

Suavemente, passou por entre algumas pessoas até alcançar uma coluna de sustentação da plataforma. Atrás da larga pilastra estaria, por alguns segundos, protegido do olhar caçador do segurança.

Subitamente, do meio da escuridão e da fumaça densa, um trem surgiu e parou diante da plataforma.

Vermont sorriu ao canto da boca e voltou a se misturar na multidão...

Lá em cima, no nível da Avenida, as portas do centro comercial se abriram e despejaram Policias e seguranças, apreensivos e sedentos por colocarem as mãos no fugitivo.

Mancini girou no calcanhar diante da Avenida e com as mãos ao redor da cintura, suspirou ofegante. Não podia acreditar que tinham perdido o suspeito. Chegaram perto demais para deixar que escapasse.

Olhou ao longe em ambos os lados da calçada. Em cada rosto que passava, procurava por uma cicatriz ao lado da face. Sabia que o suspeito estava por ali. A esta altura, estaria caminhando entre milhares de pessoas que deixavam o trabalho naquele momento. Talvez tivesse entrado em um táxi. Não. Não daria tempo. Provavelmente estaria entre os usuários do metrô. Sim. Era isto. O metrô.

Mancini saiu em disparada até alcançar as escadarias que o levaria para baixo da terra. Como era de se esperar, uma multidão circulava impaciente pela estação.

Rapidamente, se dirigiu as cabines de passagens e apresentou sua carteira de identificação. Em seguida, a roleta de serviço foi liberada para o Policial.

A plataforma estava tomada por trabalhadores, com olhares cansados e exaustos, depois de um longo dia de trabalho. E entre tantos, Mancini procurava apenas por um rosto.

Na ponta dos pés, o detetive tentava ver alguém que lembrasse o suspeito fugitivo. Seria uma tarefa difícil, mas tinha que tentar.

Rapidamente, o trem surgiu da escuridão como se fosse um passe de mágica e parou diante da plataforma. Simultaneamente, as portas rangeram e deixaram livre às passagens de acesso ao interior das capsulas de metal.

De forma quase que automática, os usuários invadiram o transporte de massa. Não havia muita ordem para que isto acontecesse. E, olhando de fora, notava-se que a capacidade de armazenamento havia alcançado o limite máximo.

Mancini girou freneticamente para todos os lados a fim de localizar o seu alvo, no exato momento em que entrasse no trem. Mas, sua busca fora em vão. Não pode ver ninguém que se parecesse com o suspeito.

Talvez ele não tivesse embarcado naquele trem. Como ainda havia muita gente na estação, decidiu verificar esta possibilidade.

Iniciou uma caminhada vagarosa pela plataforma. Tentava olhar cada rosto. Sabia que Vermont poderia não estar mais ali. Mas tinha que tentar. Tomou a linha rente à parede de fundos da estação, para que tivesse a visão mais ampliada do restante da plataforma. Ao passar por cada indivíduo, o detetive procurava notar algo que fizesse lembrar, do homem mais procurado pela Polícia da capital naquele momento. Não demorou muito para que Mancini pudesse perceber um sujeito atrás da coluna ao fundo. Suas roupas pareciam idênticas as do suspeito. A cor do cabelo e a mochila presa às costas, eram os indícios que faltavam para denunciar sua localização. Poderia ser o fugitivo. Estaria a espreita, escondido atrás da coluna, aguardando o próximo trem.

Mancini deixou deslizar a pistola em sua mão esquerda, e a manteve colada a perna, com o cano apontado para o chão. À medida que se aproximava do homem, parecia ter ainda mais a certeza de que se tratava de Ezequiel Vermont. Seu coração estava acelerado, enquanto, silenciosamente, parou atrás do homem e preparou-se para a abordagem.

Quando neste exato momento, um trem invadiu os trilhos diante da plataforma e os freios ruíram até que o enlatado ficou inerte.

Logo, iniciou-se uma grande movimentação em direção as faixas amarelas, desenhadas ao chão.

O homem escondido atrás da coluna, o possível suspeito, deu um passo a frente e ficou sob a iluminação da estação. Seu rosto brilhou, diante dos olhos apreensivos do detetive.

Mancini percebeu, então, o equívoco que havia cometido.

Suspirou profundamente, como se estivesse envolto a um misto de sentimentos de decepção e raiva, ao mesmo tempo.

O inspetor Wilson surgiu ao seu lado, ofegante e exausto pela correria.

— Não posso acreditar que o perdemos...

Falou Wilson, suspirando mais rápido do que de costume.

Mancini ainda olhava de um lado ao outro da plataforma. Parecia, também, não acreditar que o autor dos terríveis homicídios que o estava deixando louco, estivera tão perto de ser capturado. Por um momento, olhou para o exausto parceiro de trabalho e disparou: — Acho que sei onde vamos encontrá-lo...

A noite havia chegado tão rápido quanto os acontecimentos das últimas horas. A maior Avenida da capital estava iluminada e vibrante como sempre.

Os carros, com os faróis acesos, pareciam células em um frenético movimento, levando nutrientes para todas as partes do grande organismo vivo chamado “cidade”. Da janela do quinto andar de um dos edifícios mais elegantes da Avenida, um rosto pálido e tenso, decorava a vidraça úmida e embaçada.

O celular fora jogado sobre a mesa outra vez, como se estivesse desprezado por não cumprir seu papel.

Laura voltou o olhar ao longe, enquanto seus pensamentos se perderam diante da paisagem. Ou talvez, estivesse tentando encontrar no meio de tantas arquiteturas diversas, um sentido para todas as incoerências que haviam povoado sua vida, nos últimos dias.

As respostas para seus questionamentos pareciam estar ignoradas pelo homem que participara de sua vida, por todos estes longos anos.

Não fazia o menor sentido, para que Hebert não atendesse suas ligações. De certa forma, lhe devia explicações sobre tudo que fora relatado pelo amigo Eduardo, antes de morrer. Seu envolvimento com o violento ataque ao aluno na noite do baile de formatura, a indicação de Eduardo de que Hebert fora o articulador do evento, a suspeita de que o aluno voltara para se vingar de todos que participaram da agressão, todas estas questões precisavam ser esclarecidas com seu companheiro. Precisava ouvir o seu ponto de vista.

Era quase impossível acreditar que o homem com quem dividira sua vida por todo este tempo, ainda fosse um desconhecido. Um completo estranho dentro do seu ninho.

Estas questões precisavam ser discutidas. Não podia aguentar mais tempo. Do fundo do seu coração, Laura torcia para que estes assuntos fossem de uma vez por todas, detalhados e elucidados por seu companheiro, a fim de lhe trazer de volta a paz e a harmonia no seu relacionamento.

Por um momento, a lembrança do amigo Eduardo lhe invadiu a mente. O jeito como morrera. O pobre homem não tinha familiares por perto, ao menos que fosse sabido. Caberia a ela, providenciar toda a rotina de um funeral e concluir o sepultamento do amigo. Devia fazer isto por ele, tão logo o corpo fosse liberado pelo setor de perícia da Polícia.

Talvez Hebert ainda não soubesse da morte de Eduardo. Mas como avisá-lo, se nem ao menos atendia suas ligações. Os recados deixados na secretária eletrônica e as mensagens pelo celular eram totalmente ignorados. Nem mesmo sua assistente na Empresa onde trabalhava, conseguira fazer com que ele retornasse o contato.

Laura decidira deixar a Revista e seguir para sua residência. Talvez o encontrasse em casa, antes que pudesse se trancar no escritório, e por lá ficasse por toda a noite, envolto a assuntos corriqueiros do trabalho, a viagem de negócios, e tantos outros projetos mais, que provavelmente ela não tinha conhecimento. Enfim, percebeu que não sabia tanto sobre a vida particular de seu marido, quanto podia imaginar. Talvez, Hebert deixasse escapar apenas o que ele queria que ela soubesse. Parecia ter sempre o controle sobre tudo. Percebeu, então, que seu companheiro possuía uma habilidade nata de poder conduzir seus planos com muita maestria e perspicácia. Por um momento, pensou que Hebert poderia ter ainda mais segredos, além dos que haviam sido relatados pelo amigo.

Subitamente, um calafrio lhe subiu a espinha.

Antes que pudesse ser bombardeada por mais alguns pensamentos negativos em relação ao seu companheiro, Laura fora interrompida com a presença de sua assistente no limiar da porta.

— Espero que tenha visto seus e-mails... — Disparou Sandi, com seu peculiar sorriso estampado no rosto: — Seu novo informante parece querer encher sua caixa postal. Não para de lhe enviar mensagens...

Por um momento, Laura forçou a cabeça para lembrar quem poderia ser o seu novo informante. Logo, com alguns sinais de expressão no meio da testa, a figura inusitada do homem estranho que conhecera em Brasília, lhe veio á mente. Sabia muito pouco a respeito do sujeito. Mas, de certa forma, suas informações foram bastante úteis para que pudesse terminar com a matéria sobre o escândalo do Senador.

— Não posso responder a estas mensagens agora, Sandi... — Bradou Laura, ao mesmo tempo em que parecia morder o lábio inferior: — Se for algo de muita urgência, passe para o senhor Vladmir. Ele vai saber o que fazer...

Sandi fechou o sorriso. Mais uma vez, percebera que a tensão estava saltando a pele da Jornalista. Já á alguns dias não a via com seu habitual bom humor e disposição para o trabalho.

— Está tudo bem com você? — Quis saber a jovem.

Laura ergueu as mãos e puxou todos os fios do cabelo para o alto da cabeça. Em seguida, deixou escapar um largo suspiro.

— Eu não sei... — Confessou Laura: — Eu, realmente, não sei.

— Se houver alguma coisa que eu possa fazer, não pense duas vezes antes de me falar. Eu...

— Obrigado, Sandi. Você já me ajuda bastante... — Cortou a Jornalista: — Mas pode continuar a me ajudar... Passando estes e-mails para o senhor Vladmir responder e... Avise que não estou na Revista. Tenho que ir...

— Conseguiu falar com o Hebert?

— Não. Ainda não. Parece que agora ele está me ignorando. Não sei onde isto vai parar...

— Não quero me intrometer, mas... — Falou Sandi, com a ponta de uma caneta no canto da boca: — Acho que deveria procurá-lo no trabalho. Seria uma surpresa pra ele.

— É! Talvez seja a única alternativa.

Laura passou a mão na chave do carro, suspendeu uma bolsa, apanhou o celular e seguiu em direção á porta.

— Boa sorte! — Falou Sandi, olhando a Jornalista se distanciar.

— Vou precisar, mesmo.

Em poucos minutos, a porta do elevador se abriu e o amplo estacionamento apareceu diante dos olhos redondos de Laura. Muitos carros ainda estavam ali, a espera dos seus donos.

A Jornalista parou por um segundo e pode notar que a iluminação ainda se encontrava precária, mesmo com as repetidas promessas dos funcionários da manutenção, que diziam ter um projeto para ampliar toda a instalação elétrica do subsolo, e deixá-lo iluminado tal qual a principal Avenida da cidade.

O barulho do salto alto que apoiava os tornozelos da bela Jornalista, ecoou pelas pilastras de sustentação, até que parou repentinamente. Laura, com a chave na mão, olhou ao redor vagarosamente, como se tentasse encontrar alguém. Teve uma leve impressão de estar sendo vigiada.

Em seguida, abriu a porta do veículo e saltou para o banco.

Antes que pudesse dar a partida, olhou mais uma vez para os pontos sem iluminação, ao fundo do estacionamento. Apenas pode ver uma fina nevoa que saía da escuridão e subia pelas paredes.

A mulher olhou pelo retrovisor e tentou alcançar toda a extensão da parte traseira do automóvel. Não havia mais ninguém por ali.

Todos os acontecimentos das últimas horas pareciam estar contribuindo para que ficasse assustada com tudo que via pela frente.

No mesmo instante em que direcionava a chave para a ignição, o som estridente do seu celular cortou o silêncio sombrio do interior do carro.

Nenhum número de identificação da chamada aparecera no visor. Ao invés disto, uma frase indicava que a ligação tinha origem de um número restrito.

Depois de hesitar por alguns instantes, Laura decidira atender.

— Alô! Alô!

Houve uma pausa para que, logo em seguida, o interlocutor se pronunciasse:

— *Senhora Laura?*

— É ela! Quem está falando?

— *Abraham Lincoln! Nos conhecemos em...*

— Sei quem você é!

— *Neste caso, deveria ter retornado meus e-mails, não acha?* — Indagou o homem com uma voz sarcástica do outro lado da linha: — *Não gosta mais de novidades?*

— É que não tive tempo de ler minhas mensagens... — Desculpou-se: — Amanhã

farei contato com você...

— *Amanhã pode ser tarde demais, minha cara...* — O homem parecia estar comendo e falando ao mesmo tempo: — *Tenho novidades quentes que deveria saber. Não quer manter a popularidade de sua Revista em alta?*

— É que...

— *Basta uma ligação e a concorrência vai chegar a sua frente, bonecona.*

Laura arregalou os olhos. Parecia ter visto um movimento saindo do interior da penumbra a apenas quatro ou cinco metros de distancia do ponto onde estava.

— Olha! Eu não posso mesmo falar ago...

— *Corta essa, doutora...* — Resmungou o homem que dizia se chamar “*Abraham Lincoln*”: — *Vamos negociar. Vou te dar uma hora para ler meus e-mails. Depois te ligo pra gente conversar, tá certo?*

Laura abriu a boca para pronunciar qualquer palavra, mas não pode fazê-lo. Seu coração disparou.

Alguma coisa ganhava movimento e parecia agora formar uma imagem de grandes proporções. Diante da escuridão ao fundo do estacionamento, a fumaça branca e densa se espalhava pelo piso. E, atrás do que parecia ser uma neblina ao alto, um monstro negro apareceu diante dos olhos redondos da Jornalista.

Laura pasmou. Sua circulação sanguínea havia congelado.

— *Hei! Você ainda está por ai?* — Soou a voz no fone.

— Meu Deus! — Gritou Laura, com o rosto grudado no vidro do carro.

— *Parece que agora você esta ficando interessada, não é?* — Emendou o interlocutor no celular.

Laura fixou o olhar e percebeu que jamais havia visto alguém tão forte assim. O sujeito parecia ser um lutador da categoria peso pesado. No entanto, coberto por uma vestimenta em couro preto, a imagem a sua frente estava demasiadamente aterrorizante. Os ombros severamente largos e fortes passava um ar de extrema agressividade.

Com uma máscara negra e um pequeno led que oscilava ao lado da boca, logo acima da abertura retangular que parecia ser uma entrada de ar, o homem respirava com dificuldades. O ruído do ar entrando e saindo da máscara podia ser ouvido nitidamente no meio da penumbra.

O sujeito parecia estar pronto para um ataque.

Laura deixou o celular cair sobre o banco ao seu lado. Direcionou a chave na ignição, mas não acertou. Seus olhos estavam estáticos na imagem a sua frente. Mais uma vez, a chave tentou alcançar seu destino. Mas as mãos da Jornalista estavam tremulas. Tensas.

Laura se viu desesperada. Em pânico.

Percebeu que o homem vinha em sua direção e parecia estar decidido para algum propósito. Tinha que se concentrar e colocar o carro em movimento para que pudesse deixar o estacionamento, antes que fosse tarde demais. Era a sua única

chance de se livrar das garras aterrorizantes daquele provável assassino.

A ponta da chave tateou no ar e mais uma vez desviou do caminho para o buraco da ignição, bateu na lateral da fechadura e para desespero total da Jornalista, a chave fora ao chão.

— Não! Não! — Gritou freneticamente.

A voz sarcástica do “*Abraham Lincoln*” soou mais uma vez no celular, sobre o banco:

— *O que disse? Está fazendo pouco caso dos meus serviços? Vai se arrepender por isto, belezona.*

Com o rosto corado e as pupilas dilatadas, Laura observou o gigante negro que caminhava em sua direção. Precisava, rapidamente, apanhar a chave que caíra sobre o tapete.

Em seguida, curvou-se completamente e tateou a mão até que localizou a chave a seus pés. Assim que voltou a posição original, um novo tremor percorreu por todo o seu corpo. Não teve como conter o grito.

Um rosto sorridente e meigo estava colado no vidro da janela do automóvel, do lado de fora. Era sua assistente. Sandi batia na janela como se quisesse chamar sua atenção.

Laura, ainda com tremores pelo corpo, viu sua assistente abrir a porta do carro e aparecer por inteira, diante dos seus olhos.

— O que está acontecendo, Laura? Está tudo bem com você?

A Jornalista respirava como se tivesse chegado de uma longa corrida. O ar parecia não querer entrar em seus pulmões. Girou o rosto e procurou pelo homem. Com o olhar como se fosse um scanner em movimento, girou em sua volta e não pode localizar a imagem do terror, que acabara de presenciar.

— Tem alguém ali... — Balbuciou, apontando para a escuridão ao fundo do estacionamento: — É ele. O assassino.

Sandi ergueu a cabeça e procurou por um momento. Lançou dois passos a frente e tentou visualizar o que poderia estar atrás das colunas de sustentação do edifício. No entanto, não pode ver absolutamente nada que pudesse dar veracidade a afirmação da Jornalista.

— Não tem ninguém ali, Laura.

— Ele está escondido em algum lugar... — Disse Laura, com a voz embargada.

Neste momento, a porta do elevador rangeu e dois homens ganharam o piso rústico do estacionamento. Conversavam descontraidamente até que pararam diante de um carro.

— Pronto. Não estamos mais sozinhas... — Consolou Sandi: — Vim trazer seus óculos de leitura, que deixou sobre a mesa.

Laura estava extasiada. Era quase que inacreditável que ainda estivesse respirando. O sujeito parecia estar decidido a concluir o que veio fazer. Sabia que era uma questão de tempo. Pela imagem do homem que vira a sua frente, percebeu o quanto

seria difícil escapar com vida. Mas, por que ela estaria na lista do assassino? Não tivera exatamente nada a ver com o incidente em torno do jovem aluno. A menos, o fato de ter um relacionamento com o homem que parecia ser o mentor do ataque.

— Ele veio atrás de mim... — Exclamou a Jornalista, ainda com a voz tremula: — Tenho que sair daqui.

O carro entrou em movimento e logo subiu a rampa em disparada rumo à Avenida. Sandi olhou ao redor com certa desconfiança, fechou os punhos e seguiu acelerada para o elevador. Notou que os dois homens ainda conversavam diante do carro. No entanto, percebeu que a conversa já havia chegado ao fim. Os homens, agora, se despediam com um aperto de mãos.

Depois de pressionar o botão referente ao número do andar desejado, as portas do veículo vertical levaram alguns segundos para entrar em funcionamento. Sandi, impaciente, voltou a pressionar a indicação do andar. As portas cederam e ganharam movimento. Antes mesmo que pudessem se tocar ao centro e completar o fechamento, um braço invadiu o elevador e fez com que as portas retornassem ao estado anterior. Estavam abertas outra vez.

O homem entrou e olhou a jovem assistente por um momento.

— Desculpe... — Falou, com um sorriso amarelo no rosto: — Não queria perder a viagem...

Sandi percebeu que se tratava de um dos homens que conversavam no estacionamento. Uma sensação de alívio percorreu o seu corpo, enquanto esboçava um sorriso sem graça ao canto da boca.

As portas do veículo, enfim, se fecharam diante de seus passageiros e a caixa metalizada seguiu o seu destino.

◆◆◆◆

O habitual congestionamento já havia se formado ao longo da Avenida.

Por entre os carros engarrafados, Laura Thompson acelerava como se pudesse saltar para um ponto mais adiante. Sua impaciência era justificada pela imagem do monstro ameaçador que acabara de presenciar no estacionamento da Revista.

Aquela máscara negra, o ruído de terror que escapava pela área de ventilação a altura da boca e o led que oscilava insistente em curtos intervalos de tempo, todos estes quadros vinham como flashes em sua mente. A possibilidade de ser apanhada pelo gigante assassino a estava deixando louca.

Apertou a buzina outra vez, mas sem efeito algum.

Com olhos arregalados, observou os corredores entre os carros, girou o rosto de forma aleatória e nada parecia poder conter os seus nervos. Pensou que pudesse sair em disparada daquele lugar e se jogar nos braços acolhedores de seu companheiro, onde poderia encontrar algum tipo de proteção, como sempre fizera, em momentos de angústia e descontentamento. Mas, por um instante, lhe veio à mente o desprezo e

o abandono, que Hebert lhe concedera nos últimos dias. Então, o que fazer? Para onde ir?

Laura passou a mão no celular.

O seu mais novo informante “*Abraham Lincoln*” não estava mais na linha.

Sem hesitar, procurou pelo número do detetive e disparou a chamada.

Em poucos segundos uma voz conhecida, soou no fone:

— *Detetive Mancini!*

— Ele veio atrás de mim... — Desabafou Laura, como se tivesse um grito preso na garganta: — Não sei o que fazer. Estou no...

— *Do que está falando, Laura? Tente se acalmar...*

— O assassino. Ele está aqui...

— *Onde? Onde você está?*

— Estou presa no trânsito...

— *Mas, onde você viu o homem?*

— No estacionamento da Revista. Ele estava lá. Veio em minha direção...

Houve uma pausa para que Laura pudesse respirar.

— *Tente se acalmar. Vou mandar um Policial ficar de guarda na sua casa.*

— Não sei mais o que fazer. Não consigo contato com Hebert. Nem ao menos o tenho visto... — Disse, enquanto os olhos atentos varriam os espaços ao redor do carro.

— *Falo com você mais tarde, está bem assim?*

— Ok! — A confirmação foi seguida de um forte suspiro.

Em seguida, o celular fora jogado ao lado, enquanto o carro, agora, parecia ganhar movimento.

Na Avenida congestionada, os automóveis tentavam avançar todos ao mesmo tempo, deixando a impressão de que se tratava de uma disputada acirrada da largada do grande prêmio de formula um, que acontecia anualmente no autódromo da cidade.

O detetive Wilson parou a bola com o pé, como se o gesto que fizera lhe fosse algo bem familiar. Com uma postura de quem sabia exatamente o que estava fazendo, girou a cabeça e contemplou os olhares desconcertantes dos meninos.

O vento suave do início da noite soprou mais forte até que tocou nas faces inertes e impacientes, enquanto um deles, demonstrando severa irritação, avançou um passo a frente e protestou em nome de todos os outros.

— Não vai devolver a bola?

— Hã! Sim! Claro! — O Policial, ainda com o pé sobre a esfera, enfiou as mãos nos bolsos da calça, antes de continuar: — Mas antes preciso que vocês colaborem comigo... Estão vendo aquela casa, logo ali?

Os integrantes do grupo de jogadores mirins olharam quase ao mesmo tempo para o local onde o detetive apontava.

— Preciso saber se vocês viram um homem entrando ou saindo daquela residência, nas últimas horas?

Sem pronunciar uma só palavra, os meninos trocaram o olhar um com o outro. O silêncio parecia reinar entre os baixinhos.

— E, então? Algum de vocês pode me ajudar? — Insistiu o inspetor.

— Não vi ninguém naquela casa... — Adiantou o porta-voz do grupo: — Além da Velha e seu cachorro... O Leopoldo.

— Hum! Entendo. Vocês estão jogando aqui á muito tempo?

— É... Faz um tempão...

O detetive fez um rápido movimento com os pés e a bola subiu até a altura de sua cabeça. Tocou levemente com a testa sob o couro surrado e fez com que a “pelota” fosse arremessada no peito do garoto a sua frente.

— Obrigado. Tenham um bom jogo.

O inspetor girou no calcanhar e seguiu em direção ao carro estacionado a poucos metros da casa onde Vermont fora criado por sua tia. Pode ver que Mancini, de pé ao lado do veículo, lhe fazia um sinal com as mãos.

— O que foi? — Indagou Wilson, ao se aproximar do parceiro.

— Vermont tentou atacar Laura... — Disse Mancini, ao mesmo tempo em que entrava no carro: — Ele apareceu na Revista em que ela trabalha. Avisei a delegacia... Estão mandando uma viatura pra lá.

— Mas, por que a Laura? — Retrucou Wilson: — Ela não fez parte do ataque na noite do baile... Ou fez?

Sem responder a indagação do inspetor, Mancini botou o veículo em movimento. Girou o volante em sentido anti-horário e tomou a direção contrária do ponto onde estava.

A aquela altura, o trânsito se encontrava intenso para todos os lados. Não havia o que fazer para fugir dos densos engarrafamentos, que se desenhavam ao longo.

Por um instante, o inspetor Wilson colocou o dedo indicador ao lado da cabeça e girou em direção ao motorista:

— Conheço um atalho que vai nos levar ao centro da cidade em pouco tempo...

— Qualquer ideia para nos tirar deste trânsito será bem vinda. — Admitiu Mancini.

O caminho indicado pelo inspetor não fora assim tão significativo em relação ao tempo ganho. Depois de tantas curvas sinuosas entre subidas e descidas, Mancini conseguiu, enfim, parar o carro em frente ao estacionamento da Revista.

Diante do trânsito lento da principal Avenida da cidade, podiam ser notados os veículos da Polícia local que já haviam chegado.

Os agentes, agora, pareciam entrevistar alguns funcionários do prédio. Colhiam qualquer informação que pudesse ajudar na localização do assassino mais procurado pela Polícia do estado naquele momento. Dois policiais, com lanternas e armas em punho, vasculhavam atentamente, os cantos mais sombrios ao fundo do estacionamento.

Mancini avistou a assistente da Jornalista Laura, sendo entrevistada por um Policial, e logo em seguida se aproximou.

— Como está, Sandi? — Quis saber o inspetor: — Você também viu o sujeito por aqui?

— Estou bem... — Disse a assistente, um tanto sem graça: — Eu não cheguei a vê-lo. Foi a Laura. Ela estava em pânico quando a encontrei no carro...

— Ela fez alguma descrição do sujeito... Comentou alguma coisa?

Sandi pensou por um momento.

— Não. Não disse nada. Estava muito apavorada...

— Sabe se mais alguém viu o sujeito além da Laura?

— Não faço ideia.

Mancini passou a mão sobre o queixo e girou o olhar ao redor. Por mais que tentasse, não conseguia entender como Vermont poderia ser tão ligeiro assim. Á pouco tempo atrás estava fugindo da Polícia numa perseguição implacável, instantes depois, já estava articulando um novo ataque. Alguma coisa parecia não se encaixar. O inspetor retirou do bolso do paletó um cartão contendo seu nome e número de seus telefones e adiantou para a jovem assistente.

— Me ligue se precisar de ajuda, está bem?

— Obrigada.

◇◇◇◇◇

Um conjunto inteiriço de calça e jaleco de cor cinza fora jogado sobre a cama. Em seguida, um boné da mesma cor, juntou-se as outras peças. Na parte traseira do jaleco e na aba frontal do boné, podia ser notado o nome de uma empresa de limpeza e conservação predial.

A mão coberta por uma luva em couro preto folheou o passaporte, mais uma vez. Depois de conferir o nome e a validade, o homem guardou o documento no bolso lateral da jaqueta.

Em um rápido movimento, a mochila fora aberta e todos os objetos foram parar sobre o surrado lençol, digno de um velho hotel de quinta categoria.

Os objetos foram rapidamente conferidos e selecionados. Alguns outros passaportes apareceram e foram recuperados pelas mãos ágeis do sujeito. Os óculos com lentes, que pareciam estar carregadas de graus foi colocado sobre a pequena mesa, ao lado da cama.

O homem abriu a porta do frigobar ao canto do quarto e apanhou uma garrafa de água. Logo em seguida, saciou sua sede.

Antes que pudesse retornar a atenção para os objetos sobre o lençol, ouviu vozes vindas do corredor, ao lado do quarto. As vozes pareciam aumentar de volume ao passo que se aproximavam.

O homem ficou imóvel por um instante. Tentou entender o que conversavam do lado de fora.

Em um gesto rápido, colou o ouvido na porta e ficou atento. Até que as vozes ganharam o volume máximo e passaram por aquele ponto. Pareciam, agora, que distanciavam em direção as escadas, ao final do corredor.

Vermont apanhou a pistola prateada presa á cintura e, com muito cuidado, á colocou sobre a mesa. Parecia ter um carinho especial com aquela arma. Em seguida, voltou-se para as roupas jogadas sobre a cama, e as contemplou por um momento.

Em poucos minutos o homem observava atentamente sua imagem refletida no espelho. Ajeitou a gola do jaleco, esticou as mangas e verificou os bolsos da calça. Encontrou em um dos bolsos, um crachá de identificação que, logo em seguida, fora colocado preso junto ao bolso superior do jaleco.

A foto colada no crachá estava, decididamente, perfeita. Não poderia ter ficado melhor.

Em seguida, o boné fora sutilmente enterrado na cabeça, de forma a completar a vestimenta. Vermont olhou sua imagem no espelho e satisfeito com o que vira, sorriu ao canto da boca.

Observou a posição dos ponteiros no relógio de pulso e conferiu as horas. Sabia que a cada minuto que passava, aumentava as chances de ser pego pela Polícia. Não podia mais permanecer naquele lugar. Sua cidade natal.

No entanto, tinha que terminar o seu projeto. Afinal, passara longos anos arquitetando o seu plano de vingança. Precisava concluir sua missão em um último

ataque. Mas, desta vez, iria usar de suas próprias forças para dar fim a sua última vítima. Havia de saborear o sangue de seu desafeto como se fosse o último pote de mel sobre a terra. E, sobre tudo, olhar nos olhos do homem que, tempos atrás, havia colocado sua vida por um fio, entre viver ou morrer. Durante longos anos, as visões daquele fatídico dia, massacrava sua mente por todas as noites, antes que pudesse adormecer. Seus pesadelos estavam prestes a invadir a realidade e sucumbir em um ato de coragem e vingança. E, com toda a certeza, era isto que o mantinha vivo.

Com um gesto suave, ajeitou os óculos diante dos olhos e conferiu para que as hastes ficassem presas atrás das orelhas. Apesar da espessura, as lentes não ofereciam grau algum, apenas sustentavam a cumplicidade do uniforme.

Estava pronto. Pensou.

Vermont apanhou a pistola prateada sobre a mesa e a enfiou na mochila.

Antes que pudesse seguir em direção á porta do minúsculo quarto, pode ouvir as vozes do lado de fora, que pareciam estar de volta ao corredor.

A esta altura, com a mochila presa no ombro, Vermont estancou a decisão de sair naquele momento. Apesar do disfarce, não podia correr o risco de ser identificado. Com toda certeza, os detetives já deviam ter passado por ali, fazendo interrogações e mostrando sua foto para todos os funcionários daquele hotel de quinta categoria.

As vozes ganharam desenvoltura e logo estacionaram diante da porta do quarto. Vermont praguejou alguma coisa em um tom ameno, e colou o rosto na madeira. Tentou, ao menos, ouvir o que diziam. Sentiu a falta do olho mágico. Mas, como estava em um hotel de baixa reputação, não podia esperar muita coisa.

Do lado de fora, amparado por duas mulheres sorridentes e de poucas roupas sobre o corpo, um sujeito tentava abraçar suas duas companheiras de uma só vez. Parecia estar embriagado ou algo assim, enquanto suas amigas o atormentava para uma noite de delírios sem fim, no interior de um quarto.

As mulheres gargalhavam em tom extremamente alto. Enquanto suas vozes ecoavam pelas paredes do corredor, o sujeito cambaleava nos braços macios de suas amigas.

O quarto que procuravam parecia ser o que ficava bem em frente ao quarto de Vermont. Porém, o homem com a chave na mão, não conseguia encontrar o buraco da fechadura.

Atento dentro do quarto, Vermont conferiu o relógio, mais uma vez. Em seguida, praguejou irritado. Pelo tom das vozes desvairadas que vinham do corredor, não parecia ser alguém da Polícia ou mesmo algum funcionário do hotel. Teria que sair e se arriscar diante daqueles loucos.

Vermont destravou a porta e deixou que abrisse um ou dois centímetros apenas. Tentou alcançar com o olhar a origem de tantos falatórios. Então, deixou que a porta cedesse um pouco mais.

Subitamente, como se fosse um gesto descontrolado, uma das mulheres encostou o corpo na porta, e tombou para dentro do quarto.

Depois que a porta cedeu totalmente, a mulher sobressaltada, girou o olhar para o

interior do ambiente e viu a imagem do homem com o uniforme. Parecia estar vendo um fantasma. Até que se deu conta de que era um homem trajando um uniforme tal qual um funcionário do setor de manutenção.

Vermont estava estático, de pé, a dois passos da alegre mulher.

— Ora, ora... Vejam só o que eu encontrei aqui... — Balbuciou a mulher.

Rapidamente, a amiga apareceu no limiar da porta, acompanhada do vacilante companheiro. Ao ver o homem dentro do quarto, a mulher deixou escapar um largo sorriso, entre seus lábios ligeiramente avermelhados.

— Acho que erramos de quarto, não é? — Indagou a segunda mulher.

— Quem sabe este não é o nosso quarto? — A loira estava insinuante e parecia querer provocar o homem, estático sob um feixe de luz: — Gosto de homens com uniforme... Estou falando com você... Bonitão.

Vermont não mexeu ao menos um músculo. Atrás dos óculos claros, observava o movimento das moribundas mulheres a sua frente, como se fosse uma estátua presa no assoalho.

— Já que você não é de falar muito... Nós vamos entrar e fazer uma festinha, o que você acha? Tem alguma bebida aí pra gente?

A mulher entrou no quarto e levou a tiracolo o cambaleante companheiro. Em seguida, caíram na cama e rolaram entre beijos e apertos por todas as partes do corpo. As alegres risadas, rapidamente, tomaram conta da atmosfera do ambiente.

A loira, ainda atracada á porta, sorriu maliciosamente, enquanto filmava o rosto sombrio do homem a sua frente. Em seguida, se aproximou e com um golpe certo, lançou a mão entre as pernas de Vermont.

O homem ficara intacto. Nenhuma expressão foi percebida em seu semblante.

Por um momento, a loira pressionou seu potente par de seios de encontro ao peito de sua mais nova presa, e deslizou a língua pelo rosto do homem, até que pode tocar a sua boca, enquanto que as mãos pareciam querer esmagar suas entranhas.

Imediatamente, Vermont ergueu a mão direita no ar e golpeou o pescoço da mulher. Como se fossem garras de um felino em fúria, os dedos entraram na garganta magra da loira, ao mesmo tempo em que os olhos esbugalhados da mulher, pareciam se encher de sangue.

Sem soltar o pescoço da mulher, Vermont adiantou dois passos e a jogou de encontro á parede. Com habilidade, suspendeu o corpo esquivo da fêmea, até que seus pés deixaram o chão.

A loira se debatia e agarrava o punho do homem, numa tentativa frustrada de soltar a mão atracada em sua garganta. O sangue parecia não mais circular, e o ar não alcançava os pulmões.

Enquanto isto, em cima da cama, a desinibida amiga, alheia a tudo que estava acontecendo ao redor, remexia a carteira do seu companheiro, que agora, parecia adormecer como um anjo sobre os lençóis.

Por fim, Vermont relaxou os músculos e soltou a garganta da mulher.

A loira, quase que desfalecida, tombou ao chão.

Uma sessão de tosse foi desencadeada pela mulher, enquanto que seus olhos, molhados e irritados, pareciam voltar ao normal.

Rapidamente, Vermont ganhou o corredor e fechou a porta, trancando-a pelo lado de fora. Enquanto deslizava em direção às escadarias, ainda pode ouvir os xingamentos exacerbados das mulheres no interior do quarto.

Laura Thompson esmurrou a porta do escritório, mais uma vez, como se pudesse arrebentar a madeira a sua frente. A maldita chave nunca estava presa á fechadura quando precisava entrar no reduto do seu companheiro. Talvez, Hebert teria tirado a chave para que ela não tivesse acesso aquele cômodo da casa. Afinal, diante dos últimos eventos, parecia mesmo que o homem tinha mais particularidades a camuflar do que podia imaginar. O que tanto fazia questão de esconder de sua mulher? Laura estava cansada dos segredos do marido. Já havia passado da ora de colocar todas as cartas na mesa e esclarecer, de uma vez por todas, as revelações sinistras e nebulosas, que fizera o amigo Eduardo.

Depois de sacudir a maçaneta, impacientemente, a Jornalista desistiu e suspirou ofegante. Dirigiu o olhar para o teto da sala, como se estivesse pensando em alguma coisa. Sim. Era isto. Precisava pensar. Havia uma chave reserva da porta do escritório, que provavelmente estaria guardada em algum lugar. Mas, onde?

Laura avançou em passos largos, até que alcançou o quarto principal.

Ao lado de sua cama, as gavetas da cômoda foram rapidamente abertas e vasculhadas. Depois de revolver seus pertences em cada uma das gavetas, novamente a sensação de frustração lhe invadiu o coração. Correu os olhos e avistou os criados-mudos, junto á cama. Com sorte, encontraria as chaves por ali.

As esbeltas gavetas foram arremessadas sobre o lençol e os objetos espalhados ao redor. Em seguida, o mesmo aconteceu do outro lado do móvel. A porcaria da chave reserva não estava ali.

Os armários do closet. Laura atacou as gavetas, enfurecida com a dificuldade que encontrara em acessar aquele pequeno cômodo da casa, que Hebert parecia fazer ali o seu esconderijo.

As peças de roupas foram atiradas ao chão tão rápido como os olhos da Jornalista, a procura do metal. Quando todas as gavetas já estavam vazias, e o assoalho coberto pelas vestes, a mulher parou por um momento. Percebeu que, pela quantidade de gavetas vazias, poucas peças estavam espalhas ao chão. Parecia que as roupas do marido estavam ligeiramente reduzidas.

A mulher voltou-se para os cabides. Moveu um a um para o lado como se examinasse com mais detalhes. Conferiu que faltavam algumas peças, mas nada que pudesse lhe chamar a atenção. Provavelmente, estava atrasada com a lavagem, e o sexto de roupas deveria estar transbordando. Era isto.

Por intuição, decidiu verificar os elegantes ternos italianos, os quais Hebert apreciava com muito encanto. Logo, percebeu a ausência de dois ou três conjuntos

da linha Giorgio Armani. Os preferidos do marido. Poderia estar no trabalho, para uma eventual necessidade de emergência. Ou mesmo no carro. Isto era bem característico do Hebert.

No entanto, Laura percebeu a ausência de algumas camisas de sedas, as quais seu cônjuge, mais apreciava. As peças não poderiam estar todas ao mesmo tempo, no sexto a espera de serem lavadas. Com certeza, o homem já teria reclamado, ao procurar e não encontrar suas vestimentas preferidas.

Com passos largos e apressados, Laura cruzou a sala de estar e logo alcançou a cozinha. Antes que pudesse entrar na área de serviços, tocou no interruptor, junto à parede. A iluminação deixou à vista toda a lavanderia. Procurou pelo sexto de roupas. Estava ao canto da parede oposta, ao lado da máquina de lavar.

Removeu a tampa e iniciou a busca.

Subitamente, um odor intenso lhe invadiu as narinas, fazendo arder a mucosa. Imediatamente, largou as roupas e se afastou. Teve a impressão de que um frasco de detergente ou algo assim estaria aberto ou derramado em algum canto.

Conferiu os objetos apoiados sobre a bancada lateral, a procura do possível frasco. Em seguida, abriu a porta dos armários sob a bancada, mas não pode identificar nada que levasse a crer na origem daquela essência. Com certeza era um produto de limpeza derramado em algum lugar. Mas, onde?

Laura voltou o olhar para o sexto de roupas. O forte e agressivo odor parecia estar vindo de lá. Rapidamente, removeu as peças. Antes de jogá-las ao chão, passou o nariz em cada parte do tecido. À medida que as roupas eram retiradas do sexto, o cheiro parecia aumentar.

Ao erguer uma das camisas de Hebert, Laura fechou os olhos. A fragrância agora estava demasiadamente intensa.

Hebert, apesar de cuidadoso e de apreciar o ambiente limpo, não era chegado a fazer limpezas pela casa. Em que momento poderia ter sujado a camisa com aquele odor insuportável?

A Jornalista terminou de remover as peças e, por fim, se deu conta de que as camisas que estavam ausentes no closet, também não se encontravam por ali. Talvez estivessem sido penduradas em outra parte do armário.

A Jornalista tampou as narinas com uma das mãos e decidiu sair dali. Não aguentava mais aquele cheiro. Antes que pudesse atravessar a porta da área de serviços, o seu inconsciente pareceu ter lhe enviado um flash de lembranças de acontecimentos recentes. Laura parou. Congelou sob o limiar da porta. Aquele odor. Era o mesmo cheiro que sentira na casa do sítio. Fora o mesmo produto utilizado para a limpeza do chão da sala, a fim de remover o sangue do falecido Eduardo.

Laura girou no calcanhar e voltou. Localizou a camisa em questão e passou o nariz pelas mangas da roupa. Não teve dúvidas. Era a mesma fragrância. Um removedor de sujeiras, com certeza. Mas como isto teria ido parar na camisa de Hebert?

Laura ergueu os olhos para o alto e suspirou. Por um instante, pensamentos sombrios

lhe invadiram a mente. Balançou a cabeça, como uma forma de evitar possíveis considerações precipitadas. Não queria dar espaço para suposições.

Com a camisa presa nas mãos e os olhos embaçados, a Jornalista deixou a lavanderia. Os pensamentos a respeito do assassinato do amigo Eduardo lhe invadiram a mente como raios em noite de tormenta.

Precisava localizar a chave do escritório. Provavelmente, encontraria por lá, algum indício do que Hebert estaria fazendo nos últimos dias. Precisava de respostas. E, rápido.

Laura voltou ao closet. Algumas gavetas menores, acomodadas ao canto da parede lateral, ainda não tinham sido verificadas. Com agilidade de uma felina, a Jornalista removeu as gavetas e as jogou ao chão. Rapidamente, manuseou os objetos a procura de algo que pudesse revelar algum segredo.

Sobre o compartimento de gavetas, existia um amplo espaço destinado a guardar objetos maiores. Estavam por ali, caixas de documentos, computadores antigos e também deveriam estar às malas de viagem do casal. Laura moveu a sua para o lado e por um instante, percebeu que a do Hebert não se encontrava. Olhou um pouco mais ao fundo e para aos lados. Não. A mala de bagagem de mão do companheiro não estava dentro do armário.

Laura engoliu em seco.

Como se estivesse juntando as partes de um quebra-cabeça, tudo parecia agora, fazer sentido. As camisas que não estavam no armário, a mala de viagem, o escritório quase sempre trancado e a viagem de Hebert para o oriente, todas estas informações lhe passaram a mente como um raio. Era isto. Hebert havia saído para não mais voltar. Estava prestes a sacramentar seu anunciado destino, selando também, o rompimento de uma bem sucedida relação, construída por longos anos, desde os tempos de formação acadêmica, na Universidade Federal do estado.

Diversos pensamentos desconstruídos pareciam povoar sua mente, como se fosse um conglomerado de nuvens em meio a uma preparação para uma terrível tempestade.

A Jornalista caiu de joelhos sobre o assoalho. Ao seu redor, as roupas espalhadas pareciam emoldurar sua imagem solitária no centro do closet. Laura sentiu-se abandonada. O peso da renúncia e os acontecimentos dos últimos dias caíram como uma rocha sobre os seus ombros. Suas forças enfraqueceram.

Por um momento, um sentimento de remorso lhe invadiu o coração. Pensou que tinha agido de forma errada, ao contrariar a vontade de Hebert, quando mencionou que a levaria para o oriente, a fim de novas conquistas e até mesmo para a renovação da união entre o casal. Não fora companheira o suficiente, quando seu cônjuge mais precisou. Hebert nunca a perdoaria por isto. Devia entender que a ambição do homem com quem dividira toda sua vida, era mesmo para um futuro cada vez melhor e confortável, como ele mesmo dissera todas as vezes que discutiam sobre o assunto. Agora, parecia ser tarde demais para voltar atrás.

Sentiu o odor insuportável do alvejante que estava impregnado em sua narina. Mais uma vez, a lembrança da camisa encontrada no sexto de roupas, lhe veio á mente. Como poderia julgar seu companheiro, sem ao menos ouvir sua versão dos fatos? Não podia tirar conclusões apenas por meras coincidências corriqueiras do dia a dia. Havia de encontrar respostas para todas aquelas indagações, sem que pudesse ferir a reputação do homem que amava. Naquele instante, lhe ocorreu que talvez, existisse a possibilidade, de que Hebert também estivesse em perigo. O homem que tentou lhe atacar no estacionamento da Revista, poderia estar a sua procura. Precisava encontrar seu companheiro e lhe avisar do eminente perigo que estava exposto. Talvez, fosse capaz de perdoar a sua incompreensão. Estava disposta a abandonar toda a sua vida de conquistas até aquele momento, o futuro que tinha na Revista, a profissão que amava, e seguir em frente ao lado do homem que escolhera para terminar os seus dias. Por um instante, teve a certeza do que realmente queria fazer. Laura suspirou profundamente.

Antes que pudesse se levantar, um objeto sob uma peça de roupa lhe chamara a atenção. Parecia ser a ponta de uma... Chave.

Passou a mão no objeto e olhou por um instante. Era mesmo a chave do escritório. Laura saiu em disparada. Atravessou o corredor, até alcançar a sala de estar. Diante da porta, parou por um momento e pensou se deveria realmente invadir a privacidade do seu companheiro. Mas, seus pensamentos estavam atordoados e confusos para que pudesse tomar novas decisões.

Depois do barulho peculiar ao destravar a fechadura, a porta cedeu, deixando a vista o interior do ambiente.

A Jornalista olhou ao redor. Pode notar que o notebook não estava sobre a mesa, como de costume. Poucos objetos estavam por ali. Laura abriu as gavetas e percebeu que o passaporte de Hebert também havia desaparecido. Estava confirmado. Ele saía para viajar e não voltaria mais para casa. Mas, por que não lhe avisou? Por que estava omissos nos últimos dias? Laura sentiu um aperto no coração.

Tinha que localizar o homem da sua vida, antes que o perdesse de uma vez por todas. Talvez ainda estivesse no trabalho. Precisava ir até lá, uma vez que não respondia suas ligações e nem ao menos retornava suas mensagens. Era muito provável que Hebert tivesse uma explicação plausível sobre o remover de sujeiras derramado na sua camisa. Estes esclarecimentos, somente ele poderia lhe dar.

Laura passou a mão nas chaves do carro e seguiu em direção á porta da sala. Não podia perder mais tempo.

A noite havia caído e uma brisa fria começava a impregnar as folhagens do jardim, diante da extensa vidraça da sala de estar.

A porta do carro fora aberta, mas Laura parou repentinamente. Parecia ter deixado alguma coisa para trás. Sim. O celular.

Rapidamente, girou e voltou em direção a casa.

Ao lado oposto do jardim, havia uma rampa coberta por pedras brutas, que levava

para o interior da garagem. Algo sobre a rampa chamou a atenção da Jornalista. Laura parou por um instante. Seu olhar correu por sobre a rampa desde a entrada no limiar do asfalto até que se perdeu no interior do cômodo onde abrigava, quase que sempre, o carro de Hebert.

Ao se aproximar, pode ver as marcas dos pneus sobre as pedras. Pareciam ter sido formadas por excesso de lama nas rodas, quando da última vez que o veículo entrara naquele compartimento. Hebert não passava por estradas sem asfalto. Ao menos no caminho para o trabalho. Onde poderia ter sujado as rodas do carro daquele jeito?

Laura sentiu um arrepio de frio lhe subir a espinha. Seu rosto corou.

As marcas dos pneus pareciam ser as mesmas que pode presenciar no sítio, onde o amigo Eduardo fora encontrado morto.

Não queria acreditar, mas as evidências a estava deixando sem ter o que pensar, ao certo. Logo, sua mente foi invadida por um turbilhão de raios luminosos. Teve a sensação de estar em uma danceteria sob os feixes de laser, enquanto seu corpo tremia freneticamente no centro do salão.

Por quais motivos Hebert poderia ter assassinado o amigo de longos anos? Não podia ser. Alguma coisa estava errada. Mais uma vez, tudo parecia não fazer sentido algum.

Laura agachou na lateral da rampa e observou atentamente as marcas sobre o piso. Não podia estar enganada. Eram as mesmas marcas encontradas no sítio. A lama também parecia ter a mesma tonalidade e textura. Precisava fazer contato com os detetives, e pedir que comparasse com as fotos tiradas no sítio. Sim. Devia fazer isto. A Jornalista ergueu-se e tomou a direção da casa, outra vez. Precisava apanhar o celular.

No interior da sala de estar, percebeu que não lembrava onde teria deixado o telefone. Talvez no quarto, ou mesmo no closet.

Laura estava desesperada. Sabia que as evidências apontavam o marido como principal suspeito do assassinato do amigo. Mas tinha que ter o motivo. Talvez, Hebert fosse o assassino das outras vítimas, alunos da Universidade. Esta possibilidade irritou a Jornalista. Um misto de pavor e raiva lhe sucumbiu á alma.

Procurou o telefone pelos lugares onde havia estado dentro da casa, mas fora em vão. Não sabia realmente onde poderia tê-lo deixado.

Neste momento, um barulho lhe chamou a atenção. Parecia que alguém estava tocando na vidraça da sala.

Poderia ser o Hebert. Talvez voltasse para buscar alguma coisa que tivesse esquecido.

Laura correu em direção á sala de estar.

A iluminação da rua que invadia o maior cômodo da casa deixava o ambiente com uma leve penumbra, o que desenhava uma atmosfera aconchegante, diante da imensa parede de vidros, com vista para um lindo jardim do lado de fora.

Pela vidraça, a Jornalista poder ver que uma pessoa adulta tocava na porta. Decididamente, não era o seu marido. Quem poderia ser então?

Com passos cautelosos e protegida pela penumbra do ambiente, Laura aproximou um pouco mais da parede de vidros. Daquele ponto, pode ver o que parecia ser um Policial, de pé do lado de fora da casa. Girou o olhar e percebeu que havia um carro da Polícia estacionado do outro lado da rua. Provavelmente, seria o Policial que o detetive Mancini prometera que mandaria para ficar de guarda, em frente a sua casa. Laura suspirou aliviada. Em seguida, abriu a porta e constatou a presença de um jovem Policial, sobre o tapete de entrada.

— Olá! Senhora Laura? — Indagou o jovem, um tanto desajeitado.

— Sim. Sou eu.

— Fui designado para ficar de guarda em frente a sua casa. Vou ficar ali no carro por toda a noite. Então... Se precisar de alguma coisa, qualquer coisa, é só me chamar, está bem?

— Obrigada Policial...

— A senhora não tem o que temer... Como disse, estarei aqui por toda a noite.

— Tenha uma ótima noite, Policial.

— A senhora, também.

O jovem girou no calcanhar e tomou a direção do veículo, do outro lado da rua. O rapaz parecia um tanto inseguro quanto ao serviço que iria prestar. Talvez, fosse um reflexo de sua pouca experiência.

Embora fosse um jovem Policial iniciando sua carreira, Laura sentiu-se um pouco mais tranquila com a presença da Polícia. Mas tinha que localizar o celular e sair á procura do seu marido. Precisava encontrar Hebert, antes que entrasse num avião para o oriente, e nunca mais poderia olhar nos olhos dele e fazer as perguntas que estavam entaladas na sua garganta. Ao mesmo tempo, precisava avisar aos detetives sobre as evidências que acabara de encontrar. Sua mente estava confusa. Não sabia ao certo, que direção tomar.

Laura voltou ao interior da casa. Remexeu os objetos jogados sobre a cama, e varreu a parte superior da cômoda com os olhos. Onde poderia ter deixado o maldito telefone? Talvez no closet. Com sorte, estaria debaixo das inúmeras peças de roupas espalhadas pelo chão. Com agilidade, entrou no que parecia ser a extensão do quarto, com as paredes revestidas por armários e gavetas até o teto, e ao fundo, a

porta que dava para o confortável banheiro da suíte.

Agachou de joelhos ao chão e moveu as peças de roupa para o lado, uma a uma. Nenhum sinal do telefone. Não fazia sentido. Entrara em casa com o fone nas mãos, por isto, tinha que estar por ali.

Por um instante, lhe veio á mente a lavanderia. Talvez tivesse deixado o aparelho sobre a bancada do tanque, quando esteve á procura das roupas no sexto.

De um só lance, a bela Jornalista se colocou de pé. Ao girar em direção á porta de entrada do closet, Laura parou por um segundo e franziu a testa. Teve a impressão de que a luz do seu quarto havia sido apagada. O ambiente estava, inesperadamente, no escuro.

Vagarosamente, levantou o olhar a altura da porta, até que pode ver um pequeno ponto luminoso, que oscilava diante dos seus olhos.

Laura pasmou. Abriu a boca como se fosse um gesto automático. Em seguida, não pode conter o grito ensurdecador. O tom agudo de sua voz ecoou na atmosfera sombria do ambiente, ao mesmo tempo em que recuava um passo atrás.

Diante dos olhos arredondados da Jornalista, emoldurado pela pouca iluminação da rua que entrava pela janela do quarto, estava á silhueta do corpo gigante de um homem.

Sucessivos gritos de desespero foram ouvidos no interior da casa. Laura estava em pânico. A poucos passos a sua frente, estava o que poderia ser o assassino impiedoso, dos alunos da Universidade, os quais participaram do brutal ataque a Ezequiel Vermont, na noite do baile de formatura.

O gigante negro estava estático no limiar da porta. O ruído irritante da entrada de ar frontal da máscara fazia parecer que o sujeito tinha dificuldades para respirar.

Laura se jogou ao canto da parede como se tentasse penetrar no concreto. Seus olhos estavam severamente arregalados, e seus lábios tremiam como se estivessem em estado de choque.

— O que você quer comigo? — Gritou, em pânico.

O sujeito permaneceu imóvel, com o olhar fixo na imagem indefesa da bela mulher.

— Você não é o Vermont. Por que está cometendo estes assassinatos por ele?

Laura sabia que o sujeito que estava a sua frente, não era o aluno agredido na Universidade. O tipo físico não combinava com a foto. Mas, se não era Vermont que estava ali, quem seria aquele brutamonte?

— Por que quer me matar? — Continuou Laura, com a voz embargada.

O sujeito respirou ofegante, e o ruído da entrada de ar foi ainda mais intenso.

— Não tive absolutamente nada com o ataque a Ezequiel Vermont... Não participei da agressão... — Laura tentava ganhar tempo. Com sorte, o Policial de plantão em frente á casa, poderia ter ouvido seus gritos: — Eu estava lá. A noite do baile. Mas não tive participação... Tem que acreditar em mim...

Em meio aos feixes de luz que atravessava o vidro da janela do quarto, a interface brilhante de uma adaga prateada brilhou ao se mover no ar. A lâmina tocou a parte

lateral da perna do sujeito, enquanto seus pulmões pareciam se abastecer de oxigênio.

Os olhos arregalados da Jornalista não piscavam nem por um segundo apenas.

— Você vai matar alguém inocente... — Balbuciou com um balançar de cabeça: — tem que acreditar em mim...

Laura percebeu que seria impossível fugir das garras daquele sujeito. Sua vida estava por um fio. Nunca havia imaginado que tudo poderia terminar daquele jeito. Ser assassinada por alguém que não conhecia, e por motivos que não conseguia entender, não fazia parte dos seus planos. A vida não poderia ter sido tão cruel com ela, a ponto de lhe reservar um final radicalmente trágico assim.

Perdida em seus últimos pensamentos, Laura viu a figura negra do homem a sua frente adiantar dois passos e erguer a lâmina no ar. O golpe mortal parecia ser eminente. Era uma questão de segundos para que o sujeito pudesse concluir o seu intento. Não havia mais o que fazer. Estava tudo acabado.

No mesmo instante em que a adaga se preparava para cortar o ar, um barulho na janela do quarto, foi ouvido. Parecia que alguém tocava na janela e gritava o nome da Jornalista.

O gigante negro interceptou o ataque e girou o olhar em direção à janela.

— Senhora Laura? Está tudo bem? — Gritou a voz do lado de fora da casa: — Ouvi gritos. Aconteceu alguma coisa?

Era o jovem Policial.

O feixe de luz da lanterna invadiu o ambiente e iluminou o interior da casa.

O gigante negro voltou o olhar para a indefesa mulher ao canto da parede, e suspirou ofegante. Parecia estar irritado. Teria que adiar a conclusão do seu serviço e cuidar do aborrecimento inesperado, que acabara de chegar.

— Senhora Laura? — Gritou, mais uma vez, a voz do lado de fora: — Se não me responder, vou ter que entrar. Preciso saber se está tudo em ordem...

A lâmina fora recolhida e guardada ao redor da cintura do sujeito. Logo, a figura gigantesca deixou o closet e desapareceu na escuridão do quarto.

Laura estava salva. Ao menos por um momento. De alguma forma, o Policial havia adiado o que tinha como inevitável. A sua morte. Precisava fazer alguma coisa. Achar uma saída.

Com a respiração ofegante, Laura se colocou de pé. Não sabia ao certo para onde teria ido o assassino. Tinha que pensar em um jeito de deixar a casa e alcançar o carro. Era a única alternativa que tinha em mente, naquele instante.

Com passos extremamente lentos e vacilantes, a Jornalista caminhou em direção à porta de entrada do closet. Temia ser surpreendida pelo sujeito, ao cruzar o limiar da porta. Mas não havia outro jeito. Tinha que passar por ali.

Laura colou o rosto na lateral da porta e lentamente girou a cabeça, até que seus olhos puderam ter a total visibilidade do quarto. Procurou pelo assassino. Ele não estava ali. A esta altura estaria à espreita, aguardando a entrada do Policial na casa,

para que pudesse apanhá-lo de surpresa.

Suas mãos estavam geladas e tremulas. Precisava pensar em alguma coisa. E, rápido. Com a respiração quase que paralisada, Laura avançou mais alguns passos em direção à cama. Parou por um momento. Parecia ter pisado em alguma coisa, no chão, sobre o tapete ao lado da cama. Abaixou a cabeça e levantou o pé. Lá estava ele. O celular.

Talvez, ainda desse tempo de ligar para o detetive Mancini, para que pudesse vir em seu socorro. Mas, se o gigante negro voltasse ao quarto, e a visse ao telefone, tudo estaria acabado de vez. Melhor não fazer isto. Tinha que seguir seu único plano no momento, que era tentar chegar ao carro.

Antes que pudesse avançar em direção ao corredor que dava para a sala de estar, pode ouvir um forte barulho, que parecia vir da porta de entrada da sala. Poderia ser o jovem Policial, na tentativa de arrombar a porta. Deveria ir ao seu encontro. Ao menos, o homem estaria armado.

Laura caminhou lentamente, como se apoiasse as mãos nas paredes laterais do corredor. Não queria fazer barulho. Não podia chamar a atenção do gigante assassino. Do ponto onde estava, pode ver a porta do escritório totalmente aberta. Tinha certeza de tê-la fechado ao deixar aquele cômodo.

Em seguida, ouviu passos que pareciam vir da sala de estar. Talvez, o Policial já estivesse dentro da casa.

— Senhora Laura?

Sim. Era a voz do policial.

— Preciso saber se está tudo bem. Pode falar comigo?

O representante da lei já estava no interior da sala. Provavelmente, caminhava em direção ao quarto.

Laura ficou estática no meio do corredor. Não sabia ao certo o que fazer. Se respondesse poderia chamar a atenção do invasor e deixar o Policial exposto ao máximo. Era preciso esperar. Ele estava mais perto, agora.

Segundos depois, o jovem homem da lei apareceu no limiar do corredor. Empunhava sua arma a frente dos olhos, como se procurasse um alvo móvel para atirar. O rapaz parecia estar assustado com os gritos que ouvira de dentro da casa.

No meio da leve penumbra que banhava o ambiente, Laura balançou as mãos para que o jovem a visse.

— Aqui! Olhe pra mim, aqui. — Sussurrou a Jornalista.

— Senhora! Perdoe a invasão, mas, diante dos gritos, precisava saber...

— Ele está aqui! — Murmurou Laura.

Em seguida, no vão de entrada para o corredor, às costas do Policial, uma sombra ganhou movimento na escuridão.

— O que disse? — Quis saber o jovem policial, demonstrando calma ao avistar a mulher, que fora indicada para proteger.

Laura pode ver a silhueta sombria que crescia lentamente, logo atrás do policial. Em

seguida, uma fumaça branca foi ejetada pela entrada de ar frontal da máscara do invasor, e tocou a nuca do jovem.

A Jornalista não se conteve e gritou:

— Cuidado. Ele está atrás de você.

O Policial girou o rosto, como se tivesse dificuldade em visualizar alguma coisa em meio à penumbra. No entanto, não pode deixar de observar o ponto luminoso que oscilava sobre o que parecia ser um respirador artificial. A máscara negra, então, brilhou diante dos olhos do jovem.

Antes que o rapaz pudesse fazer qualquer movimento, o gigante negro ergueu a adaga prateada na escuridão. A lâmina cortou o ar em velocidade e penetrou entre as costelas, a altura do pulmão.

Um grito de dor pairou no ar.

O assassino lançou um braço em torno do pescoço do Policial e o apertou de encontro a seu peito. Em um segundo, um novo movimento fez com que a lâmina entrasse um pouco mais, fazendo com que a atmosfera da casa abrigasse um novo gemido de dor. O homem estava totalmente abatido.

As lágrimas desciam pela face clara da Jornalista, enquanto via o jovem Policial erguer as mãos em sua direção, como se pedisse ajuda. Mas não havia nada que pudesse fazer para reverter a terrível cena diante dos seus olhos.

Em prantos, Laura retrocedeu alguns passos. Estava desesperada. O que poderia fazer para sair daquela situação? Olhou ao lado e avistou a janela do quarto. Talvez, ainda desse tempo de alcançá-la e escapar pelo jardim.

Com agilidade de uma felina, a Jornalista correu até a vidraça. Procurou a tranca. Não estava ali. Era do outro lado. Arrastou a cortina para lateral e pode ver a trava ao canto. Com um toque, a vidraça correu e deixou a passagem livre. Agora, Tinha que pular. Laura respirou forte e rápido, ao mesmo tempo em que passou a mão na camisa branca do marido e, com a outra, segurou o celular. Não podia perdê-lo, outra vez. De um só golpe, jogou o corpo sobre o parapeito da janela e virou para o lado de fora.

Os espinhos e os galhos da vegetação que emoldurava o jardim, sob o vão da janela, lhe rasgaram a roupa e lhe feriram a pele. Mas, não podia dar atenção a isto. Com toda certeza, o gigante assassino viria ao seu encontro. Precisava correr.

Rapidamente, se colocou de pé e saiu em disparada sobre a grama úmida. Por um instante, voltou o olhar para a janela. Temia que o assassino já estivesse em seu encalço. Quando de repente, deparou com um arbusto entrelaçado entre as pernas, e como uma estátua em demolição, seu corpo fora ao chão.

Laura estava com o rosto enterrado na grama fria. Seus dedos agarraram a vegetação enquanto seus músculos se uniram como uma grande orquestra. Precisava de toda energia disponível para se levantar e continuar a correr. Ainda um tanto desequilibrada, Laura se levantou. Não havia tempo para sacudir a sujeira. O carro estava estacionado a poucos passos dali. Correu.

Ao se aproximar do carro, teve a sensação de que os céus estavam conspirando a favor do assassino. O pneu dianteiro estava murcho. Furado. Havia um rasgo de aproximadamente vinte centímetros, na parte lateral. Provavelmente, uma lâmina afiada teria sido a responsável pela incisão.

A Jornalista suspirou ofegante.

Do outro lado da rua, o veículo do Policial estava estacionado. Com sorte, teria deixado a chave na ignição.

Laura disparou em direção ao carro. Puxou a porta e se jogou sobre o assento dianteiro. Tateou a mão na coluna de direção e, para sua surpresa, a chave estava lá. Subitamente, lhe ocorreu que talvez fosse a segunda vez que o jovem Policial salvara sua vida, naquela noite. E, por uma ironia do destino, não tivera a chance de lhe retribuir o feito.

Antes mesmo que pudesse colocar o veículo em movimento, um feixe de luz embaçou o vidro dianteiro do carro. Seus olhos ofuscaram, enquanto uma voz levemente familiar soou do lado de fora.

— Senhora Laura? O que faz a Polícia em sua casa? — Indagou o homem, com o foco de luz de sua lanterna, em movimentos aleatórios.

Tentando desviar do foco luminoso que vinha em sua direção, Laura pode ver o segurança noturno, que parecia fazer a sua primeira ronda da noite.

— Houve um assassinato... — Admitiu Laura, com o veículo em movimento: — Chame a Polícia.

O carro saiu em disparada, enquanto o vigia noturno observou que a Jornalista guiava um veículo que parecia ser da Polícia. Em seguida, voltou o olhar para a residência. Alguma coisa não fazia sentido. Chamar a Polícia. Um assassinato. Mas, ao que parecia, acabara de ver um carro de Polícia sair em alta velocidade.

Laura passou as costas da mão no rosto e removeu um pouco de terra e grama. Um corte desenhado na testa, acima da sobrancelha, lhe deixara uma marca em tom vermelho.

Apesar do intenso movimento, o carro de Polícia acelerava o máximo que o trânsito podia permitir. Laura estava ansiosa para chegar ao centro da cidade. Precisava correr contra o tempo a fim de alcançar seu companheiro antes que embarcasse para um mundo distante, e lhe deixasse como uma presa fácil, diante do temido e implacável caçador negro.

Paralisado diante da residência da Jornalista, e sem entender ao certo o que estaria acontecendo, o segurança do condomínio direcionou o foco de luz de sua lanterna para o interior da casa. Com passos lentos e cautelosos, se aproximou da vidraça da sala de estar. Girou a lanterna para ambos os lados, mas não pode ver nada que lhe indicasse um assassinato.

Tocou na porta e a moldura cedeu. Não demorou muito para perceber que a fechadura havia sido arrombada. Isto não era um bom sinal. O segurança ajeitou o boné ao alto da cabeça, e com olhos atentos, entrou.

Em meio á penumbra do ambiente, caminhou vacilante, até que deparou com um líquido escuro, que escorria pelo assoalho. Lançou o foco de luz para o chão e logo, suas pupilas delataram. Aquilo parecia ser o líquido da vida.

Raspou um dedo sobre o piso e levou diante dos olhos. Não teve mais dúvidas. Era sangue. E ainda estava quente. Com a lanterna em punho, o homem seguiu o rastro de sangue pelo assoalho e não demorou muito para que o corpo do jovem Policial fosse localizado, na entrada do corredor.

O segurança estremeceu.

O Policial estava com os olhos abertos, em direção á sala de estar e uma porção do líquido da vida, esvaia por sua boca.

Como um gesto quase que automático, o segurança sacou a arma presa á cintura e girou a lanterna ao redor.

— Minha nossa! — Exclamou, quase sem fôlego.

O homem olhou ao fundo do corredor. A ausência de luz não deixou que quase nada fosse revelado. Lentamente, caminhou até o quarto. Girou a lanterna ao redor até que pode encontrar o interruptor de luz. Com um toque, certificou-se de que não havia energia elétrica.

— Droga! — Resmungou.

Em seguida, um ruído quebrou o silencio da casa. Parecia ter vindo da cozinha.

Depois de aguardar por alguns segundos, o segurança deu meia-volta e retornou a sala de estar. O cano da arma girou tremulo em várias direções, sem que nada fosse encontrado para justificar um disparo.

O homem encostou o rosto na parede e girou vagarosamente, até que teve a visão da cozinha ao seu alcance. Rapidamente, seus olhos varreram as paredes e os cantos escuros. Nada. Nenhum movimento.

Outra vez, um barulho como se fosse uma porta batendo de forma violenta, fez disparar o coração do vigilante noturno. Desta vez, parecia ter vindo da sala.

— Droga! Droga! Droga! — Esbravejou o homem.

Precisava chegar á caixa de distribuição de energia. Talvez, o disjuntor geral tivesse desarmado de forma automática. Ou alguém o havia desligado, propositalmente.

O homem encheu os pulmões de ar, ergueu a arma diante dos olhos a sua frente e como em um ímpeto de coragem, avançou. Parou no limiar da entrada da sala e girou a lanterna freneticamente. Pode ver que a porta de entrada ainda balançava, devido ao forte impacto que sofrera. Ao menos, era a indicação mais provável, para justificar o barulho que ouvira.

— Estou muito agradecido por sua colaboração, Laurent. Na verdade, eu sabia que podia contar com você... — Disparou Hebert, olhando o companheiro de trabalho diretamente nos olhos: — Não conheço ninguém com tanta habilidade assim para negociar com o chefe...

— Não! Não! Sem exageros. Vai me deixar encabulado... — Afirmou o consultor, parecendo se esconder atrás da espessa barba em tom castanho: — Não sou tão hábil assim, como faz parecer.

— Não seja pessimista... — Retrucou Hebert, enquanto se ajeitava em sua cadeira, diante da mesa, com um leve sorriso nos lábios: — Você é o melhor consultor que já vi nesta Empresa... Depois de mim é claro...

— Você parece feliz com a viagem. Ao menos, está bem diferente do que estava na hora do almoço, quando achou que tinha alguém te seguindo no restaurante. Tá lembrado?

O sorriso desapareceu da face de Hebert como num passe de mágica. A lembrança do sujeito que o observava de uma mesa ao fundo, no restaurante, parecia não ter lhe agradado. Mas estava prestes a deixar tudo o que lhe atormentava, para trás. Faltava muito pouco para que todos os problemas pertinentes fossem trancados em um baú, e por lá os deixariam para sempre.

— Todos nós, temos nossos fantasmas, Laurent. Devia saber disto.

Hebert abriu a gaveta de sua mesa e sacou uma cigarrilha.

— Não quero me intrometer em sua vida, Hebert, mas às vezes eu sinto que está fugindo de alguma coisa... — Laurent se levantou e caminhou em direção à janela da sala: — Já pensou que pode estar fugindo do seu relacionamento com a Laura?

Hebert corou. Não queria falar sobre isto. Precisava se acostumar a não tocar no nome de sua mulher.

— O que você entende de relacionamentos, Laurent? Pelo que sei, não conseguiu manter-se casado por muito tempo, não foi? — Retrucou o consultor, enquanto retirava a embalagem do pequeno charuto com filtro de madeira: — Não me recordo ao certo por que seu casamento acabou, mas sei que ficou nele por pouco tempo. Pouco tempo mesmo.

— É diferente...

— Por que é diferente? Tudo é casamento, não é.

— Pela simples palavra que acabou de mencionar: Tempo... — Balbuciou Laurent, ao girar a cabeça em direção ao interior da sala: — O tempo que vocês estão juntos é uma coisa absurda. Não é possível que tudo tenha terminado. Será que não há, diante de todos os anos que viveram juntos, um motivo sequer para vocês não se

separarem?

Hebert franziu a testa e colocou as mãos sob o queixo. Pareceu se preparar para ouvir um discurso.

— Deve haver alguma coisa... — Continuou Laurent, caminhando pela sala: — Já tentaram fazer terapia de casal? Existem grupos especializados para estas coisas. Francamente, acho que não se acaba um relacionamento, como o de vocês, deste jeito.

Por fim, Hebert tocou fogo na cigarrilha. Soltou algumas baforadas no ar, como se estivesse pensando no que acabara de ouvir. Em seguida, repousou o fumo no cinzeiro sobre uma pequena mesa ao lado, e se colocou de pé.

— Meu caro amigo: vou te falar uma coisa... — Hebert contornou a sua mesa de trabalho e seguiu em direção a um armário, ao canto da parede oposta: — Somos seres em constantes transformações. Nossas células se renovam mais rápido do que podemos imaginar...

— E daí?

— E daí, que ao longo de décadas vividas, já não somos as mesmas pessoas que éramos no passado. À medida que nossas células são substituídas por uma nova geração, nossas perspectivas também são outras. Temos novos horizontes a cada dia. Basta olharmos um pouco mais longe diante dos olhos e veremos o leque de opções, que se apresentam a cada instante diante de nós... — Hebert abriu a porta do armário, sacou uma garrafa de um legítimo Bourbon, e continuou: — O que acontece, é que boa parte das pessoas, não querem enxergar isto. Acham que as coisas estão como estão, por que foram feitas para ser assim. Ninguém quer largar a sua zona de conforto para arriscar coisa alguma, você entende?

Laurent tirou a mão do bolso da calça e, por um segundo, coçou a barba.

— Acho que agora, vou precisar de um drinque, também.

— Não quero que me entenda, mau. Mas é como vejo as coisas, hoje... — Hebert empurrou dois copos sobre a prateleira do armário: — Sei que é meio confuso, mas acho que é assim que as coisas funcionam.

— Posso entender seu ponto de vista, meu caro... — Falou Laurent, pausadamente:

— Mas, não acredito que a Laura vá entender deste jeito.

O consultor serviu a bebida em seus respectivos copos, e estendeu ao colega de trabalho.

— Não leve o que falei tão a sério. É apenas um ponto de vista. A realidade pode não ser assim. Como vamos saber?

— Um brinde ao sucesso com nosso novo cliente! — Saudou Laurent, tocando os copos no ar.

— Ao sucesso de todos nós.

Em seguida, os consultores viraram de uma só vez, o líquido de cor caramelo, garganta abaixo. Logo, os copos tocaram a mesa quase ao mesmo tempo.

— Acho que vou agradecer pessoalmente, ao senhor Haddad, por sua generosa

compreensão. O que acha? — Indagou Hebert, ao soltar mais uma baforada no ar.
— Hoje não será possível. Não há mais ninguém, além de nós, na Empresa a esta hora.

Hebert apanhou uma caixa de papelão ao chão e a colocou sobre a mesa. Em seguida, alguns objetos foram devidamente depositados no interior da caixa, assim como alguns documentos, um dispositivo de armazenamento de dados e um micro aparelho, como um player para ouvir música.

— Estou ansioso para iniciar os trabalhos do outro lado do mundo. Acho que vai ser uma ótima experiência para todos. A Empresa, enfim, todos nós vamos progredir muito. Também será uma nova fase de grandes perspectivas de faturamento, para a Empresa.

— Quanto tempo pretende ficar no oriente? — Quis saber Laurent.

O consultor levantou a cabeça e fechou os olhos por um instante.

— Não sei exatamente, Laurent. Vou deixar as coisas seguirem seu curso natural, e aí então, vamos ver o que vai acontecer. Com certeza, há muito trabalho e um amplo planejamento sobre a ampliação das agências financeiras do nosso cliente. O continente não é tão pequeno assim. Acredito que temos ao menos uma década de muito trabalho pela frente.

— Está bem então... — Disse Laurent, tomando a direção da porta de saída: — Tenho que terminar um relatório, ainda hoje. Quando estiver pronto para ir, me avise pelo telefone, ok?

— Está bem. Falo com você. E, mais uma vez, muito obrigado. Acho que não iria conseguir convencer o senhor Haddad, sem você. Obrigado, mesmo.

Laurent balançou a cabeça e antes que deixasse a sala, voltou-se para uma última palavra:

— Ah! Ia me esquecendo. Sua assistente comentou que Laura lhe procurou durante todo o dia. Acho que devia se despedir dela.

Laurent saiu e bateu a porta atrás do calcanhar.

Entre a seleção de alguns papeis de pouca ou nenhuma importância, Hebert parou por um momento e teve a impressão de que não iria esquecer tão facilmente da mulher com quem compartilhara seus dias desde os tempos remotos da Universidade. As lembranças de momentos maravilhosos, vividos ao lado de Laura, ficariam para sempre gravadas em sua memória. Sabia que não podia fugir disto.

Suavemente, amassou a ponta da cigarrilha ao fundo do cinzeiro, até que a fumaça cessou. Com passos melancólicos, alcançou a vidraça da janela e desceu levemente a aba horizontal da persiana, até que pode observar que do lado de fora, a noite fria e densa parecia ter acolhido o centro da cidade, assim como o transito intenso da principal Avenida.

◇◇◇◇◇

O grande edifício que abrigava, além de tantas outras companhias, cedia espaço também, para a Empresa de consultoria financeira, onde Hebert prestava seus serviços. O imóvel ficava cravado no ponto mais alto da Avenida. Era certamente, um prédio com uma elegância considerável, onde a arquitetura moderna e sóbria podia se destacar facilmente entre os arranha-céus localizados na região. A imponente arquitetura, ostentada por linhas retas e vidraças escurecidas dispostas por toda a fachada, abrigava nada mais do que trinta andares de tamanhos mais que suficiente para as tradicionais holdings, nacionais e internacionais, que mantinham por ali, o centro do controle administrativo de suas organizações, que em sua maioria, encontravam-se espalhadas pelo planeta. No topo do prédio, um concorrido heliporto, parecia deixá-lo alinhado com o que parecia ser o meio de transporte preferido dos exigentes executivos do alto escalão.

No andar térreo, ao lado da portaria principal, o setor de segurança dispunha de um circuito integrado de vigilância, onde diversos monitores exibiam as imagens capturadas pelas câmeras, as quais estavam instaladas em pontos estratégicos ao longo dos corredores. Dois homens, substituídos a cada turno de trabalho, faziam o monitoramento contínuo das imagens, para que nada pudesse escapar ao controle da empresa de segurança. A ronda, nas dependências internas do prédio, acontecia em intervalos aproximados de duas horas, quando um dos homens, deixava a sala de monitoramento, e circulava pelo interior do prédio.

Na entrada do edifício, no grande hall que antecede as escadarias, podiam ser notados desenhos assimétricos espalhados pelo piso em granito de cor bege claro, como também, a decoração do espaço com modernas peças de artes, assinadas por famosos artistas plásticos contemporâneos. Decorando as paredes ao redor, quadros de artistas renomados, davam um toque final de requinte ao ambiente.

Do lado de fora, sobre a calçada, o homem colou junto à parede lateral do prédio e olhou ao redor. Pode ver que dois policiais estavam de serviço, diante da entrada da estação do metrô mais próxima. Em seguida, puxou a aba do boné para baixo, ajustou a gola do jaleco e subiu os degraus que o levaria até a recepção. Sem hesitar e sem olhar para os lados, o homem cruzou diante do balcão e seguiu rumo ao elevador.

O porteiro, que repassava as folhas de um jornal diante dos olhos, ao perceber o homem a poucos passos de entrar no transporte vertical, se colocou de pé.

— Hei! Você!

Gritou em vão.

O sujeito com a aba do boné acentuadamente baixa, pareceu não ouvir o chamado e continuou em frente.

Em seguida, um novo grito foi ouvido no silencioso hall de entrada:

— Espere! Você precisa se identificar.

O porteiro deixou o balcão e correu em direção ao intruso. Antes que pudesse entrar no elevador, a mão pesada do homem da segurança interceptou o sujeito.

— Você não pode entrar no prédio sem identificação.

Ezequiel Vermont girou no calcanhar e com um gesto, removeu o fone de ouvido, antes de abrir um largo sorriso no rosto.

— Perdão, senhor! Estava ouvindo música e, por isto, não pude lhe escutar. — Disse, demonstrando calma e tranquilidade nas palavras.

— Hum. É da companhia de conservação? — O porteiro deslizou o olhar sobre a vestimenta do intruso e continuou: — Nunca o vi por aqui. O que aconteceu com o senhor Bernard?

Vermont franziu a testa por um momento. O tal senhor Bernard deveria ser o funcionário da companhia de conservação, que vinha trabalhar no plantão noturno.

— Ah! Sim. Parece que o senhor Bernard não se sentiu bem esta tarde, e por isto, foi dispensado para ir ao médico. Então, fui escalado para o plantão desta noite.

O porteiro ouviu com atenção as argumentações do homem, enquanto conferia a foto presa ao crachá, á altura do bolso superior.

— Venha comigo! — Indicou o porteiro, ao mesmo tempo em que girou e seguiu em direção ao balcão da portaria: — Como é a sua primeira vez por aqui, precisa preencher uma ficha.

O homem apanhou uma folha de papel, acompanhada de uma esferográfica e jogou sobre o granito claro.

— Preencha aqui o nome da Empresa, o seu nome e aqui... Um documento que o identifique, como CPF ou RG. Abaixo, faça uma assinatura.

Sem pestanejar, Vermont retirou o crachá e passou a copiar os dados para o pedaço de papel. No campo designado ao nome, podia-se ler “Joseph Blanker”.

O homem da segurança fez uma cara de indignação e voltou a comparar a foto presa ao crachá.

— Está bem... Pode subir. — Consentiu o homem.

O serviçal confirmou com um balanço de cabeça, ajeitou a mochila presa às costas e tomou o elevador.

Embora os dados e a foto indicasse certa normalidade na apresentação, o porteiro olhou desconfiado, enquanto o funcionário da companhia de limpeza desaparecia rumo ao interior do prédio. O homem ainda ficou por um tempo, a olhar os dados passados para a ficha.

Poucos segundos depois, a porta da caixa metalizada cedeu e o décimo oitavo andar surgiu diante dos olhos do serviçal de codinome “Joseph Blanker”. Os largos corredores estavam vazios e calmos a aquela altura. Depois de contemplar o lado esquerdo, Vermont decidiu seguir em frente. Não demorou muito para que pudesse localizar a porta de acesso ao setor, onde abrigava o material de trabalho.

Olhou ao redor. Pode sentir o silencio frio nas paredes do corredor, até que tocou na porta, e entrou.

Os holofotes de luzes coloridas giravam sobre os carros de Polícia ao mesmo instante em que iluminavam a rua do condomínio, onde moradores surpresos e curiosos deixavam suas casas e se aproximavam para ver de perto a tragédia anunciada pelo segurança.

Logo, um policial tratou de estender uma faixa amarela, demarcando a área em que os moradores não poderiam atravessar. A esta altura, a equipe de peritos forenses tomavam conta do interior da casa, e uma minuciosa investigação começava a ganhar desenvoltura.

O corpo do jovem Policial fora virado de lado para que pudessem fotografar o ponto de invasão do objeto cortante, o qual provavelmente teria lhe tirado a vida.

Os profissionais andavam pelos cômodos da casa a procura de pistas, ao mesmo tempo em que tentavam compor a cena do crime e os movimentos que culminaram no trágico desfecho. Procuravam por manchas de sangue, marcas de sapatos, digitais, e qualquer outro pormenor, por mais simples que fosse, para que pudesse indicar um caminho, uma pista a seguir.

O delegado de Polícia, chefe da divisão de homicídios, ordenara que uma força tarefa fosse rapidamente organizada para a apuração do caso, e que nenhum esforço fosse poupado, a fim de encontrar o assassino do jovem Policial.

Sobre o jardim, o segurança noturno do condomínio prestava esclarecimentos a Polícia, informava o que teria presenciado após a Jornalista ter deixado o local, quando saiu em disparada, guiando um carro de Polícia. Alguns ouvintes curiosos estavam atentos, enquanto o segurança parecia anunciar de forma teatral, os momentos vividos no interior da casa.

Dentro da residência, os Policiais analisavam as paredes, os móveis, o assoalho, além de todos os objetos espalhados pelo chão.

— Parece que alguém procurava muito por alguma coisa... — Sugeriu Walter, o perito chefe da equipe forense.

Por um instante, o homem ficou a contemplar as roupas espalhadas pelo assoalho do closet. As gavetas do armário também estavam por ali.

Mancini olhou os objetos sobre a cama. A cômoda com todas as gavetas puxadas. O que poderia ter acontecido ali? Desviou o olhar e achou a janela com uma aba aberta. Teve a impressão de que Laura pudesse ter usado a janela como sua rota de fuga. Talvez.

O grandalhão Walter se aproximou, descansou as mãos em torno da cintura e mais uma vez, observou o corpo do Policial, estirado ao chão do corredor.

— A nossa Jornalista chegou á casa... — Disse, tentando encenar uma hipótese para o que havia acontecido: — Revirou as gavetas a procura de alguma coisa. O assassino a esperava dentro da casa. Quando ele a atacou, ela gritou desesperada. O Policial a ouviu... Entrou... Mas foi surpreendido.

— E nesse momento, ela usou a janela para escapar. — Completou Mancini. Um membro da equipe de peritos surgiu no limiar da porta. Parecia trazer alguma notícia.

— Senhor! Não há sinais de digitais em nenhuma parte... — Informou o homem: — Comuniquei o desaparecimento da viatura. Todos estão á procura do carro. O chefe da equipe balançou a cabeça como um sinal de afirmação. Em seguida, virou-se para o detetive e disparou:

— Detesto me meter no seu trabalho, Mancini. Mas tenho que te dar um palpite... — Falou o homem, enquanto olhava, através da janela, a grama revolvida no jardim: — Ache esta mulher, fique colado na pele dela, e então, vai por as mãos neste filho da puta.

Mancini ouviu em silencio. Apanhou o celular e notou que já havia feito incontáveis ligações para o número da Jornalista. Mas a mensagem da operadora era sempre a mesma, onde informava que o número estaria desligado ou fora da área de cobertura. Neste momento, o inspetor Wilson apareceu como um raio, na entrada do quarto.

— Mancini. Venha. Quero que veja uma coisa. — Falou e girou no calcanhar. O detetive fitou os olhos do perito por um instante e partiu no encalço do inspetor. Wilson atravessou os cômodos da casa, ganhou a lateral do jardim e parou diante da rampa que dava para a garagem ao lado. Levantou a perna e apoiou a ponta do pé sobre a baixa mureta que separava a rampa da alameda de entrada. Logo, apontou para o chão, indicando as marcas dos pneus, impregnada na lama densa, sobre o piso.

— Veja isto... — Falou, enquanto erguia o indicador em direção á rampa: — As marcas dos pneus. São semelhantes as que foram encontradas no sítio da Jornalista. O que acha?

Mancini olhou atento. Chegou mais perto e quebrou um pedaço da lama, já endurecida. Depois de esfarelar entre os dedos, subiu e caminhou em direção ao interior da garagem. Pode notar que as marcas tinham os mesmos recortes, indicava os mesmos sulcos na borracha, como as encontradas no sítio. Não demorou muito para que pudesse lhe vir á mente o carro do marido da Jornalista. O senhor Hebert. Certamente, era um carro compatível com os veículos da categoria que utilizam aquele tipo de desenho gravado no pneu.

— Chame o fotógrafo... — Ordenou Mancini: — Peça para comparar estas marcas com as fotos tiradas no sítio.

Poucos minutos depois, as imagens foram capturadas e rapidamente enviadas por e-mail, para a Policial de apoio interno do setor de homicídios, a fim de fazer a devida comparação solicitada pelos detetives de campo.

Mancini teve um rápido pressentimento de que Laura poderia estar correndo mais perigo de vida, do que imaginara. Talvez, as revelações do amigo do casal, tivesse mais efeito do que parecia, até então. Precisava investigar a vida do consultor financeiro, Hebert Molinaro, Marido da Jornalista, com mais profundidade. Colocando o consultor como o primeiro da lista de suspeitos, pode imaginar que talvez escondesse mais alguns segredos sob a sola do sapato. Segredos que estariam, até mesmo, fora do alcance de sua companheira. Segredos mortais...

A caixa de papelão sobre a mesa, já estava tomada pelos objetos e por alguns documentos previamente selecionados. Em seguida, algumas pastas se juntaram as outras, dentro da maleta prateada de contornos metalizados e devidamente lacrada.

Antes de fechar a maleta, Hebert deslizou a mão sobre a pistola, presa na parte inferior da tampa. Pensou que a arma seria facilmente identificada, ao passar no detector de metais, no aeroporto. Não poderia viajar com ela. Olhou ao redor, até que deparou com o quadro na parede, atrás de sua mesa. Apanhou a arma e a colocou presa a cintura.

Logo, removeu o quadro da parede e um cofre de pequeno porte ficou a vista. Com movimentos de ângulo curto, girou a fechadura algumas vezes e a porta cedeu. A arma foi, então, devidamente colocada ao fundo do compartimento. Depois que a porta fora trancada, o consultor devolveu o quadro em sua posição habitual.

Hebert olhou as prateleiras da estante ao lado, e não pode deixar de notar o grande troféu que recebera ao ganhar o torneio de futebol, disputado durante as festividades do final do ano anterior. A empresa mantinha a tradição de reunir os funcionários e familiares, para um evento festivo, a cada final de ano. Pensou que o colega de trabalho, Laurent, merecia ficar com a guarda do troféu, como um gesto de agradecimento, por ter lhe ajudado a convencer o senhor Haddad com sua viagem antecipada ao oriente. Com um movimento, retirou o objeto da estante e seguiu em direção à sala de Laurent, que ficava ao fim do corredor.

Hebert se orgulhava dos anos vividos dentro daquela Empresa. Aprendera muito com seus superiores. E o senhor Haddad, apesar de dirigir a corporação com mãos de ferro, estava sempre pronto a ouvir novas sugestões e ideias que pudessem satisfazer os anseios de seus clientes.

Hebert tocou duas vezes na porta da sala. Antes que pudesse entrar, observou o funcionário da empresa de conservação que fazia a limpeza dos corredores naquele momento. Por um instante, percebeu que não era o conhecido senhor Bernard. Com certeza, a Empresa contratada de manutenção e conservação, mandara outro funcionário para aquele plantão noturno.

Laurent estava diante da grande tela de seu computador. O relatório que precisava terminar com certa urgência, seguia seu curso normal, até que fora interrompido com a chegada do grandioso troféu. — Está lembrado de quando vencemos o torneio? —

Interveio Hebert.

Laurent girou na cadeira e colocou os olhos no objeto depositado sobre a mesa. — Não há como esquecer as vitórias. Só devemos esquecer as derrotas, as conquistas, jamais. —

Disse, enquanto passava a mão pela escultura de um boneco imitando um jogador de futebol com a bola no pé.

— Quero que fique com ele. Pra recordar dos bons momentos.

— Com prazer... — Disse Laurent, ao se por de pé e erguer o troféu: — Vou colocar no ponto mais alto da sala, para que todos o vejam quando entrar.

A taça foi apoiada sobre um armário lateral, e por uns instantes, adorada pelos homens. Em seguida, Hebert girou e tomou a direção da porta de saída.

— Consegui falar com a Laura? — Quis saber, Laurent.

— Vou fazer isto agora.

Hebert saiu e bateu a porta atrás do calcanhar. Pensou que já estava mesmo na hora de fazer uma ligação para a mulher. Talvez fosse a última vez que falasse com Laura.

Rapidamente cruzou o corredor. Percebeu que o funcionário da limpeza não estava mais por ali. Entrou em sua sala e por um momento ficou a contemplar o nome de sua mulher, grifado no visor do celular. Devia ligar. Tocou no botão correspondente e disparou a chamada.

Enquanto aguardava uma resposta, Hebert caminhou até a janela. Não demorou muito para que uma voz sintetizada lhe indicasse que o número desejado estava fora de serviço.

— Droga! — Esbravejou em silencio.

◇◇◇◇◇

Na sala de monitoramento das câmeras internas, um segurança devorava um imenso sanduiche. Era um hambúrguer recheado com todos os atributos pertinentes. Enquanto ao seu lado, o colega com os pés apoiados sobre a mesa, passava os olhos pelos monitores de vídeo, entre uma folheada ou outra no jornal do dia. Era uma típica noite como tantas outras passadas. A não ser pelo movimento no monitor ao canto, que despertara a atenção do homem com o jornal nas mãos.

O vigia abaixou os pés e curvou-se para frente, colando os olhos no monitor. Observou por um tempo o funcionário da companhia de limpeza que deslizava pelo corredor.

— Hei! Rhud! Veja isto! — Falou desconfiado.

O cara do sanduiche apenas desviou o olhar para o lado. Olhou no monitor indicado pelo colega e continuou a abocanhar seu jantar.

— Não é o coroa de sempre... — Continuou o segurança: — O senhor Bernard.

— O que disse? — Resmungou Rhud, enquanto entornava um gole de refrigerante pela garganta.

— O cara da limpeza, no dezoito... — Falou, se referindo ao décimo oitavo andar. Rhud engoliu o último pedaço do hambúrguer, passou às costas da mão á altura da boca e girou a cadeira em direção ao colega.

— O senhor Bernard não veio hoje. Está doente. — Esclareceu: — Mandaram este cara.

— Como sabe isto?

— O porteiro...

— Hum!

Rhud se levantou e foi até a lixeira jogar o que sobrou do seu jantar. Enquanto isso, o colega voltou a ler o jornal.

Quando o segurança se virou em direção á mesa dos monitores, notou que o homem da limpeza já não estava mais ao alcance da câmara.

— Olha. O cara estava ali, a um segundo atrás. — Falou, apontando para o monitor. O colega abaixou o jornal e visualizou a tela.

— Deve ter entrado no elevador. Com certeza, foi para outro andar.

— Pode ser... — Concordou Rhud, ao se jogar na cadeira: — Vamos ver o andar abaixo.

Com um toque no botão do mouse, as imagens do andar desejado foram expandidas no monitor em pequenos quadros que representavam as câmeras daquela parte do prédio. Rhud correu os olhos nas imagens até que franziu a testa de forma impaciente.

— Ele não está aqui. Vamos ver o andar acima.

O mouse correu mais uma vez a grande tela, e fez com que novos quadros fossem apresentados. O segurança olhou atento.

— Também não está aqui... — Disse compenetrado: — Onde este cara se meteu?

— Relaxa Rhud. O cara deve ter ido ao banheiro ou apanhar algum material de serviço. — Tranquilizou o colega.

— Pode ser...

Hebert decidira aguardar por alguns minutos para então tentar mais uma vez, um novo contato telefônico com sua mulher. Ainda tinha um pouco mais de uma hora e meia, antes de seguir para o aeroporto.

Um toque na porta da sala foi ouvido, e o funcionário da companhia de conservação entrou. Com uma vassoura em mãos e um pano de limpeza pendurado no bolso traseiro da calça, o homem fechou a porta atrás do calcanhar, e passou a esfregar o chão.

Hebert olhou o serviçal e pode confirmar que não se tratava do conhecido senhor, que por todos os dias, ao final do expediente, iniciava sua rotina noturna.

— Será que aposentaram o senhor Bernard? — Perguntou Hebert, enquanto colocava alguns papéis de volta a gaveta.

O serviçal permaneceu em silêncio.

— É o seu primeiro dia aqui, não é? — Insistiu Hebert, tentando quebrar o gelo.

O homem colocou as duas mãos sobre o cabo da vassoura e girou o olhar em direção ao consultor. Seus olhos pareciam estar escondidos sob a aba do boné. Depois de raspar a garganta, deu um passo a frente e disparou:

— E com toda a certeza, vai ser o seu último dia, meu caro Hebert! — Falou o homem, com sarcasmo na voz.

Hebert engoliu em seco. Olhou compenetrado para o rosto do serviçal, sem que pudesse ainda identificá-lo. Mas aquela voz não era totalmente desconhecida. Aquele tom peculiar ecoou pelas paredes de sua memória, e em uma fração de segundos uma lembrança lhe veio á mente. Seu coração disparou.

— Não pode ser você... — Bradou Hebert, enquanto forçava a vista para desvendar os traços do rosto a sua frente.

— Ezequiel Vermont, em carne e osso... — Admitiu o serviçal, jogando o boné ao chão: — Surpreso?

Hebert corou. Sentiu o sangue ferver em suas veias. Embora a natureza tivesse se utilizado da ação devastadora do tempo para modificar aquele semblante, não restavam dúvidas que aquele homem, de pé a sua frente, não seria outra pessoa se não um velho conhecido que atendia pelo nome de Ezequiel Vermont. Lá estava ela. A grande marca em diagonal na lateral da face, a qual marcara o fatídico dia. Hebert se levantou. Agora, sua visão estava mais clara e nítida.

— Alguém comeu a sua língua, Hebert? — Vermont sorriu ao canto da boca, enquanto apreciava a decoração da sala.

— O que veio fazer aqui? — Disse Hebert, ofegante: — Não devia sair de onde

estava.

— É... Não devia... — Vermont caminhava e olhava cada objeto cuidadosamente: — Mas a Polícia chegou para uma visita e aí... Não tive escolha. Bonito escritório, meu caro.

— O que quer de mim, Vermont?

Mais uma vez, o homem sorriu pequeno.

— Você deve ser um cara importante aqui... — Abriu os braços e olhou o teto: — Só gente da elite tem uma sala como esta.

O homem abaixou a cabeça e girou em direção ao consultor, antes de continuar:

— Eu também deveria ter tido uma... Exatamente como esta, não é?

Ouve um silêncio quase que sepulcral. Quando, então, Vermont resolveu completar:

— Mas esta possibilidade me foi retirada, me foi roubada... — O tom de sua voz aumentou gradativamente: — Me foi saqueada, por uma alcateia de lobos. Lobos famintos pela minha carne. Sedentos pelo meu sangue...

— Você não devia...

— Cálice! — Gritou Vermont.

Os olhos do homem vestido como o funcionário da limpeza, estavam arregalados, como se estivessem severamente assustados, e sua face corada ardia como a ira de um selvagem.

— Você não faz ideia do que me roubou... — Continuou, agora com um tom baixo e quase suave: — Dos dias, meses, anos que passei remoendo e tentando esquecer o que me fizeram... O que vocês me fizeram naquele maldito dia.

Hebert olhou para o chão. Não pode suportar olhar para o rosto transtornado a sua frente. Tentou algum pronunciamento, mas logo, fora interrompido pelo visitante, ao erguer um braço, como se ordenasse para que ficasse calado.

— E o motivo de tanta raiva contra mim? — Continuou: — Você ainda se lembra?

— Ouve uma pausa: — Com certeza, jamais esqueceu aquele dia. Aposto que ainda se recorda de mim por todas as noites, antes de dormir, não é mesmo?

Vermont mordeu os lábios. Aproximou da mesa do consultor e o olhou bem de perto. Por um instante, pareceu percorrer os olhos sobre cada ponto da face de Hebert.

— Ainda guarda seus segredos, Hebert? — Falou ao pé do ouvido.

O consultor sentiu a respiração de Vermont tocar sua pele. O ar estava quente. Carregado de ódio.

— Você precisa entender...

— Não me diga o que eu preciso fazer... — Cortou Vermont: — Não diga nada. O mundo não quer mais ouvir suas mentiras, Hebert. O mundo não precisa delas.

Vermont girou e abriu os braços como se ensaiasse um passo de dança. Em seguida, uma pistola prateada apareceu na sua mão. Sorriu. Percebeu o quanto Hebert estava assustado. Com certeza, temia por sua vida. Parou subitamente. Olhou sobre a prateleira na estante e notou a garrafa de Bourbon, e ao lado, os copos que ainda

estavam molhados ao fundo.

— Você sempre teve bom gosto, não é? — Balbuciou Vermont, tocando o cano da arma na garrafa de uísque.

Em seguida, voltou o olhar para o consultor e disparou:

— Parece que andou comemorando alguma coisa...

Hebert continuou calado. Pensou na sua arma que colocara dentro do cofre. Tinha que dar um jeito de recuperá-la. E rápido.

Vermont colocou uma dose do uísque em um dos copos e sorriu ao ver o pavor estampado no rosto do consultor.

— Um brinde a você, Hebert. — Falou, enquanto erguia o copo no ar: — Ao nosso reencontro.

Com um único movimento, entornou o líquido pela garganta. Em seguida, passou as costas da mão sobre a boca.

Hebert tossiu e se preparou para falar. Precisava ganhar tempo.

— Você não pode sair por aí matando as pessoas, Vermont. Tem que esquecer o que ouve. Nós éramos jovens demais e estávamos sob o efeito do álcool. Precisa entender...

— Você é mesmo um imbecil, Hebert. — Bradou o homem, apontando a arma: — Não há argumento que diga que faça amenizar o tempo que passei tentando sobreviver em um País distante. Sendo humilhado e mau tratado por não falar o idioma. Tive que me submeter a subempregos sem direito algum, por não ter documentos e mesmo por não ser aceito. Troquei trabalho por um prato de comida. Tudo isto, porque tive que fugir de você e da sua gang.

A arma foi balançada no ar e voltou a ficar a altura dos olhos do consultor. Hebert sentiu que o homem iria disparar. Seria seu fim.

— Vamos negociar... — Falou Hebert, gesticulando: — Olha! Eu tendo uma boa quantia em dinheiro no cofre, podemos chegar a um acordo. Tome isto como uma indenização pelos danos que lhe causei, e tudo vai ficar bem entre nós.

Vermont soltou uma gargalhada em bom tom. Girou pela sala como se estivesse bailando em uma coreografia.

— Você quer me dar dinheiro... — Disse ao mesmo tempo em que parou estático, no centro da sala: — Mas o que eu quero não é dinheiro, Hebert.

— Tem que parar de matar... — Bradou Hebert, tentando ser o mais convincente possível: — O que aconteceu está no passado, Vermont. Nada há nada que possa fazer para mudar isto. Eu sinto muito, muito mesmo, mas também não posso mudar. Mas, podemos dar um jeito de amenizar a situação. A vingança não vai tirar suas cicatrizes, eu sei bem disso. Não vai diminuir sua dor. Mas, tem que entender...

— Você parece que não me ouviu... — Cortou Vermont, cerrando os dentes: — Não quero dinheiro. O que eu quero é acabar... Com você.

Vermont girou o braço no ar e apontou o cano da pistola em direção á cabeça de Hebert.

— Um milhão de dólares americanos... — Enfatizou desesperado: — Está ali, dentro do cofre. Pense bem. É uma oferta tentadora, não acha?

Hebert pareceu perder a respiração. Por um segundo, pode ver o dedo puxar o gatilho. Subitamente, parou. Notou que Vermont ficara congelado por um instante.

Logo, o sorriso sarcástico voltou ao rosto do algoz.

— Sua vida por um milhão de dólares? — Desdenhou Vermont: — Você está blefando...

— Não estou! — Hebert fora incisivo: — Está no cofre. Colocamos em uma bolsa. E você sai daqui com as mãos limpas e a salvo.

Com a arma em punho e apontada para a cabeça do consultor, Vermont caminhou ao lado. Não tinha a mínima intenção em negociar a vida do crápula que estava na mira de sua arma. No entanto, se existisse realmente esta quantia dentro daquela sala, por que não sair dali com ela. Tomaria isto, como um pagamento, uma maneira de suavizar os danos que sofrera em terras distantes, pelos anos de peregrinação e pelos maus momentos vividos nos mais variados cantos sombrios da Alemanha. O verme que estava diante dos seus olhos, de certa forma, lhe devia isto.

— Onde está o dinheiro? — Disparou Vermont.

— No cofre! — Falou Hebert, ao suspirar profundamente.

— Sim! No cofre! Mas onde está o cofre?

— Temos um acordo, então? — Quis saber Hebert, com um passo a frente.

— Me mostre o cofre.

Hebert parou. Sabia que estava blefando. Não possuía essa quantia. Apenas documentos importantes da Empresa, contratos sigilosos de clientes, estavam dentro daquele cofre. Mas, sua arma também estava lá. Tinha que ser rápido. Não podia deixar que Vermont percebesse que estava sendo enganado. Ao abrir a porta do compartimento, teria que puxar a arma sem que fosse notado. Ao menos, teria uma chance de se defender.

Caminhou em direção ao quadro e logo colocou a moldura ao chão, deixando então, o cofre a vista.

— Não abra! — Gritou Vermont: — Ainda...

Hebert olhou desconfiado. Temia que o sujeito desistisse da oferta.

— Quero que saiba de uma coisa... — Continuou Vermont: — Se fizer um movimento em falso, mato você mesmo sem abrir o cofre. Entendeu?

Hebert balançou a cabeça de forma afirmativa. Voltou para a parede e iniciou a movimentação na tranca. Girou algumas vezes para a direita, outras á esquerda, e logo, a senha parecia estar confirmada. O barulho peculiar indicava que a tranca fora destravada. Abaixo, a chave para a direita, completou a operação.

Antes que pudesse puxar a porta, voltou o olhar para trás e notou que Vermont tomava mais uma dose de Bourbon. Parecia estar distraído com o copo de uísque.

O cofre estava na frente dos seus ombros, o que deixaria Vermont sem visão de sua movimentação dentro do pequeno ambiente. Hebert enfiou as mãos e tocou na arma.

Em silêncio, destravou a pistola e ouviu o leve ruído da trava se soltando. Largou a arma e deixou que se apoiasse ao fundo.

Em seguida, girou para o interior da sala e apoiou sobre a mesa, algumas pastas recheadas de documentos.

Vermont o acompanhou com os olhos, enquanto bebia mais uma dose.

Hebert voltou ao cofre.

Enfiou a mão no compartimento e segurou a pistola por um segundo. Soltou. Suspirou profundamente, e pensou que esta seria sua única chance de sair dali com vida. Não podia vacilar. O tiro teria que ser certo.

Seus músculos contraíram ao calçar a arma. Puxou a mão para fora do compartimento e girou rapidamente no calcanhar. O braço cortou o ar, levando na extremidade, a pistola calibre ponto trezentos e oitenta. Seu algoz, agora, ficara na alça de mira.

Vermont ainda segurava o copo de uísque á altura da boca, quando viu refletir na parede do vidro, o movimento rápido da imagem de Hebert empunhando uma arma.

Hebert disparou.

O estampido ecoou pelas paredes, enquanto Vermont tombou ao lado e numa fração de segundos devolveu o tiro.

Um grito agudo de dor preencheu o ar...

A poucos metros dali, o consultor Laurent desviou os olhos da tela do seu computador e ficou imóvel por um instante. Teve a impressão de ter ouvido ao menos dois disparos consecutivos. Possivelmente, o som teria vindo de uma arma de fogo. Pensou. Esperou por um novo barulho. Porém, o silêncio sombrio das paredes frias voltou a dominar a atmosfera do ambiente.

Com aparente precaução, Laurent deixou a mesa de trabalho e caminhou em direção á porta. Colocou o rosto no corredor e girou a cabeça para ambos os lados. Não pode ver exatamente nada que pudesse justificar o som que ouvira. Subitamente, lhe ocorreu que Hebert ainda recolhia seus pertences e os guardava em uma caixa sobre a mesa. Talvez, a caixa tivesse escorregado e tombado ao chão. Era isto.

Laurent retornou á sala e puxou a porta. Faltavam apenas poucas linhas para concluir o relatório, e ainda tinha que enviá-lo por e-mail para a diretoria da Empresa.

Em seguida, jogou-se na cadeira e voltou a manusear o teclado.

A maca colou no para-choque traseiro do veículo e os Policiais puxaram o corpo coberto por um plástico negro, para o interior do carro. Outro homem ao alto acomodou o cadáver, e prendeu com o que parecia ser uma espécie de cinto com fivelas nas extremidades.

Os curiosos se agruparam na traseira do carro e acompanharam o trabalho de acomodação do corpo. Alguns teciam insinuações diversas a respeito do casal que vivia na casa, e comentavam que desde o tempo em que foram morar no condomínio, jamais foram vistos em discussões. Argumentavam sobre o que poderia ter acontecido, para que levasse a um desfecho trágico como aquele.

Logo, as portas foram fechadas e o veículo saiu em disparada, rumo ao instituto médico legal. — Pobre rapaz... — Disse o inspetor Wilson, ao ver o carro deixar o condomínio. Antes que Mancini pudesse dizer algo a respeito do assassinato do jovem Policial, o som estridente

do seu celular rompeu o ar. Precisava atender. Era do setor de apoio interno da divisão de homicídios. — Mancini!

— *Sua querida do departamento...* — Insinuou a voz do outro lado.

— O que tem pra mim, Léia?

— *As imagens dos pneus conferem perfeitamente com as fotos tiradas no sítio dos Molinaros...* — Disparou

Léia: — *Levamos as imagens para o setor de informática. Depois de ampliarem no computador, afirmam que há uma grande chance de que os pneus sejam os mesmos, devido às marcas que indicam o desgaste excessivo da borracha. Eles se referem à presença acentuada na lama do marcador encontrado entre os sulcos da banda de rodagem.*

— Hum! Hum! Sei. Mas alguma coisa?

— *Sim. O laudo do instituto de balística, sobre a morte do senhor Eduardo Seixas, acabou de chegar.* — E, então?

— *O projétil que causou a perfuração no crânio é de uma pistola calibre ponto trezentos e oitenta.*

Facilmente encontrada por aqui. Nada mais de especial.

— Ok! Me informe se surgir mais alguma coisa. Qualquer coisa...

— *Hasta la vista, baby!*

A ligação fora encerrada.

Mancini olhou ao redor e viu que o inspetor ao seu lado parecia esperar por alguma decisão do que iriam fazer, naquele momento.

— Temos que achar a Laura... — Decretou: — E o marido dela, também. Então, vamos fazer uma visita na Empresa onde o senhor Hebert trabalha.

— Gostei disso! — Falou Wilson, esfregando as mãos e partindo em direção ao carro.

◇◇◇◇◇

Os amortecedores dianteiros foram no limite máximo de sua flexibilidade, quando o sistema de freio fora bruscamente acionado, antes que o carro pudesse contornar noventa graus e fosse engolido pelo estacionamento subterrâneo. A parte traseira do veículo tocou o solo. Uma faísca de fogo foi cuspidada, pelo contato do sistema de exaustão de gases com o concreto da rampa de acesso.

A mulher sacolejou ao volante e atracou na primeira vaga que pode avistar. Estava exausta. O engarrafamento no centro da cidade parecia estar em um dos seus piores momentos. O motor fora desligado, enquanto seus olhos redondos apareceram no espelho retrovisor interno.

Laura não pode deixar de notar o corte sobre a sobrancelha. Uma linha de sangue descia e depois se perdia ao canto do olho. Os cabelos estavam como se acabassem de sair da cama depois de uma longa noite de sono, ou mesmo que tivessem ficado horas sob uma forte rajada de vento. Suas roupas rasgadas e sujas, não estavam nada condizentes com seus hábitos. Olhou as mãos. Havia arranhões desenhados na pele fina. A grama do jardim em frente à sala de estar de sua casa, lhe veio à mente. Por um momento, teve a impressão de que jamais estivera em situação semelhante.

No entanto, precisava sair daquele carro e ir ao encontro do seu marido. Precisa ouvir as explicações que Hebert teria a dizer sobre o forte odor impregnado em sua roupa, antes que pudesse entregá-lo a Polícia, e elucidar de uma vez por todas, as terríveis pistas, que pouco a pouco, parecia lhe apontar como principal suspeito de ser o responsável pela morte do amigo.

Olhou para o outro lado do estacionamento e viu o carro de Hebert, próximo a rampa de saída. Suspirou fundo. Precisava recompor as forças perdidas nos momentos de desespero, que acabara de viver.

Laura deixou o carro. Antes mesmo que novos pensamentos lhe invadissem a mente, a Jornalista subiu os degraus e alcançou o hall de entrada. Parou em frente ao

elevador e apertou o botão desejado.

O homem atrás do grande balcão em granito, lentamente abaixou o jornal diante dos olhos e procurou pelo ruído dos passos ao cruzar o hall.

— Posso ajudá-la, senhora? — Interveio o homem.

— Procuro pelo meu marido, Hebert Molinaro. Trabalha na “Price”...

— Sim. O senhor Hebert... — Emendou o Porteiro: — Não o vi descer. Acredito que ainda esteja no escritório.

— Obrigado! — Disse Laura, ao ver a porta do elevador se abrir diante de seus olhos. — A senhora precisa de alguma coisa?

O porteiro estava assustado com a aparência da mulher. Algo estava errado. Parecia ter sofrido um acidente. Forçou a memória por alguns segundos, mas não pode lembrar exatamente quando fora a última vez que viu aquele rosto por ali.

Laura não respondeu ao homem. Fechou a porta do veículo vertical e partiu rumo ao seu destino.

O porteiro raspou a garganta e fez uma careta ao lado da boca. Em seguida, voltou a folhear o jornal.

Depois de alguns instantes, o décimo oitavo andar surgiu diante da senhora Thompson. Os largos corredores estavam vazios e silenciosos a aquela altura. Laura não sabia exatamente a sala em que Hebert ficava. Poderia ter perguntado ao homem da portaria, mas preferiu não fazê-lo.

Logo, pode ver estampado na porta de vidro o nome da Empresa, em letras garrafais e de bom tamanho. Com certeza, a secretária de recepção da companhia não estaria mais ali. Tocou na porta e entrou.

Laura sentiu um arrepio lhe subir a espinha. A Empresa parecia estar num completo abandono. Pensou que pudesse não encontrar seu companheiro por ali. Mas, a imagem do carro no estacionamento lhe devolveu o ânimo.

Preso a parede lateral, um grande logotipo identificando a companhia, decorava a recepção interna, enquanto uma aconchegante sala de espera podia ser notada no ambiente.

Outro corredor apareceu diante dos olhos da Jornalista. Agora, podia ver que algumas salas com meia parede em vidro, se espalhavam ao longo, uma ao lado da outra. E ao fundo, os corredores pareciam ganhar curvas num ângulo de noventa graus, em ambos os lados. Com extrema cautela, Laura prosseguiu. Escolheu um dos lados e avançou. Notou que as salas estavam completamente vazias, algumas com documentos espalhados sobre a mesa, enquanto outras pareciam ter sido devidamente arranjadas para o final do expediente.

Laura dobrou ao fim do corredor. Outra sequência de salas ficou a vista. No entanto, pode perceber que algumas das salas não tinham paredes de vidros, pois eram adornadas com divisórias em madeira. Talvez, uma daquelas fosse o local de trabalho de Hebert. Teria que arriscar e abrir todas as portas, até que pudesse encontrá-lo.

Girando o olhar em ambos os lados, Laura deslizou pelas paredes até que parou diante da primeira porta. Antes de abrir, voltou o olhar para o início do corredor. Teve a impressão de que o vazio daquele ambiente era algo simplesmente assustador. O silêncio que banhava as paredes frias e úmidas replicava uma atmosfera sombria pelos vidros transparentes ao longo.

Tocou na maçaneta e a porta cedeu. Uma grande sala, devidamente mobiliada apareceu diante de si. Pelo tamanho da mesa ao centro da sala, Laura julgou que pudesse ser um ambiente destinado a reuniões. Não havia ninguém ali.

Com passos tensos e leves, a senhora Thompson alcançou a próxima porta. Pensou em desistir e deixar aquele local imediatamente. Não estava se sentindo segura. Suavemente, girou a maçaneta e empurrou o retângulo de madeira. Com cuidado, sua vista pode alcançar as mesas uma ao lado da outra. As luzes apagadas indicava que as pessoas que trabalhavam naquele ambiente já teriam encerrado o expediente do dia.

Laura suspirou ofegante.

A poucos passos dali, apenas mais duas portas estavam á vista. Pensou que poderiam existir outras salas iguais a estas, no próximo corredor. Mais uma vez, lhe veio á mente a possibilidade de Hebert não estar mais na Companhia. Poderia ter deixado o carro no estacionamento, e a esta altura, estaria dentro do avião, rumo ao outro lado do planeta. Não havia mais razão para que ficasse. Laura sentiu o amargo gosto do abandono, outra vez a lhe queimar o coração. Um sentimento de desespero e solidão lhe invadiu a alma, enquanto seus olhos se perderam ao longe e vagaram vazios pelas paredes frias do corredor. Por um instante, manteve os olhos fechados, enquanto apoiava seu corpo junto á parede. Sentiu-se cansada. Exausta. E sozinha.

Subitamente, Laura arregalou os olhos ao mesmo tempo em que pareceu ter ouvido vozes. Sim. O som vinha do interior da próxima sala. De forma pausada, alcançou a porta e colou o ouvido na madeira. Pode notar que ao menos duas pessoas conversavam. Pareciam trocar palavras desencontradas, sem sentido algum.

Em um instante, a senhora Thompson franziu a testa. Reconhecera a voz do seu marido. Hebert parecia estar do outro lado. Apreensiva, forçou o ouvido de encontro á porta para que pudesse ouvir com mais clareza.

No interior da sala, Vermont estava de pé e mantinha a arma apontada para a cabeça do homem sentado ao chão a sua frente. A manga do jaleco banhada em sangue denunciava o ferimento no braço esquerdo, feito pelo projétil da arma do consultor. O suor escorria por seu rosto. E o tom avermelhado da sua face, deixava perceber o montante do ódio contido na alma do vingador.

— Não há como escapar, seu covarde, filho da puta! — Esbravejou Vermont: — Você não vai sair daqui com vida...

Hebert estava sentado com as costas apoiada na parede, sob o cofre. Seu ombro esquerdo fora alvejado pelo tiro disparado pela arma do seu desafeto. Suspirava ofegante, enquanto o sangue escuro e denso lhe manchava a roupa.

— Você não pode me matar assim... — Balbuciou Hebert, sufocando um gemido de dor.

— E o que vai me oferecer agora? — Disse Vermont, com ar de deboche: — Joias? Propriedades? Carros?... — O homem abriu os braços e exibiu um largo sorriso: — Você não tem mais nada, Hebert. Nem mesmo a sua vida... Porque ela está aqui, bem aqui, na palma da minha mão.

O consultor girou o olhar a procura de sua arma, e logo a avistou a dois passos à frente. Mas não podia chegar até ela. A dor aguda do chumbo cravado no seu ombro estava lhe matando. E além do mais, estava na mira da arma do seu maior inimigo.

— Você não cumpriu com a palavra, Vermont. — Disparou Hebert.

Precisava ganhar tempo. O colega de trabalho, Laurent, iria terminar seus afazeres e com certeza, viria para se despedir. Talvez pudesse ter outra chance de escapar, assim que o colega entrasse na sala.

— É mesmo? — Falou Vermont, com desdém.

— Fiz exatamente o que me pediu... — Disse Hebert, erguendo o olhar ao alto, enquanto a outra mão segurava o ombro ferido: — Matei meu melhor amigo...

— Mas não completou o que pedi pra fazer... — Cortou Vermont.

Hebert fechou os olhos e suspirou profundamente.

— Você é louco... — Disse, enquanto agitava a cabeça em sinal de negação: — Não posso fazer isto... não posso...

— Então foi você que não cumpriu com nosso acordo. Deixei bem claro o que queria para que tivesse sua vida poupada... — Vermont bradou claro e em bom tom:

— Não teve a coragem de apertar o gatilho. Você é mesmo um covarde...

— Ela não teve nada a ver com a nossa história. Você sabe bem disso... — Hebert abaixou a cabeça e contemplou o chão, como se tivesse recordando algo no passado:

— Não pode me pedir uma coisa assim...

Vermont engoliu em seco. Seu braço ardia com o corte deixado pela bala, que rasgou sua carne e viajou em um destino insólito. Estava exausto com toda aquela situação. Olhou desolado para o homem a sua frente e percebeu que precisava acabar com aquilo de uma vez por todas, antes que alguém da segurança pudesse aparecer, e outras complicações surgissem.

— Não tenho mais tempo a perder com você, Hebert... — Disse, balançando o cano da arma em movimentos aleatórios: — Você é o fim da linha. O ponto final. A última página de uma história que começou á quatorze anos atrás...

— Você não vai se sentir melhor depois de todas as pessoas que matou... — Balbuciou Hebert, pressentindo que seu inimigo não tardaria a lhe dar o tiro final: — A lembrança do que fez nunca vai se apagar da sua memória. Isto vai te atormentar por todas as noites pelo resto da sua vida...

— Cale a boca, seu imbecil! — Gritou Vermont, em um rompante de raiva. Em seguida, estendeu o cano da pistola em direção á cabeça do consultor e rangeu os dentes.

Hebert abaixou os olhos e sentiu uma lágrima cair. Seu fim estava sacramentado pelo pecado cometido anos atrás. E o vingador a sua frente seria mesmo o seu algoz.

— Espere... — Gaguejou Hebert: — Quero que me prometa uma coisa...

Vermont relaxou o braço. Abriu a mão e deixou o cabo da pistola cair para trás. Em seguida, girou no calcanhar e deslizou pela sala como se tentasse manter a calma. Mas a fúria contida no seu interior o impulsionou de volta a frente do consultor, imóvel ao chão, com a camisa banhada em sangue.

— Preciso de sua garantia... — Disparou Hebert, antes que o invasor acabasse com sua vida: — Que vai deixar a Laura em paz...

Vermont estancou. Estava com o rosto próximo ao do consultor. Sorriu de forma sarcástica, enquanto parecia se deliciar com a angústia do homem cuja vida estava por um fio. Com um sorriso debochado estampado nos lábios, passou lentamente o cano da arma sobre a face pálida do consultor, até que deixou sua respiração quente e densa, repousar sobre a pele do homem.

— Ela deve ser muito especial mesmo, não é? — Disse, ao pé do ouvido.

— Por favor, me prometa...

— Ela fez de você um homem... — Continuou Vermont: — Ou estou enganado?...

Do outro lado da porta, Laura ouvia atentamente a discussão no interior da sala, enquanto seu coração parecia querer lhe abandonar o peito. Não podia acreditar no que acabara de ouvir. Agora, sabia que Hebert havia realmente tirado a vida do amigo. Estava confirmado. E o homem que o ameaçava de morte seria, provavelmente, o aluno brutalmente agredido na Universidade, Ezequiel Vermont, o qual queria sua vida em troca da vida de Hebert. No entanto, seu instinto não concordava com o que ouvira. O homem tinha o estigma da vingança em suas palavras, e poderia estar mentindo apenas para arrancar de Hebert tudo que lhe pertencia. E depois, acabaria com sua vida de qualquer maneira.

Percebeu que poderia estar errada, quando pensou que Hebert estivesse lhe abandonando. Talvez ele estivesse apenas lhe protegendo.

Vermont caminhou ao redor da mesa do consultor, como se observasse atentamente o local de trabalho. Logo, percebeu a ausência do computador. Ao desviar o olhar ao lado, não pode deixar de notar a caixa de papelão sobre a mesa. Com o cano da arma, levantou uma aba da tampa da caixa e viu os documentos armazenados, assim como outros pertences particulares do consultor. Em seguida, avistou a maleta apoiada sobre o sofá.

Vermont sorriu ao lado da boca.

— Estava pretendendo viajar, Hebert? — Disparou.

O consultor virou o rosto em direção à janela. Começava a achar que o colega de trabalho teria ido embora sem ao menos se despedir. Não. Laurent não faria isto. Sabia dos seus planos e que não o veria por algum tempo. “Vamos Laurent, apareça.” Pensou.

Subitamente, o som perturbador da chamada de um celular se fez ouvir.

Vermont olhou ao redor. Não demorou muito para perceber que o som vinha do lado de fora da sala. O vingador se aproximou da porta e, em silêncio, colou o ouvido na madeira.

Do outro lado, Laura pensou em desligar rapidamente o aparelho. Temia ser descoberta. Mas não podia deixar de atender ao nome que aparecera na tela do fone. Era o detetive Mancini. Talvez fosse sua única chance de poder salvar a vida do marido, que agoniza de dor na mira do assassino, no interior da sala.

Laura atendeu a chamada ao mesmo tempo em que se afastou da porta.

— Ele está aqui! — Falou a Jornalista, em tom ameno: — Está com Hebert! Vai matá-lo! Estão trancados na sala.

— *Saia daí, Laura! Fique em um local seguro. Estou chegando...* — Soou a voz ao telefone.

Atrás da porta, Vermont cerrou as sobrancelhas. Havia alguém do outro lado e isto não era bom. Voltou a tentar ouvir as palavras que vinham do corredor, mas logo percebeu que a voz se distanciava.

Quando voltou o olhar para o interior da sala, pode perceber que o consultor em um grande esforço, tentava alcançar a arma a pouco mais de dois passos. O homem se arrastava, enquanto seu rosto denunciava a palidez causada pela grande perda de sangue.

Vermont caminhou em direção ao homem. E antes que pudesse tocar na arma, deixou a sola pesada do seu sapato descer sobre a mão do consultor. Por um instante, um gemido de dor cortou o ar. O agressor ainda forçou um pouco mais, deixando o peso do seu corpo apoiar sobre a mão de sua última vítima, até que pode ouvir o ruído de ossos quebrando em baixo do solado.

— Você quer uma arma, Hebert? — Esbravejou Vermont, ao mesmo tempo em que levantou a perna: — Acho que não vai mais precisar de uma...

Neste mesmo instante, Vermont se curvou e apanhou a pistola ao chão. Levantou a arma em direção à perna de Hebert e efetuou o disparo. O estampido seco cravou nas paredes do elegante ambiente, acompanhado de um novo grito agudo de dor.

A bala entrou a altura do joelho de Hebert, e dilacerou a rótula.

— Não saia daí, seu verme imundo... — Falou Vermont ao guardar a arma do consultor na cintura, a altura do umbigo: — Volto já. Não vou me demorar...

Enquanto Hebert agonizava em dor, Vermont se dirigiu a porta.

— Maldito seja... — Grunhiu Hebert, se contorcendo ao chão: — Devia ter acabado com você naquela noite...

— Mas não o fez... — Resmungou Vermont, ao deixar aparecer uma fresta na porta: — Este foi o maior erro da sua vida...

Laura parou de repente e sentiu um forte aperto no peito. O som do disparo havia deixado um gosto de morte na atmosfera fria daquele ambiente. Girou o olhar para trás e viu o homem de pé no limiar da porta da sala de seu marido.

Por um instante, os olhares se cruzaram e ambos tiveram a sensação de terem voltado no tempo. No tempo em que os corredores os levavam para as salas de aula, e as reuniões noturnas pareciam ser mais tenras e amistosas, como a que estavam vivendo naquele momento.

Laura olhou compenetrada nos olhos do homem. Sim. Era Ezequiel Vermont. Não lhe restava dúvidas. Apesar dos anos, alguns traços jamais se apagam do semblante de uma pessoa.

O homem ergueu o braço com a pistola em punho e apertou o gatilho. O projétil passou a um palmo do ouvido da Jornalista, ao mesmo tempo em que se jogara de encontro à parede.

Ainda com o zunido da bala lhe ecoando na cabeça, Laura girou e correu. Uma corrida desenfreada em busca da salvação. Tinha que sair da mira do ex-aluno vingador.

Dobrou ao final do corredor e avistou a porta de vidro, que dava para a recepção da Empresa, e logo depois, no corredor de fora, estaria o elevador. Precisava chegar até lá. Mas o que aconteceria com Hebert? Provavelmente, o tiro que ouvira dentro da sala, teria lhe encerrado a vida. Mas se ainda estivesse vivo e precisando de ajuda? Apesar de todas as evidências que norteavam os últimos acontecimentos, não podia abandonar o homem de sua vida naquele momento, e deixá-lo padecer nas mãos sangrentas de Vermont. Não podia fazer isto com Hebert.

Laura passou pela porta de vidro e seguiu adiante pelo corredor. Tentando se virar para verificar a localização do seu perseguidor, Laura esbarrou com o braço na parede e o celular foi ao chão. “Droga!”. Esbravejou em pensamento.

O aparelho rolou e parou ao bater na porta de vidro.

O telefone. Não podia ficar sem ele. Parou por um instante e olhou ao final do corredor. Nada do homem aparecer. Talvez ainda desse tempo de retroceder dois passos e recuperar o telefone...

Antes que pudesse avançar, pode ver na parede ao final do corredor, a sombra que em segundos, ganhou forma.

Laura parou. Não daria tempo. Girou no calcanhar e voltou a correr em frente. Logo, alcançou o final do corredor e dobrou mais uma esquina de salas.

Vermont parou diante da porta de vidro da recepção. Olhou para o chão e notou o aparelho. Em seguida, agachou e apanhou o fone. Olhou atentamente, antes de colocá-lo ao ouvido e tentar certificarse de que havia uma ligação em andamento. Em seguida, atirou o aparelho de volta ao chão e pisoteou até que virasse um amontoado de plásticos e pequenos pedaços de placas de circuito integrado.

Com a pistola apontada para baixo e com certa cautela, seguiu adiante através do corredor.

Na sala de controle do monitoramento de câmeras, os seguranças pareciam ter mais uma rotineira noite, onde nada de anormal costumava acontecer. Rhud, o segurança mais velho no cargo, comparando com o colega ao lado, tentava desvencilhar mais um quadro de palavras cruzadas. Dentro de uma gaveta, guardava um amontoado de revistas de entretenimento do gênero, onde desprendia seu tempo, por quase todas as noites após o jantar. Embora seu peso já estivesse ultrapassado qualquer tabela de altura versus peso, Rhud não se dava conta do quanto os sanduiches já haviam lhe engordado.

Com uma caneta nas mãos e os olhos atentos aos quadros horizontais e verticais da folha, o segurança transcorria as horas de forma relaxada e costumeira, quando o colega ao lado lhe quebrou o gelo.

O jovem segurança deixou o caderno de esportes do seu jornal preferido apoiado na mesa e olhou atentamente para a grande tela do computador a sua frente. A um toque no mouse, os quadros no monitor se expandiram como se fosse um efeito mágico. Mas o segurança estava concentrado, especificamente em apenas um quadro.

— Hei! Rhud! Olha! — Disse, tentando roubar a atenção do colega: — É o cara do serviço de limpeza.

Mas Rhud pareceu não ouvir. Continuava afundado em suas palavras cruzadas.

— Rhud! É o cara mesmo. Parece que ele tá segurando uma arma... — O segurança arregalou os olhos. Clicou com o mouse sobre a imagem na tela, e logo teve o quadro aumentado.

— Olha só isto! — Disparou para o colega ao lado, enquanto via na imagem o homem da limpeza caminhar pelo corredor.

Ao ouvir a palavra arma, o segurança bonachão fechou a revista e girou a cadeira.

— É uma arma? — Indagou Rhud assustado.

— Sim. É uma arma. O que vamos fazer?

— Qual o andar que ele está?

— Décimo oitavo.

— Eu vou subir... — Afirmou Rhud ao se levantar: — Enquanto isto, você chama a Polícia. Isso não tá me cheirando bem.

O segurança apanhou o rádio sobre a mesa, prendeu na cintura, ao lado oposto do revólver e saiu em disparada.

Laura parou e voltou o olhar para trás. Percebeu que Vermont não estava mais em seu encalço. Mas onde ele poderia estar? Talvez tivesse voltado á sala de Hebert para acabar o que havia começado. Laura sentia-se esgotada. O stress emocional que a envolvia estava acabando com seus nervos. Olhou em frente.

A poucos passos estava o final do corredor, que ao virar a esquina, outro corredor se apresentava. Percebeu, então, que os corredores se encontravam formando um verdadeiro retângulo, onde salas menores se acomodavam na parte interna, e as maiores e mais confortáveis, estavam para o lado externo, onde as grandes janelas davam para o lado de fora do prédio. Era como se estivesse andando em círculos. Neste caso, se continuasse em frente, iria deparar com Vermont ao virar uma ou outra esquina.

Mentalmente, Laura tentou contar quantos corredores já havia caminhado. Sim. Ao virar a próxima esquina, estaria novamente no corredor onde estava a sala do seu marido. Provavelmente, Vermont a estaria lhe esperando ao passar por ela. Podia prever que voltaria ao encontro do companheiro.

Laura estava tensa. Agora sabia que Vermont e o assassino que a estava perseguindo, não eram a mesma pessoa. Havia outro homem. O gigante negro que estava na garagem subterrânea da Revista onde trabalhava, e que lhe atacara dentro de sua casa, era mesmo outro sujeito. Com certeza, um cúmplice de Ezequiel Vermont. Talvez, o único autor dos homicídios ligados ao grupo de alunos da Universidade.

No entanto, pode sentir que havia uma conexão maior entre Vermont e Hebert. O homem parecia ter decidido fazer justiça com as próprias mãos. Sua sede de vingança podia ser notada no tom de suas palavras, e na maneira com que se dirigia a sua última vítima. Decidira quebrar seu próprio protocolo e, para este que tinha como o mentor do brutal ataque que sofrera na noite do baile, fez a simples questão de olhar em seus olhos e quem sabe, ouvir de sua boca um pedido de clemência. Um pedido inútil. Que provavelmente não lhe seria concedido.

Laura parou ofegante. Antes de virar o corredor, lentamente, colocou a cabeça para fora até que pode ver ao longe. Não havia sequer uma mosca diante dos seus olhos. Precisava continuar. A sala de Hebert estava a aproximadamente na metade do corredor. Teria que entrar, mesmo que Vermont estivesse a sua espreita. Precisava de alguma forma, ajudar seu marido. Se ainda estivesse com vida.

Laura colou o corpo na parede e virou para o próximo corredor. Apesar do clima ameno, sentiu o suor lhe escorrer pelo rosto. Passou a mão na testa e pode sentir que

o sangue que descia do corte acima da sobrancelha, estava agora mais denso. A esta altura, seu sangue estava quente demais para prestar atenção a estes detalhes.

Pensou que talvez, Vermont tivesse acabado com Hebert, e quem sabe, havia desistido de lhe atacar. Á esta hora, já teria deixado o edifício e estaria numa possível rota de fuga, a qual fora planejada anteriormente.

Laura prosseguiu. Estava agora, a poucos passos da sala do homem de sua vida. Subitamente, ouviu o ranger de uma porta se abrindo. Laura virou numa fração de segundos e olhou para trás. Deparou com um homem de estatura mediana, com uma cerrada barba sobre o rosto, de pé no limiar da porta. O homem vestia um elegante terno preto, e nas mãos podia ser notada uma maleta, tal qual a que Hebert usava para colocar seus pertences de trabalho.

O coração de Laura saltou mais uma vez. Não sabia mais quantos sustos ainda podia suportar.

O homem também parecia surpreso ao ver a Jornalista no corredor. De dentro de sua sala, pode ouvir um barulho como se fosse um disparo de uma arma. Mas não acreditava nessa possibilidade. Talvez o homem da limpeza estivesse fazendo alguma manutenção e até mesmo arrastando armários de uma ou outra sala. Isto parecia fazer mais sentido.

Laurent notou que a mulher parecia assustada e ofegante. Por um momento, teve a impressão de que aquele rosto não era totalmente desconhecido. Logo, lhe veio á mente as poucas vezes que viu o colega de trabalho, em companhia da mulher. Sim. Era isto.

— Senhora Laura? — Balbuciou o consultor.

Laura, grudada a parede, consentiu com um movimento de cabeça.

— Peça ajuda... — Falou ofegante e em baixo tom: — Ligue para a Polícia. Chame uma ambulância...

— Mas o que está acontecendo? A senhora está com algum problema? — Falou gesticulando.

Laurent estava estático no vão da porta de sua sala.

A mulher abaixou a cabeça e encheu os pulmões de ar. Precisava de forças até mesmo para dar uma simples explicação do que estava acontecendo. Ao virar o rosto em direção ao consultor, a pele de sua face ficou em brasas. Seus olhos tomaram uma dimensão como se estivesse diante de algo muito, muito perturbador. Em um segundo, o pavor tomou conta de todo o semblante de Laura.

Ás costa do homem no limiar da porta, uma sombra negra ganhou dimensão sobre a cabeça de Laurent. O ruído tenso da respiração pesada, que passava pela entrada de ar frontal da máscara, soou mórbido ao ouvido do consultor.

Laura soltou o grito. Estava apavorada.

A mão coberta por uma espessa luva negra agarrou os cabelos densos do homem,

enquanto a outra guiou o cabo da lâmina afiada de uma adaga, que viajou no ar até que explodiu num golpe certeiro por entre as costelas do pobre consultor.

Um grito abafado de dor ecoou na atmosfera.

Laurent ergueu os braços em direção a Jornalista, numa tentativa desesperada de escapar das garras do monstro que nem ao menos podia ver seu rosto. Mas todo seu ímpeto de se desvencilhar, fora em vão.

Outro golpe seco e veloz foi disparado. Desta vez, acertou um pouco mais acima do abdômen. Laurent amoleceu. Um último suspiro desesperado foi sufocado pelas golfadas de sangue que lhe jorraram ao canto da boca.

Imediatamente, o homem fora arremessado para o interior da sala, e a porta se fechou em seguida.

Laura Thompson estava estarecida. Saiu em disparada. Estava decidida a entrar na sala do marido mesmo que Vermont estivesse a sua espera. Se o homem realmente fosse acabar com a vida de Hebert, morreria junto com ele. A vida não teria mais sentido se visse seu companheiro partir sem que nada pudesse fazer para impedir. Seria um tudo ou nada.

Laura tocou na fechadura e a porta cedeu. Entrou...

A Jornalista sentiu como se sua vida tivesse chegado ao fim naquele exato instante, em que cruzou a porta. Numa fração de segundos, esperou pelo tiro fatal que lhe tiraria o brilho de viver. O vingador estaria a sua espera, e não iria vacilar. Porém, o impacto não aconteceu.

Ouviu um silencio mortal dentro daquele ambiente.

Laura olhou aos lados e quando fixou o olhar em frente, avistou Hebert que se rastejava em direção a sua mesa. O homem estava moribundo, pálido, parecia desfalecer aos poucos.

— Hebert! Hebert! — Gritou Laura, atônita.

A mulher jogou-se de joelhos diante do consultor e o agarrou pelos cabelos. Em prantos, procurou por ferimentos. Pela quantidade de sangue que pode ver na roupa, julgou que seu marido estivesse em seus últimos instantes.

— Laura... — Balbuciou Hebert: — Você não devia estar aqui...

— Não diga nada... — Exclamou a mulher: — Ouvi boa parte da conversa entre você e Vermont.

— Você tem que sair daqui, agora... — Hebert se contorceu de dor: — Se ele te achar aqui vai te matar também...

— Consegue ficar de pé? — Indagou Laura.

— Não sei...

— Venha. Vamos tentar...

Laura atravessou o braço direito de Hebert por sobre seus ombros, e num esforço descomunal, o ergueu.

O homem não podia botar um pé ao chão. Tinha um joelho severamente danificado. O sangue no ombro esquerdo parecia ter estancado por um tempo. Talvez, por que tivesse ficado imóvel ao chão. Mas agora, precisava ceder aos anseios de sua mulher e tentar salvar suas vidas.

— Ele vai voltar... — Disse Hebert, se arrastando em um só pé: — Ele não vai desistir...

— Não fale nada. Poupe suas energias. Temos que chegar ao elevador. Vamos...

— Você podia me deixar e partir. Salvar sua vida...

— Não vou sair daqui sem você. Agora fique quieto...

Laura abriu suavemente a porta e olhou para ambos os lados do corredor. O silencio havia voltado a habitar aquele local. Mas onde estaria Vermont? E o homem da máscara negra? O assassino impiedoso. O que estariam fazendo neste momento, enquanto tentava carregar Hebert em seus braços? Sabia que não podia se deixar

dominar pelo medo. Tinha que ir em frente e sair dali. Não havia outro jeito.

Laura parou antes de quebrar a esquina. Suavemente, deixou um olho ganhar a visibilidade do caminho. Parecia estar com sorte, o corredor estava limpo. Avançou. Hebert agora parecia estar mais pesado. Não. Não estava. O peso certamente era o mesmo, mas a sua resistência muscular já lhe dava sinais de ter chegado ao limite. Suspirou profundamente, e pode perceber o quanto seu marido tentava suportar a dor de seus ferimentos.

A porta de vidro que dava para a recepção da Empresa estava próxima, agora. Assim que pudesse atravessá-la, estaria muito, muito perto do elevador.

Laura desceu o olhar e notou os fragmentos espalhados ao chão. Era o que havia sobrado do seu celular. Esbravejou em pensamento e continuou a impulsionar as pernas para frente. Faltava bem pouco agora.

Antes de abrir a porta de vidro e ganhar a recepção, Laura fez uma pausa para respirar. Precisava recobrar o fôlego, e completar a segunda parte do caminho até ao elevador.

— Falta pouco agora. Vamos conseguir... — Disse Laura, tentando reanimar o companheiro.

Hebert engoliu todo o ar que pode absorver e ergueu a cabeça. Se Laura estava ali para salvá-lo, então devia se esforçar ao máximo. Talvez, ainda tivessem uma chance.

Laura abriu a porta e empurrou o corpo para dentro, levando parte de Hebert consigo. No momento em que voltou o olhar para frente para mais um passo, sentiu o cano gelado de uma arma lhe tocar a testa. Seus olhos arregalaram.

— Olá! Que sorte a minha, encontrar os dois... — Bradou Vermont, do outro lado da arma: — Vão a algum lugar sem mim?

O sorriso de desdém lhe enfeitou os lábios. Em seguida, Vermont empurrou a cabeça de Laura com o cano da arma para que retornasse ao corredor.

— Vamos voltar á sala. Vamos, andem... — Ordenou Vermont.

— Seu miserável maldito... — Grunhiu Hebert num espasmo de dor.

— Não seja tão emotivo, Hebert. — Disse Vermont sorrindo: — Você nunca foi bom com sentimentos...

Uma enxurrada de desânimo caiu sobre Laura. Estavam perdidos. Por um instante, teve a impressão que seu destino junto ao marido, estava mesmo prestes a se cumprir. Ao menos, estiveram juntos até o fim. Um triste fim.

— Vamos andando... — Ordenou Vermont.

Com a arma apontada para a cabeça de Laura, Vermont conduziu o casal a sua frente, empurrando-os de volta ao corredor.

— Deixe ela ir... — Balbuciou Hebert: — É a mim que você quer...

— Acho que temos que comemorar este nosso encontro, o que você acha Hebert? — Disparou Vermont, sarcástico: — Nosso último encontro...

— Você ficou louco...

— Você acha mesmo? — Vermont gargalhou as alturas. Fez parecer como se a loucura realmente o estivesse dominando: — Por onde eu passo, não vejo mais ninguém normal. Vamos, andem. Depressa. Não tenho mais tempo a perder com vocês...

Hebert se arrastava ao fazer o caminho de volta á sala. Enquanto Laura, exausta, e sob a mira do vingador, via suas forças se esvaírem a cada passo.

— Quem é o seu cúmplice? — Indagou Laura: — O mascarado?

Vermont fechou a cara. Franziu a testa e por um instante, voltou a pressionar o cano da pistola sobre a cabeça de Laura.

— Não existe nenhum cúmplice... — Afirmou Vermont: — Agora cale a boca e caminhe, antes que eu mate vocês dois aqui mesmo.

— Ele está aqui... — Continuou Laura: — Matou um consultor, funcionário da Empresa...

Hebert sentiu uma pontada aguda nascendo dentro do peito. Laurent estava morto. Um sentimento de ódio lhe ardeu o coração. Mas não havia coisa alguma que pudesse fazer. Subitamente, uma nuvem escura e densa apareceu diante de seus olhos. A cabeça pareceu rodopiar sobre seu corpo o deixando tonto. Logo, tombou sobre a parede. Estava visivelmente desequilibrado. Suas forças pareciam ter lhe abandonado á tempos.

— Hebert! — Gritou Laura.

A mulher tentou ampará-lo, mas suas energias também já não eram as mesmas.

— Continuem andando... — Vociferou Vermont.

◇◇◇◇◇

A porta do elevador se abriu e o décimo oitavo andar apareceu diante dos olhos do segurança Rhud. O homem estava aflito. Precisava encontrar o sujeito da limpeza que aparecera na câmara de monitoramento, portando uma arma.

Olhou para ambos os lados do corredor. Nada. Insatisfeito, apanhou o rádio preso a cintura e apertou o botão de chamada.

Não demorou muito para que a voz do colega ruísse no autofalante.

— *Olá, Rhud!*

O homem aproximou o fone do rosto e pressionou um botão:

— Qual a localização do cara da limpeza? — Indagou, enquanto avançava alguns passos.

Depois de um tempo, o som embaçado do rádio ganhou volume.

— *Rhud?*

— Na escuta. Pode falar...

— *Ele não está mais no monitor...*

— Como não está? Este cara desaparece como um fantasma...

Houve uma pausa.

— *Espere...* — Soou a voz no rádio: — *Acho que ele está aqui...*

— Onde?

— *Tem mais alguém com ele...* — Falou o segurança com a cara colada no monitor, dentro da sala de

monitoramento: — *Minha nossa! Tem alguém ferido...*

— Me diga a localização...

— *No corredor de dentro... No setor da Empresa “Price”...*

— Estou indo lá, agora.

— *Tenha cuidado...*

O segurança Rhud contornou o corredor e logo pode avistar a grande porta de vidro, que separava

a galeria da recepção interna da Empresa. Entrou.

Parou por um momento e tentou ouvir algum barulho. Algo que pudesse identificar a localização exata do sujeito estranho da companhia de limpeza e conservação. Mas o silêncio ganhou sua atenção. Não havia mais ninguém ali. Com passos lentos e cautelosos, o segurança atravessou a recepção e chegou ao corredor interno. Olhou ao longe e logo pode ver que ao final da passagem, o homem que procurava estava dobrando a esquina para seguir adiante.

Rhud não pestanejou, destravou o botão que prendia a arma dentro do coldre colado em torno da cintura e puxou o revolver calibre trinta e oito.

— Você! Fique onde está! — Gritou Rhud, apontando o cano da arma em direção à outra extremidade do caminho.

Do outro lado, Vermont parou. Voltou o olhar e contemplou o segurança apontando em sua direção. Não vacilou. De forma quase automática, girou o braço no ar e apertou o gatilho de sua pistola.

Rhud se deu conta um pouco tarde demais da reação do cara da limpeza. No entanto, para sua sorte, a dois passos à frente, havia um extintor de incêndio grudado à parede. A bala riscou a tinta e mudou de direção, saindo definitivamente da trajetória do segurança bonachão.

Rhud suspirou apavorado. Mesmo sabendo que o homem portava uma arma, não acreditava que poderia usá-la. Ofegante, colou às costas na parede, e tentou se proteger de um segundo disparo.

Houve um silêncio quase que sepulcral. O ar frio banhava as paredes como numa noite de geada.

Vagarosamente, Rhud deixou o abrigo atrás do extintor e deslocou a cabeça para o

lado, na tentativa de ter a posição exata do atirador. Para sua surpresa, o homem caminhava acelerado pelo corredor. Vinha em sua direção, com a arma em punho. Tinha que fazer alguma coisa, ou em segundos seria trucidado.

A porta de vidro da recepção. Sua única alternativa. Deixou o abrigo e saltou em direção á porta.

Vermont viu o homem cruzar o corredor em direção á recepção, e não se conteve. Parou por um instante. Pressionou o gatilho e efetuou três disparos de forma sequencial. Os disparos ecoaram pelas paredes frias.

Rhud caiu ao chão da recepção, enquanto a vidraça da porta, estilhaçada pelas balas, vieram ao seu encontro. Rapidamente, girou o corpo sobre os cacos de vidro ao chão e apontou a arma para o corredor. Apesar da violência dos tiros, nenhuma bala havia lhe alcançado. Parecia estar no seu dia de sorte. Pensou.

Esperou ofegante, o instante em que o homem da limpeza fosse aparecer diante da porta. Ele viria. E então, o pegaria de surpresa. Os segundos passaram. E Rhud continuou ali, parado, compenetrado no vão da porta.

Mas Vermont não apareceu.

Lentamente, Rhud girou o corpo no chão, até que teve a visão mais ampliada do lado de fora. Forçou a vista, e logo alcançou o final do corredor. O homem havia sumido outra vez.

— *Rhud?* — Soou a voz arranhada no fone do rádio. Era o segurança da sala de monitoramento.

Rhud relaxou. Realmente o cara havia desaparecido. Apanhou o rádio.

— Oi!

— *Você está bem?* — Quis saber o jovem segurança.

— Acho que sim... — Rhud falou, mas não tirou os olhos do corredor: — Chamou a Polícia?

— *Estão a caminho...*

— Por acaso, sabe onde o filho da puta do cara da limpeza está?

O segurança do andar térreo ficou em silencio por alguns segundos. Com certeza, estaria colado nos monitores tentando descobrir a localização do sujeito.

— *Não está mais por aqui...* — Informou em seguida: — *A última vez que o vi estava no corredor lateral.*

Rhud balançou a cabeça. Tentou adivinhar o que aquele sujeito estava fazendo no prédio. Provavelmente, não pertencia ao quadro de funcionários da Empresa de conservação e limpeza. Mas então, o que estaria fazendo naquele andar?

O ruído do rádio quebrou seus pensamentos.

— *Rhud? Está aí?*

— Estou aqui...

— *Você não parece bem. Está com a voz cansada...*

— Estou me sentindo como se tivesse caído do alto do prédio.

O rádio ficou em silencio por um momento. Talvez, o colega da sala de

monitoramente estivesse tentando entender as palavras que ouvia.

Entre pedaços de vidros de todos os tamanhos e formas, Rhud tentou se levantar. Sentiu que alguns estilhaços estavam cravados no braço esquerdo. Com extremo cuidado, removeu um a um. Pisoteou os cacos ao chão e saiu em direção ao corredor.

Por um instante, olhou ao longe. Pensou que talvez não fosse prudente ir atrás do sujeito com a arma. A Polícia logo iria chegar e faria a abordagem e os procedimentos necessários para capturar o cara. Mas o que faria então? Fazia parte da equipe de segurança do edifício. Era o seu local de trabalho. E tinha um invasor lhe atormentado a noite. “Droga!”. Exclamou em tom ameno.

Segurou firme o revólver com a mão direita e avançou em passos lentos. O atirador teria seguido em frente, não havia outro caminho. A menos que tivesse entrado em alguma sala. Neste caso, teria que abrir todas as portas do corredor lateral.

Rhud prosseguiu. Parou antes que pudesse dobrar o corredor, e colocou o corpo junto à parede. Precisava virar com muita, muita cautela. O sujeito poderia estar na outra ponta da passagem, esperando exatamente o momento em que fosse aparecer.

Com precaução, deixou apenas um olho ganhar o corredor. Estava tenso. Enfim, olhou ao longe. Não havia ninguém por ali. Rhud suspirou aliviado e passou as costas da mão sobre a testa. Apesar do clima ameno, o suor escorria por seu rosto.

Pensou mais uma vez em retroceder e voltar para a segurança de sua sala. O bom senso lhe murmurava ao pé do ouvido, para que contivesse os passos e aguardasse a chegada da Polícia. Mas o segurança respeitado e comprometido com seu trabalho, que trazia no âmago de seu orgulho, lhe concebia a dose certa de coragem, para que continuasse na perseguição ao invasor do edifício, que naquele momento estava sob sua proteção.

Rhud colocou o corpo na parede e avançou.

Seguindo uma linha reta, a altura do cano do seu revólver que apontava a sua frente, o segurança bonachão pode ver o grande vulto negro aparecer na outra extremidade do corredor. A imagem vultuosamente definida em músculos estancou diante dos seus olhos.

Rhud estava boquiaberto. Pasma.

— Mas que droga é essa? — Balbuciou atônito.

Ergueu a mão esquerda e, logo, passou a segurar a arma com as duas mãos, enquanto tentava decifrar o sujeito estático ao final do corredor.

A máscara negra reluziu sob a iluminação do ambiente, ao mesmo tempo em que o homem de preto cerrou os punhos. Pareceu se colocar em posição de ataque.

— *Rhud?* — Chamou a voz no rádio.

O segurança tremeu ao ouvir o ruído do rádio. Estava assustado.

Subitamente, num piscar de olhos, notou que o sujeito havia desaparecido. Sumira completamente como num passe de mágica.

— *Rhud? Está aí?* — Chamou a voz outra vez.

— Estou... — Atendeu Rhud.
— *Viu o cara na outra ponta do corredor?*
— Vi...
— *Quem é ele?*

— Como vou saber?
— *Que sujeito horrível...*
— Onde ele está agora? Procure nos monitores...

Enquanto o segurança deslizava os olhos sobre os quadros que exibiam as imagens das câmeras,

Rhud transpirava a ponto de ter a camisa encharcada de suor.

— E aí, localizou o cara? — Insistiu Rhud, pelo rádio.
— *Achei ele...* — Falou o colega com entusiasmo na voz: — *Está no corredor lateral da direita. Está*

correndo...

— Droga!
— *Parece que vai contornar e chegar até você. Tenha cuidado...*

Rhud prendeu o rádio em torno da cintura. Girou no calcanhar e apontou a arma em sentido

contrário. O sujeito estava contornando os corredores e viria às suas costas a qualquer momento. No primeiro movimento que surgisse na esquina a sua frente, teria que disparar e apanhar o invasor de surpresa. Era este o seu plano.

— *Rhud?* — A voz no rádio, mais uma vez: — *Ele sumiu. Ah! Sim. Entrou na recepção interna da Empresa...*

O segurança Rhud suspirou. Não sabia se estava aliviado ou frustrado.

— *Estou com ele na tela...* — Continuou o colega: — *Está indo em direção aos elevadores...*

— Oi! — Disse Rhud, com o rádio a altura da boca.

— *Ele entrou no elevador de serviços, agora...*

Rhud voltou a prender o rádio na cintura e saiu em disparada. Cruzou a recepção interna e alcançou a área que antecede os elevadores. Parou diante do veículo vertical destinado aos transportes de material de serviço e ficou a observar a movimentação do indicador do andar, em que a caixa metalizada iria parar. Estava subindo rapidamente. Onde este cara está indo? Murmurou em silêncio.

O indicador de parada acendeu no último andar.

Rhud se dirigiu para o elevador ao lado. Pressionou o botão de subida e a porta cedeu. Com dois passos á frente, foi engolido pela caixa de metal. No instante em

que se projetou para o interior do veículo vertical, o rádio comunicador preso a cintura, tocou na porta e foi ao chão para o lado de fora. Sem que percebesse o incidente, Rhud apertou um botão e o veículo ganhou movimento em direção ao último andar.

Os passos apressados soaram sobre o granito do hall de entrada, tirando a atenção do porteiro, sobre o remexido jornal que parecia ter sido folheado por inúmeras vezes naquele dia. O homem abaixou a aba do diário e olhou por cima dos óculos. Logo, não pode deixar de notar o brasão de identificação que vinha em sua direção.

Os representantes da lei pararam diante do balcão, enquanto o mais alto, trajando um esporte fino, ergueu a mão a altura dos olhos do porteiro, empunhando a identificação.

— Detetive Mancini! Divisão de homicídios... — Falou enquanto o porteiro passava os olhos sobre o documento: — Em que andar posso encontrar o senhor Hebert Molinaro?

— Décimo oitavo. — Disse o porteiro, sem vacilar.

No mesmo instante, o inspetor Wilson pressionou o botão de chamada do elevador.

— Obrigado! — Disse Mancini, ao guardar a identificação no bolso interno do blazer.

— Está acontecendo alguma coisa com o senhor Hebert? — Quis saber o porteiro:

— A mulher dele também está lá em cima. Chegou aqui um tanto abalada. Não parecia bem.

— É o que vamos descobrir agora... — Retrucou Mancini, sem mais detalhes.

◇◇◇◇◇

Quando a porta se abriu no último andar, o cano do revolver foi o primeiro a sair e girar em todas as direções como se procurasse um alvo em movimento. A tensão estava clara sobre o rosto do segurança Rhud. Temia ser surpreendido pelo sujeito mascarado.

Olhou em frente e viu uma sequencia de corredores tal qual a todos os andares do prédio. A diferença é que estava no último andar, e apenas um lance de escada ao canto da parede, o levaria ao terraço. Mas precisava ter certeza de que o sujeito vestido de preto não estava circulando pela galeria daquele andar.

Tocou na cintura a procura do rádio, e então se deu conta que o havia perdido. “Droga!”. Murmurou em silencio. Com certeza, o colega na sala de monitoramento poderia ajudá-lo na busca. Mas tinha que arriscar mesmo sozinho.

Com as duas mãos segurando o revolver, apontou o cano diante dos olhos e avançou pelo corredor. Prosseguiu lentamente, a fim de que pudesse ouvir qualquer ruído que

o sujeito estranho pudesse fazer, e então, denunciar sua posição.

Depois de alguns instantes, sua estratégia parecia ter dado certo. Ao quebrar a primeira esquina de salas, Rhud parou. Ouvira um barulho. Eram passos. Mas onde estaria a origem desses passos?

Girou no calcanhar e voltou á atenção para a área reservada aos elevadores. Talvez o sujeito tivesse voltado ao elevador de serviços e agora estaria descendo em disparada.

Avançou rápido, até que chegou diante do veículo vertical. Ao conferir, certificou-se de que a caixa de metal ainda estava imóvel naquele andar. Conferiu o outro. O elevador social estava nos primeiros andares. Não daria tempo para que o sujeito entrasse naquele veículo e já estivesse nos primeiros andares do prédio. E além do mais, o elevador social estava subindo. Isto não fazia sentido.

Impaciente, Rhud girou o olhar para o canto da parede e avistou as escadarias que dava para o terraço. Com extrema precaução, caminhou em meia-lua até que a escada ficou inteiramente a sua vista. Ao alto do último degrau, uma porta destrancada batia impaciente devido á força do vento.

Rhud cerrou a testa e subiu as escadas com a arma em punho. Á medida em que se aproximava do limiar da porta pode sentir o vento frio e veloz que cobria o alto do prédio, naquela noite.

Os detetives saltaram no décimo oitavo ◇◇◇◇

andar. Mancini logo avistou o nome da Empresa estampada na parede lateral da recepção. Não teve dúvidas. Aquela era a Empresa onde Hebert atuava como consultor de negócios. Seguido de perto pelo inspetor Wilson, o detetive tocou a porta e ganhou a saleta da recepção.

Logo que entrou, conteve os passos. Por um momento, observou os estilhaços de vidro espalhados ao chão. Com cuidado, saltou um passo a frente. Pressentindo uma possível situação de risco, Mancini sacou a pistola e girou o olhar assim que tomou o corredor interno.

O inspetor Wilson, a um passo atrás, repetiu os mesmos movimentos do parceiro. Subitamente, uma voz lerda e distorcida por ruídos agudos, rompeu o silêncio. Wilson girou a cabeça e procurou pelo emissor sonoro. Correu os olhos em todas as direções, até que pode ver o rádio transmissor caído ao chão ao lado do elevador.

— *Rhud? Responda!* — Soou a voz no aparelho.

O Policial apanhou o rádio e pressionou um botão.

— Inspetor Wilson na escuta...

Em seguida houve uma pausa.

— *Onde está o Rhud?* — Grunhiu a voz.

— Encontrei o rádio caído no chão do décimo oitavo andar. Não tem mais ninguém por aqui.

— *Ah! Ele deve ter deixado cair. Ele esta perseguindo um cara mascarado no último andar...* — Não copiei. Pode repetir. Como é o cara?

— *Um sujeito grandão com uma máscara preta...*

— Entendido. Vou atrás dele agora. Mas onde você está? — Quis saber o inspetor.

— *Estou na sala de monitoramento das câmeras.*

— Ok!

Mancini estava parado ouvindo a conversação pelo rádio, quando Wilson levantou os olhos e

indicou que iria tomar o elevador.

— Vou subir! — Falou, pressionando um botão embutido na parede.

Mancini confirmou com um movimento de cabeça e girou em direção ao corredor interno da

Empresa. Precisava localizar a Jornalista e seu marido.

◆◆◆◆

No alto do prédio, em meio á névoa fria e a escuridão da noite, o segurança Rhud rodopiava para todos os lados empunhando o revolver a sua frente.

Cerrou os olhos numa tentativa de aliviar o impacto do ar gelado que lhe queimava a pele. O vento que cortava a escuridão deixava na atmosfera, um ruído sombrio e fúnebre, que fazia suas pernas vacilar a cada passo.

Ao lado esquerdo do terraço, uma área demarcada com faixas de cor amarela impregnadas ao chão, com um grande círculo ao meio, indicava ser ali o heliporto. E do outro lado, atrás de um cercado de grades e aramados, estavam os compartimentos de abastecimento de água e a casa de máquinas.

O segurança olhou aos lados e teve a impressão de que havia perdido completamente a posição da sua caça. O sujeito mascarado não estava por ali.

Alguns passos á frente, a meia altura, podia-se notar a mureta em torno do terraço, com uma única barra em alumínio branco adornando o acabamento superior. Era a única barreira entre o terraço e o espaço vazio da noite.

Com extrema precaução e curiosidade, Rhud se aproximou da mureta. Daquele ponto, boa parte da cidade ficava á vista. A imensidão de focos de luzes que oscilavam ao longe deixava a leve impressão, de que uma legião de estrelas havia descido do céu, e estava agora estacionada sobre a metrópole. Com o abdômen colado a mureta, o segurança abaixou o revolver e contemplou a vista por alguns segundos. Teve a certeza de que a cidade literalmente brilhava naquela noite.

A lembrança do homem da limpeza e do estranho mascarado devolveu a Rhud o arrepio na espinha, e o retirou dos singelos segundos de paz. Precisava retornar ao décimo oitavo andar e prosseguir com a busca. A esta altura, a Polícia havia de ter chegado. E logo, fariam um cerco a fim de capturar os invasores.

O segurança girou no calcanhar e se afastou da mureta. No mesmo instante em que retrocedeu em direção a porta, foi surpreendido pelo forte impacto do cruzado de direita que o golpeou a altura do nariz. Como se estivesse completamente dopado, o segurança cambaleou e sentiu o céu inteiro rodar no alto de sua cabeça. Em uma fração de segundos, seu pesado corpo fora ao chão.

Rhud estava nocauteado.

Em poucos minutos a porta do elevador se abriu e o inspetor Wilson saltou para dar início a mais uma caçada. Com a pistola em punho, ganhou o pequeno pátio que antecedia o grupo de corredores da galeria de salas, e avançou em busca do sujeito mascarado que ouvira falar nos depoimentos das testemunhas, tais como a Jornalista e sua assistente.

Neste mesmo instante, o rádio na mão esquerda do inspetor entrou em ação mais uma vez.

— *Inspetor?*

— Na escuta... — Atendeu Wilson, enquanto caminhava lentamente entre as paredes frias do corredor.

— *Encontrou o Rhud?*

— Nenhum sinal dele. Não tem ninguém aqui. Você tem as imagens deste andar?

— *Sim. Todo o prédio tem cobertura por câmeras...*

— Então verifique estes corredores. — Ordenou o Policial.

— *Um minuto...*

Um tempo depois, a voz do segurança da sala de monitoramento voltou ao rádio.

— *Não vejo mais ninguém além de você.*

Wilson estancou os passos. Voltou o olhar em direção ao início da galeria e tentou pensar em alguma coisa. Mais uma vez, pressionou o botão na lateral do aparelho e falou em seguida.

— Segurança?

— *Oi!*

— Onde fica a escada para o terraço do prédio?

— *Ao lado dos elevadores, ao canto da parede...* — Respondeu o homem prontamente.

O detetive retrocedeu. Procurou pela localização da escada no hall de desembarque dos elevadores, e logo pode ver o início dos degraus que o levaria ao alto do edifício. Antes de dar início a subida, pode sentir o vento frio que descia pelo vão da porta aberta.

Wilson conteve a porta que batia impulsionada pela força do vento, e ganhou a última laje do elegante projeto arquitetônico.

Sobre o piso rústico do terraço, o inspetor cerrou os olhos em função da brisa densa e úmida, e empunhou a arma. Em seguida, girou em todas as direções em busca de um possível alvo em movimento. Bailou em passos rápidos e precisos tentando surpreender os espaços ocultos por detrás das paredes e aramados espalhados ao longo. Mas não havia ninguém ali.

O detetive olhou ao redor. Mas onde poderiam estar o tal segurança e o sujeito mascarado? Pensou. Por um instante, apreciou a vista. Aproximou da mureta e olhou para baixo. Repentinamente, a distância entre o alto do prédio até o asfalto da rua, lhe concedeu um frio no estômago. Em segundos, sua visão ficara embasada. O inspetor deu um passo atrás e sacudiu a cabeça. O vazio da noite parecia ter lhe deixado tonto.

Assim que ergueu os olhos, teve a impressão de notar algo em movimento no meio do nada. Mais uma vez, sacudiu a cabeça. Notou que a vertigem insistia em lhe corroer o estômago. Forçou a vista diante da rebeldia do vento frio, e então pode ver em meio á penumbra que um paraquedas de cor preta descia cambaleante em direção ao solo. O vento forte que uivava insistente, empurrava o objeto em movimentos aleatórios, como se o piloto lutasse para manter o domínio sobre o equipamento.

O inspetor Wilson olhou por um instante, até que foi interrompido pela voz embargada que soou no rádio.

— *Inspetor?*

— Estou aqui... — Atendeu, no mesmo tempo em que tentava acompanhar a trajetória do paraquedista.

— *Alguma novidade?* — Quis saber o jovem segurança.

— Não achei seu amigo, e nem mesmo o mascarado.

— *Droga! Não estou gostando disso.*

— Mas estou olhando para um paraquedas caindo, que parece ter saltado do alto do prédio...

— *Como é que é?* — Falou o segurança, indignado.

O detetive girou no calcanhar e seguiu em direção aos elevadores. Precisava alcançar a Avenida, juntar um grupo de Policias e sair á procura do paraquedista. O assassino podia estar fugindo, mais uma vez, e escapando das garras da Polícia como num passe de mágica.

O inspetor voltou a pressionar o botão do rádio.

— Vamos pra rua atrás do prédio... — Ordenou apressadamente: — Não podemos deixar que escape outra vez...

— *Mas de quem está falando, inspetor?*

— Do assassino...

Diante da imponente arquitetura, sobre a calçada a beira da principal Avenida da cidade, o carro de Polícia Militar breiou e um feixe de borracha foi desenhado ao chão. Em seguida, outro carro da mesma corporação, repetiu a cena. Um terceiro veículo não tardou a chegar. As luzes coloridas, presas ao teto, giravam alucinadamente, tingindo a noite como se fossem holofotes em movimentos circulares.

Os Policias ganharam o espaço diante da elegante fachada, e logo se espalharam em torno da edificação. Alguns circulavam apressadamente com uma foto nas mãos. Era a fotografia do homem mais procurado no estado naquele momento. Portando armamentos de grosso calibre, equipados com rádios e devidamente paramentados com coletes a prova de balas, os representantes da lei pareciam estar prontos para uma grande batalha.

— Quando vamos subir? — Perguntou o soldado ao comandante da operação.

O homem com a patente de graduação exibida na lateral do ombro deu dois passos á frente, e correu os olhos ao alto do prédio.

— Estamos em uma operação conjunta... — Falou o homem, como se tentasse supor a altura do edifício: — Vamos aguardar uma posição da Civil...

Os veículos embalados pela velocidade atravessavam a Avenida Paulista nos dois sentidos, como se fosse uma procissão de formigas operárias num frenético leva e trás de suprimentos para a construção de suas moradias.

Embora a noite já estivesse caído completamente sobre a cidade, o transito ainda estava demasiadamente denso para o horário.

◇◇◇◇

No corredor lateral interno do décimo oitavo andar, com extrema cautela e atenção, o detetive Mancini tocou a maçaneta da porta. Estava trancada. Girou a cabeça e voltou o olhar para a esquina de salas a alguns metros atrás. Percebeu que o silencio pairava sombrio sobre a atmosfera daquele ambiente.

Lentamente, caminhou até que chegou a próxima porta. Logo, pode notar que também estava fechada. Antes que pudesse avançar mais alguns passos, estancou no meio do corredor. Eram vozes. E vinham do interior da sala ao lado. Mancini não teve dúvidas, Laura estaria ali. Possivelmente, como refém do lunático Ezequiel Vermont.

Teria que entrar com muita rapidez, e tentar surpreender o homem para evitar uma troca de tiros e por em risco a vida da Jornalista e quem mais estivesse com ela no interior daquela sala.

Mancini tomou certa distancia e suspirou profundamente. Empunhando a arma com as duas mãos, o detetive ergueu a perna direita e desferiu um violento golpe a meia altura da porta. A aba de madeira correu ao canto, deixando á mostra a cena de um verdadeiro martírio e dominação.

De pé ao centro da sala, Vermont apontava a pistola para a cabeça de Hebert, que gemia sentado ao chão, com as costas apoiada em sua mesa de trabalho. Enquanto Laura, exaurida pelo cansaço, estava de joelhos ao lado do marido.

Vermont fez um único gesto. Girou o olhar para o limiar da porta e viu o detetive estático e tenso, com o cano da arma apontado em sua direção. Um leve sorriso sarcástico ao canto da boca foi desenhado entre a barba por fazer.

— Mais um para nossa festa, Hebert! — Pronunciou Vermont, com os olhos fixos no detetive.

Mancini tentava controlar a respiração. Passou os olhos na Jornalista, jogada ao chão e severamente abatida. Sentiu uma vontade enorme de tirar Laura dali, antes que os chumbos cruzassem o ar em busca de sangue.

— Solte a arma Vermont! — Ordenou Mancini: — Vamos acabar com isto e sair daqui em paz...

Vermont suspirou profundamente e colou o cano da pistola na testa de Hebert.

— Não vai haver acordo algum, detetive. — Disse Vermont, enfático.

— Por favor, não faça isso... — Choramingou Laura, enquanto acariciava a face do marido, cujas forças pareciam ter esvaído á tempos.

Mancini engoliu em seco. Sabia que estava diante de uma situação muito, muito difícil. Se atirasse no sujeito sádico a sua frente, correria o risco de Vermont também disparar e matar Hebert, no mesmo instante em que fosse baleado. Precisava convencer o sujeito a se entregar sem que mais ninguém fosse ferido.

— O prédio está cercado... — Continuou Mancini: — Não há como escapar, Vermont. Pode usar como defesa no tribunal, o lastimado estado psicológico em que se encontra, desde o dia em que foi brutalmente atacado na Universidade. Pense nisso. Não piore as coisas...

Vermont girou os olhos em direção á porta e mostrou os dentes, como se realmente estivesse psicologicamente desequilibrado.

— Você não sabe nada a meu respeito... — Grunhiu como um louco.

— Sei o suficiente para ver que está cometendo uma grande bobagem... — Retrucou Mancini: — Abaixе a arma e vamos conversar...

— Este homem acabou com a minha vida... — Disse Vermont, esticando o braço como se procurasse a melhor posição para efetuar o disparo e acabar com Hebert de uma vez por todas: — Sonhei com este momento por todas as noites...

— Precisamos chamar uma ambulância para o senhor Hebert... — Afirmou o

detetive.

Laura ergueu os olhos para o homem com a arma na cabeça de seu marido e pode pressentir que o antigo aluno da Universidade não estava brincando. Parecia mesmo que fosse atirar. Notou que a expressão no rosto do homem, demonstrava certo desequilíbrio emocional, tal qual fora mencionado pelo detetive.

— Ouça o Policial, Vermont... — Suplicou Laura: — Precisamos levar o Hebert para o hospital...

Vermont enrubesceu.

— Não vai haver negociação alguma... — Disparou, voltando-se para o Policial: — Jogue a arma no chão, ou vou explodir a cabeça deste miserável agora.

— Acalme-se, Vermont. Vamos conversar... — Tentou apaziguar Mancini.

— Jogue a arma no chão, agora. — Gritou Vermont, com os nervos a flor da pele.

— Está bem. Não faça nenhuma bobagem... — Disse Mancini, soltando o dedo do gatilho lentamente, ao mesmo tempo em que dobrava as pernas: — Vou largar a arma e então, vamos conversar, está bem assim?

Sem tirar os olhos do Policial sob o limiar da porta, Vermont suspirou tenso, enquanto empurrava o cano da pistola ao lado da cabeça do consultor, que parecia estar alheio a tudo que acontecia ao seu redor.

Hebert havia perdido muito sangue. Seu rosto estava demasiadamente pálido. No entanto, podia ouvir ao longe a voz do seu vingador. Uma voz carregada de rancor e ódio, com um timbre que representava a sede e a ira dos que cultivam a vingança dentro de seus corações, por muito tempo.

No seu íntimo, sabia que Vermont não o deixaria viver. Entendeu que este era o momento final, que planejava por todos os dias, desde o dia fatídico do baile de formatura. E sua vida era o preço que teria que pagar. Vermont havia criado suas próprias leis. E não havia mais como escapar do trágico destino elaborado por ele. Não havia como sair dessa... impune.

Quanto a Laura, pouco podia fazer. Suas forças já não permitiam uma reação, que pudesse tirar sua mulher diante dos olhos ameaçador do seu desafeto. A esta altura, contava apenas com a perícia da Polícia para que pudessem evitar o que parecia ser... inevitável.

Hebert sentiu-se entregue. No fim da linha.

Mancini, de pé na entrada da sala, estava a meio caminho de deixar a arma apoiada sobre o tapete. Sabia que se fizesse isto, Vermont ficaria com o controle total da situação. E isto não era uma boa opção. Porém, diante da cena conturbada que estava desenhada a poucos metros a sua frente, temia pela vida dos reféns. Precisava dar uma chance para o homem desequilibrado com a arma na cabeça do Hebert. Talvez, ele cedesse e se dispusesse a um acordo, sem que houvesse mais derramamento de sangue.

No entanto, Mancini não tirava os olhos do olhar perturbador de Vermont. Não tinha a certeza que o levasse a confiar naquele sujeito. Ao deixar a arma no chão e tentar

um acordo, o homem poderia disparar e lhe tirar a vida de forma cruel e covarde, sem chance alguma de se defender. Essa possibilidade trouxe um calafrio na espinha do detetive. Por um instante, conteve o movimento e suspirou ofegante.

Vermont, do outro lado, percebeu que o Policial havia vacilado na sua intenção, e arregalou os olhos como um louco descontrolado.

— Ande logo com isto... — Esbravejou Vermont: — Jogue a arma no chão...

— Tenha calma, Vermont... — Apontou Mancini.

Mas o ódio e a fúria havia tomado a áurea do vingador. Vermont rangeu os dentes e gritou em bom tom.

— Maldito seja!

Mancini tremeu com o grito arrasador que ecoou pelas paredes frias da sala, enquanto Vermont, numa fração de segundos, girou o braço em direção à porta e apertou o gatilho.

Laura gritou ao mesmo tempo em que o estampido da arma de fogo enchera a atmosfera do ambiente.

Mancini jogou-se ao chão diante do braço do sofá, enquanto o projétil passou a poucos milímetros do seu pescoço.

Vermont rugiu como um louco. Parecia transtornado.

O cano da arma viajou no ar até que parou entre as mechas negras do cabelo do consultor, sentado ao chão com as costas apoiadas a sua mesa. O vingador apertou o gatilho outra vez, e a cabeça de Hebert caiu sobre os ombros da Jornalista, que gritava ao lado, desesperada.

Uma enxurrada de sangue foi cuspidada sobre Laura, que com as mãos tremulas, não sabia ao certo o que fazer. Apenas urrava enquanto as lágrimas desciam por sua pele clara.

Vermont, num rompante de loucura, moveu a arma até alcançar os olhos da Jornalista e disparou.

Laura girou no ar e tombou ao lado da mesa.

Em seguida, sem pestanejar por um segundo, Vermont apontou a pistola em direção à janela da sala, e efetuou dois disparos em sequencia.

A vidraça trincou como raios em noites de tormenta.

O homem avançou em disparada de encontro ao vão da janela e saltou.

O corpo de Ezequiel Vermont chocou-se com o vidro em decomposição, e o homem atravessou a janela para o lado de fora, levando consigo os estilhaços cortantes, que despencaram do décimo oitavo andar, rumo ao vazio da noite.

Mancini estava boquiaberto. Toda a ação havia sido consumada em frações de segundos. Logo, colocou-se de pé e correu em direção a Laura.

A Jornalista estava imóvel ao chão. Sua roupa manchada em todos os lados, por um líquido vermelho escuro, deixava crer que a bala havia lhe acertado a cabeça ou outro órgão vital a sobrevivência.

Por um instante, Mancini verificou o pulso. Com dúvidas, colocou dois dedos na lateral do pescoço. A carótida lhe confirmou a vida. A pulsação fraca de Laura indicava que ainda podia respirar.

Em seguida, o detetive efetuou a mesma verificação no corpo do consultor. Mas sua contestação não fora a mesma. Hebert estava morto.

Mancini sacou o celular e disparou a chamada. Um. Nove. zero.

Não demorou muito para uma voz feminina soar do outro lado da linha.

— *Serviço de emergência. Com quem estou falando?*

— Detetive Mancini. Polícia da capital. Preciso de paramédicos na Paulista... —

Mancini pensou por um segundo: — Altura do número mil e trezentos. Feridos por arma de fogo...

— *Certo detetive. Unidade móvel a caminho...*

Ao encerrar a ligação, Mancini apanhou uma almofada sobre o sofá e a colocou sob a cabeça da Jornalista. Pensou que assim, podia facilitar a entrada de ar nos pulmões. Por um instante, contemplou o rosto pálido de Laura. Percebeu que os sinais de cansaço lhe estampava a face.

Olhou ao redor e notou que não havia muito a fazer, diante do estrago que fora consumado por Vermont. Sim. Vermont. Ezequiel Vermont. O homem tomado por uma incontrolável sede de vingança, havia se jogado do décimo oitavo andar, depois de atirar em seus reféns.

Mancini olhou a janela e sentiu a brisa fria que invadia a sala. Mais uma vez, observou o rosto singelo de Laura. A Jornalista parecia adormecer em um sono profundo, bem longe da realidade cruel da superfície terrena.

Correu a mão ao lado e apanhou a arma. Em seguida, levantou-se e caminhou em direção à janela. À medida que se aproximava dos cacos de vidros pontiagudos, podia notar o vento forte que soprava naquela altitude. Pensou que a escuridão da noite fosse algo vivo, e tinha claramente a intenção de adentrar a sala, mas não o fazia apenas pela interceptação da iluminação, oriunda das lâmpadas presas ao teto.

Mancini colou no peitoril da janela e por um instante, curvou o pescoço para o lado de fora, tentando olhar em direção à rua. A esta altura, um amontoado de transeuntes já estariam agrupados em torno do homem que caíra do prédio. Mas uma surpresa lhe saltou aos olhos...

Na parte externa do aparelho do ar condicionado, preso logo abaixo da janela, um homem estava pendurado pelo jaleco do uniforme. O sujeito balançava as pernas freneticamente, como se tentasse alcançar o peitoril da janela.

Mancini sentiu um arrepio lhe subir a nuca. Era Ezequiel Vermont. Por alguma razão, sua tentativa de suicídio havia falhado. Sua roupa, apesar de rasgada na lateral, ainda continuava presa às ferragens do aparelho, o mantendo pendurado no ar.

Mancini pode sentir a agonia que sucumbia o homem. Parecia querer voltar à sala. O detetive apoiou uma das mãos sobre o granito da janela, e com a outra, estendeu o braço para o lado de fora.

— Vermont? — Gritou, para que o homem pudesse ouvi-lo em meio à fúria do vento.

Apavorado, Vermont ergueu a cabeça e olhou o detetive a janela, lhe estendendo a mão. Pareceu ficar surpreso com a vista.

O vento frio parecia querer cortar a carne, ao mesmo tempo em que ardia a pele.

— Segure a minha mão... — Gritou Mancini: — Vamos...

Vermont se contorcia e estendia a mão ao alto da cabeça, mas não era o suficiente para alcançar o punho do detetive. O homem se esticava ao máximo, enquanto rajadas de vento balançavam suas pernas soltas no ar.

— Continue tentando... — Bradou Mancini.

O rasgo na lateral da roupa ficou maior ao ranger em meio ao balanço do corpo de

Ezequiel Vermont. A roupa não iria resistir muito tempo. O vento parecia contribuir com o peso do corpo, e fazer ceder o tecido do uniforme.

Vermont abaixou os braços e olhou para baixo. Viu os pontos luminosos que deslizavam sobre o asfalto da Avenida Paulista. Aproveitou para respirar profundamente e aliviar o cansaço que lhe abatia os músculos.

— Vamos lá, Vermont... — Continuou Mancini: — Você consegue... me dê a mão...

O homem estava demasiadamente cansado. Pendurado no alto do prédio, e sob o vento forte que uivava no meio da escuridão da noite, Vermont estava atônito. Não conseguia se soltar das ferragens, e nem mesmo alcançar a mão do detetive. Não podia mensurar o tempo que ainda ficaria naquela situação. O desespero havia lhe tomado a alma. Estava nas mãos do destino. Do seu próprio destino.

— Vamos lá, Vermont. — Mancini gritava em vão.

O homem parecia ter se entregue a própria sorte. Estava apenas pendurado, sob o balançar do vento.

Vermont ergueu uma das mãos e tateou na linha da cintura. Sentiu exatamente o que procurava. Era a pistola de Hebert, que havia colocado presa a cintura.

Mancini não tirava os olhos do homem, quando viu Vermont erguer a arma ao vento e levantar a cabeça para olhar em sua direção. O detetive ergueu o corpo e saiu do alcance de visão do sujeito. Não podia acreditar que ainda tivesse uma arma.

Uma nova abertura no rasgo lateral do jaleco foi feita, enquanto o corpo de Vermont pareceu descer um centímetro abaixo, e estancou.

Mancini voltou a olhar e sentiu como se o homem fosse cair rumo ao solo. Seu fim parecia ser eminente.

Mas Vermont abriu a boca, levantou a arma e enterrou o cano até tocar ao alto da garganta. Antes que Mancini pudesse balbuciar qualquer palavra, Vermont disparou. Em segundos, um buraco foi desenhado ao alto da cabeça de Ezequiel Vermont.

O barulho do disparo fora suprimido pelo uivar do vento, enquanto o rasgo lateral do jaleco cedeu por completo e desprende o corpo das ferragens. Em seguida, o homem despencou velozmente em direção ao vazio sombrio da noite.

Mancini observou complacente, do alto da janela.

O destino de Ezequiel Vermont estava agora, completado.

◆◆◆◆

Depois de saltar do elevador, o detetive Wilson cruzou o hall de entrada e seguiu em direção à calçada do prédio. Notou que um jovem sobre o degrau das escadarias, trajando um uniforme da segurança, o observava atentamente.

O jovem logo se aproximou.

— Inspetor Wilson? — Quis saber, se colocando ao lado do Policial.

— Em carne e osso!

— Nos falamos pelo rádio á pouco.

— Hum! Hum!

— Tem alguma ideia de onde esteja o Rhud?

— Sinto muito, rapaz. Eu não sei onde está o seu colega.

Os homens ganharam a calçada diante do imponente edifício, e Wilson não pode deixar de notar o

grupo de Policiais que circulava em torno de um mesmo ponto.

— O que houve ali? — Indagou o inspetor.

— Um cara caiu do alto do prédio. — Concluiu o segurança.

Wilson acelerou os passos até que se juntou ao grupo dos guardas militares. Depois de se ajeitar

entre os ombros a sua frente, a imagem do sujeito cravado sobre o solo ficou aparente. O inspetor rangeu os dentes.

— Minha nossa! — Balbuciou.

Wilson passou a vista sobre a grande cicatriz ao longo do rosto, e não teve dúvidas que se tratava

de Ezequiel Vermont. Em seguida, ergueu a cabeça e olhou ao alto. Tentou identificar o andar de onde o sujeito poderia ter caído, mas a noite densa e escura não lhe deixou muitas opções. Notou que o homem tinha um buraco no alto da cabeça, o que provavelmente teria sido feito por uma arma de fogo.

As roupas rasgadas e os cortes desenhados no rosto e nos braços podiam sugerir que o sujeito ao cair, pudesse ter se chocado com a vidraça da janela.

— É o sujeito novato da limpeza. — Falou o segurança ao lado do inspetor.

O detetive sacou o celular e discou o número da divisão de homicídios. Em seguida, requisitou a presença dos peritos forenses para que fossem feitos os procedimentos de rotina, e as avaliações necessárias que geralmente eram realizadas em torno de casos como este.

Logo, lhe veio á mente o paraquedas que avistou do terraço do prédio. Precisava descobrir quem estaria no controle daquele objeto. Com passos largos, o inspetor seguiu até contornar o edifício e tomar a rua lateral. Olhou ao lado, e percebeu que estava sendo seguido pelo jovem segurança.

Ainda na calçada lateral, o detetive avistou os Policiais do outro lado da rua. Pareciam tentar soltar as cordas presas ao galho de uma árvore. Não teve dúvidas. Era o paraquedas.

O objeto havia caído entre a árvore e o poste de iluminação pública. O homem que pilotava o aparelho voador debatia as pernas com impertinência, enquanto os guardas, no alto dos galhos, tentavam romper as cordas. O paraquedista vestia apenas uma jaqueta preta de couro, e a peça íntima além do sapato.

Depois do último golpe com a lâmina do canivete, o homem se desprende por completo e num lance foi ao chão. Soltou um gemido de dor, assim que tocou o solo. Em seguida, esbravejou alguma coisa diante dos olhos atentos dos observadores.

— Droga! Droga! — Grunhiu o homem, enquanto tentava se desvencilhar das cordas em torno do corpo.

Um Policial apontou a arma em direção ao paraquedista e esperou por algum movimento suspeito. Enquanto isto, o detetive, acompanhado do jovem segurança, cruzou o asfalto e se juntou ao grupo.

— É o Rhud! — Gritou eufórico, o jovem segurança, com o indicador na direção do paraquedista.

O detetive Wilson havia sacado a pistola. Mas antes que pudesse abordar o sujeito ao chão, fora interrompido pela afirmação categórica do jovem segurança.

— É este o seu colega? — Indagou surpreso, o inspetor.

— Sim! É ele mesmo. O Rhud.

Wilson fitou o semblante do jovem e filmou o homem ao chão. Pode ver o que se podia chamar de espanto, colado ao rosto do paraquedista.

Notou que uma linha de sangue escorria da narina do segurança Rhud. Isto não fazia o menor sentido. Pensou. Porque aquele sujeito havia saltado do alto do prédio em que trabalhava, se nem ao menos fazia o tipo dos adeptos á esportes de aventura?

O detetive não sabia mais o que pensar. Em seguida, se aproximou do homem ao chão.

— O que aconteceu lá em cima? — Indagou, enquanto Rhud limpava o sangue do nariz com as costas da mão.

— Estava perseguindo um sujeito...

— E então? — Cortou o inspetor.

— Ele usava uma máscara... — Rhud suspirava profundo entre uma palavra e outra:

— Fui até o terraço, mas não o encontrei. Ele era muito forte e rápido. Tomei uma pancada no nariz e daí não consigo me lembrar de mais nada...

Wilson ficou pensativo por um minuto. As características do sujeito que se referia o segurança Rhud, eram as mesmas relatadas pela Jornalista e sua assistente. Se Vermont estava morto, caído na calçada em frente ao prédio, então, quem seria o sujeito mascarado? E onde ele estaria agora?

A sirene da ambulância do serviço de emergência ecoou pela Avenida principal, ao mesmo tempo em que estacionara entre os carros da Polícia. Os paramédicos saltaram e logo foram engolidos pela arquitetura imponente do edifício.

O detetive Wilson balançou a cabeça, como se fosse um gesto de negação. Faltava uma peça do quebra-cabeça. E isto o estava intrigando.

Em meio a pensamentos e indagações, um Policial se aproximou e o interceptou. — Detetive?

— Sim.

— Tem uma coisa aqui que precisa ver...

O Policial, empunhando uma lanterna, falou e tomou a direção de um veículo estacionado rente ao meio-fio do outro lado da rua. Logo que chegou ao carro, levantou a lanterna e iluminou o interior.

Os olhos atentos do detetive e do jovem segurança que o acompanhava, varreram o banco traseiro do veículo e puderam ver um amontoado envolto a um pano cinza, que se contorcia como se estivesse em agonia.

— O que é isto? — Indagou Wilson?

O Policial abriu a porta traseira e direcionou o foco de luz a altura de uma das extremidades do objeto.

Para surpresa dos representantes da lei, um homem gemia no banco traseiro do carro.

Wilson ergueu a pistola e se preparou. Quando subitamente, o jovem da segurança adiantou dois passos e enfiou a cabeça no interior do veículo.

— É o senhor Bernard! — Afirmou enfático: — Santo Deus! O que fizeram com o pobre homem?

O pobre homem tinha as mãos e os pés amarrados com uma fita adesiva, tal qual a mesma que o amordaçava.

O Policial arrancou a fita colada á boca do senhor Bernard e o homem pode então, respirar com liberdade. Com os olhos arregalados e assustados, o senhor Bernard olhou surpreso ao redor.

Enquanto o homem era retirado do carro pelo Policial, o inspetor Wilson guardou a arma e respirou ofegante. Em seguida, contornou o veículo. Abriu o porta-luvas e procurou por alguma coisa que lhe desse uma pista. Nada. Notou que as chaves ainda estavam penduradas na ignição. O veículo parecia ter sido abandonado. E quem o abandonou parecia não ter a menor intenção de voltar.

Não foi difícil perceber que o senhor Bernard fora neutralizado, para que Vermont pudesse entrar no prédio, em seu lugar.

Em seguida, o inspetor se dirigiu para a parte traseira do carro e leu a placa. Com um gesto no ar, chamou um Policial.

— A placa. Verifique este número.

O Policial tomou nota, atravessou a rua e entrou em uma viatura da corporação. Diante do computador de bordo, informou o número da placa e uma pesquisa on-line foi iniciada.

Mais uma vez, a porta do elevador social se abriu diante do granito do hall de entrada, e uma bota preta de bico largo, apontou no limiar do veículo vertical. O homem, exibindo um rosto de traços firmes e marcantes, saltou e girou o olhar ao redor, de forma mecânica e com certa precisão. Atrás das lentes escuras dos óculos estampado no rosto, a retina clara varreu em segundos todos os espaços a frente, como se fosse um scanner em ação. Registrou apenas o homem atrás do jornal, com os cotovelos apoiados sobre o balcão.

O porteiro parecia se distrair com o caderno esportivo.

Com as mãos devidamente cobertas por um par de luvas em couro, o sujeito uniformizado segurou firme uma pequena sacola de utilidades, e avançou alguns passos. Com a postura severamente ereta, e trajando um uniforme tal qual um funcionário da segurança, o sujeito atravessou o hall em direção à rua.

Antes mesmo que pudesse alcançar os degraus que o levaria até a calçada, o porteiro abaixou a aba do diário e olhou o homem. Apesar da vestimenta idêntica às que usava os funcionários da empresa de segurança, não pode identificar aquele rosto gélido, implacável, e alheio como se fosse uma máquina em movimento.

O porteiro franziu a testa e observou a bota negra que tocava o chão, com passos firmes, tal qual um soldado das forças armadas.

— Um momento, por favor! — Interveio o homem da recepção.

O segurança estancou o passo e parou. Girou o rosto e fitou os olhos cerrados do porteiro.

Por um instante, o porteiro tentou enxergar por detrás das lentes escuras. Mas certamente, não conhecia aquele sujeito. Jamais o tinha visto trabalhando no prédio.

— Você é novo na equipe de segurança? — Bradou, tentando puxar assunto: — Não o conheço por aqui. Qual o seu nome, mesmo?

O rosto do segurança permaneceu estático. Nenhum músculo havia se mexido. Apenas olhava o porteiro como se estivesse fazendo algum tipo de análise da imagem a sua frente.

O homem da recepção engoliu em seco. Um calafrio repentino lhe percorreu o corpo. Aquele sujeito, vestido com um uniforme da segurança, estava lhe causando arrepios. Largou o jornal sobre o balcão, e com uma das mãos alcançou o telefone. Iria, imediatamente, chamar um dos homens da segurança, que estariam de plantão aquela noite, e tentar descobrir quem seria aquele sujeito se fazendo passar por um integrante da equipe.

Discou o ramal desejado e aguardou.

Mas o sujeito, estático sobre o granito do hall, percebeu a intenção do porteiro.

O telefone chamou por algumas vezes, sem que ninguém o atendesse do outro lado. Ao tentar uma nova chamada, o porteiro sentiu algo gelado lhe tocar a testa. Assim que levantou os olhos, o pavor lhe invadiu o rosto. O objeto frio era o cano do silenciador a lhe empurrar a cabeça. Atrás do objeto negro e gelado, a pistola Glock calibre trezentos e oitenta, de fabricação austríaca, reluziu imponente. Antes que o porteiro pudesse piscar os olhos, a mão firme do sujeito atrás da arma apertou o gatilho. Um ruído seco e abafado, foi ouvido. Neste mesmo instante, um pequeno orifício foi desenhado no meio da testa do homem da recepção. O corpo do porteiro fora lançado de encontro à parede às suas costas, e em seguida, deslizou até tombar moribundo sobre o piso frio atrás do balcão. O segurança impostor enfiou a arma dentro da sacola e olhou ao redor. Tomou novamente a postura ereta e sóbria, característica de uma máquina treinada para matar, e desceu os degraus em direção à calçada. Assim que deixou o último degrau, pode observar os homens da lei espalhados ao longo da calçada, à direita do edifício. Notou que grande parte dos Policiais estavam em torno de um cercado, feito por uma faixa amarela. Pareciam querer isolar uma área diante do prédio, próximo à esquina. Sob uma neblina fina e úmida, o rosto implacável do impostor ficou fixo em uma única direção. Sua porção humana parecia agora, estar ativada por impulsos elétricos, que por um momento, lhe alcançou a região do cérebro destinada a armazenar as lembranças. A memória. A cabeça do homem tremeu como se tentasse desligar um circuito. Girou na direção contrária, e com passos firmes e precisos, desapareceu na escuridão da noite.

◆◆◆◆

O carro breiou diante da entrada do complexo arquitetônico, e os peritos forenses ganharam a calçada. O chefe da equipe, senhor Walter, ao ver o detetive Mancini ao lado da ambulância do resgate, logo se aproximou para algum comentário. O homem caminhava de forma espalhafatosa, como se chutasse o vento para as laterais.

Mancini observava atento, enquanto os paramédicos colocavam a Jornalista Laura Thompson no interior do veículo. Deitada sobre uma maca, e com um tubo de oxigênio sobre a boca e o nariz, Laura parecia adormecer profundamente sobre o efeito de medicamentos. Embora o tiro que lhe atingira, tivesse sido disparado à queima-roupa, a bala havia entrado a altura do ombro esquerdo, logo acima do coração e do pulmão. Perderá uma quantidade de sangue considerável, mas com a chegada rápida da equipe médica, sua situação parecia estável. Seria levada para o hospital da cidade, onde os procedimentos cirúrgicos para a retirada do projétil, não

tardaria a ser realizado, pois estava definido como caráter de emergência, pela equipe de socorro. O risco de não resistir ao ferimento, ainda existia, e isto preocupava o inspetor.

— O que tem pra mim esta noite, detetive? — Disse o perito, olhando a movimentação ao redor.

Mancini olhou o interior do veículo de resgate, e pode ver a agulha fina sendo introduzida na veia da Jornalista.

— Mais uma bagunça pra você... — Falou, sem olhar para o perito: — Tem um cara na calçada, ali em frente. É o tal Ezequiel Vermont.

— Enfim, o pegaram.

— Ele se matou...

— Eles são sempre uns covardes, não acha? — Retrucou o perito, mascando um chiclete ao canto da boca: — Não tem coragem de encarar as instalações do governo...

O homem fazia referencia ao sistema prisional do estado e suas decadentes acomodações.

— Não deixe de ir até o décimo oitavo andar... — Mancini puxou um lençol e cobriu os pés da Jornalista: — Lá, a sua festa vai estar completa...

— Obrigado por contribuir com a minha diversão.

O perito ironizou e tomou a calçada, em direção ao corpo cravado no chão.

O enfermeiro, com um gesto, pediu ao detetive que se afastasse da porta traseira da ambulância. Precisavam partir com urgência.

Mancini olhou ao longe até que o veículo desapareceu na Avenida.

Sabia que Laura não tinha parentes por perto para lhe oferecer algum tipo de ajuda. E com a morte do marido, de certa forma, estava mais sozinha no mundo do que podia querer.

O inspetor Wilson apareceu por entre os profissionais que desenvolviam suas rotinas, ao lado do corpo do homem caído do alto do prédio, e logo avistou o parceiro, perdido em pensamentos. Em poucos minutos, botaram as novidades em dia, e passaram a discutir a respeito do paradeiro do sujeito mascarado.

Era certo de que o tal mascarado estivesse envolvido nos principais homicídios elocubrados por Vermont. E a suspeita inicial do amigo do casal, Eduardo Seixas, de que as vítimas seriam os ex-alunos da Universidade, que participaram da brutal agressão a Vermont, na noite do baile de formatura, estava decididamente correta.

Vermont não era um assassino nato. Por isto, precisou contar com o apoio de outra pessoa para concluir sua operação de vingança. Mas, ao executar sua última vítima com as próprias mãos, seu descontrole emocional tomou conta de sua mente doentia, a ponto de lhe tirar a própria vida. Fora sucumbido por uma sede incontrolável, de se vingar com a morte do homem, que segundo ele, fora o mentor do ataque.

Teria sido perseguido e humilhado por Hebert, por quase todo o tempo em que lecionaram juntos, na Universidade Federal do estado, apenas por levar uma vida recheada de diversidades sexuais. E ao mesmo tempo, em que recebia visitas periódicas de Hebert para compartilhar momentos íntimos, era coagido a se calar e ocultar seus desejos secretos. Caso não mantivesse seus segredos guardados a sete chaves, Hebert lhe ameaçava de morte e torturas de todas as espécies. Para manter sua reputação inabalada, Hebert o maltratava perante os amigos da época. O bullying era praticado abertamente, sem que ao menos, a direção da Universidade tivesse conhecimento da intensidade do terror que o grupo comandado por Hebert, era capaz de fazer.

Quando Ezequiel Vermont se revoltou e tentou revelar seus segredos para toda a comunidade social que o cercava, Hebert o ameaçou de morte. Arquitetou um plano sórdido e cruel, que culminou na tentativa de assassinato, tendo como palco, o cenário da noite do baile de comemoração da formatura acadêmica.

No entanto, o destino não quis que Vermont morresse naquela noite.

— Detetive? — Chamou um Policial, ao se aproximar.

— E então? — Adiantou Wilson, ao notar que o Policial trazia alguma anotação.

— Verifiquei a placa do carro...

— E então? — Repetiu Wilson.

— Ah! Sim. O veículo está alugado... — O homem passou a ler um pedaço de papel:

— Foi alugado por um sujeito de nome... “Joseph Blanker”.

Os detetives trocaram um olhar. O nome mencionado pelo Policial, já não era tão estranho assim.

A manhã estava suave e com o clima ameno, condizente com o sol fraco que banhava a capital. Quando o carro estacionou em frente ao principal hospital da cidade, o detetive Mancini saltou empunhando um arranjo ornamentado com meia dúzia de rosas vermelhas.

O relógio estava a poucos minutos de completar nove horas daquele dia, quando Mancini deparou com a recepção do hospital. Duas recepcionistas, devidamente vestidas de branco e com um quepe amparando os cabelos, sorriram ao ver o homem com um buquê de rosas.

Mancini ajeitou a gola do blazer e estendeu a carteira de identificação diante dos olhos a sua frente.

— Bom dia, senhoritas! — Cumprimentou: — Procuro pela senhora Laura Thompson. Deu entrada ontem á noite...

As mulheres olharam o arranjo de flores como se fosse um presente para uma delas. Passaram a mão por sobre o balcão interno, e logo o prontuário da paciente foi localizado.

— Sim! Está aqui. — Disse uma das recepcionistas.

— E como ela está? — Mancini tentou, em vão, visualizar o que estava escrito na folha presa a uma prancheta.

— A senhora Laura fez uma cirurgia ontem mesmo... Seu estado clínico é estável.

— Posso vê-la?

— Ela não pode receber visitas. Ainda está sedada devido aos procedimentos cirúrgicos.

— Então vou apenas deixar esta lembrança na mesa, ao lado da cama, está bem assim?

Mancini levantou as rosas e viu um leve sorriso se abrir nos lábios da recepcionista. Considerou aquele gesto como um consentimento.

— Tome o corredor á esquerda. Último quarto... — Indicou a mulher: — Mas não demore.

Mancini consentiu com um balançar de cabeça e seguiu as indicações que lhe fora passada. Ao dobrar a primeira esquina, avistou os dois Policiais que faziam o plantão de guarda, como pedira na delegacia. Enquanto um caminhava distraidamente pelo corredor, o outro estava sentado numa cadeira a poucos metros do último quarto.

— Como estão? — Cumprimentou Mancini.

Os homens apenas acenaram para o inspetor.

A porta do último quarto estava totalmente aberta. O detetive parou no liminar da entrada, e observou Laura deitada sobre a cama. Notou que uma série de fios, cabos e tubos a conectava a uma máquina ao alto. As indicações luminosas na tela do computador oscilavam, exibindo uma grande quantidade de informações. Enquanto uma agulha enterrada às costas da mão, fazia com que um líquido branco, que escorria por um tubo, lhe invadisse o corpo e passasse a fazer parte do seu sangue. Laura estava demasiadamente pálida. Parecia dormir em um sono profundo. Estava alheia a tudo ao seu redor.

Na parede em frente ao leito, uma televisão ao alto estava ligada. O volume baixo parecia ter apenas a intenção de embalar o sono da paciente.

Mancini entendeu que Laura precisava realmente ficar só. Precisava reagir e reunir forças para vencer mais aquela batalha em sua vida. Estendeu o braço e deixou as rosas apoiadas na mesa, ao lado da cama. A enfermeira, certamente, saberia o que fazer com as flores. Por um instante, o detetive sentiu vontade de tocar a face clara da Jornalista. Mas, parou a meio caminho e retornou. Temia acordá-la. Em seguida, olhou o rosto da bela mulher pela última vez, e deixou o quarto.

Mancini colou no balcão da recepção e estendeu um cartão para a recepcionista.

— Se a senhora Laura precisar de alguma coisa, por favor, faça contato.

A mulher apanhou o cartão das mãos do detetive e prendeu junto ao prontuário médico. Quando levantou o rosto, o Policial já havia partido.

◇◇◇◇

O relógio já havia contado algumas horas naquela tranquila manhã, quando o Doutor Nicolau Pietro, vestiu o jaleco branco e atravessou a porta ao fundo do corredor lateral do hospital. Com o aparelho estetoscópio envolto ao pescoço, apontou a caneta ao bolso superior, e caminhou com passos fortes e precisos, até alcançar a recepção de entrada.

O médico olhou as simpáticas recepcionistas e as contemplou por um instante. Até que a mais jovem, com um leve sorriso nos lábios, se aproximou e colou no balcão.

— Procura alguma coisa, Doutor?

— O prontuário da senhora Laura Thompson... — Falou o médico, corrigindo a posição dos óculos diante do rosto: — Preciso checar os medicamentos.

— Só um minuto...

A jovem vasculhou seu setor de trabalho e logo levantou a prancheta requisitada. Após conferir o nome mencionado, girou em direção ao médico.

— Aqui está, Doutor... — Falou, estendendo o documento sobre o balcão.

O Doutor Nicolau Pietro passou os olhos em algumas informações anotadas, e levantou a folha a fim de verificar se haviam outras na parte de trás. Mas somente uma única página, compunha o prontuário da paciente.

Em seguida, apanhou a caneta no bolso superior do jaleco, e fez um risco sobre uma anotação anterior.

— Muito obrigado! — Disse, devolvendo o prontuário.

A jovem sorriu, enquanto passava os olhos no nome do médico, bordado na parte frontal do bolso superior do jaleco.

O médico deixou a recepção e tomou o corredor á esquerda. Ao final, dobrou a esquina de quartos.

Por um momento, a jovem recepcionista cerrou os olhos e ficou pensativa. Levou um dedo ao lábio inferior, como se forçasse a parte do cérebro responsável pela lembrança.

— É a primeira vez que vejo este médico por aqui... — Disse a jovem.

— Toda semana aparece um médico novo, querida. Tem que prestar mais atenção neles... — Falou a colega, com uma gargalhada.

O Doutor Nicolau Pietro caminhou pelo corredor, até que passou pelos guardas de plantão, próximo ao último quarto. Com um aceno de cabeça, cumprimentou os homens da lei. Em seguida, parou diante da porta e notou a paciente que dormia profundamente. Entrou.

O médico olhou ao redor, como se conferisse as informações do computador. Em seguida, correu os olhos nos cabos conectados ao corpo da paciente. Por um instante, fitou o rosto pálido de Laura. O Doutor Pietro parecia estar contemplando a pele clara da paciente, quando a televisão ao alto da parede lhe chamou a atenção.

O aparelho estava sintonizado em um canal de notícias, onde a reportagem do noticiário trazia informações sobre um homem que se jogara do décimo oitavo andar de um prédio, localizado no ponto alto da Avenida Paulista. As imagens mostravam o trabalho da Polícia, e os inúmeros transeuntes que paravam para tomar conhecimento do incidente. Logo, na tela do televisor, entrou em foco o corpo do homem que caíra do alto do prédio.

Os olhos do Doutor Nicolau Pietro ficaram paralisados diante da imagem no televisor. Pode ver no rodapé da tela que a reportagem exibia o nome do homem, ao mesmo tempo em que a repórter anunciava confirmar as informações da Polícia.

— *A Polícia local confirma...* — Falava a repórter no televisor: — *que o suicida que se atirou do décimo oitavo andar, atendia pelo nome de “Ezequiel Vermont”. O protagonista desta tragédia não está sozinho. Dentro do prédio, os Policiais retiraram mais corpos, e ainda procuram pistas para tentar elucidar o que estão chamando de “O massacre da Paulista”. Teremos mais informações a...*

O médico estava estático. Por um momento, alguma coisa parecia ter mudado na sua programação habitual. A reportagem da televisão o havia deixado pasmo. Ou fora do rumo.

O Doutor voltou os olhos para a face pálida da Jornalista. E mais uma vez, contemplou a paciente. Subitamente, uma voz quebrou o silencio do quarto.

— Doutor? — Era uma enfermeira ao liminar da porta: — Está tudo bem?

O médico girou a cabeça e fitou a mulher. Seus olhos pareciam duas pedras de gelo condensadas. Em seguida, balançou a cabeça de forma afirmativa e deixou o quarto.

AEROPORTO INTERNACIONAL DE BERLIN.
BERLIN-TEGEL – ALEMANHA.

A voz feminina pareceu ecoar em todos os alto-falantes ao mesmo tempo. Ao passo em que anunciava em três idiomas diferentes, incluindo o português, alemão e o inglês. Informava a distancia e o tempo que faltava, para que a aeronave pousasse no principal Aeroporto internacional da cidade, denominado “Otto Lilienthal”. Porém, conhecido pelo apelido de Berlin-Tegel.

Em seguida, a voz pediu para que os passageiros se dirigissem aos seus assentos e colocassem o cinto de segurança. Em alguns instantes, a aeronave iria pousar.

Os passageiros que circulavam pelos corredores, terminaram seus afazeres e logo retornaram as suas poltronas.

No assento lateral, logo atrás da asa, o passageiro de cabelos e olhos claros, com um rosto de traços firmes e marcantes, puxou a cortina para o lado e da pequena janela, apreciou a vista da cidade que se aproximava.

Com um leve movimento nos olhos e uma suave expressão facial em apenas um dos lados do rosto, Jack sorriu ao visualizar a metrópole.

Afinal, era a sua cidade natal.

Poucos minutos se passaram, até que aqueles passos firmes e imponentes cruzaram a área de desembarque. Antes que pudesse atravessar o vão que o levaria para o saguão, um sujeito de meia estatura, trajando um terno preto e um par de óculos da mesma cor, sobre os olhos, apareceu a sua frente.

— Senhor Jack? — Indagou o homem, passando a palma da mão na lateral da cabeça, como se quisesse corrigir uma falha no cabelo.

Jack estancou imediatamente. Seus olhos varreram a figura a dois passos a frente, como se analisasse cada célula do sujeito.

— Meu nome é Patrick Hanson... — Emendou o homem: — Faço parte do quadro de seguranças da agencia. Mandaram que viesse lhe buscar...

— Como sabia que eu iria desembarcar aqui? — Perguntou Jack surpreso.

— Eles colocaram um chip rastreador dentro de você, Jack. — Falou o homem, balançando a cabeça e olhando aos lados ao mesmo tempo: — Somente os engenheiros sabem em que parte do seu corpo ele está. — O homem pigarreou ao lado e continuou: — A propósito: Você se saiu muito bem. Soube que foi aprovado no teste...

Jack se manteve estático. Nenhuma expressão fora vista no seu rosto.

— Vamos... — Disse o homem, adiantando um passo, como se indicasse uma

direção: — Um carro está a nossa espera lá fora...

Os homens tomaram o saguão do aeroporto e em segundos, desapareceram por entre a multidão.

Naquele momento, um grande número de passageiros do transporte aéreo, circulavam impacientes ao redor.

Fim do livro 1...

Nota sobre o autor:

O referido autor é Brasileiro, residente no estado do Rio de Janeiro, capital, e atua na área de tecnologia da informação como responsável pelo desenvolvimento de software aplicativo do tipo ERP para a área comercial e administrativa.

O Livro “Segredos Mortais” é a sua primeira aventura no mundo literário.

Enquanto isto segue o desenvolvimento do segundo Livro com o título provisório de “Segredos Mortais – Os caçadores”.

Endereços:

www.facebook.com/livro.segredos.mortais jairrangeladm@gmail.com

Table of Contents

[1](#)
[2](#)
[3](#)
[4](#)
[5](#)
[6](#)
[7](#)
[8](#)
[9](#)
[10](#)
[11](#)
[12](#)
[13](#)
[14](#)
[15](#)
[16](#)
[17](#)
[18](#)
[19](#)
[20](#)
[21](#)
[22](#)
[23](#)
[24](#)
[25](#)
[26](#)
[27](#)
[28](#)
[29](#)
[30](#)
[31](#)
[32](#)
[33](#)
[34](#)
[35](#)
[36](#)
[37](#)

[38](#)

[39](#)

[40](#)

[41](#)

[42](#)

[43](#)

[44](#)

[45](#)

[46](#)

[47](#)

[Nota sobre o autor:](#)

[Endereços:](#)